

A Noiva Seduzida

To be Seduced

Ann Stephens



Inglaterra, 1661

Medidas extremas...

Lorde Richard Harcourt arquitetou um plano de mestre para se livrar de suas dívidas: raptar uma herdeira rica e casar-se com ela. Mas por trás da aparência frágil e do ar recatado de Bethany Dallison, ele descobre uma mulher sensual e inteligente, de quem não consegue se manter distante...

Desejos inflamados...

Depois de passar uma noite inteira viajando num coche decrepito ao lado de seu raptor, Bethany compreende que terá de se casar com ele se quiser salvaguardar sua reputação. Ela sabe que não pode controlar seu destino, mas pode controlar seus impulsos. Por mais forte que seja a atração que Richard lhe desperta, e por mais sedutores que sejam seus beijos, ela se recusa a entregar-se ao noivo. Porém, à medida que o dia do casamento se aproxima, a determinação de Bethany começa a esmorecer, ao mesmo tempo que Richard começa a se dar conta de que dinheiro é a última coisa que ele tem em mente...

Digitalização: Simone R.

Revisão: Projeto Revisoras





Querida leitora,

A herdeira Bethany Dallison em breve será forçada a se casar com o desprezível sr. Ilkston, e não consegue pensar em uma maneira de se safar. Então o destino decide interferir, e ela é raptada por lorde Richard Harcourt, irmão de sua amiga; embora Richard também esteja interessado em sua fortuna, Bethany se surpreende ao vislumbrar um futuro ao lado dele. Mas ela tem uma surpresa reservada para Richard... e é somente quando já estão diante do sacerdote, no dia do casamento, que ela anuncia, diante de todos os presentes, o que ele terá de fazer para obter controle sobre ela e sua fortuna...

Leonice Pompônio Editora

Copyright ©2010 by Ann Stephens

Originalmente publicado em 2010 pela Kensington Publishing Corp.

PUBLICADO SOB ACORDO COM KENSINGTON PUBLISHING CORP.

NY, NY - USA

Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: TO BE SEDUCED

EDITORA

Leonice Pomponio

ASSISTENTE EDITORIAL Patrícia Chaves

EDIÇÃO/TEXTO

Tradução: Jacqueline Barreto

Revisão: Patrícia Chaves

ARTE Mônica Maldonado

PAGINAÇÃO Ana Beatriz Pádua



© 2011 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Texas, 111 - sala 20a - Jd. Rancho Alegre - Santana do Parnaíba —

CEP 06515-200 — São Paulo — SP

www.novacultural.com.br

Impressão e acabamento: Prol Editora Gráfica

Capítulo I

Janeiro, 1661

Aquele era um perfeito dia de frio para sequestrar alguém. Estremecendo sob a longa capa, Richard, barão de Harcourt, curvou-se no assento gasto da carruagem alugada e praguejou. Ninguém o ouviu; estava sozinho, à espera do cúmplice que traria a vítima. Em nada lhe agradava a ideia de depender dos outros, porém, se ele mesmo fizesse o serviço, poderia ser reconhecido em Stanworth, o que arruinaria seus planos de escapar antes que algum aldeão clamasse por justiça.

Os dedos longos abriram a janela de leve. Alguns punhados de neve eram visíveis na estrada esburacada. Os campos de vegetação queimada pelo inverno repousavam na paisagem distante. Um vento cortante afastava qualquer pretensão de um dia agradável, embora o sol brilhasse. Uma rajada fria o atingiu na face quando ordenou ao cocheiro, antes de fechar a janela:

— Siga em frente, Lane. Elas estão longe o suficiente.

— Sim, senhor.

Richard escutou o estalo das rédeas e retesou-se enquanto o veículo era posto em movimento. Praguejou outra vez. Pior do que estar sentado naquela carruagem miserável, no meio do nada, em pleno inverno, era ser sacudido daquela forma devido à estrada congelada.

Ele se envolveu em uma manta de algodão enquanto planejava o próximo passo. O veículo velho e os cavalos debilitados tinham lhe custado uma ninharia. Aquela era sua última cartada. Se desse errado, estaria completamente arruinado.

Apesar de suas lamentações, lorde Harcourt não estava no meio do nada. Claramente visível da carruagem, um portão de ferro se abria para a pequena propriedade de Abberley. Da entrada, uma trilha de cascalho ladeada de árvores levava à mansão de tijolos à vista, construída no reinado da rainha Elizabeth. Apenas as janelas de vidro e a entrada emoldurada por colunas embelezavam a fachada simples.

A porta de carvalho abria-se para o salão nobre, uma suntuosa sala com painéis de madeira escura e tapeçarias de veludo. Embora ricamente mobiliada, demonstrava um gosto duvidoso, que desencorajava o descanso. Uma porta à direita abria-se para um corredor que conduzia à sala de jantar, à cozinha e à biblioteca.

Naquela tarde, a porta entreaberta da biblioteca permitia que uma conversa fosse ouvida do hall por alguém de ouvidos atentos.

Apoiada à parede, Bethany Dallison sabia que, se fosse pega ouvindo às escondidas, sem dúvida passaria os próximos dias trancada no quarto. As regras da sociedade proibiam as jovens damas de conhecer os termos de seu casamento.

Respirando com dificuldade, ela se preparou para correr ao menor sinal de ser descoberta.

— Creio que as cláusulas vão se mostrar de seu agrado, milady, da mesma forma que estão de acordo com minhas expectativas de marido dedicado.

O sr. Daniel Ilkston, pretendente de Bethany, tinha, ostensivamente, conquistado a

aprovação da mãe dela, devido ao senso de responsabilidade e aos excelentes valores morais. Porém, Bethany sabia que o que realmente levava a mãe a aceitá-lo haviam sido a fortuna e a enorme propriedade de Daniel.

Ela, pessoalmente, não o achava nada agradável. Ele insistia em usar os cabelos escuros na altura do queixo, de acordo com o estilo puritano, e mesmo em ocasiões festivas, vestia-se de forma austera, usando as costumeiras roupas pretas. Sua aparência estranha combinava com o hábito de fitá-la como se ela fosse um prato saboroso. A mãe insistia em dizer que Bethany logo passaria a gostar dele, mas a filha duvidava.

Ele a tratava com fria complacência. Ambos não tinham interesses em comum; enquanto ela adorava ler e se socializar, ele fazia questão de deixar claro que sua esposa deveria se ocupar de supervisionar os afazeres domésticos. Além de cuidar dos filhos.

Bethany estremeceu. Só de pensar nas relações conjugais com os sr. Ilkston, entristecia-se profundamente.

A voz da mãe, carregada de censura, fez-se ouvir do outro lado da porta.

— Essa cláusula não foi alterada, milorde. Estou certa de ter mencionado que proporcionar uma educação adequada a Bethany foi dispendioso demais para mim. Como sua única parente ao longo de tantos anos, creio que devo ser recompensada por tais gastos, particularmente porque perderei minha única filha com esse casamento.

Bethany imaginava o cenho franzido que marcava o rosto estreito da mãe. Graças ao generoso dote da filha, a sra. Dallison pretendia extorquir todo o ouro que pudesse do futuro genro.

— Cara senhora, creio que não deva sofrer pela perda de sua filha, e protesto! A quantia requerida pela senhora me parece excessiva por ter cuidado e educado uma menina, não importa quão bem tenha desempenhado seu papel de mãe. — A voz do sr. Ilkston soava petulante.

Bethany ouviu o farfalhar de papéis sendo manipulados sobre a mesa de madeira maciça da biblioteca enquanto os argumentos se seguiam.

Ela cerrou os punhos junto à saia de lã que usava. Ambos pareciam duas senhoras pechinchando o preço de um belo leitão. O único problema era que o leitão era ela. Ou, para ser mais exata, o *dinheiro* dela. Seu pai havia lhe deixado em testamento uma fortuna, e como não havia outros homens na família, ela também herdaria aquela propriedade após a morte da mãe.

Bethany baixou o olhar, tentando conter as lágrimas. As proclamas ainda não haviam sido anunciadas, mas se o acordo fosse assinado naquele dia, ela estaria sem saída. O contrato a ligaria ao sr. Ilkston como se o matrimônio já tivesse sido realizado.

Ela retorceu os lábios. Não contava com mais nenhum parente vivo. Se procurasse abrigo na casa de uma das famílias vizinhas, seria repreendida como uma criança desobediente e trazida de volta para casa. Não podia nem mesmo usar o próprio dinheiro para fugir. O banqueiro londrino do pai o mantinha guardado, salvo uma irrisória quantia destinada a gastos pessoais que era liberada a cada quinzena. Somente com o casamento, o marido de Bethany adquiriria o direito de controlar a fortuna que ela herdara.

Enfim, a sra. Dallison e o sr. Ilkston decidiram que o documento deveria ser refeito e assinado na semana seguinte. Bethany havia ganhado mais alguns dias de liberdade.

De repente, ela se deu conta de que teria de se juntar aos dois antes que o visitante partisse. Deslizando pelo piso de madeira, postou-se à janela, com o coração aos pulos. Felizmente a mãe nada notou de estranho ao surgir e pedir à filha que a

acompanhasse à biblioteca.

Bethany entrou no cômodo. Três taças de estanho estavam dispostas sobre a enorme mesa retangular, junto a um prato com pequenos pedaços de bolo. Uma jarra de sidra aqueceu o ambiente antes que o fogo crepitasse na lareira.

O sr. Ilkston fez um leve galanteio.

— Srta. Bethany, parece tão radiante quanto uma moeda de prata esta tarde. Creio que esteja bem.

Ela murmurou uma resposta polida. O corpete liso de seu vestido e a saia de lã cinza não demonstravam estar trajada para uma ocasião especial, tampouco a touca de musselina que lhe cobria os cabelos.

A mãe forçou um sorriso de satisfação, apesar da irritação.

— Concordamos que seria mais apropriado que o casamento fosse realizado aqui, de modo reservado, minha querida. O sr. Hay virá de Highbury para celebrar a cerimônia. — Ela gesticulou para que Bethany oferecesse bolo ao convidado. — Aceita um pedaço de bolo, milorde? Foi minha filha quem fez.

Pegando um pedaço coberto de açúcar, o sr. Ilkston abocanhou-o. Bethany aguardou-lhe a reação, ansiosa. Ela gostara da experiência de fazer o bolo e achava que tinha jeito para cozinhar. Ele franziu os lábios ao dizer:

— Não costumo comer doces. Evito frivolidades na alimentação, assim como em outros aspectos da vida.

Somente o noivo de Bethany consideraria que sua alma imortal corria perigo por causa de alguns pedaços de bolo. Ela decidiu mudar de assunto.

— Devemos mandar chamar o sr. Hay? O reverendo James poderia nos casar na Igreja de São Mateus. — Apanhando um pedaço de bolo, ela o mordiscou, divertindo-se com a expressão de horror dos outros dois.

— Bethany! Não diga uma coisa dessas! O sr. James foi transferido de Stanworth porque se envolveu com o papismo difundido na França. — A sra. Dallison estava prestes a ter um colapso. — O que o sr. Ilkston vai pensar?

Com alguma sorte, Bethany refletia, ele se afastaria de uma criatura tão pervertida quanto ela.

— A srta. Bethany não tem noção das implicações de suas palavras — ele se apressou a justificá-la. — Não é raro aos ruivos a falta do senso de comportamento respeitável. — Fitou-a com frieza. — No entanto creio ser capaz de fazer cumprir a conduta religiosa em minha casa.

Os olhos acinzentados se estreitaram e os lábios se retorceram antes que ela replicasse. Continuar aquela discussão não a levaria a nada. Para se recompor, ela se virou na direção da janela e contemplou o passeio em frente à casa. De repente, a srta. Gloriana Harcourt apareceu, vinda do bosque. Bethany sempre se encontrava com a jovem sobrinha dos vizinhos, e naquele mesmo instante, pensou em uma desculpa para se afastar da mãe e do sr. Ilkston, ao menos por um curto período de tempo.

— Claro que o senhor está certo. — Ela impingiu um tom contrito à voz. — Vou melhorar meu comportamento e peço que perdoe minha petulância. Talvez o senhor aceite outro pedaço de bolo como uma proposta de paz...

Sem esperar por resposta, ela apanhou o prato e saiu da biblioteca, fechando a porta atrás de si.

No hall, correu até a janela. Gloriana acabara de pôr os pés no degrau da entrada quando ouviu batidas no vidro da janela. Bethany apontou para a lateral da casa, aliviada, assim que a garota imediatamente se dirigiu à porta dos fundos.

Ela se apressou até a cozinha para encontrar a amiga. A sra. Magwort, a velha e carrancuda cozinheira, preparava um assado para a refeição. Bethany deixou o prato de bolo na mesa.

— A srta. Harcourt veio de Rothley. Tenho certeza de que algo muito grave a trouxe a esta casa em um dia tão frio, sendo assim vou ver o que posso fazer para ajudá-la.

A cozinheira resmungou algo, sem erguer o olhar.

Escapando para o jardim murado, Bethany e Gloriana caminharam lado a lado, de cabeça baixa, protegidas pelo capuz do manto que usavam contra o vento forte que lhes fustigava o rosto.

— Graças a Deus, você apareceu! Não tenho a menor ideia do motivo que a trouxe aqui, mas é maravilhoso tê-la comigo. — Bethany quase gritava para que pudesse ser ouvida.

Gloriana, por sua vez, saudou a amiga, ansiosa.

— Tia Rothley fez com que eu me sentisse uma tola hoje! Eu disse a ela que ia levar um prato de sopa ao velho Lawson apenas para sair de casa. — Afastou os cabelos do rosto.

Como sempre, Bethany se sentiu gigante diante da moça loira.

— Ela deve ter sido muito exigente para que você se afastasse do calor da lareira em um dia como este. — Bethany observou a garota com curiosidade, pois conhecia bem a natureza indolente de Gloriana.

A amiga ruborizou ainda mais do que já estava por causa do frio, porém meneou a cabeça em afirmativa, com vigor.

— De fato, ela foi muito dura comigo! Por isso, vim visitar você antes de voltar para casa.

— Acha que sua tia pode estar mais bem-humorada agora? Penso em acompanhá-la até lá... O sr. Ilkston está aqui, minha mãe e ele me aguardam.

Tentou não demonstrar seu desespero, mas os olhos azuis de Gloriana brilharam de satisfação.

— O quê? A srta. Bethany quer abandonar o próprio noivo? Creio que será motivo de fofoca durante todo o mês.

— Ele ainda não é meu noivo. O anúncio não foi feito — falou, contrafeita.

Aquela garota tinha uma língua atrevida para seus meros dezesseis anos. Mas no instante seguinte, Bethany cedeu:

— Oh, querida, ajude-me... Terei de passar mais tempo do que o necessário com o sr. Ilkston depois do casamento.

Gloriana sorriu e observou-a de modo especulativo.

— O que acha de sair daqui sem ser vista?

— Rumo às terras de seu tio?

— Não, vamos pegar a estrada. O que acha de irmos ao povoado e... comprarmos

algumas fitas de cabelo? — Gloriana propôs, puxando a amiga pela mão em direção à senda.

— Em um dia como este? Seja mais sensata! — Apreensiva com a possibilidade de a mãe descobri-las, mordeu o lábio.

— Se nos mantivermos próximas ao muro do jardim, creio que poderemos escapar antes de sermos vistas. Assim que cruzarmos o bosque, estaremos livres.

As duas se achegaram ao muro de tijolos e correram, as saias erguidas e os pés voando sobre a grama seca. Pararam para respirar quando se viram longe da casa.

— Não podemos ficar aqui, paradas. Mamãe já deve estar estranhando a minha demora. Como eu gostaria de ter trazido minhas luvas. — Bethany olhou para trás, temendo estar sendo observada da janela da biblioteca.

— Posso partilhar meu regalo com você — disse Gloriana.

Bethany se endireitou e caminhou até o portão. Virando-se, viu a amiga parada, indecisa.

— Vamos!

Gloriana a alcançou em um instante.

— Seja mais caridosa — Bethany a repreendeu de leve. — Tenho certeza de que o sr. Lawson ficará muito agradecido pela sopa em um dia como este. Agora conte-me a fofoca do momento. Você sempre se diverte com esse tipo de coisa.

Entretanto, o silêncio pesou sobre elas enquanto se arrastavam pelo caminho. As últimas folhas do outono farfalhavam, e o sol da tarde lançava suas sombras sobre elas. Bethany imaginou se Gloriana lamentava a atitude impulsiva de ambas.

— Meu irmão está nos fazendo uma breve visita. — A voz aguda de Gloriana demonstrava todo o seu entusiasmo pelo irmão adorado, doze anos mais velho que ela.

Tendo o conhecido no verão anterior, Bethany entendia os sentimentos da amiga. Até mesmo ela havia tido dificuldade para resistir ao sorriso e aos modos charmosos do cavalheiro, apesar de notar que ele flertava descaradamente. Para seu próprio desgosto, pegou-se desejando que aquele comportamento desrespeitoso fosse dirigido a ela também.

— Quanta diversão para você. Lady Rothley não mencionou que ele pretendia visitá-los — Bethany falou, tentando demonstrar indiferença.

— Oh ela nada comentaria — Gloriana replicou aérea. — Não sabíamos exatamente quando ele viria já que se encontrava extremamente ocupado em Londres.

— Posso imaginar. — Bethany replicou, seca.

De acordo com os conhecimentos da mãe, desde a ascensão do segundo rei Charles, a cidade tinha mergulhado em uma atmosfera lasciva, ébria e arruaceira. Um homem de maneiras repreensíveis decerto encontraria muito com que se ocupar, e a maioria relacionada à imoralidade.

A estrada apareceu antes mesmo que elas cruzassem o portão da propriedade. Gloriana sorriu, radiante, e apontou além do ombro de Bethany.

— Olhe! Parece a carruagem de meu irmão se aproximando.

Bethany sacudiu a cabeça, surpresa.

— Por Deus, Gloriana! Por que você não me disse que seu irmão estava à sua espera? Não foi uma atitude educada da sua parte, embora eu esteja surpresa com o fato

de ele não tê-la escoltado até a porta de casa.

A amiga a fitou, embaraçada.

— Eu não tinha certeza de que sua mãe o receberia bem depois da escapulida com sua criada no verão passado. Gosto muito de Richard e não quero expô-lo a situações embaraçosas. Acredite, ele jurou que não houve nada além de alguns beijos e que a garota foi condescendente.

Bethany bufou.

— Conhecendo Joan como conheço, acho bem provável que ela tenha proposto os encontros! Mas é verdade, mamãe dificilmente o teria recebido com satisfação caso ele tivesse vindo com você. — Sorriu, mordaz. — Apesar de que teria sido divertido vê-lo menosprezar a presunção do sr. Ilkston.

Ela podia não aprovar o comportamento imoral de lorde Harcourt, porém apreciava sua sagacidade.

A velha carruagem seguia pela estrada esburacada quando Bethany acrescentou:

— Acho melhor irmos ao encontro dele. Parece-me que aquela geringonça não conseguirá terminar o trajeto até o portão.

Gloriana assentiu, e ambas foram ao seu encontro. Bethany relanceou o olhar para a amiga, cujos olhos geralmente inquisitivos se encontravam baixos.

Contudo, assim que alcançaram a carruagem, que no momento se movia lentamente, a impetuosa garota gritou, animada:

— Rickon! Estou de volta, e veja quem veio comigo! A srta. Bethany pretende visitar tia Rothley.

A porta da carruagem se abriu, e lorde Harcourt desceu para ajudá-las. Bethany prendeu a respiração. Ele não havia mudado nada desde o último verão. Os cabelos ondulados, de um loiro-escuro, e o mesmo sorriso indolente iluminavam o rosto intrigante enquanto seus olhos a analisavam de modo perturbador. Aquela avaliação lembrou-a de que estava vestida de modo descuidado, levando-se em conta o manto e o capuz gastos que usava, e quão pouco atraente devia parecer se comparada à elegante Gloriana, com seu vestido cor de âmbar e capa preta.

— E um prazer revê-la, srta. Dallison.

Até mesmo a voz do lorde a perturbava, com aquele tom meloso e grave ao mesmo tempo.

— Por favor, permita-me levá-la até seu destino — ele acrescentou.

A seguir deu um passo à frente e, com um movimento fluido, tomou a mão delicada na sua. Graciosamente, ele se inclinou e beijou-lhe os dedos nus.

Bethany engoliu em seco ao senti-lo apertar sua mão com mais força. Sentir o calor que traspassava as luvas de couro negras a fez corar. Ele sorriu ao ajudá-la a entrar na carruagem.

— Suas mãos estão frias. Precisamos encontrar uma maneira de aquecê-las. — Ele a beijou na palma, com os olhos verdes brilhantes.

Ela ofegou de leve e puxou a mão. Ele deu de ombros e ajudou Gloriana a entrar também. Então, acomodou-se no assento diante delas.

Bethany observou a paisagem pela janela sem interesse. Os olhos verdes a encararam, divertidos, antes que ele desviasse a atenção à irmã.

Os dois irmãos conversaram sobre amenidades durante o breve trajeto até Rothley Hall, enquanto Bethany se distraía, analisando o interior da carruagem. A estrutura arqueada da janela permitia que o ar frio entrasse pelas frestas, forçando-a a manter as mãos sob o manto. A pintura descascada causava uma péssima impressão; com certeza aquele era o pior veículo que já a transportara. Não podia nem imaginar quão terrível seria ter de percorrer uma longa distância, saltando de maneira tão incômoda no assento de madeira como naquele instante. As finanças de lorde Harcourt não deviam estar nada bem para que se valesse de uma condução em estado tão precário. Aguçou os ouvidos quando Gloriana pediu ao irmão que a levasse de volta a Londres. Para surpresa de Bethany, o lorde arqueou as sobrancelhas em uma censura inesperada.

— Não seria nada apropriado, como deve saber. Já expliquei para você várias vezes.

A irmã protestou, porém ele encerrou o assunto com uma enfática recusa.

Afastando a cortina da janela, Bethany reconheceu o trecho da estrada que conduzia a Rothley Hall. Imaginou-se sentada junto a uma das lareiras da residência de lady Rothley enquanto conversavam sobre assuntos agradáveis.

Assim que se aproximaram de seu destino, lorde Harcourt bateu no teto do veículo, que parou de imediato.

— Gloriana, já chegamos.

O tom sério com que ele pronunciou tais palavras levaram Bethany a fitá-lo. Ele apanhou as mãos da irmã e a encarou. A garota agora parecia pálida e assustada. Após um breve momento de hesitação, Gloriana anuiu com um gesto de cabeça.

— Boa menina — ele a elogiou com doçura. — Você ficará bem?

Ela assentiu outra vez.

Para surpresa de Bethany, ele abriu a porta e saiu para ajudá-las a descer. Decerto, ele não pretendia que elas entrassem na propriedade pelo portão.

Gloriana olhou por cima do ombro com uma expressão pesarosa antes de descer da carruagem. Confusa, Bethany se preparou para segui-la, mas sua passagem foi bloqueada pelo braço de lorde Harcourt.

— Desculpe-me, milorde, mas se vamos caminhar até a entrada da mansão, antes devo descer do coche. — A voz fria demonstrava seu desagrado.

O lorde, no entanto, não respondeu. Em vez disso, Gloriana a encarou da estrada.

— Sinto muito, Bethany. Richard disse que precisava de minha ajuda e fui obrigada a... ele é meu irmão e cuidou de mim depois que meus pais morreram. Por favor, tente nos perdoar.

— Já basta, Gloriana. Agora vá. — Ele foi enfático.

Cobrindo a cabeça com o capuz, a garota se dirigiu à casa dos tios. Lorde Harcourt saltou para dentro da carruagem tão depressa que Bethany foi forçada a se sentar.

— Lamento informá-la que virá comigo, srta. Dallison. — Ele bateu no teto do veículo novamente.

— O... que... disse? — Perplexa, notou que o coche foi posto em movimento.

— A senhorita irá me acompanhar a Yorkshire, onde nos casaremos. — O tom prático do lorde não impediu que ela ficasse sem ar, em estado de choque. — Realmente lamento muito, querida. — Ele a olhava com simpatia. — Mas preciso de uma vultosa

quantia de dinheiro o mais rápido possível, e a senhorita é a herdeira mais acessível que conheço.

Ele continuou a observá-la durante a longa pausa que se sucedeu. Quando Bethany tentou se lançar para a porta, ele a segurou com facilidade pelo pulso.

— Não. — Apesar de pronunciada suavemente, aquela palavra demonstrava toda a força do lorde.

Na tentativa de se afastar, Bethany acabou torcendo o próprio braço e gritou, de dor e de raiva.

Ele a soltou somente para examinar o pulso fino sob a luz da janela.

— Desculpe-me, senhorita. — Encarou-a, pesaroso. — Não percebi que era tão delicada.

Ela congelou quando a mão máscula começou a se mover em direção a seu rosto. Os dedos enluvados passearam pelas faces macias enquanto ele a fitava nos olhos. Bethany prendeu o ar diante do toque tão íntimo, mas logo a sensação de ultraje a dominou.

Aquele salafrário arrogante estava tentando seduzi-la. Ela o fuzilou com os olhos.

— Afaste-se de mim e pare esta carruagem agora! Não vou me casar com o senhor.

Richard recuou, porém se manteve sentado ao lado dela.

— Creio que a senhorita não tenha escolha. Mas fique tranquila, não pretendo feri-la. Depois de dois dias e uma noite em minha companhia, o mundo concluirá o pior. Ou a senhorita se tornará lady Harcourt, ou estará arruinada. — Arqueou as sobrancelhas de modo sugestivo. — Um título e uma propriedade rural, minha cara. Muitas mulheres se atirariam sobre mim sem a menor hesitação.

O medo prevaleceu sobre a fúria quando Bethany percebeu a total seriedade do lorde. Ela meneou a cabeça na tentativa de se livrar da sensação de estar tendo um pesadelo. Entregar-se ao pavor não a ajudaria em nada. Ou ajudaria? Talvez um ataque de histeria o convencesse a virar o coche e depositá-la de volta na porta da casa da mãe.

Como se lesse os pensamentos de Bethany, ele sorriu e tirou um pequeno objeto do bolso.

— Vinagrete. As francesas costumam levá-lo consigo para os momentos de aflição. — Ofereceu o frasco a ela. — Em caso de desmaio. Ambos acharemos a viagem mais agradável se a senhorita colaborar...

Bethany desejou esbofeteá-lo e tirar aquele sorriso irritante dos lábios de Harcourt.

— Eu nunca desmaio. — Ela ergueu o queixo e encarou-o com ferocidade.

O lorde simplesmente deu de ombros e tornou a guardar o frasco oval no bolso do sobretudo.

— Meus parabéns, cara srta. Dallison. E a primeira mulher que conheço a fazer tal afirmação. — A voz masculina soou divertida.

Bethany quase rangeu os dentes de raiva, mas acabou conseguindo se controlar. Precisava manter a cabeça fria para convencê-lo a levá-la de volta a Abberley. Encolheu-se de medo só de pensar no que a mãe diria, sem mencionar o sr. Ilkston. Sem dúvida, a fortuna de Bethany prevaleceria sobre o choque que o acometeria, porém ela temia que ele a fizesse pagar pela vergonha após o casamento.

De repente, deu-se conta de que a intimidade proporcionada pelo casamento com lorde Harcourt poderia ser bem mais prazerosa, mas a ideia desapareceu de sua mente tão depressa quanto surgira. Assim como Ilkston, ele apenas queria seu dinheiro e havia tomado a atitude mais prática para consegui-lo.

Novamente, ela desejou poder ter o controle do próprio dinheiro. Por mais repulsivo que fosse, consideraria suborná-lo para que fosse devolvida com sua reputação intacta. Mas apenas as viúvas podiam controlar a própria herança. A maioria das mulheres dependia dos fundos que os pais ou maridos lhes conferiam.

Diante de tal pensamento, Bethany se endireitou no assento e piscou. Imóvel, ela fitou o lado oposto da carruagem por vários segundos. Ao voltar a encarar lorde Harcourt, respirou fundo. Se ele adivinhasse o que se passava em sua mente, ela estaria perdida.

Guardando o vinagrete, Richard congratulou-se pelo sucesso da primeira parte de seu plano. Apesar da expressão zangada, a srta. Dallison havia oferecido pouca resistência até o momento. Ela pedira que ele parasse a carruagem e tinha tentado abrir a porta com o veículo em movimento, porém ele não havia esperado menos que isso. Desde o verão passado, identificara o ar de obstinação daquele rosto bonito, mas não tinha a menor dúvida de que a dominaria. Assim que se casasse e se deitasse com ela, tudo que ela possuía passaria a pertencer a ele.

Satisfeito, observou a jovem a seu lado. Ela se recusava a encará-lo, fixando o olhar na parede à frente. Quando a vira pela primeira vez, havia considerado-a bonita e suas lembranças se provaram acuradas.

A pele alva encontrava-se corada naquele instante, contra a madeira escura e o couro do assento. Algumas sardas espalhavam-se pelo nariz delicado. Ele refreou a vontade de acariciá-las com a ponta dos dedos. Ela se desvencilhara de seu toque pouco antes, e uma noiva assustada não serviria aos propósitos que ele tinha em mente.

Deu-se conta de que nunca a tinha visto com os cabelos descobertos e ficou imaginando de que cor seriam. Provavelmente castanhos, levando-se em conta a cor das sobrancelhas e dos cílios. Quanto aos olhos ele sabia que eram acinzentados com nuances prateadas.

Inesperadamente, ela se virou para encará-lo, fuzilando-o com o olhar.

— De quanto dinheiro o senhor precisa? — perguntou de súbito, pegando-o de surpresa.

Ele simplesmente a fitou.

— De quanto dinheiro o senhor precisa? — ela repetiu, o tom de voz sugerindo que falava com uma pessoa de capacidade mental limitada.

Richard ficou paralisado durante algum tempo, tentando descobrir qual seria a manobra de sua presa.

— Por que deseja saber? — Ele se ajeitou no assento e ergueu uma sobrancelha.

— Posso não ter dinheiro suficiente para saldar suas dívidas. — Um sorriso triunfante se formou nos lábios femininos.

A garota era mais esperta do que ele imaginara.

— Estou certo de que seus bens serão mais do que suficientes para as minhas necessidades — ele murmurou. — Meu tio calculou que sua herança gira em torno de quinze mil libras, e minhas necessidades imediatas não ultrapassam cinco mil.

— Ah. — Bethany recostou a cabeça no assento, como se refletisse.

Quando ela o observou novamente, Richard adivinhou quais seriam suas próximas palavras.

— Muito bem, lorde Harcourt. Vou me casar com o senhor.

Ele havia vencido a partida.

Tentando esconder a sensação de alívio que o atingiu, ele lhe tomou a mão entre as suas.

— Obrigado por me honrar, concordando em se tornar minha esposa, senhorita.

— Claro que há certas condições...

Diante do tom animado com que ela pronunciou tais palavras, ele franziu o cenho.

— Em primeiro lugar, desejo me casar em Londres, portanto o senhor deve tomar as providências para que esta carruagem mude de direção, rumo ao novo destino. Em segundo lugar, quero que não me incomode com atenções indesejadas após a cerimônia. Imagino que o senhor tenha planejado me desposar e deixar-me em Yorkshire, estou certa?

Richard simplesmente não tinha palavras para responder. No entanto, ela se mostrava imperturbável ao acrescentar:

— Talvez eu aprecie dar um passeio ao menos em York ou Scarborough, ocasionalmente.

Richard Harcourt franziu a testa.

— E como pretende impor suas... condições a mim? Diga-me.

— Facilmente... Direi "não" diante do reverendo.

— E destruirá sua reputação? Está blefando.

Bethany corou, mas não desviou o olhar do lorde.

— Posso arruinar minha reputação, mas o senhor continuará pobre — replicou. — E seus planos seriam um fracasso total, não?

* * *

Bethany não revelou nenhum indício de ansiedade enquanto aguardava a resposta de lorde Harcourt. Ele subestimava a fortuna que ela herdara. Talvez subestimasse sua inteligência também.

— Imaginei que uma mulher devotada a Deus desejasse evitar a atmosfera imoral de Londres — ele ironizou. — Está tão ansiosa para se entregar aos prazeres da cidade?

— Claro que não — ela negou com firmeza. O antigo pastor de meu povoado agora mora lá, e eu gostaria que ele nos casasse.

— Suponho que eu deva respeitar seus sentimentos de ter o sacerdote de sua infância casando-a.

Para surpresa de Bethany, o lorde parecia sincero. Ela suspirou, desdenhosa.

— Sentimentos não têm nada a ver com essa questão. Seria muito simples para o senhor pagar alguém para agir como um homem de Deus e casar-se comigo em uma cerimônia falsa apenas para tomar posse do meu dinheiro e depois me abandonar.

Aquele cavalheiro insuportável tinha o atrevimento de se mostrar ofendido.

— Santo Deus, não sou ladrão, senhorita!

— Fico aliviada de saber que fui raptada por um homem honesto — zombou.

Por alguns segundos, os olhos verdes de lorde Harcourt faiscaram de raiva. Então, seus lábios se retorceram em um sorriso forçado.

— *Touché*, minha cara! — ele exclamou.

Abrindo a janela, gritou para que o cocheiro tomasse o caminho de Londres. Dali em diante, ia se preocupar em levar a noiva para o altar antes de estrangulá-la.

Capítulo II

Algum tempo depois, Lane guiava a carruagem pela estrada que levava a Londres. A rota escolhida anteriormente, tão distante quanto Bethany podia discernir, tinha vários trechos mal-conservados, na tentativa de passarem despercebidos pela região de Stanworth. Agora ela rezava para que a superfície bem-cuidada da rodovia trouxesse algum alívio para sua dor de cabeça. Não foi o que aconteceu, mas a visão de lorde Harcourt apoiado contra o assento ao lado dela era estranhamente reconfortante. Ela esticou a coluna, determinada a não reclamar.

Como o coche seguia cada vez mais distante em direção ao sul, Bethany se encolheu. A dor que sentia na cabeça parecia ter se instalado também em seu estômago. Durante certo tempo, o ar fresco que entrava pelas frestas da janela mantiveram sua náusea sob controle. Quando o ar já não era mais suficiente para continuar ajudando-a, ela se virou para o atual noivo, tentando não demonstrar a aflição que a acometia.

— Por favor, milorde, acho que vou precisar daquele vinagrete que me ofereceu antes.

Ele apenas arqueou a sobrancelha enquanto alcançava o frasco no bolso. Bethany tomou-o da mão estendida e segurou-o sob o nariz, inalando o aroma acre. A terrível dor de estômago foi diminuindo aos poucos, porém ela temia que o alívio fosse temporário. Tentando se distrair, falou:

— Falta muito para chegarmos a Londres?

— Chegaremos por volta do meio-dia de amanhã — respondeu Richard.

Ela sentiu uma pontada no diafragma, causada pela lembrança de que teria de passar a noite em uma hospedaria com um noivo desconhecido.

Ele olhou pela janela.

— Dentro de duas horas, vai começar a escurecer. Devemos procurar um lugar decente para pernoitar.

Bethany assentiu, esperando que seu estômago se mantivesse calmo.

— Onde, exatamente, fica sua residência em Londres? — Encontrou outro assunto para falar.

— Não muito distante de Somerset House. — Ele a olhou de soslaio, desmentindo a resposta polida.

— Como é? — Bethany insistiu.

— Quantas perguntas de repente — ele murmurou. — Não está pensando em mudar de ideia, está? — Segurou-a pelo queixo e a forçou a fitá-lo nos furiosos olhos verdes.

— Como se isso fosse me trazer alguma vantagem agora — retrucou ela. — E tarde demais para arrependimentos.

— Sim. Não se esqueça disso.

Ele a mediu da cabeça aos pés, e Bethany se deu conta de que o lorde não estava se referindo à distância que tinham percorrido até ali.

Ela teve a impressão de estar sendo ameaçada, e outro violento solavanco do coche fez com que seu estômago voltasse a incomodá-la.

Depois de tornar a aspirar o vinagrete, perguntou:

— Milorde, o que acha de começar logo a procurar um lugar para ficarmos?

— Agora se mostra ansiosa para pararmos? Está ficando muito ousada, minha menina. Realmente uma mulher pode mudar de opinião bem depressa. — As belas feições masculinas se retorceram em um sorriso de desdém.

— Não estou mudando de ideia, senhor — ela negou. — A questão é que não me sinto muito bem e ficaria grata se não fosse sacudida como um dado numa caixa.

— Não se sente bem? Pode estar tentando me enganar com essa desculpa.

— Não se trata de uma desculpa — Bethany afirmou e respirou fundo. — E se o senhor não parar esta geringonça o mais rápido possível, as consequências não serão nada agradáveis.

Ela cobriu a boca com a mão.

— Oh, meu Deus... — Lorde Harcourt imediatamente abriu a janela e gritou para que Lane parasse a carruagem.

Assim que foi possível, ela abriu a porta e pulou para o chão. Desesperada em busca de privacidade, dirigiu-se a um agrupamento de árvores a alguns metros de distância da estrada. Mas antes que desse dez passos, inclinou-se para a frente e vomitou.

Ao terminar, percebeu que dois braços fortes a seguravam firmemente. O lorde lhe murmurou ao ouvido enquanto ela tentava se recompor:

— Fique tranquila, menina. — A voz profunda confortou-a tanto que ela parou de tremer.

Um lenço de linho foi colocado entre suas mãos. Richard a ajudou a se endireitar e a apoiou contra o peito forte até que ela pudesse se sustentar de pé. Mesmo depois disso, ele manteve a mão firme no cotovelo delicado.

Humilhada, ela só conseguia olhar para as folhas secas ao redor de seus pés.

— Beba. — Ele estendeu a mão para Bethany, segurando um pequeno cantil.

Envergonhada pela sua fraqueza para discutir, ela o apanhou e abriu. O cheiro forte de bebida alcoólica encheu seus olhos de lágrimas. Tomou um gole, agitou-o na boca e cuspiu longe.

— Santo Deus! Isso é conhaque francês, mulher!

— Eu não consigo engolir — ela sussurrou, com voz rouca. — Sinto muito. Mas ajudou a tirar o gosto ruim da minha boca. Obrigada, milorde.

Bethany notou que ele sacolejava devido a uma gargalhada contida.

— Levando-se em conta que somos noivos e acabamos de partilhar uma experiência altamente íntima, creio que já pode me chamar de Richard.

Ela o observou por um longo momento. Então, inclinou-se para a frente outra vez e vomitou aos pés dele.

Richard Harcourt saltou para o lado, lamentando por suas botas, mas segurou Bethany pelo pulso, uma vez que ela havia esvaziado o estômago em definitivo. Ele a encarou e lhe ofereceu o conhaque de novo encolhendo-se quando ela cuspiu o líquido longe pela segunda vez.

— Devido às circunstâncias, não vou reclamar, porém estou curioso. Costuma passar tão mal durante viagens longas?

A postura ereta assegurou a ele que ela já estava melhor. Bethany se esquivou antes de responder:

— Somente quando a viagem se dá em veículos mal-conservados que sacolejam demais. — Fitou-o com frieza. — Onde conseguiu essa monstruosidade?

— Eu apenas disse ao dono do estábulo quanto eu podia pagar pelo aluguel da carruagem e dos cavalos, amor.

O sol se punha devagar enquanto a noiva relutante lidava com sua indisposição. Bandidos e criaturas ainda mais perversas povoavam as estradas em meio à escuridão, e Richard queria encontrar um lugar para passar a noite o quanto antes. Ele se virou e indicou o coche.

— A monstruosidade a espera.

Ela não discutiu, embora não estivesse nem um pouco entusiasmada em seguir viagem. Ele a viu suspirar e caminhar rumo ao veículo. Sorrindo, acompanhou-a.

Assim que se aproximaram, o paciente cocheiro os cumprimentou, afável.

— A senhorita está indisposta? — Ele desceu da boleia e abriu a porta do coche. — Seguiremos viagem mais devagar, milady.

Bethany não conseguiu encará-lo, apesar das palavras gentis. Richard sentiu pena da companheira, que se encontrava visivelmente envergonhada, e a ajudou a entrar, sussurrando ao criado:

— Vamos parar na Bell & Moon. Creio que chegaremos lá antes que escureça de todo.

— Acha mesmo que devemos levar a dama para lá, milorde? — Lane coçou a cabeça. — Não é um lugar muito apropriado...

— É limpo e pode nos oferecer ao menos um quarto para passar a noite.

O resto do trajeto se deu sem maiores transtornos, embora Bethany mais uma vez tivesse de recorrer ao vinagrete. Claramente aliviada com o fim do dia de viagem, afirmou a Richard que não havia tido nada além de enjoo. Todavia, observando o rosto pálido à sua frente, ele suspeitou que ela subestimasse o próprio desconforto. Ordenando que ficasse na carruagem, ele entrou no estabelecimento, a fim de fazer os arranjos para o pernoite. Lane permaneceu na boleia, com o objetivo de afastar os desconhecidos.

Bethany de fato tinha depreciado a gravidade de seu mal-estar. Descansando a cabeça no encosto do assento, fechou os olhos. A cabeça latejava e o estômago vazio se contorcia impiedosamente. Experiências anteriores a informavam de que precisava dormir um pouco e fazer uma refeição leve, mas a espera se estendeu infinitamente.

O alvoroço no pátio da hospedaria em nada contribuía para aliviar sua dor de cabeça. Outros viajantes, desejando encontrar abrigo para passar a noite, chegavam; cachorros latiam; rodas rangiam... Enfim, a porta do coche foi aberta e a voz de Richard se fez ouvir:

— Consegui um quarto para passarmos a noite e uma sala para fazermos a refeição em particular.

Bethany o olhou e viu que o noivo estendia a mão cara auxiliá-la a descer. Ela aceitou a ajuda de bom grado e oscilou quando seus pés tocaram o chão. No mesmo instante, um braço forte a envolveu pela cintura.

— Vai conseguir caminhar? — Ele fez menção de pegá-la no colo, porém ela o repeliu.

— Estou um tanto atordoada, mas ainda sou capaz de me sustentar de pé. — Entretanto, uma nova onda de tontura a assaltou, e ela se apressou a acrescentar: — Mas, se me permitir, eu gostaria de me apoiar em seu braço.

— Claro.

Bethany ignorou o sorriso que se seguiu à resposta gentil.

Richard manteve o braço firme sob a mão miúda enquanto cruzavam o pátio, para entrar no prédio parcialmente revestido de madeira. No interior da hospedaria, ele a apresentou a uma mulher de meia-idade.

— Esta é a sra. Gatwell, esposa do dono da estalagem. Pedi a ela que lhe mostre o quarto enquanto peço nossa refeição. Sra. Gatwell, apresento-lhe minha irmã.

Dando-se conta de que ele não havia revelado seu nome verdadeiro nem o tipo de relação que os unia, Bethany dirigiu a ele um sorriso de agradecimento.

— Obrigada... Richard — sussurrou.

Então, seguiu a sra. Gatwell ao andar de cima e reparou que aquele não era um estabelecimento de primeira qualidade. As paredes caiadas eram de taipa em vez de madeira, e os hóspedes que chegavam eram, em sua maioria, fazendeiros e carreteiros. Porém, a mulher a conduziu a um quarto limpo, contando a Bethany que o lorde havia dito que a irmã não estava se sentindo bem, e perguntou se ela gostaria de um pouco de água de lavanda e compressas para amenizar a dor de cabeça. Bethany aceitou a oferta com um profuso agradecimento, e a sra. Gatwell deixou o cômodo, fechando a porta atrás de si.

A mobília do quarto consistia em uma cama de casal e um lavatório. Um espelho quadrado estava pendurado acima da bacia de água. Uma única janela dava para a estrada logo abaixo. A vidraça não apresentava manchas de poeira, e uma detalhada inspeção pela cama revelou que os lençóis cheiravam a sabão, e não a mofo.

Após receber a água de lavanda e as compressas, Bethany tirou a touca branca e os grampos que prendiam a trança atrás da cabeça. A seguir suspirou, aliviada. Mergulhando a compressa na tigela de água, torceu-a e então se afundou na cama, satisfeita, colocando o tecido de linho sobre a testa.

Bethany acordou com o som de batidas à porta. Desorientada, levantou-se da cama e ficou olhando ao redor do quarto. A julgar pelo restinho de luz que entrava pela

janela, ela não tinha dormido por muito tempo.

— Senhorita, está quase na hora da refeição, se pensa em comer alguma coisa.

Depois de refletir por um momento, ela reconheceu a voz da dona da estalagem.

— Devo dizer a seu irmão que a espere?

Meu irmão! Os acontecimentos daquele dia voltaram à mente de Bethany de repente, e ela se lembrou de que a última coisa que comera havia sido um pedaço de bolo na biblioteca da mãe no começo da tarde. A saudade de casa brigava com estômago inquieto. Nesse meio-tempo, sua mãe, provavelmente, já teria visitado todas as casas da vizinhança à procura da filha. A praticidade prevaleceu sobre a razão.

— Por favor, diga a... — ela se atrapalhou com as palavras — ...meu irmão que já vou me juntar a ele — respondeu, sem abrir a porta. — E será que a senhora poderia fazer a gentileza de me trazer papel, tinta e pena para escrever?

Bethany pretendia ao menos avisar a mãe de que estava bem.

Aliviada com o fato de a sra. Gatwell não ter entrado e visto seus cabelos despenteados, Bethany se examinou diante do espelho. Como suspeitava, teria de refazer a trança antes de colocar a touca. Começou penteando os cabelos com os dedos até que ficassem completamente soltos e desembaraçados.

Concentrada no entrelaçamento dos fios, ela nem percebeu quando a porta se abriu.

— Jesus — sussurrou de repente, ao ouvir um leve ruído.

Richard Harcourt a fitava da soleira. Horrorizada, ela agarrou a touca para cobrir a cabeça.

Mais do que depressa, ele exclamou, com a mão estendida:

— Não! — Fechou a porta e se aproximou de Bethany a passos largos.

Instintivamente, ela recuou até encostar à parede. Ele a observava com os olhos embaçados. Então, tomou a trança entre os dedos.

— Nunca imaginei que fosse ruiva — murmurou.

Bethany fechou os olhos, envergonhada. Aqueles cabelos malditos eram a ruína de sua existência.

— Por favor, permita que eu coloque a touca.

— Por quê? Seus cabelos são bonitos demais para ficar escondidos. — Ele deslizou a mão pelos fios sedosos, libertando-os.

Bethany meneou a cabeça em negativa.

— Tenho certeza de que você os acha belos, mas posso lhe afirmar que, apesar da cor dos meus cabelos, não sou uma libertina.

Para preocupação de Bethany, um sorriso malicioso surgiu no rosto másculo.

— Oh, veremos... Já sei que seu temperamento é semelhante ao de Judas.

Hipnotizada pelo murmúrio grave, ela congelou. Então, seu coração disparou quando ele se aproximou e apoiou os braços contra a parede, nas laterais das madeixas avermelhadas. Presa, podia apenas observá-lo inclinar a cabeça em sua direção.

No momento em que os lábios de ambos se encontraram, Bethany foi tomada por uma inesperada onda de prazer. Tirando vantagem, ele passou a língua pela boca

aveludada e doce como mel. Ela estremeceu com a sensação desconhecida.

Então, de repente, a boa educação a tirou do torpor. Empurrando-o, livrou-se dos braços fortes que a encurralavam. Richard fez menção de segui-la, porém ela agitou as mãos, defendendo-se.

— Por favor, não! Não faço a menor ideia do que aconteceu comigo... agora me deixe sozinha.

Ele sorriu docemente, divertido com o embaraço da noiva.

— Mas vim buscá-la para o jantar. — Com uma leve inclinação, ele indicou a porta.

Ela lhe lançou um olhar frio, mas foi traída pelo estômago, que roncou alto. Ignorando os lábios trêmulos do lorde, anunciou:

— Vou comer aqui, obrigada.

Richard se endireitou e cruzou os braços.

— Não, srta. Dallison. A mesa já está posta no salão. Ou se junta a mim no andar de baixo ou ficará com fome.

Bethany acabou se rendendo, a Richard e ao estômago voraz.

— Oh, muito bem! Vou fazer a refeição com você no salão, mas antes preciso me tornar apresentável. — Ela abriu a porta. — Se fizer a gentileza de me deixar sozinha...

— Claro, querida *irmã*. — Com um sorriso de escárnio, ele se retirou.

Enquanto prendia a touca de musselina sob o queixo, Bethany foi tomada por um pensamento alarmante. Lorde Harcourt... Richard... havia dito que os cabelos dela eram bonitos.

Na varanda do andar térreo, que dava para o pátio da estalagem, Richard divagava enquanto fechava o sobretudo para se proteger do frio da noite. Ele achava Bethany uma mulher bonita, mas, ao abrir a porta do quarto e ver seus cabelos de um tom brilhante de vermelho, ficara sem ar.

O primeiro impulso foi enterrar o rosto neles, para sentir o perfume e a maciez. As regras da boa conduta repudiavam tal comportamento, mas ele não teve escrúpulos ao deslizar os dedos pela trança e desfazê-la.

A resposta inicial de Bethany ao beijo combinava com aqueles cabelos cor de fogo, quente e suave ao mesmo tempo. Ele afirmara que não a tocara durante a viagem, mas não havia imaginado que sua noiva puritana fosse tão sensual. Para ser franco, suas intenções eram nobres, pois pretendia cumprir a promessa que tinha feito ao pai. No entanto, naquele instante, estava pouco inclinado a esperar pelos prazeres da noite de núpcias.

Abriu o sobretudo para permitir que a brisa fria refrescasse o corpo quente enquanto refletia como poderia se juntar à noiva na cama após o jantar.

Quando Bethany, enfim, deixou o quarto, com os cabelos presos e cobertos pela touca, ela desceu as escadas e, com certo nervosismo, aceitou o braço que Richard lhe estendia.

Para seu alívio, ele não mencionou o beijo. Em vez disso, falou sobre amenidades enquanto a conduzia ao salão reservado a eles, desculpando-se antecipadamente pela simplicidade da refeição que seria servida.

Assim que ele abriu a porta e esperou que ela entrasse, o coração de Bethany disparou. Ela estava transgredindo uma das principais regras ditadas por mãe, a de nunca

ficar sozinha com um homem solteiro.

Seguindo-a, Richard fechou a porta que os isolava dos demais hóspedes que ocupavam a sala ao lado.

— Sente-se junto à lareira por um momento, minha cara. Está um pouco pálida.

Bethany o olhou de relance, esperando encontrar uma expressão zombeteira no rosto masculino. Contudo, ele apenas lhe indicou o assento antes de apanhar um jarro de barro e servir um pouco de cerveja para ambos.

Tentando imitar os modos casuais do lorde, ela tirou o casaco de lã e o estendeu no encosto de sua cadeira. Sentia as mãos inexplicavelmente frias. Então, deu alguns passos e as estendeu em direção ao fogo da lareira. Pouco depois, Richard falou de seu lugar à mesa:

— Agora que está aquecida, vamos comer. Creio que carne de carneiro fria não seja nada apetitosa.

Bethany meneou a cabeça em afirmativa. Tentando manter a calma, observou à sua volta. A iluminação da sala vinha da lareira e de várias velas dispostas em um castiçal sobre a mesa e o aparador encostado a uma das paredes. Cortinas cor de âmbar pendiam da janela. A sra. Gatwell havia colocado uma toalha do mesmo tom sobre a mesa escura, antes de servir a comida.

De fato, ele não tinha exagerado quando se referira à simplicidade da refeição. A travessa com o lombo de carneiro fora posta entre tigelas com pães, queijo e maçã desidratada. O cheiro forte de cerveja alcançou Bethany quando Richard lhe estendeu uma caneca.

— Pedi cerveja em vez de vinho esta noite. Duvido que o sr. Gatwell possua uma safra decente, mas esta cerveja caseira é bem gostosa. Outra opção seria água, mas não creio que você queira correr tal risco.

Ela concordou, ciente do perigo de tomar a água da planície. Aproximava-se de Richard como um cavalo margeando um precipício. Apanhando a caneca, tomou um gole com cuidado. O líquido espumante correu por sua garganta, deixando um sabor agradável de levedo e anis.

— Muito boa! O cervejeiro de minha mãe não faria melhor.

Os olhos de Richard cintilaram.

— Possuem uma cervejaria em sua propriedade?

Ela o fitou nos olhos, notando a cobiça por trás daquela pergunta.

— Lamento desapontá-lo, milorde, mas não vendemos cerveja. Nós a produzimos apenas para o consumo da família.

Ele se inclinou leve, com a mão no peito.

— Um golpe, de fato, minha cara. Admito ter alimentado a esperança de me tornar dono de uma próspera cervejaria após nosso casamento. Muitos fidalgos restabeleceram sua fortuna por meio do matrimônio com as filhas de fabricantes de cerveja.

— Sinta-se livre para se unir a uma delas! — exclamou Bethany sem pensar, sentindo-se magoada.

Passar a noite naquela hospedaria tornava o casamento imperativo. Além do mais, tinha uma excelente razão para se casar, se pudesse evitar intimidades com Richard.

Ele riu.

— Pais prevenidos tomam o cuidado de manter as filhas bem longe de mim. — Baixou o tom de voz: — Felizmente, encontrei uma alternativa gratificante.

Embora ele não tivesse feito menção de tocá-la, Bethany parou onde estava, deixando a mesa entre os dois. Ele foi encontrá-la. Bethany estremeceu. Richard ainda sorria ao puxar a cadeira com um floreio.

Dividida entre o nervosismo e o riso, sentou-se. Ele não a embarçou mais durante o jantar. Os modos charmosos do lorde a fizeram relaxar enquanto ele contava divertidas histórias da infância em Yorkshire. Vê-lo terminar de comer o segundo prato, com prazer, surpreendeu-a a ponto de comentar a respeito.

— Passei muitos dias com fome, portanto não posso reclamar desta refeição, minha querida. — Ele ergueu a caneca para ela. — Posso não ter condições de levar uma vida elegante, mas minhas expectativas melhoram a cada dia.

— Quando um lorde vai para a cama com a barriga vazia? — Bethany mordeu um pedaço de maçã, apreciando a doçura da fruta. — Gloriana nunca mencionou nada a respeito.

— Quando vivi exilado. Gloriana era a mais nova. O prato dela era o primeiro a ser servido com a comida de que dispúnhamos. — Richard se remexeu na cadeira, pensativo. — Nossos anos na França foram... um desafio.

Um instante depois ele sorriu, o bom humor retornando.

— Será apresentada à corte, como já deve saber.

— O quê?! — Bethany quase se engasgou com a maçã. — Ao rei? Nem pensar! Não tenho nada apropriado para vestir.

Ele se reclinou para trás, sorrindo.

— Essa é a primeira preocupação das mulheres, desde Eva! Eu já deveria ter imaginado que você diria isso.

Ela o observou, intrigada. Tanto sua mãe quanto o sr. Ilkston desaprovavam as mulheres que se preocupavam demais com a aparência. Os trajes extremamente elegantes de Gloriana Harcourt, por exemplo, costumavam irritar os dois.

— Imagino que deseje renovar seu guarda-roupa na primeira oportunidade, querida. Já que ficaremos na cidade, vamos visitar todas as lojas femininas. — Richard arqueou as sobrancelhas. — Posso recomendar algumas das mais finas confecções.

— Oh! — Bethany ofegou ao perceber as implicações daquelas palavras. — Perdoe-me, milorde, mas prefiro não frequentar as mesmas lojas que prestavam serviços às suas... mulheres. — Empurrou a cadeira para trás e rumou para a porta. — Acho melhor voltar para o meu quarto.

Richard também se levantou, mas permaneceu junto à mesa.

— Temo que deva esperar até que eu termine. A menos que não se importe de perambular em público, desacompanhada.

Risos espalhafatosos, seguidos por uma canção indecente, partiram da sala ao lado, enfatizando a observação de Richard.

Bethany parou com a mão na maçaneta, refletindo se seria mais suportável dentro ou fora daquela sala antes que chegasse a uma conclusão, Richard se juntou a ela.

— Garota tola. Esse orgulho bobo costuma colocá-la em apuros? — Segurou-lhe a mão.

Ignorando a agradável palpação de seu coração ela se desvencilhou do contato. Richard não a deteve, mas encostou-se à porta, bloqueando-lhe a passagem.

— Será bem-vista em Londres — murmurou, a expressão dos olhos verdes mais suave.

Ela engoliu em seco.

— Vestirá os mais finos tecidos de seda e veludo, e não essa lã grosseira. E usará cores que valorizem sua pele adorável — ele acrescentou.

Bethany se sobressaltou com o toque dos dedos fortes em seu rosto. Ele continuou falando com voz doce, os olhos presos aos seus:

— Serei invejado por todos os homens da corte, com você a meu lado. Vão ficar admirados com a beleza de seus cabelos.

A mão de Richard deslizou para a nuca de Bethany e a outra a segurou pelo pulso, puxando-a para junto de si.

Ele não permitiu que ela escapasse do beijo. Foi envolvida por braços musculosos enquanto a boca de Richard brincava com a sua. Bethany abriu os lábios por vontade própria, permitindo que a língua experiente os explorasse. Ele se deliciou com a doçura feminina. Quando ela timidamente o tocou com a sua, ele gemeu e aprofundou o beijo.

Bethany tentou protestar ao sentir que era erguida e conduzida para perto da lareira, porém não conseguiu pronunciar nem uma palavra sequer. Em vez disso, passou a mão pelo peito largo, sentindo o coração disparado de Richard. Respirou fundo contra o pescoço dele, necessitando de ar, e sentiu o aroma de lavanda que impregnava o colarinho da camisa que ele usava.

Então, ele alcançou um banco e se acomodou com ela no colo. Antes que Bethany pudesse dizer algo, ele se inclinou para beijá-la de novo, dessa vez apenas roçando os lábios bem de leve, para depois sussurrar o nome dela junto à face delicada.

Quando passou a acariciá-la de modo incrivelmente agradável no pescoço, ela gemeu e deixou a cabeça pender para trás, permitindo que ele tivesse maior acesso a seu corpo.

Subjugada pelas novas sensações que a invadiam, afagou-o nos cabelos, maravilhando-se com a maciez dos fios escuros. Somente quando a mão de Richard deslizou para seus seios, ela se forçou a repeli-lo.

— Já chega!

Bethany fitou os olhos escurecidos a centímetros dos seus. Horrorizada, percebeu que o laço que protegia seu busto estava quase desfeito. A camisa de Richard havia sido desabotoada no colarinho, e ele ofegava, o coração batendo no mesmo ritmo acelerado que o de Bethany. Ele a apertava com mais força nos braços, trazendo-a para bem perto de si.

— Minha doce Bethany... — Ele moveu os quadris sob ela, que ficou sem ar. — Deixe-me dormir com você esta noite, minha adorável menina. — A mão livre a afagou no pescoço. — Vamos nos casar assim que chegarmos a Londres, amanhã.

— Não! Não podemos.

Ela ficou de pé, apesar de temer que seus joelhos trêmulos não a suportassem. Não sabia se o rubor do rosto de Richard era consequência das chamas da lareira ou dos sentimentos que o dominavam. De qualquer modo, não se entregaria ao desejo que a assolava. Mesmo sabendo que ele precisava do dinheiro que ela herdara, Bethany estaria

em desvantagem até que a aliança de casamento fosse posta em seu dedo. Decidiu voltar ao assunto anterior:

— Não vou me casar usando farrapos. — Diante da expressão de incredulidade de Richard, ela desviou o olhar. — Como você mesmo disse, a maior preocupação de uma mulher é estar bem-vestida. Não vou me casar com você até que este vestido sujo e amarrotado da viagem e minha velha capa sejam substituídos por um traje elegante.

— Aprovo totalmente sua decisão, querida, mas isso não tem nenhuma ligação com nosso relacionamento íntimo. — Ele também se ergueu do banco, e ela teve de olhar para cima, a fim de encontrar os furiosos olhos verdes do noivo.

Atemorizada, recuou alguns passos.

— Diga que não gostou das minhas carícias — ele desafiou. — Ou que não tem curiosidade de explorar meu corpo do mesmo modo que quero descobrir o seu.

Bethany tinha os olhos fixos no chão.

— Por favor, não me force a me deitar com você ainda — ela suplicou, levantando a cabeça.

Exasperado, ele apanhou o caso de Bethany do encosto da cadeira e o atirou para ela, que o pegou no ar.

— Cubra-se, vou levá-la de volta a seu quarto.

Ela assentiu em silêncio.

Richard se dirigiu à porta e a abriu com violência. Assim que Bethany se aproximou, ele a agarrou pelo braço e a conduziu entre a multidão animada que se encontrava no bar.

Diante do quarto, ele a empurrou contra a porta de forma inesperada. A escuridão escondia o rosto de Richard, mas Bethany podia sentir cada centímetro do corpo viril junto ao seu, pressionando-a.

— Diga-me que não vai sonhar comigo, pequena puritana. — As palavras sussurradas aqueceram o rosto frágil antes que ele lhe alcançasse a boca.

Ele sorriu, triunfante, quando Bethany, instintivamente, sucumbiu ao gesto arrebatador. Então ouviu-o abrir a porta e, antes que se desse conta, foi empurrada para dentro do cômodo.

Os olhos masculinos brilhavam, refletindo a luz da única vela que iluminava o aposento, porém ele não entrou.

— Boa noite, senhorita. — Ele fechou a porta, deixando-a sozinha com seus conturbados pensamentos.

Trêmula, Bethany despiu-se e se atirou na cama. Após apagar a vela, tentou se convencer, sem sucesso, de que não estava com medo nem com frio.

No andar de baixo, Richard atravessou o pátio da hospedaria em direção ao estábulo. Praguejou ao tropeçar em um pedaço de lenha caído no chão. Encontrando a porta aberta, entrou com cautela. Um cavalo relinchou, lembrando-o de parar na baia onde os cavalos alugados descansavam. O relatório de Lane dizia que os animais tinham sido alimentados e escovados. Então, rumou para os degraus de madeira no interior do celeiro.

Seu humor piorou quando uma farpa lhe perfurou o dedo indicador a meio caminho da subida. Amaldiçoando seu declínio financeiro, as dívidas e a noiva tola, terminou a

subida e se jogou em meio ao feno. Logo adiante, Lane roncava.

Deitando-se de costas com as mãos cruzadas sob a cabeça, concluiu que pensar em Bethany só pioraria seu humor. Lembranças da pele impecável e dos cabelos acobreados rivalizavam com a imagem do corpo escultural sobre o colchão macio. Ele não sabia o que desejava mais, se a mulher ou a cama.

— Maldita virgem! — Com essa imprecação, virou-se de lado e tentou dormir.

Capítulo III

Bethany levantou-se na manhã seguinte, sentindo os olhos pesados e dominada pela culpa. Revirara-se a noite toda, apesar de a cama ser bastante confortável, relembrando seu comportamento indecoroso. Em circunstâncias normais, ela se sentiria grata por se casar com um homem cujas carícias a agradavam tanto. Com certeza, o sr. Ilkston não proporcionaria a ela nenhum prazer.

Ficou imaginando o que lorde Harcourt pensaria de uma mulher que se permitia beijar tão facilmente. Relutante em encará-lo, demorou-se no quarto mesmo depois de ter se vestido e escrito um bilhete à mãe.

Por fim, forçou-se a descer ao pátio. Richard estava conversando com o dono da estalagem em meio ao vento frio. Ao olhá-la de relance, disse-lhe que tomasse o desjejum depressa para que pudessem seguir viagem.

Já no interior do refeitório vazio, a sra. Gatwell ofereceu a ela pão e um pedaço de queijo. Depois de pedir à amável senhora que postasse sua carta, Bethany mordiscou a comida enquanto observava Richard pela janela. Ele tomou o último gole de cerveja, e ela ficou imaginando se ele já havia comido alguma coisa.

Decerto formariam um belo par naquela manhã!, ela pensava, irônica. Sua saia estava toda amarrotada após a viagem do dia anterior. Richard, por sua vez parecia ter dormido de roupa, tão amassado estava seu traje. Além disso, as manchas escuras sob os olhos dele eram semelhantes às suas.

Lane conduziu a velha carruagem pelo pátio, parando próximo à porta da estalagem. Richard trocou algumas palavras com ele e depois virou-se para acertar as contas com o proprietário.

Bethany apressou-se a desviar o olhar da janela, esperando que ele não a tivesse visto observando-o.

De repente, alguém a agarrou pelo cotovelo, e ela se viu diante de um homem de olhos castanhos, mais alto que Richard. Os grossos cachos de sua peruca pendiam sobre os ombros, e a elegante camisa de musselina, sob o volumoso casaco preto, indicava tratar-se de um homem poderoso.

— Perdoe minha falta de jeito, senhorita. — O cavalheiro a soltou e fez uma mesura, inclinando o tronco para a frente. — Confundi-a com uma querida amiga. Lamento se a assustei.

— Não se preocupe, senhor. Está tudo bem.

— A senhorita é muito gentil. — Ele tornou a se curvar.

— Srta. Bethany! — A sra. Gatwell se aproximou e a informou de que o irmão a esperava no pátio.

Trocando um último cumprimento com o cavalheiro, Bethany deixou o calor do interior da hospedaria, rumo ao ar frio do inverno.

Ao chegar ao veículo, suspirou e encarou Richard.

— Ainda estamos muito longe de Londres?

Para seu aborrecimento, ele riu da pergunta.

— Vai depender de seu estômago, querida.

Apesar de contrariada, aceitou a ajuda do lorde para subir ao coche, mas recusou-se a conversar quando ele se sentou do lado oposto ao seu. Richard bateu no teto, e, com um solavanco, outro dia de viagem teve início.

Da sala de estar da Bell & Moon, o imponente cavalheiro assistiu à partida de Richard e Bethany com grande interesse. Ele não via lorde Harcourt nem a respectiva família fazia algum tempo, porém duvidava que a irmã de Richard tivesse crescido tanto. E que seus cabelos loiros tivessem se tornado ruivos, como mostravam os poucos fios que escapavam da touca que ela usava na cabeça.

Embora a distância a ser percorrida até Londres fosse longa, as boas condições da estrada evitaram que o mal-estar de Bethany se repetisse. Depois de várias paradas para que os cavalos descansassem e ela tivesse oportunidade de descer do coche, chegaram à cidade no fim da tarde.

Divertido, Richard viu-a arregalar os olhos, surpresa com o barulho e o alvoroço das pessoas circulando pelas ruas.

Apesar de seus vinte e oito anos, ele havia feito o mesmo quando viera assistir à coroação do rei na última primavera.

A noite passada em meio ao feno o tinha deixado de péssimo humor naquela manhã, sem falar nas costas e nádegas doloridas por ter se mantido sentado quase o dia todo. Sua irritação aumentou ainda mais quando percebeu que seu dinheiro, estava se esgotando. Felizmente, a noiva puritana comia pouco.

Apesar de fascinada com o que via do lado de fora da carruagem, Bethany parecia pálida. Percebendo que ela friccionava o pescoço a todo momento, Richard presumiu que ela estivesse sentindo alguma dor e afirmou que chegariam a seu destino final logo, logo. O sorriso de gratidão que ela lhe dirigiu provou que ele estava certo quanto às suas conjecturas.

Um grito do lado de fora do veículo assustou a ambos. Richard saltou do assento, sacando a espada instintivamente. Olhando para Bethany, colocou o dedo sobre os lábios, pedindo que ela se mantivesse calada. Ela assentiu, os olhos cinzentos expressando medo. Curvado no interior do apertado veículo, ele se aproximou da porta e a abriu.

A luz de uma tocha dançou sobre a lâmina de sua espada quando dois soldados o interrogaram:

— Aonde está indo depois do pôr do sol, senhor? Richard baixou a arma alguns

centímetros.

— Estou tentando chegar a meu apartamento. E o que o Exército de Sua Majestade faz por aqui?

— Não me diga que não sabe que todos que chegam à cidade depois do anoitecer devem ser parados e interrogados. — O velho sargento o fitava, indignado.

— Certamente não era esse o costume quando deixei Londres há quatro dias. — Richard assumiu o ar enérgico que costumava exibir durante os tempos passados no Exército francês. — Quem é seu comandante?

O soldado meneou a cabeça em negativa.

— Não sei dizer, senhor. Um sujeito chamado Venner enviou alguns puritanos arruaceiros para protestar contra o rei dois dias atrás e esta noite novamente. Fomos enviados para manter a ordem, mas até agora não vimos o comandante.

— Estão sem comandante e cumprem seu dever tão bem?

Diante daquele elogio calculado, os homens se endireitaram e ergueram o queixo. Após dizer seu nome, Richard recebeu os cumprimentos dos soldados e foi liberado.

Pouco depois, Lane parava a carruagem diante de uma construção antiga. Richard ajudou Bethany a descer e a escoltou até a entrada.

— Que lugar é este? — ela indagou, observando o prédio. — Não me diga que espera que eu divida um apartamento com você.

— É exatamente o que tenho em mente. Agora, por favor, seja boazinha e entre, uma discussão no meio da rua não é nada apropriado.

Dois dias sentado em uma carruagem miserável, uma noite passada sobre o feno e a alimentação racionada haviam esgotado a paciência de Richard Harcourt.

— Não posso tolerar tamanha falta de educação, milorde, pois nenhum cavalheiro hospeda uma dama solteira na própria casa. — O belo rosto feminino parecia obstinado. — Insisto para que encontre um lugar decente para minha estada. Imediatamente.

Richard teve de relembrar a si mesmo de sua desesperadora situação financeira e da fortuna de Bethany, para não empurrá-la porta adentro, feito criança.

— Estamos em Londres, minha cara. Vai encontrar várias mulheres vivendo com cavalheiros, apesar de não estarem casados.

— Decerto não se tratam de damas. — Ela cruzou os braços, desafiando-o.

Ele respirou fundo. Nem sua mimada irmã Gloriana conseguia irritá-lo tanto quanto a jovem atrevida à sua frente.

Richard virou-se para o sorridente cocheiro.

— Lane, devolva o coche ao estábulo agora mesmo. O sorriso desapareceu dos lábios do criado antes que ele subisse à boleia e sacudisse as rédeas às costas dos cavalos.

Voltando a atenção à noiva ultrajada, Richard a agarrou pelo braço e tentou escotá-la para dentro. Ela não se moveu.

— Você decide, menina. Ou passa a noite em um de meus aposentos, ou na rua. Não tenho mais dinheiro para alugar um quarto para você. — Ele caminhou até a soleira da porta e olhou sobre o ombro. — E então?

Ela lhe lançou um olhar zangado antes de segui-lo ao interior do prédio.

Ao subir as escadas, Bethany torcia as mãos sob o casaco. Em nenhum momento, lhe ocorrera que seria levada ao apartamento de Richard. Já podia imaginar o desastre.

— Você não tem um casal amigo com quem eu pudesse ficar? — Ela preferia se hospedar na casa de estranhos a ficar com um homem que a transformava em cera derretida com um simples toque.

— Não — foi a resposta monossilábica.

Ela tentou pensar em uma alternativa, mas sua mente confusa recusava todas as possibilidades. Exceto o desejo de evitar o atraente Richard até que estivessem casados.

Bethany quase se entregara a ele na noite anterior. A boca máscula e sensual a inflamara com seu toque quente e sussurros doces como mel. Teria sido fácil remediar tal lapso. Sendo nobre, ele poderia requerer um documento especial, e o curador de Bethany pagaria para evitar um escândalo.

Um ruído de algo rastejando na parede próxima a ela interrompeu suas reflexões. Ela estremeceu e esperou que aquele prédio caindo aos pedaços não abrigasse nada maior do que ratos.

Era óbvio que Richard precisava de sua fortuna. Ela cerrou os dentes enquanto observava o pesado sobretudo do noivo, oscilando escada acima, à sua frente. Concordara em se casar com ele em troca do próprio lar e de um título. Mas Bethany não alimentava ilusões quanto à felicidade conjugal. Se desse a ele um herdeiro, supunha que viveria na propriedade rural, enquanto ele passaria a maior parte do tempo na cidade.

Comparado àquele lugar bolorento, a perspectiva de morar no campo soava bastante atraente. Ela havia aprendido a comandar um lar e uma fazenda com a mãe. Suspirou. Um marido exercia autoridade absoluta sobre a esposa e os bens dela, a menos que o pai ou o tutor negociasse uma excelente pensão. Como Bethany não tinha nem um nem outro, devia cuidar dos próprios interesses. Se convencesse Richard a deixar parte do dinheiro com ela, iria se sentir mais segura.

Além disso, não permitiria que ele jogasse a fortuna de seu pai fora nem a gastasse com amantes.

Então, ele parou diante de uma porta no primeiro andar. A postura rígida demonstrava animosidade.

— Senhorita. — Richard se curvou. Engolindo em seco, ela entrou no covil. Olhando à volta, horrorizada, tornou a se virar para ele, suplicando:

— Tem certeza de que não tem ideia de outro lugar onde eu possa ficar?

Quando concordara em levar Bethany a Londres, Richard tinha pensado apenas em acomodá-la em seu apartamento, encontrar o tal pastor que ela tanto fazia questão, casar-se com ela e pagar as próprias dívidas. Mas a realidade era bem diferente, ele constatou ao analisar a questão sob o ponto de vista dela.

— Como eu não havia planejado trazê-la para cá a princípio, não me preocupei em deixar tudo em ordem antes de partir. — Ele entrou no cômodo atrás de Bethany, tentando esconder o próprio desconforto.

— Uma decisão sábia. Mas você ia ficar aqui, não ia?

Ela circulava pelo apartamento com cuidado, desviando das garrafas de vinho vazias que se encontravam espalhadas pelo chão. Richard se lembrava vagamente de ter jogado boliche com elas, usando uma laranja como bola.

Depois de um momento de pânico, a casca seca sobre a mesa assegurou a ele

que a fruta não estava podre em algum canto do aposento.

Ele a observava andar para um lado e para outro, examinando uma pilha de periódicos, franzindo o nariz diante da poeira espalhada sobre os móveis. Para seu alívio, ela manteve a compostura.

— Pelo visto, você não tem criados... Ele clareou a garganta.

— Tenho Lane, claro. Mas ele costuma cuidar mais do estábulo do que da arrumação da casa. Está comigo há anos.

— Assim como isto, pelo jeito. — Bethany apanhou uma almofada de assento surrada com as pontas dos dedos, e um punhado de serragem caiu de uma das pontas.

Colocando-a de volta no lugar, ela inspecionou o resto da sala.

— E todos estes móveis... Richard cruzou os braços.

— A ideia de vir a Londres foi sua, não minha. Ela o ignorou e examinou uma pilha de pratos.

— Imagino que Lane ao menos compreenda a utilidade de um pano para lavar louça e sabão. Você costuma manter os pratos limpos no assento ao lado da janela?

Richard deu de ombros.

— Por que não? Estão ao alcance das mãos.

Ela fechou os olhos, aflita.

— Precisamos contratar uma criada o mais rápido possível. E a primeira coisa que faremos assim que nos casarmos será encontrar um lugar decente para morarmos.

Ele retorceu os lábios ao vê-la remover alguns livros de uma cadeira e procurar um lugar para colocá-los. Tinha seus próprios planos para as primeiras atividades após o casamento, e estes não incluíam a busca de uma casa nova.

A exploração de Bethany chegou ao fim quando ela descobriu que a porta mais distante levava ao quarto do lorde. Fechou-a no mesmo minuto, corando diante do sorriso malicioso do noivo.

— Como conseguem cozinhar aqui? — Perplexa, fitou o pequeno fogão.

— Não cozinhamos. Lane traz a comida pronta da rua, assim como pão, frutas, vinho e tudo o mais que precisamos. Fica tudo guardado naquele armário do canto.

Bethany arqueou as sobrancelhas. Obviamente queria perguntar mais alguma coisa, mas hesitava.

— O que quer saber agora? — Ele sorriu, apesar da expressão séria de Bethany.

— Acha que Lane vai demorar muito?

Ele se deu conta de que já haviam se passado várias horas desde que haviam comido pela última vez.

— Ele costuma demorar no estábulo. — Richard riu. — Ele é... ahn... muito amigo de uma empregada de lá. Também estou com fome. Vou sair e comprar alguma coisa para comermos.

— Seria maravilhoso, mas... pensei que você não tivesse dinheiro.

— Essa é uma das grandes vantagens de ser um nobre. Desde que vim a Londres, levo uma vida bem confortável. — Ele ignorou o comentário irônico de Bethany. — Faço uso de meu título habilmente. Os comerciantes londrinos ficam mais do que felizes em dar

crédito aos membros da corte de Sua Majestade. Claro que nunca visitaram o Palácio de Hampton e não descobriram quão insignificantes são os fidalgos.

Richard notou a indignação de Bethany.

— Isso é um jogo para você. — Os olhos dela faiscavam. — Não faz nada além de tirar vantagem de seu nome. Primeiro com os comerciantes, depois comigo.

Ele ficou sério de repente.

— Tenha mais cuidado ao fazer acusações contra mim, senhorita. Meu pai se recusou a macular o nome dele e o meu sendo desleal quando aqueles comerciantes gordos imploraram os favores de Cromwell. Não se tratava de um jogo. A honra de meu pai lhe custou todos os seus bens, inclusive a própria vida.

Richard se calou. Como Bethany ousava julgar suas atitudes? Ela não fazia a menor ideia da vida que ele levava.

Ela se aproximou da lareira, chocada com a veemência das palavras de Richard. Ele notou que, apesar da praticidade da noiva, ela era apenas alguns anos mais velha que Gloriana, e tinha sido criada em meio à relativa segurança da zona rural.

Esforçou-se para prosseguir de modo mais gentil:

— Além disso, esse nome vai garantir o jantar desta noite.

Colocou o chapéu preto na cabeça e fechou a porta atrás de si, com cuidado para não batê-la.

— Richard, espere!

Ele ouviu a voz feminina chamá-lo de dentro do apartamento, mas apressou-se escada abaixo. Precisava se acalmar antes de encará-la outra vez.

Tirando vantagem de meu nome... Richard pensava, no caminho de volta ao apartamento, após ter feito compras. Apenas a insistência de que se casaria com uma jovem rica levaria os comerciantes a lhe fornecer o jantar daquela noite. Precisaria ir ao banco do qual o pai dela era cliente e conseguir uma carta de crédito, para que pudesse providenciar o desjejum do dia seguinte.

As mãos ocupadas o impediram de abrir a porta do apartamento. Bethany atendeu à porta após as batidas e pegou os pacotes das mãos dele. Richard tirou o casaco e olhou para seu quarto. Ela havia arregaçado as mangas para limpar a casa e tirara a touca. Mesmos presos, os cabelos avermelhados o atraíam.

Apesar de a caótica desordem ainda dominar o ambiente, ela já havia tirado o pó de duas cadeiras e uma pequena mesa. As pilhas de coisas espalhadas por todos os lados tinham desaparecido.

Richard também notou que todas as almofadas haviam sido removidas. Quando questionada, Bethany informou que haviam sido arremessadas à pilha de estrume na viela atrás do prédio. Ela cheirou o pacote menor.

— O que é isto?

— Torta de enguia. Foi o melhor que pude conseguir.

Ela olhou a iguaria, incerta, mas não disse nada e continuou tirando os alimentos dos pacotes, entre eles pão e vinho.

Os dois jantaram com entusiasmo enquanto a noite avançava. Após a cautela inicial em relação à torta, Bethany devorou seu pedaço. Richard a convenceu a acompanhá-lo em um segundo copo de vinho enquanto saboreavam um pedaço de pão

com queijo.

Mais tarde, Bethany substituiu os pratos do jantar de cima da mesa por um candelabro, enquanto Richard vagava pelo apartamento, inquieto. Ele raramente jantava em casa, passando a maior parte das noites com os amigos no teatro ou visitando antros de jogatina e restaurantes elegantes. Ocasionalmente, ia a prostíbulos, mas achava as mulheres de sua classe social mais atraentes. Para ele, as meretrizes não costumavam cobrar por seus favores.

Levando em conta a fortuna de Bethany, ele pagaria de bom grado o preço por algumas noites de tédio. Uma vez que a aliança estivesse no dedo da noiva, ele poderia fazer o que desejasse, onde quer que fosse.

Bethany se sentou à mesa, diante de um pedaço de papel e se pôs a escrever. A luz da vela iluminava os cabelos brilhantes, e Richard sentiu o súbito desejo de soltá-los. Naquele momento, queria apenas um pouco de diversão.

Com um olhar malicioso para a cabeça inclinada de Bethany, pegou um exemplar de sonetos de Shakespeare. Na noite anterior, havia sido muito ousado com ela. Dessa vez, pretendia ser mais paciente. Sendo assim, indagou:

— O que acha de eu ler para você?

Ela ergueu o rosto, e seus olhos acinzentados pareciam quase prateados sob a luz da vela.

— O que disse? Desculpe, eu não estava prestando atenção.

Ele lhe deu um sorriso irresistível.

— Imaginei se gostaria que eu lesse para você.

— Seria um prazer ouvi-lo. — Ela corou. — Se realmente quiser fazer isso, é claro. Como pode ver, encontrei um modo de me manter ocupada.

— Você me deixa envergonhado diante de tamanha aplicação. — Sentou-se de frente para ela. — Em que está trabalhando com tanto afinco?

— Listas. Uma das necessidades domésticas imediatas, uma de recados e outra de dúvidas que tenho. — Flexionou os dedos. — Antes que comece, deseja alguma bebida? Creio ter visto uma jarra de sidra entre as garrafas de vinho.

— Prefiro uma taça de vinho, obrigado. Sirva-se também. — Quando ela o fitou, em dúvida, ele repudiou aquela preocupação muda: — Vinho tinto, minha cara, é uma das bebidas mais fracas que há.

Assim que os dois voltaram a se acomodar, ele folheou o livro.

— Devo compará-la a um dia de verão? Não, você é mais adorável e delicada... — Enquanto Richard lia um soneto após outro, observava a reação de Bethany com o canto do olho.

Reparando que a pena se movia cada vez mais devagar sobre a folha de papel, ele baixou o tom de voz, forçando-a a se concentrar para ouvi-lo.

A pena ficou suspensa no ar. Bethany estava sentada ao lado dele, imóvel, fascinada com as palavras sussurradas. Notando que o xale que cobria os seios femininos se movia rapidamente devido à respiração ofegante, Richard sentiu o próprio corpo se retesar em resposta.

Fechou o livro com suavidade, ela o encarou. Reparando no brilho prateado dos olhos acinzentados, ele se sentiu atraído, desejando-a. Pousando o livro sobre a mesa,

levantou-se.

— Gostou do que ouviu? Ela anuiu em silêncio.

— Vou levá-la ao teatro. Você nunca assistiu a uma peça, assistiu? — Richard sorriu de leve ao vê-la balançar a cabeça, negando. — Mas primeiro, vamos fazer compras. Sendo lady Harcourt, vai precisar de vestidos elegantes, de veludo, de seda... Talvez em tons de verde para ressaltar a cor de seus cabelos.

Bethany tocou um de seus cachos.

— Dispensso...

— Por quê? É tão bonita.

Ela se ergueu e virou-se de costas ao vê-lo se aproximar. Richard riu.

— Este apartamento é muito pequeno, não há onde se esconder.

Para provar o que dizia, encurralou-a contra a porta.

Ela virou a cabeça, os olhos fechados, a respiração entrecortada.

— Eu já disse que não vou machucá-la.

Em seguida, ele começou a soltar-lhe os cabelos.

A grossa trança se afrouxou sobre as costas de Bethany. Ela não se moveu quando ele deslizou os dedos pelos fios, nem mesmo no momento em que o sentiu lambe seus lábios.

Inclinando-se, Richard tocou-lhe a face macia, exultante com o estremecimento que a acometeu. Os lábios masculinos então se moveram sobre a pele sedosa em direção à boca de Bethany, sem, no entanto, beijá-la.

Ela o recompensou virando a cabeça em sua direção e gemendo de leve. Richard a abraçou com gentileza enquanto sua língua se unia à dela.

A medida que os beijos se aprofundavam e se tornavam mais vorazes, ele a estreitava nos braços, apertando-a junto a si. Ambos se encaixavam com perfeição. A certa altura ele se afastou, aninhando os lábios na curva do pescoço delicado enquanto ela ofegava e inclinava a cabeça para trás... batendo violentamente contra a parede.

— Bethany! Você está bem? — Ele a conduziu até o banco e a fez sentar-se. — Nunca vi uma garota tão perigosa.

— Se você não ficasse tentando me seduzir, nada disso teria acontecido. — Ela fez uma careta ao friccionar a parte de trás da cabeça.

Ainda incapaz de manter as mãos longe das madeixas ruivas, Richard afagou a região dolorida.

Sentiu o calor do ponto ferido, mas não estava inchado. Aliviado, deixou os dedos deslizar até a base do pescoço macio, pressionando-a de leve com movimentos circulares.

Ela fechou os olhos mais uma vez, suspirando de prazer, enquanto ele massageava os músculos tensos. Assim que ele terminou, ela sussurrou:

— Muito melhor...

— De fato. — Ele tornou a beijá-la, acariciando-a na face com o polegar.

Mais relaxada, Bethany correspondeu ardentemente, passando a mão pelo peito másculo enquanto a outra o afagava na nuca.

Richard emitiu um som gutural ao deslizar os dedos em direção aos seios firmes. Ao senti-lo apertar de leve os bicos intumescidos, ela arqueou as costas e ofegou. Encorajado pela reação, ele afastou o xale com os dentes e baixou o corpete com as mãos.

Bethany gemeu ao sentir os dedos de Richard em seus mamilos, provocando-lhe sensações inimagináveis. Sabia que devia pedir a ele que parasse, mas tal pensamento foi abandonado quando ele passou a sugar os bicos rosados. Uma trilha de fogo desceu até o triângulo aveludado entre as coxas roliças e se aninhou ali, queimando-a como brasa. Os incansáveis dedos femininos passeavam pelos cabelos de Richard, enquanto ele sugava e mordiscava os mamilos macios.

Um protesto ecoou dos lábios de Bethany quando ele se afastou, mas logo a boca experiente se apressou a cobrir a dela. A mão miúda o acariciou no rosto, descendo em direção à gravata e soltando o nó impecável. Ele suspirou de desejo antes de mordiscar-lhe o lóbulo da orelha e beijar a pele macia

Bethany retribuiu, beijando-o no queixo timidamente. Ao ouvi-lo gemer de prazer, atreveu-se a deslizar os lábios pelo pescoço másculo.

De repente, ela ficou imóvel, sentindo que seu corpete se afrouxava. Richard o abria com uma das mãos enquanto a outra passeava sob a blusa feminina. Bethany sentiu a ereção dele contra sua coxa.

— Vamos para o quarto, minha adorável menina? Aquele murmúrio rouco não significou nada para ela durante alguns segundos.

Quando se deu conta do que ele dissera, ficou de pé e baixou o olhar, tomada por uma onda de vergonha.

— Meu Deus, o que estou fazendo?

Com um grito, virou-se, tentando ajeitar as próprias roupas. Suas mãos tremiam tanto que ela mal podia executar a tarefa.

Richard também se levantou, e ela se forçou a encará-lo. Podia ver a fúria estampada nos olhos escurecidos ao ser rejeitado pela segunda vez.

— Agora é um pouco tarde para recatos, pequena puritana.

— Sinto muito, Richard. — Ela conteve o choro. — Não sei o que me levou a me comportar tão mal nas duas últimas noites. — Para seu horror, um soluço escapou de seus lábios, e as lágrimas embaçaram sua vista.

Baixando o olhar, debateu-se com as conturbadas emoções.

Richard passou a mão pelos cabelos.

— Oh, não chore... — A frustração dominava seu semblante. — E não finja ser uma virgem recatada. Seu desejo por mim é evidente. — Ele retesou os lábios enquanto ajeitava as próprias roupas. — Deus do céu, vamos nos casar assim que encontrarmos seu pastor! Que diferença faz começarmos a lua de mel uma ou duas noites antes?

— Você disse que não ia me machucar! — Ela se aproximou do noivo, alterada.

— Aqueles gemidos foram de dor, por acaso? — ele ironizou. — Você não parece estar sofrendo com minhas atenções, Bethany!

Incapaz de negar a verdade, ela disse apenas:

— Vá para a cama sozinho.

Foi o que ele fez, fechando a porta atrás de si com força.

Enrolando sua capa para que lhe servisse de travesseiro, Bethany deitou-se no banco. Esperando que o sono chegasse, ficou observando o fogo na lareira. A viagem a Londres devia ter mexido com suas emoções, pensava. Ela nunca havia sentido o menor desejo pelo sr. Ilkston.

Antes de cair em sono profundo, rezou para que o sr. Barker fosse encontrado antes que todos os seus valores morais a abandonassem.

Capítulo IV

Bethany acordou várias vezes durante a noite para mudar de uma posição para outra menos incômoda, repreendendo-se por deixar que a irritação a dominasse. Não gostava da ideia de dormir no chão antes de ter sido limpo apropriadamente, mas duvidava que levaria mais do que alguns minutos para dormir sobre o banco. Seus olhos se fecharam ao imaginar quanto tempo levaria para encontrar uma boa criada.

Algum tempo depois ela se sentou, acordada por um estrondo e vozes zangadas. O coração disparado foi se acalmando quando a luz fraca do amanhecer revelou o cômodo vazio. Na verdade, ela dormira mais tempo do que pensara.

Ainda ouvindo barulho, Bethany foi até a janela. Na rua, viu uma carroça tombada. A lona que cobria a carga estava prestes a cair enquanto o condutor castigava outro homem atrás de um carrinho de mão. Eles gritavam, valendo-se de um jargão que ela pouco entendia. Concluiu, porém, que a carroça havia desviado bruscamente para evitar atropelar o mascate e acabara tombando. A carroça também bloqueava a passagem de um grupo barulhento de pedestres. Alguns deles tentaram ajudar a erguer o veículo, enquanto o condutor subia a bordo e chicoteava o lombo dos cavalos. Um dos homens, um sujeito grandalhão, lembrava Lane.

A carroça foi sacudida e, com um solavanco, posta de pé pelos espectadores, deixando uma pilha escura sobre o chão. Bethany se deu conta de que a lona cobria uma carga de carvão.

O condutor, distraído com o animado cumprimento dos homens, ergueu a mão em agradecimento e seguiu seu caminho rua abaixo, alheio ao roubo.

O grupo de espectadores começou a se dissipar, tomando seu rumo como se nada tivesse acontecido. De fato, ninguém a tinha visto espiando pela janela.

Uma olhadela para o quarto revelou que Richard roncava tranquilamente sob as cobertas. Balançando a cabeça, ela imaginou como ele não havia acordado com todo aquele alarido e esperou que aquele tipo de alvoroço não ocorresse diariamente.

Bethany já tinha se lavado e ajeitado as roupas e os cabelos quando Lane bateu de leve à porta. Ela ignorou a óbvia surpresa do cocheiro ao vê-la acordada e arqueou as sobrancelhas diante do pequeno balde de carvão que ele carregava.

— Arranjando suprimentos tão cedo? Estou surpresa que tenha encontrado um comerciante disposto a dar crédito a lorde Harcourt.

O criado assumiu uma exagerada expressão de inocência.

— Posso dizer que a sorte cruzou meu caminho, senhorita.

— Em forma de carvão, como não? — Ela suspirou.

Eles não tinham mais combustível. Na verdade, ela havia usado o pouco carvão que restava para aquecer o apartamento do rigoroso frio do inverno.

Depois de alimentar o fogo, ela deu a Lane um pedaço de pão com queijo que sobrava da noite anterior e uma caneca com um pouco de cerveja.

— A que horas seu patrão normalmente se levanta?

O criado pensou um pouco, com a cabeça inclinada.

— É difícil dizer, senhorita. Depois de uma longa noite, ele pode não acordar antes do meio da tarde. — No instante seguinte, acrescentou: — Não tenho dúvida de que hoje ele vai se levantar cedo e animado. Não depois do meio-dia, não se aflija.

Antes que ela pudesse criticar tamanho relaxamento, Lane agradeceu o desjejum e prometeu devolver a caneca assim que terminasse a refeição.

Sob a vigília do criado, Bethany olhou em volta, perdida. Em geral, ela rezava após se vestir. E fez suas orações em pensamento, mas faltava a leitura diária. Lembrou-se de um volume danificado que vira no dia anterior e o localizou. Suspirando, leu o título: *Livro de Orações e do Ministério dos Sacramentos*. Na contracapa, estava escrito com uma bela caligrafia: *Ao nosso muitíssimo amado filho Richard, na ocasião de sua crisma*. As assinaturas do pai e da mãe vinham logo abaixo.

Bethany folheou o livro, observando as liturgias desconhecidas. Leu um salmo em voz alta, maravilhada com o fato de ser muito parecido com o que lia na sua igreja. A maioria das orações continha pouco do papismo que ela aprendera na Igreja da Inglaterra.

Quando Richard abriu a porta do quarto, ela já havia guardado o livro, lavado a caneca de Lane, tirado o pó dos móveis, posto a mesa, varrido o chão e limpado a janela.

— Quanta gentileza de sua parte se juntar a mim para tomar o desjejum, senhor.

— Desjejum? — Richard olhou para o prato com queijo e pequenas fatias de pão, e fez uma careta. — Não costumo comer tão cedo. — Serviu-se de uma caneca de cerveja. — Assim que eu terminar de tomar esta bebida, poderemos sair à procura do banqueiro de seu pai.

A determinação de Bethany de manter uma postura tolerante desapareceu.

— Minhas costas doem por causa daquele banco abominável, o sol está alto há mais de uma hora e esperei tempo demais por você para poder comer. Portanto, sugiro que me acompanhe à mesa!

— Em geral, a esposa se submete às vontades do marido.

— Felizmente, não sou sua esposa ainda. E se não se sentar agora, nunca serei.
— No mesmo instante ela se arrependeu de suas últimas palavras.

Os olhos de Richard se estreitaram e seu rosto ficou pálido.

— Está me ameaçando?

Pela primeira vez, uma expressão dura substituiu a fachada charmosa do lorde.

Bethany engoliu em seco, mas tomou seu lugar à mesa. Devagar, Richard se sentou diante dela e cortou um pedaço de queijo.

— Você disse que a primeira coisa a ser feita seria me levar às compras — ela suavizou o tom de voz.

Ele lhe dirigiu um olhar frio.

— Ah, sim, foi o que eu disse. Porém, a questão é que não tenho como pagar roupas novas para você sem uma carta de crédito.

— Você conseguiu isto ontem à noite. — Ela apontou os alimentos sobre a mesa.

— Pode ser um choque para você, mas os trajes femininos podem ser muito mais dispendiosos do que pão amanhecido. — Richard sorriu. — Principalmente na loja mais refinada da cidade.

— E não tenho dúvida de que esteja muito bem-informado a esse respeito, — Fitou-o enquanto apanhava uma fatia de pão.

O sorriso de Richard se desfez.

— Fico imaginando se você não tem me enganado esse tempo todo...

O coração de Bethany quase parou. Ela não se entregaria a ele antes do casamento!

Ele a fitou nos olhos.

— Duvido que saiba o nome do banco, muito menos o do banqueiro.

Ela respirou, aliviada.

— Claro que sei! É o sr. Armitage, do... — Bufou. — Seu canalha! Está me manipulando.

Os lábios masculinos se abriram em um sorriso largo.

— Bem, se eu perguntasse, você não me diria...

Bethany não conteve o riso diante de tamanha franqueza. O ambiente se tornou mais leve, e então ela voltou a assumir uma expressão séria.

— Por favor, acredite, eu quero resolver a questão do nosso casamento o quanto antes. Espero que possamos visitar o sr. Barker, e também ir ao banco, ainda hoje. Em seguida, iremos às compras.

Ela apontou para a blusa de lã cinza que usava.

— A futura lady Harcourt não pode circular pela cidade usando isto.

O desejo de Bethany de encontrar o sr. Barker e dar andamento ao casamento animava Richard, mas não acalmava sua impaciência quanto à visita ao banco. No entanto, sentindo-se culpado pelo seu comportamento vil e por Bethany ter se recusado a revelar o nome do banco, ele concordou em levá-la às compras primeiro.

Escoltando-a à loja mais frequentada pelas damas da aristocracia, surpreendeu-se quando Bethany hesitou em entrar no estabelecimento.

Apalpando a blusa e a capa surrada que despertava o desprezo das damas que entravam e saíam da loja, ela lançou-lhe um olhar aflito.

Com o intuito de provocá-la, Richard disse que tal natureza irritadiça devia ser reservada somente a ele. A seguir, abriu a porta e a empurrou para dentro. O amor-próprio de Bethany rapidamente se reafirmou quando o proprietário tentou ignorá-la. Richard sorriu, divertido, ao notar que ela não perdeu tempo em se anunciar como noiva de lorde Harcourt, necessitando de um enxoval.

Foi prontamente atendida pela esposa do dono, uma mulher rechonchuda e eficiente, que logo conseguiu de Bethany a informação de que lorde Harcourt receberia uma fortuna de milhares de libras assim que ambos se casassem.

Após quarenta e cinco minutos sem ver Bethany, Richard deixou um recado pedindo a ela que o esperasse ali e dirigiu-se a um café na vizinhança após incluir alguns itens na conta que havia acabado de abrir.

Uma hora mais tarde, tendo se ocupado de uma discussão amigável sobre a última disputa do rei com o Parlamento, Richard voltou à loja e encontrou Bethany vindo do fundo.

Ele parou de repente. Ela usava um vestido de veludo verde, enfeitado com laços de cambráia no decote e nos punhos. O corte despretenso lembrava o vestido que ela usava quando ali chegara, porém o tecido refinado e a cor a valorizavam muito mais. O chapéu preto de aba larga, decorado com fitas, conferia ao conjunto um ar elegante. Os cabelos permaneciam trançados sob a touca, no entanto ele a ouviu pedindo a indicação de uma cabeleireira de renome enquanto vestia um manto preto acetinado.

Bethany o flagrou admirando-a e ruborizou no mesmo instante. Ele se inclinou numa mesura, com a mão no peito. Ela corou ainda mais diante do gesto galante, mesmo assim retribuiu a gentileza com uma graciosa vênua.

Para divertimento de Richard, sua pequena puritana conversou com ele de modo afetado sobre cetim, laços e veludos. Todavia, quando ela manifestou a vontade de visitar outras lojas que vendiam luvas, leques, meias bordadas, sapatos, ele falou:

— Desde que você tenha condições de pagar a conta... Creio que, primeiro, deva me dizer o nome completo do banqueiro e do banco de seu pai.

Bethany lhe deu as informações necessárias e suspirou. Adivinhando o motivo, o noivo sorridente disse a ela que as lojas estariam no mesmo lugar no dia seguinte.

Ele segurou a mão delicada com força enquanto caminhavam. A certa altura, ela reconheceu o traje-to e estancou.

— Não vai me levar de volta a seu apartamento, vai?! — Encarou-o, furiosa.

— Claro que sim. Damas educadas não andam pelas ruas desacompanhadas — ele disse com voz firme, que costumava assustar a irmã.

Bethany, porém, não pareceu nem um pouco impressionada. Atônito, notou que ela se mostrava decidida a acompanhá-lo ao banco.

Para desespero de Bethany, Richard se recusava terminantemente a levá-la consigo, argumentando que uma dama jamais poria os pés numa instituição financeira. Acima dos protestos femininos, ele disse que ela poderia voltar ao apartamento ao lado dele, ou então sobre seus ombros.

Bethany lançou a Richard um olhar gélido e se manteve parada no lugar. Ele estava muito sério. Pensando na possibilidade de ser envolvida por aqueles braços musculosos, ela meneou a cabeça, tentando pensar claramente.

Enfim rendeu-se, e ele lhe ofereceu o braço para que voltassem a andar lado a lado. Talvez fosse possível segui-lo, ela refletia.

Para pesar de Bethany, ele a conduziu ao apartamento e então chamou Lane. Assim que o bom homem surgiu, Richard ordenou que ele ficasse vigiando o hall de entrada para que a srta. Dallison não tentasse sair desacompanhada.

— Ela está, naturalmente, muito ansiosa para visitar um grande número de lojas —

ele explicou ao cocheiro. — E temo que este frio possa deixá-la doente.

Lane reparou na expressão rebelde da dama. Entretanto, assegurou ao lorde que não permitiria que ela corresse perigo algum.

Richard sorriu docemente e desejou a ela uma boa tarde. Indignada, viu-o descer as escadas. Lane deu de ombros e o seguiu..

Reprimindo um grito de frustração, Bethany entrou no apartamento e fechou a porta. Olhando para os cômodos ainda bagunçados, pensou em terminar de limpá-los e organizá-los. Pendurando o chapéu e a capa, pôs-se em ação, tomando cuidado para não sujar nem estragar o vestido novo.

Não muito tempo depois, estava no meio da sala, satisfeita. As últimas pilhas de lixo haviam sido jogadas fora. Então pensou na possibilidade de limpar o quarto de Richard. Lembrando-se da reação de seu corpo ao ser tocada por ele, decidiu recolher os papéis que cobriam a mesa de canto... e logo descobriu por que ele resolvera sequestrá-la.

Além de dever centenas de libras em notas promissórias, ela encontrou os relatórios das perdas em jogos e listas de preços, equivalentes a milhares de libras, referentes a material para reforma da propriedade rural de Yorkshire. Ele também não pagava Lane fazia sete meses. E ainda não havia sido preso porque mudava de endereço com frequência.

Bethany sacudiu a cabeça. E isso não devia ser tudo. Apanhando uma folha de papel, mergulhou a pena na tinta. Escreveu colunas de números e somou-as.

Ela não tinha calculado o valor total das dívidas de Richard, e não sabia se se sentia aliviada ou desanimada. Sem dúvida, ele precisava se casar com ela para se livrar da ruína, porém ela ficou pensando se ele sabia o valor de um xelim.

Com o intuito de manter as mãos ocupadas enquanto pensava naquele dilema, entrou no quarto de Richard, embora hesitante. Ela pouco se lembrava do pai e nem fazia ideia de como era um reduto masculino.

Não se sentiu intimidada. A mobília se encontrava em condições tão ruins quanto a da sala. Uma enorme cama de quatro colunas dominava o ambiente. Em uma das paredes, um guarda-roupa se encontrava parcialmente aberto. Espiando dentro do armário, ela viu as roupas de Richard impecavelmente organizadas. Uma pequena mesa localizava-se perto da cama. A peça mais bonita do quarto era uma cômoda em estilo moderno, com duas gavetas sob o compartimento principal.

O resto do quarto, no entanto, parecia tão caótico quanto o outro cômodo. Bethany balançou a cabeça diante da cama desarrumada, das garrafas de vinho vazias e papéis espalhados por toda parte. Na porta do quarto, ela foi formando pilhas de coisas para lavar e de lixo. Pensando em trocar a roupa de cama, ergueu a tampa de um baú, à procura de lençóis e fronhas limpos. Para seu alívio, estava tudo lá.

Pegando o que precisava, voltou até a cama. O colchão era pesado e duro. Decerto aquela tarefa deveria ser executada por duas mulheres. Sozinha, não tinha dúvida de que estaria coberta de suor assim que terminasse o serviço. Decidida, fechou a porta do quarto, tirou o vestido e o pendurou no armário.

Depois de algum tempo e muito esforço, Bethany conseguiu trocar a roupa de cama, e o resultado foi gratificante. Dobrando os lençóis sujos, colocou-os na pilha de itens para lavar e tornou a fechar a porta. Talvez conseguisse convencer a lavadeira a lavar aquilo tudo, com a promessa de que o pagamento seria feito assim que ela e Richard se casassem.

Soprando do rosto alguns fios de cabelo que haviam se soltado, deixou-se cair de costas sobre a cama, para retomar o fôlego antes de colocar a colcha.

Achou que era muita infelicidade de sua parte Richard abrir a porta do quarto bem naquele instante.

Richard passara uma hora difícil com o curador da fortuna dos Dallison.

O sr. George Armitage confirmou ter conhecido o sr. Dallison. Ele era desconfiado e repugnava a perversão moral. Demonstrou dúvida quando Richard o informou da presença da jovem dama em Londres e ultraje com o fato de ele alegar que passara duas noites sozinho com ela.

Diante de tamanha incredulidade, Richard convidou o banqueiro a acompanhá-lo até seu apartamento, para ter uma conversa com a srta. Dallison.

O sr. Armitage aceitou o desafio implícito do jovem nobre, o ar arrogante proclamando que estava prestes a desvendar uma fraude. Os dois caminharam a passos largos e no mais absoluto silêncio. A presença do brutamontes do Lane no hall de entrada assustou o curador. Richard se dirigiu a seu apartamento, com o banqueiro em seus calcanhares.

Assim que entraram na sala, Richard ficou momentaneamente desorientado por não ver Bethany. Notando o lixo e a pilha de roupa suja à porta de seu quarto, ele languidamente rumou até lá e a abriu. Conforme ele esperava, o sr. Armitage arregalou os olhos diante da cena.

— Bethany? — Richard parou bruscamente ao vê-la deitada na cama, quase nua. Ele havia fantasiado tê-la em sua cama, nas duas últimas noites, embora, em suas visões, ela não o fitasse tão aterrorizada. Sem conseguir esconder o riso, ele acrescentou: — Que surpresa encantadora!

Ajoelhando-se, ela agarrou a colcha para se proteger daquele olhar de apreciação e precipitou-se para a mesa ao lado da cama, com um grito de ultraje.

Antes que Richard pudesse identificar o objeto voador, sua pesada caneca de barbear zuniu próxima a seu ouvido, seguida de uma obra de Ovídio. Recuando depressa, ele fechou a porta atrás de si. Olhou, embaraçado, para o sr. Armitage.

— Não posso acreditar que a srta. Dallison esteja recebendo visitas a esta hora.

O banqueiro tinha a mão no peito, como se estivesse prestes a passar mal. Seu olhar assustado repousou sobre a caneca e o livro no chão.

— O senhor é um grande salafrário! — o curador exclamou, tão agitado que Richard quase lhe ofereceu o vinagrete.

Armitage passou por ele, cambaleando, e bateu à porta, somente para ouvir Bethany repreendê-lo, furiosa.

— Senhorita, meu nome é George Armitage. Sou conhecido na cidade por ser um homem decente e estou disposto a lhe oferecer qualquer tipo de ajuda que precisar para escapar das mãos deste devasso.

As acusações injuriosas foram interrompidas. Richard temeu a perspectiva de Bethany tirar vantagem da oferta e escapar por entre seus dedos.

— Já vou sair. — A voz feminina soou inesperadamente calma.

Richard retesou-se e esperou. Ela devia estar tramando alguma coisa.

Alguns minutos depois, a porta foi aberta, proporcionando uma ampla visão da

cama desarrumada. Bethany tinha se vestido, mas não conseguira dar o laço de seu corpete às costas. O xale havia desaparecido. Os fios de cabelos voavam sobre seu rosto enquanto ela se aproximava do banqueiro.

Richard queria sacudi-la até fazê-la ranger os dentes.

— Graças a Deus, o senhor está aqui! Lorde Harcourt é um homem desprezível!

Ela aninhou a cabeça no ombro do curador, que lhe pediu que se acalmasse, acariciando-a nas costas.

Richard rangeu os dentes diante da encenação da noiva, mas o outro homem parecia totalmente comovido.

Uma onda de raiva acometeu Richard quando ela levantou a cabeça outra vez, implorando que o sr. Armitage a resgatasse.

— Pare com isso, Bethany! Eu nunca lhe fiz mal algum.

A falta de remorso de Richard irritou o curador. Esforçando-se para respirar, ele olhou da cama para a jovem vestida de modo impróprio, antes de encarar Richard.

— Nunca fez mal a ela, senhor? A srta. Dallison está quase histérica devido ao tratamento brutal que lhe é imposto!

O banqueiro se voltou para Bethany.

— Eu a reconheci de imediato, minha menina. A senhorita se parece muito com seu pai. — Afastou-a um pouco para fitá-la nos olhos. — Agora me diga a verdade. Este homem... — Ele engoliu em seco antes de concluir a pergunta: — Este homem a desonrou?

O pranto de Bethany abafou os protestos de Richard.

— Não posso falar sobre isso, senhor! Fui raptada de minha casa e forçada a passar duas noites na companhia de lorde Harcourt... Foi horrível!

O sr. Armitage cambaleou até o banco de encosto alto na sala e sentou-se.

— Essa é a pior notícia que a senhorita poderia me dar. Não há esperança, então. Deve se casar com ele, a menos que sua mãe a acolha, apesar de sua reputação arruinada.

— Não, ela jamais aceitaria esta situação — Bethany falou depressa. — Eu... não posso ser cortejada por um homem decente como o sr. Ilkston nestas circunstâncias.

Richard a observava, perspicaz.

— Mas lorde Harcourt deseja se casar comigo apenas por causa do meu dinheiro — ela prosseguiu.

— Ele mal tem sido capaz de me alimentar durante os dois últimos dias.

— Que situação lamentável, minha cara. — O tom de voz pesaroso do sr. Armitage demonstrava sua sincera simpatia por ela. — Esse canalha poderia ser processado por tal crime, mas a senhorita passaria o resto da vida à margem da sociedade. — Ele meneou a cabeça em negativa. — Por mais repugnante que seja, o casamento com o sr. Harcourt é a sua melhor escolha.

Com um suspiro, ele anunciou que enviaria uma carta de crédito naquele mesmo dia e, devido à condição financeira lastimável de Richard, tirou a própria carteira do bolso e a entregou a Bethany para as necessidades imediatas.

Desprezando a presença de Richard, que o acompanhou até a porta, o curador

pediu licença e se retirou, balançando a cabeça com pesar.

Richard e Bethany ficaram olhando para a porta fechada durante vários segundos antes que ele se voltasse para ela.

— Meu pai me ensinou a nunca bater em uma mulher, por motivo algum, srta. Dallison — falou, comedido. — Mas depois do episódio de há pouco, acho que ele não me repreenderia se eu lhe desse umas boas palmadas no traseiro. Agora terei de me casar com você para salvar a *minha* reputação.

— Shh! Você terá sua carta de crédito, e conseguimos dinheiro suficiente para nos manter durante alguns dias. — Ela fez sinal para que Richard se calasse e começou a contar as notas da carteira de couro. — O sr. Armitage nos deixou várias libras. Quanta gentileza... Acho que devemos convidá-lo para o nosso casamento.

— Para preservar nossa reputação, a cerimônia deve se realizar o quanto antes. — Ele pareceu ainda mais sério. — Sempre foi assim fingida?

— Apenas expus os fatos. O sr. Armitage tirou as próprias conclusões, a culpa não é minha. — A voz altiva não escondia o ar sorridente de Bethany.

— Foi horrível? — ele sussurrou. Ela corou, encabulada, mas replicou:

— Eu estava me referindo à carruagem... — Clareou a garganta. — Meu comportamento foi vergonhoso.

Olhou para si mesma, reparando em sua aparência deplorável, e correu para dentro do quarto de Richard.

Ele a viu fugir e disse que ela precisaria de ajuda para dar o laço do corpete.

Riu quando a ouviu exclaimar:

— Oh!

No final da tarde, Bethany foi, de braço dado com Richard, à paróquia de Saint Bride, à procura de Jeremiah Barker.

Embora tivesse algumas informações quanto ao paradeiro do pastor, ela não sabia chegar lá, em meio ao congestionamento londrino. As ruas que cruzavam naquele momento eram totalmente estranhas para ela.

Agarrou-se ainda mais ao braço de Richard enquanto andava com ele em meio à multidão de pedestres, tentando manter a saia do vestido novo livre da sujeira. Para seu alívio, ele caminhava calmamente, alheio à confusão. A postura ereta e o florete que carregava preso à lateral da calça intimidavam o menos desejável elemento à volta.

Acostumada a passear pelas alamedas da aldeia onde morava, Bethany refletia que o caminho até Saint Bride não tinha fim. Ela nunca havia imaginado que uma cidade pudesse se expandir tanto quanto Londres.

Por fim, Richard avistou a igreja. Após fazer algumas perguntas a um paroquiano, descobriram o endereço exato da residência do sr. Barker. Logo o casal se encontrava diante da porta da casa revestida de madeira, a alguns quarteirões da igreja. Bethany deu o nome de ambos à criada que os atendeu, e foram conduzidos a uma pequena sala de visitas. Ela havia acabado de tirar a capa quando o sr. Barker surgiu, apressado, acompanhado da esposa.

O casal mais velho sorriu, radiante, ao ver Bethany. Os brilhantes olhos azuis do sacerdote protestante davam a impressão de que ele sabia que algo estranho estava acontecendo. A esposa, de modos mais contidos, parecia igualmente alerta.

— Bethany! — ele a cumprimentou calorosamente, fitando-a da cabeça aos pés. — Mal pude acreditar quando Jane informou que você estava aqui. Por que veio me procurar? E na companhia de um nobre?

Os olhos astutos se voltaram para Richard enquanto lhe dava as boas-vindas. A esposa se aproximou e abraçou Bethany.

— Oh, meu querido, primeiro vamos convidar nossa visitas a se sentar enquanto Jane providencia um refresco. — Ela se sentou próxima à lareira e indicou a cadeira ao lado do marido.

Cortês, Richard conduziu a noiva a um sofá de carvalho e se acomodou junto a ela.

Os Barker perguntaram como passava a família Dallison, e falaram sobre a vida que levavam em Londres quando a criada entrou, trazendo uma enorme bandeja com um jarro de suco, copos e uma torta de passas e frutas cristalizadas. Após servi-los, Jane se retirou. Então o casal mais velho focou a atenção nos visitantes, dando a impressão de que dariam início a um interrogatório.

— Deve estar envolvida em alguma situação embaraçosa, não é, Bethany? — o sr. Barker questionou, austero, mas não grosseiro. — Suponho que vá me contar do que se trata e qual é sua relação com esse rapaz.

Ela respirou fundo, considerando a melhor resposta. Havia passado um bom tempo pensando em como explicaria o súbito desejo de se casar com um homem que a mãe obviamente não aprovaria.

Antes que Bethany respondesse, Richard interveio:

— Tive o prazer de conhecer a srta. Dallison enquanto visitava alguns parentes no verão passado. Apaixonei-me por ela na ocasião, mas apenas recentemente descobri quão importante ela é para minha felicidade. Então, poucos dias atrás, retornei à aldeia na esperança de me casar com ela.

Bethany observava o próprio copo, ao mesmo tempo divertida e indignada com as palavras de Richard.

— Acho que a srta. Dallison fugiu de casa para se casar com esse rapaz, Jeremiah. Débora Dallison estava determinada a beneficiar-se com o fato de ter o sr. Ilkston como genro. — A sra. Barker franziu o cenho. — Nunca gostei dele.

— Sem dúvida, ele é um homem muito presunçoso. Todavia, o ponto crucial é que Bethany deve ter passado a noite sem uma acompanhante durante a viagem até a cidade. — O sr. Barker a fitou, severo.

— Espero que esteja nos visitando para apresentar seu marido.

Bethany suspirou.

— Não. — Antes que os anfitriões protestassem, ela acrescentou: — Lorde Harcourt expressou sua... nobre... intenção em relação a mim em Stanworth. Então pedi a ele que me trouxesse a Londres na esperança de que o senhor nos case.

— Ah... — O sr. Barker pôs seu copo de lado. — Você cometeu um sério ato de desobediência contra sua mãe. Não posso ignorar tal fato. — Ele demonstrou desagrado, até que a esposa o afagou na mão.

— Por outro lado, Eliza e eu sempre imaginamos se o sr. Ilkston seria o marido ideal para você. Além do mais, há a questão de você ter passado a noite sem uma acompanhante.

Bethany retesou-se na cadeira, preocupada com a hesitação do pastor. Depois de

algumas considerações, o sacerdote pediu para conversar a sós com Richard.

Richard assumiu uma expressão alarmada e a fitou de modo acusador.

Ela o encarou com os olhos arregalados e um discreto meneio de cabeça, dando a entender que não esperava aquela reação da parte do sr. Barker. Um ruído abafado interrompeu a conversa silenciosa.

O jovem casal olhou para a sra. Barker, que tinha os braços cruzados sobre o peito.

— Venha, Bethany. Vamos levar esta bandeja de volta à cozinha, em seguida vou lhe mostrar a casa.

A mulher se levantou para recolher os pratos sujos e depois conduziu a visitante para fora da sala.

Certificando-se de que a porta tinha sido fechada com a saída da esposa e de Bethany, o sr. Barker serviu mais suco para si mesmo e para Richard, que agradeceu. O anfitrião sorriu, simpático.

— Então... o senhor tem muitas dívidas? Richard quase derrubou o copo diante do olhar do sacerdote.

— Não precisa ficar tão surpreso. É um nobre, e os Dallison não mais do que uma boa família. O senhor jamais pensaria em se casar com uma jovem de posição social inferior à sua se não fosse por um motivo desesperador. Como Bethany é herdeira de uma vultosa fortuna, deduzi que o senhor está interessado no dinheiro.

O aristocrata se manifestou:

— Posso lhe assegurar que minhas intenções em relação à srta. Dallison sempre foram honradas.

— É a única maneira de tirar o dinheiro dela, não? — O pastor prosseguiu antes que Richard pudesse responder: — Não creio que tal propósito o torne melhor do que o pretendente que a mãe de Bethany escolheu para a filha.

— A srta. Dallison concordou em se casar comigo de livre e espontânea vontade. — Richard fitou o sr. Barker nos olhos. — Pergunte a ela o senhor mesmo, se não acredita em mim.

— Conheço-a desde criança. O pai era um homem muito devotado a Deus, morreu quando ela tinha quatro anos de idade. A mãe é suspeita, de ter os mais inocentes prazeres, e escolheu um homem de temperamento similar para se casar com Bethany.

Ele balançou a cabeça de um lado para o outro.

— O sr. Ilkston é um excelente partido, mas dificilmente o mais adequado á essa menina. — Encarou Richard. — Um título seria uma grande conquista para Bethany Dallison. Mas devo perguntar: Que preço ela terá de pagar por ele, milorde? Será desprezada por não ter nascido em meio à nobreza enquanto o senhor gasta o dinheiro da família dela?

Richard se endireitou e olhou friamente para o sr. Barker.

— Desculpe-me, mas não pretendo causar sofrimento à minha esposa. — Afastou-se alguns passos antes de se voltar e estreitar os olhos. — Ela será apresentada a Sua Majestade assim que nos casarmos e aparecerá de braço dado comigo nos eventos da alta sociedade. O resto do tempo, ela passará na propriedade de campo de minha família. Não desejo privá-la de nenhum tipo de diversão respeitável, destinada a mulheres da mesma classe social que ela. E certo que exigirei que seja tratada com toda a honra

devida à sua posição como lady Harcourt e, se Deus quiser, como a mãe de meu herdeiro.

— Muito bem, rapaz. — O sr. Barker bebericou o suco mais uma vez, imperturbável. — Mas como será tratada nas mãos do marido?

Richard o olhou fixamente. Então lembrou-se do pai, caído em meio ao próprio sangue, e da promessa feita a ele nos últimos minutos de vida. Richard já havia falhado duas vezes. A fortuna dos Dallison tinha a chave que lhe permitiria honrar o resto de seu juramento.

— Um cavalheiro não insulta a própria esposa.

Uma resposta curta, mas que levou o sacerdote a assentir com um gesto de cabeça.

— Nesse caso, ficarei contente de realizar seu matrimônio.

Bethany olhou sobre o ombro para a porta fechada, antes que a sra. Barker a guiasse em direção à cozinha. Chegando lá, Jane correu e pegou a bandeja das mãos da patroa. Então a anfitriã conduziu a visitante pela casa.

Dirigiram-se a um aposento pequeno no andar superior. A luz do sol penetrava pelas vidraças, iluminando os móveis de nogueira. Bethany exclamou, encantada, ao ver o último trabalho da sra. Barker, um jogo de cortinas de linho verde-escuro, rosa e ametista.

— Obrigada, querida. Minha filha me visita toda semana e trabalha junto comigo. É uma alegria estar tão perto dela e dos meus netos. — Ela ergueu a cabeça para Bethany. — Agora me diga onde encontrou esse rapaz tão bonito.

Bethany atrapalhou-se ao contar à boa mulher que tinha conhecido Richard enquanto visitava Gloriana na casa da tia. Depois de mais algumas perguntas, a senhora revelou sua maior preocupação:

— Você é uma moça virtuosa, mas esse lorde tem muito... bem, charme. Seria preciso ter muita força de vontade para resistir, caso ele tentasse persuadir uma jovem dama à má conduta. Embora o perdão possa ser prontamente concedido à mulher com quem ele pretenda se casar...

Bethany foi até a janela. Duvidava que pudesse enganar a sra. Barker, mas mesmo assim não podia suportar a ideia de que ela visse seu rubor.

— Lorde Harcourt tem se comportado da maneira esperada para alguém de sua posição social.

Bethany ouviu o farfalhar de uma saia atrás de si.

— Minha querida menina, se lorde Harcourt a estiver obrigando a se casar com ele de alguma maneira, não se acanhe em pedir abrigo a nós.

— Não! — A exclamação escapou de seus lábios antes que ela se desse conta. — Pode ser um pecado contra minha mãe, mas acho lorde Harcourt um pretendente muito mais atraente do que o sr. Ilkston. Oh! — Pousou a mão sobre a boca. — Isto é, quero dizer...

— Não se preocupe. Eu entendo.

Bethany duvidava que aquela santa mulher realmente pudesse compreendê-la, mas preferiu não contrariá-la. Forçando um sorriso enquanto a sra. Barker lhe afagava a mão com simpatia, permitiu-se ser conduzida para fora do quarto e depois escada abaixo.

Capítulo V

Dois dias depois, Bethany subiu ao mesmo quarto enquanto aguardava ser chamada para seu casamento. Os Barker insistiram para que ela ficasse hospedada na casa deles em vez de retornar ao apartamento de Richard. Ela havia concordado para preservar sua pureza, mas lamentou o fato de que não veria o noivo até o dia do enlace matrimonial.

Richard não tinha aprovado a ideia, então ela pediu para conversar a sós com ele. O pastor concordou em se ausentar enquanto a esposa permanecia do outro lado da sala de visitas. Em um confronto sussurrado, Richard acusou o casal de planejar dissuadi-la da ideia de se casar com ele, apesar de o sr. Barker ter concordado em realizar a cerimônia religiosa.

Bethany balançou a cabeça, negando. Argumentou que o pastor não teria aceitado casá-los se fosse contra a união.

Richard a segurou pelo queixo até que ela o fitasse nos olhos.

— A menos que você peça a eles que a ajudem a escapar.

O simples toque fez com que o coração de Bethany disparasse a ponto de ela mal poder responder:

— Não tenho razões para isso. Vou ter minha casa e um título, lembra-se? E você também prometeu me apresentar ao rei.

Quando o polegar de Richard lhe acariciou os lábios, ela engoliu em seco.

— Recordo-me de não ter feito promessa alguma. Além do mais, posso ter de reconsiderar o que eu disse. — Ele cerrou as pálpebras. — Sua Majestade tem certa fraqueza por mulheres bonitas.

Inclinou-se para beijá-la, mas teve de se interromper a meio caminho, quando a sra. Barker clareou a garganta, da cadeira onde se encontrava sentada, costurando.

Os dois se afastaram, Bethany inconsciente de que ecoava o suspiro exasperado de Richard. Sem que a sra. Barker percebesse, ele deslizou a outra mão e agarrou a da noiva. Ela retribuiu a pressão sem pensar.

— Está anoitecendo, milorde. É melhor que tome seu rumo agora. Não é seguro caminhar por essas ruas à noite. — A sra. Barker deixou a costura de lado, demonstrando estar mais preocupada com a segurança de Bethany do que com a de Richard.

Bethany não o via desde então, embora ele tivesse mandado mensagens por intermédio de Lane, que fazia o papel de um inesperado cupido. Ele viera no dia anterior, trazendo alguns pacotes que tinham chegado ao apartamento de Richard. Reconhecendo de imediato as roupas que havia comprado, ela as carregou para o andar de cima a fim de examiná-las, seguida pela anfitriã. A boa senhora se divertiu abrindo os pacotes tanto quanto a própria Bethany, confidenciando que adorava cores vivas.

A agradável diversão terminou quando Lane informou que Harcourt tinha obtido uma licença especial para que o casamento fosse realizado na tarde seguinte. Diante da inevitável consequência de sua decisão, ela ficara pálida, mas havia concordado com os arranjos com voz firme.

Bethany andava pelo quarto, inquieta, à espera da sra. Barker, que a conduziria até a sala de estar, onde seria realizada a cerimônia. Mais cedo, ela havia ajudado Bethany a vestir a roupa do casamento, um elegante vestido adamascado que realçava o tom de pele e os cabelos ruivos brilhantes, presos no alto da cabeça.

Tentando controlar a impaciência, sentou-se e cruzou as mãos no colo. Sua vida tinha mudado drasticamente em apenas cinco dias. Ia se tornar lady Harcourt dentro de pouco tempo, esposa de um homem que a tolerava por dinheiro. Com o sr. Ilkston, não seria diferente, refletiu com amargura. Ao menos Richard a considerava fisicamente atraente. Ela evitou pensar na resposta acalorada de seu corpo ao toque do lorde.

Havia apenas uma questão pendente. Bethany umedeceu os lábios, esperando ter interpretado a pobreza do noivo corretamente.

A sra. Barker abriu a porta, vestida de modo formal. Assim que beijou Bethany, perguntou se ela estava pronta.

Muito nervosa, ela assentiu brevemente.

Pegando-a pela mão, a sra. Barker a acompanhou até o andar de baixo. Pararam diante da porta fechada da sala de visitas. Com um olhar de aprovação, a sra. Barker falou:

— Você está linda, querida. — Os olhos sagazes examinaram o rosto de Bethany. — Tem certeza de que não quer mudar de ideia?

Bethany negou com um gesto de cabeça.

— Não. — Sua única opção seria voltar para a casa da mãe, e tremia só de pensar em como seria recebida.

Satisfeita, a senhora abriu a porta da sala com um floreio e escoltou a noiva para dentro.

De acordo com suas convicções, apenas o noivo e as testemunhas a aguardavam. Richard a examinou, ansioso. Estava vestido com grande esmero, usava um casaco de couro com detalhes em brocado sobre a camisa de mangas longas que deixava os punhos expostos, gravata em forma de laço, calça e botas lustrosas. Os cabelos ondulados caíam sobre seus ombros.

Tamanho esplendor contrastava com o severo traje preto do sacerdote, que se encontrava próximo ao noivo.

Além de Bethany, de Richard e dos Barker, somente o sr. Armitage e um de seus escreventes estavam presentes. O rapaz contemplava a rua pela janela, desinteressado.

Bethany sentou-se ao lado de Harcourt. O pastor começou interrogando se havia algum impedimento para aquele casamento.

— Sim. — O coração de Bethany batia, acelerado, mas ela se forçou a demonstrar calma ao falar.

Richard virou-se para olhá-la, atônito. O sr. Armitage proferiu uma exclamação de espanto enquanto o escrevente desviava o olhar da janela, curioso. O sr. Barker clareou a garganta.

— Por favor, diga-nos que impedimento seria esse — ele pediu, sereno, apesar

das sobancelhas arqueadas.

— Não foi feito um acordo. — Bethany encolheu-se.

Richard franziu o cenho para ela. O escrevente se animou com a interrupção enquanto o banqueiro balbuciava:

— Minha cara, diante das circunstanciais, um acordo prévio à cerimônia não é plausível. Pode levar semanas, e é imperativo que a senhorita se case para preservar seu bom nome! Assim como... — ele tossiu discretamente antes de relancear os olhos para o ventre da noiva — ...para se proteger de alguma situação imprevisível.

O escrevente sorriu, divertido com o contratempo, mas interrompeu-se diante do resmungo ultrajado da sra. Barker.

— O sr. Armitage tem razão, Bethany. Em geral, um contrato assinado funciona como um pré-requisito para o casamento. — O sr. Barker lançou um olhar de reprovação a ela. — Em seu caso, todavia, é dispensável.

O coração de Bethany quase parou de bater. Ela respirou fundo, procurando disfarçar o pânico que a dominava.

— Se não houver acordo, não haverá casamento.

Todos à volta a encararam, pasmos. Após um momento de silêncio, o curador e o sacerdote explicaram por que a cerimônia deveria prosseguir sem o costumeiro acordo financeiro.

À esquerda da noiva, o sr. Armitage salientou que nenhum dos presentes poderia negociar a favor dela. À direita, o sr. Barker reiterou que a reputação maculada da noiva tornava o casamento com Richard imprescindível naquele momento.

Bethany fitou Richard. Ele parecia petrificado, a incredulidade e a fúria estampadas em seu rosto. A culpa por desapontá-lo a atingiu, até que se recordou das dívidas de jogo e das contas não pagas pelo lorde.

— Minha mãe não vai precisar negociar por mim se lorde Harcourt assinar um acordo com o sr. Armitage.

— Oh? — Richard se manifestou pela primeira vez desde a imposição de Bethany. Sua voz era suave, mas os olhos brilhavam perigosamente.

— Quero um crédito de dez mil libras em meu nome apenas, para que eu possa fazer o que eu bem entender com esse dinheiro. — Ela se voltou ao atordoado banqueiro. — Se os recentes extratos bancários enviados a minha mãe estiverem corretos, as outras dez mil libras ficarão de posse de lorde Harcourt assim que nos casarmos, não?

O homem gaguejou que ela havia lido os extratos corretamente.

Olhando para o rosto corado de Richard, ela prosseguiu:

— Você disse que minha fortuna era mais do que suficiente para satisfazer suas necessidades quando acreditava que ela estivesse em torno de quinze mil libras. Dez mil serviriam aos seus propósitos?

Em resposta, ele tentou agarrá-la, porém ela se afastou depressa, deixando a cadeira entre eles.

— Está... mentindo... *querida!*

Bethany engoliu em seco, as mãos agarradas ao encosto da cadeira, tentando se sustentar de pé, apesar dos joelhos trêmulos.

— Você me enganou primeiro, não foi? — A fúria de Richard forçava os outros

homens a se manter calados enquanto ele caminhava pela sala. — A única razão pela qual concordou em se casar comigo foi para pôr as mãos na sua herança.

A injustiça daquela acusação a levou a atacá-lo novamente:

— E por que não? Você fez o mesmo!

— Ao menos fui honesto quanto às minhas intenções e razões. Meu Deus, e pensar que eu estava prestes a colocá-la na casa de minha mãe!

Alarmado, o sr. Barker interveio:

— O senhor está retirando sua proposta de casamento após arruinar a reputação desta jovem dama?

Bethany quase gritou antes que Richard pudesse responder:

— Milorde encontrou outra herdeira mais acessível?

Negando com a cabeça, ele bradou:

— Não! E mantenho a proposta de me unir à senhorita. — Obviamente se esforçando para controlar o tom de voz, ele se dirigiu ao pastor: — Creio que devemos adiar este evento até que o contrato seja elaborado.

— Posso me encarregar disso — o escrevente falou pela primeira vez.

Todos na sala se voltaram ao homem franzino que pouco antes havia dado mostras de que se divertia com a situação.

— Vou precisar apenas de papel, pena e tinta para redigi-lo agora mesmo.

— Ótimo! — Richard e Bethany exclamaram ao mesmo tempo e fuzilaram um ao outro com os olhos.

O sr. Barker, demonstrando tanta ira quanto seu temperamento calmo permitia, pronunciou-se:

— Não posso aprovar tamanha inconveniência.

Apesar das palavras do sacerdote, o indignado casal de noivos apressou o escrevente para que terminasse o contrato.

Vinte minutos depois, o documento foi entregue a Richard. Furioso, ele assinou os papéis e o lançou sobre a mesa, para Bethany.

— Está satisfeita, milady?

Com o coração disparado, ela leu o contrato com cuidado duas vezes e assentiu. O documento dizia que, com o casamento, ela teria plenos direitos sobre a metade da herança deixada pelo pai.

— Muito bem. — Pálido, com os lábios estreitados, Richard gesticulou para que ela se posicionasse diante do sacerdote. — Então, case-nos.

O pastor cruzou os braços.

— Não é recomendável unir duas pessoas em matrimônio nesse estado de ânimo tão exaltado.

Richard gesticulou com as mãos para o alto.

— Como vou me acalmar se o senhor me rejeita? Concordou em realizar a cerimônia dois dias atrás.

— Sim, concordou — Bethany interveio, com firmeza. — E aceitei me casar de boa

vontade.

Após tanta insistência, o sacerdote efetuou o casamento, embora percesse contrariado. Por sua vez, a noiva e o noivo trocaram os votos com ar de distinta hostilidade, e a homilia soou mais como uma repreensão destinada a duas crianças briguentas, por fim, o pastor declarou que Richard e Bethany eram marido e mulher.

O sr. Armitage secou o suor do rosto com um lenço e exalou um suspiro de puro alívio. A sra. Barker, ainda bastante nervosa, o convidou para o jantar, porém ele recusou, justificando que precisava voltar ao banco.

Apenas o estranho escrevente felicitou os recém-casados com certo entusiasmo. Apertando a mão de Richard, exclamou:

— Foi o casamento mais animado que já vi, milorde! Felicidades ao senhor e à sua adorável noiva. — Fez uma breve reverência. — Sou Edmund Leafley, a seu dispor. Se eu puder ser útil, não hesitem em me contatar. — Antes de partir, seguindo o patrão, acrescentou: — Nunca assisti a nada tão bom no teatro.

Depois de saborear a excelente galinha assada de Jane, Richard se levantou da mesa. Seu humor parecia ter melhorado, mas os olhos demonstravam frieza ao fitar a noiva.

— É noite, e já passou da hora de voltarmos a nosso apartamento.

O coração de Bethany fraquejou diante das poucas palavras do marido. Ele a ajudou a vestir a capa e deixou a casa, segurando-a pelo cotovelo enquanto caminhava a passos largos pelas ruas escuras. O vento noturno de inverno soprava, congelando-a.

* * *

Richard mal percebia o frio. Andava mecanicamente, empurrando a encantadora e dissimulada esposa a seu lado. Ele se enfureceu outra vez ao concluir que estivera aos pés de Bethany, embora o lado racional lhe dissesse que havia feito o mesmo com ela dias antes. Tentou afastar a ideia de que aquela simples garota do campo o havia tratado como um tolo.

Ela tropeçou numa pedra e ele instintivamente a segurou. Em seguida, cerrou os maxilares diante do mudo agradecimento que ela lhe enviou com o olhar. Fora usado friamente. Recusando-se a encará-la, prosseguiu o caminho a passos largos. Ela iria pagar por isso. Ah, se iria!

Verdade fosse dita, Richard não se sentia um homem casado depois da breve cerimônia religiosa. Havia sido proferidas apenas algumas frases e um sermão, nada mais, ele refletia. Não houvera nenhuma bênção, e os noivos nem mesmo trocaram alianças. Barker rejeitara tal ideia, informando-o de que era contra idolatria.

Richard franziu o cenho. Aquilo teria de mudar. Ele se recusava a apresentar a esposa à negligente corte de Charles sem que ficasse claro que Bethany não estava disponível a flertes. Ela podia ter o próprio dinheiro, mas era sua esposa, e Harcourt não toleraria que fosse cortejada por outro homem.

Richard conduziu Bethany escada acima, em direção a seu apartamento. Assim que entraram, ele trancou a porta, deixando-a assustada. Ele a olhou de relance antes de colocar a chave na cornija da lareira. Ela relaxou um pouco. Ao menos, ele não pretendia prendê-la.

Pelo visto, Lane tinha andado ocupado na ausência do patrão. A lareira estava pronta para ser acesa, e duas taças encontravam-se junto a uma garrafa de vinho sobre a

mesa dobrável. Bethany engoliu em seco ao recordar-se do propósito de uma noite de núpcias.

Ele tirou a capa, o chapéu e as luvas. Ignorando-a, foi até a janela e ficou olhando a rua lá embaixo. A raiva ainda o dominava. Ela permanecia no mesmo lugar onde tinha sido deixada, no meio da sala, ainda de capa.

Richard virou-se para ela, o calor tragando a frieza de seus olhos e de sua expressão. Bethany fitou o chão.

— Olhe para mim — ele pediu, aproximando-se.

Ela o encarou. O medo a fazia ofegar, mas estava determinada a aceitar as consequências de seus atos.

— Você me usou.

Ela se encolheu diante da acusação sussurrada, mas não a negou. Fixou o olhar na parede oposta quando ele se moveu rumo à mesa e serviu uma taça de vinho.

— Humilhou-me diante de pessoas estranhas.

— Eu? — Ela se virou para encará-lo. — Você me usou. E continuará me usando porque a lei lhe dá esse direito. Além de usufruir do meu dinheiro. — Sorriu, amarga. — Já pensou em como serei humilhada toda vez que você usar meu dinheiro para presentear outra mulher? — Ergueu o braço para desamarrar a capa, mas Richard a agarrou pelo pulso.

— Não, *querida esposa*. O que o pastor Barker disse em sua rápida homilia? Uma esposa leal é o tesouro do marido...?

Ele a rodeava enquanto falava, ainda zangado, mas ligeiramente próximo a ponto de seus murmúrios soprarem contra a pele de Bethany. Ele parou atrás dela.

— Deixe-me ver o tesouro com o qual me casei. — Sua respiração soprava contra o pescoço delicado enquanto ele soltava a capa e a tirava dos ombros da esposa. — Deixe-me descobrir qual é a melhor maneira de usá-la.

Ao ouvi-lo pronunciar as últimas palavras, Bethany sentiu um nó no estômago. Havia imaginado que ele fosse ficar furioso, mas nunca lhe ocorrera como Richard reagiria. Tentou se afastar, porém ele a puxou de volta, o braço envolvendo-a pela cintura. Bethany ficou paralisada ao sentir o corpo inteiramente junto ao dele. Respirou fundo quando a boca quente a pressionou na nuca, e as pontas dos dedos fortes roçaram a parte superior dos seios alvos. Como sempre, seu corpo a traía ao mais simples toque de Richard. Ela fechou os olhos, a pele formigando sob a hábil carícia.

— Sim — ele lhe sussurrou ao ouvido, incendiando-a por dentro. — Minha esposa. *Minha*. Para fazer o que eu desejar.

Ela ofegou de prazer e contrariedade ao mesmo tempo, devido à arrogância do marido. Tentando escapar das sensações inebriantes que ele lhe provocava, afastou-se.

Ele não a deteve, mas continuou a acariciá-la nos ombros enquanto ela se movia. O alívio de Bethany se transformou em pavor quando ele tornou a agarrá-la por trás.

— Obrigado, minha querida. — Ele sorria enquanto abria o corpete.

— Pare com isso! — Ela o fitou sobre o ombro, mas ele a ignorou, concentrado em lhe tirar o vestido.

Quando Richard ergueu os olhos para ela, Bethany respirou fundo, sentindo a boca seca. Nunca alguém a havia olhado com tanto desejo.

— Agora somos marido e mulher. — Ele mantinha os olhos fixos nos dela, embora as mãos continuassem a abrir o corpete. — Apesar de seus joguinhos, ainda tenho meus direitos de marido. — Ele a virou de frente para encará-la.

Bethany tentou resistir, porém ele a puxou para mais perto e lhe envolveu o rosto com as mãos.

— Para ser mais exato, ambos poderemos nos divertir com as delícias propiciadas pelo casamento. — Richard deslizou a boca pela face aveludada até encontrar os lábios macios.

Ela suspirou quando a língua experiente invadiu sua boca e recuou, provocando-a. Atrevida, abriu a boca em um convite mudo. Sem perder tempo, ele a beijou, a língua se unindo à dela repetidas vezes.

Quando, por fim, se afastaram, ela pousou a testa no ombro rijo, ofegante. Nunca negara a atração que sentia por Richard. Mas a mãe tinha lhe incutido a ideia de que os homens queriam esposas de conduta impecável, mesmo que não demonstrassem o mesmo tipo de comportamento. Ela levantou a cabeça.

— Você me quer para usufruir... das delícias do casamento de que falou há pouco?

Os olhos de Richard cintilaram.

— Sim, pequena puritana, quero. — Ele sorriu ao afagá-la nos braços.

Assustada, olhou para baixo e descobriu que ele tinha abaixado as mangas do vestido. A gravata dele também havia desaparecido. Ela recuou, tentando escapar das mãos irrequietas do marido, no entanto ele a seguiu e terminou de soltar o corpete. Mortificada, viu-se diante dele com a parte de cima do vestido amontoada na altura da cintura. Richard lhe tomou as mãos nas suas, para evitar que se cobrisse.

— Timidez não combina com você, minha cara. Não pela forma como seu corpo responde ao toque de minhas mãos e de minha boca. — Ele fixou o olhar nos seios volumosos.

Bethany arfou quando ele a beijou e mordiscou no pescoço. A seguir, as mãos experientes desceram para a cintura fina, empurrando o vestido em direção aos quadris arredondados. Com um solavanco, o tecido de algodão e o saíote deslizaram para o chão.

Richard respirava com dificuldade e os olhos verdes brilhavam de desejo ao observá-la por inteiro.

— Chega de jogos. Eu desejo você, e você me deseja.

Os joelhos de Bethany se dobraram de leve mediante a declaração feita em voz rouca. Como havia feito na estalagem, ele a pegou no colo com facilidade. Ela enterrou o rosto afogueado no ombro masculino enquanto ele a levava ao quarto.

Surpreendendo-a, Richard a colocou de pé junto à beirada da cama. Bethany pensava se ele mudara de ideia até que ele começou a desfivelar o cinto. Encarava-a enquanto o paletó e depois o colete eram atirados ao chão.

Vendo-o apenas de camisa, calça e botas, ela engoliu em seco, mas não se moveu.

— Simplesmente não sei o que fazer.

Richard observava a nudez feminina sob a roupa leve quando finalmente falou:

— Siga-me, Bethany. Apenas me siga. — Ele respirou fundo ao erguer as mãos e tocar os cabelos ruivos.

Ela sentiu as mechas macias cair uma a uma à medida que ele ia tirando os grampos. Richard afagou as madeixas espalhadas sobre os seios firmes, deixando os dedos afagar os bicos macios sob a camisa.

Bethany respirou com dificuldade ao sentir os mamilos se intumescer com o toque ousado. Richard por sua vez, parecia perder o controle, notando a reação da esposa. No momento seguinte, ela foi abraçada com firmeza, e a boca sensual desceu sobre a dela ao mesmo tempo que Richard brincava com os mamilos rosados, puxando-os para cima e para baixo.

Ela se agarrou aos braços fortes, murmurando o nome do marido, cuja outra mão passeava por suas costas, descendo em direção às nádegas, até que as pressionou contra o membro rijo sob a calça.

Atordado, suspirou ao vê-la deslizar sobre a cama. Sem se afastar de Bethany, ele lhe agarrou a blusa e a puxou para cima. Ela ergueu os braços para ajudá-lo. Em seguida, Richard se sentou na cama e se livrou das próprias botas, então começou a desabotoar a camisa.

Subitamente ciente de sua nudez, Bethany tentou escorregar para baixo dos lençóis, porém ele a agarrou pelo tornozelo, impedindo-a.

— Fique. Quero vê-la assim, deitada sobre minha cama com nada além desses gloriosos cabelos a cobri-la.

Paralisada sob aquele olhar ávido, Bethany viu Richard tirar a calça.

Ela nunca tinha visto nada mais bonito. Os músculos definidos sob a pele macia dos ombros largos, braços, peito e estômago fizeram com que ela umedecesse os lábios. Uma discreta camada de pelos castanhos podia ser vista logo abaixo do umbigo. Ela sabia que era terrivelmente indecente, mas não conseguia tirar os olhos da protuberância sob o tecido fino da peça íntima que ele ainda usava. Sem perda de tempo, Richard tirou o calção e expôs sua imponente masculinidade. No mesmo instante, Bethany sentiu a boca seca. Devia parecer assustada, porque ele sorriu de modo a tranquilizá-la enquanto se deitava na cama junto a ela.

— Sim, esse é o motivo de tanto estardalhaço... — Ele apoiou a cabeça sobre o braço dobrado.

Talvez os cabelos avermelhados fossem a marca de toda a sua sensualidade, porque ela não se sentia nem um pouco envergonhada com o que estava prestes a acontecer entre os dois. Ou talvez apenas correspondesse ao desejo expresso nos olhos verdes.

— Não tenha medo. — Ele passou a mão ao longo do corpo curvilíneo, detendo-se na coxa roliça.

— Não estou com medo. Não muito — ela sussurrou.

— Minha doçura... — Ele a puxou para mais perto, beijando-a, acariciando-a, murmurando o quanto a queria.

As mãos fortes passeavam livremente pela pele aveludada, fazendo o sangue correr apressado pelas veias de Bethany. Quando ela correspondeu, com certa hesitação, afagando-o nas costas e nos ombros firmes, ele a encorajou, estimulando-a a tocá-lo como quisesse.

Ela estremeceu ao senti-lo roçar o membro rígido contra seu ventre. O gesto erótico incendiou as partes mais íntimas de seu corpo. Bethany prendeu a respiração por alguns segundos e depois o exalou com força. Ouvindo-o gemer, ela parou, apreensiva.

— Fiz algo errado?

Ele pegou a mão delicada e beijou-a na palma.

— Não, suas carícias me agradam demais. Na verdade, estou mais do que pronto para possuí-la, mas você ainda não foi preparada adequadamente.

Richard virou-a de costas contra a cama e se pôs a beijá-la, descendo para um dos seios. Logo sugava o mamilo rosado, enquanto estimulava o outro com os dedos.

Bethany arqueou as costas e gritou, excitada, devido às sensações inebriantes que percorriam seu corpo. Richard tirou vantagem do momento, acomodando-se sobre ela. O primeiro impulso que a acometeu foi escapar dali, porém ele a estreitou nos braços, impedindo-a de se mover. Deslizando a mão entre os corpos unidos, ele passou os dedos pela penugem macia que cobria a intimidade feminina. Dois dedos longos acariciaram a fenda úmida de um extremo ao outro, detendo-se na sensível saliência que Bethany nunca havia imaginado existir.

Enquanto ele a afagava, Bethany apenas ofegava de prazer. Uma umidade embaraçosa formava-se entre suas coxas, mas Richard a usava para lubrificar os dedos, que deslizavam cada vez mais rápido.

Ela se sentia como se estivesse sendo levada para o alto de um penhasco. No momento em que ele a penetrou com os dedos, Bethany se descontrolou e saltou, mas, em vez de cair, voou. Sentindo-se explodir por dentro, ela gritou e investiu os quadris contra a mão de Richard.

Mal tinha acabado de voltar à Terra, quando o membro rijo a tocou intimamente. Ébria de paixão, ela o fitou nos olhos e anuiu.

Richard se moveu devagar e cuidadosamente para dentro dela, abraçando-a com ternura.

— Relaxe, doçura. Relaxe. Não tenha medo... vai doer um pouquinho na primeira vez — ele murmurava com voz aveludada enquanto a penetrava mais e mais.

Bethany sentia certo desconforto à medida que as investidas se aprofundavam, mas nada que não pudesse ser suportado. Então, com um gesto rápido e inesperado, ele mergulhou por inteiro. Lágrimas brotaram dos olhos de Bethany, e Richard apressou-se a beijá-las, pedindo desculpas por machucá-la.

Permaneceu dentro dela durante vários segundos, imóvel, enquanto ela se ajustava ao membro pulsante. Bem devagar, ele recomeçou a se mover, mas a única sensação de que ela se dava conta era uma dor intensa. Sentiu-o estremecer, esforçando-se para se deter mais uma vez.

— Richard? — Encarou-o. — Está doendo, mas, quero lhe dar prazer, por favor.

— Oh, eu não deveria... mas acho que não vou resistir...

Ele retomou as investidas, e, como num passe de mágica, a dor foi se tornando cada vez mais tolerável.

Bethany foi relaxando até que Richard perdeu o controle, agarrando-a junto a si e aumentando a velocidade dos movimentos, para atingir o clímax com um urro de prazer. Ela pousou o rosto contra o ombro largo, arfante, ao sentir o líquido, quente jorrar dentro de seu corpo.

Ele ficou deitado sobre ela durante vários minutos, porém Bethany não reclamou do peso; sentia prazer por estar tão intimamente ligada a Richard. Quando o beijou no ombro, o gosto do suor masculino invadiu sua boca. Quase sem ar, ela acariciou as

costas largas e úmidas, subindo em direção aos cabelos ondulados do marido.

— Oh, não! — ela exclamou, erguendo os olhos para o dossel enquanto um pensamento lhe ocorria.

— Hum? — Richard, ainda imóvel, fez cócegas no ouvido delicado ao murmurar.

— Acho que sujamos a colcha de sangue.

Ele se esticou e alcançou as dobras dos lençóis, a fim de puxá-los para baixo. Com algum esforço, enfiou-se entre os tecidos perfumados, carregando-a consigo.

— Deixemos para nos preocupar com isso mais tarde — falou por fim.

Bethany se sentia tão confortável que acabou concordando.

Capítulo VI

Richard perdia-se em seu sonho favorito. O rei lhe concedera grande honra na corte, e um pequeno grupo de moças disputava por seus favores. Ele sorriu ao sentir o corpo feminino a seu lado enquanto dormia. Talvez a mulher que ele encontrara na noite anterior lhe suscitasse essa profusão de visões.

Sendo um homem abastado, Richard sempre se divertira com mulheres que desejavam um amante por uma ou duas noites. Sabia que podia se divertir muito mais com mulheres que não pertenciam a sua classe social, mas não desejava contrair doenças venéreas.

A julgar pelo langor de satisfação de seu corpo, ele havia encontrado uma parceira que gostava de se exercitar na cama tanto quanto ele.

Querendo voltar aos sonhos agradáveis, aproximou-se de quem quer que estivesse dormindo a seu lado e envolveu a cintura fina com o braço.

Suspirando de satisfação, sentiu a pele acetinada sob a palma. Uma excitação familiar entre as pernas suscitou-lhe lembranças da retribuição ardorosa e dos cabelos cor de fogo.

Respirando fundo, ele abriu os olhos. Mesmo em meio à pouca iluminação do quarto, os cabelos avermelhados brilhavam sobre o travesseiro. Chocado, levantou a cabeça.

Richard não via mais do que os cabelos e parte da face, mas a respiração profunda e o estado de repouso indicavam que ela dormia. Havia feito amor mais uma vez naquela noite, depois de um breve cochilo.

Richard percebeu que brincava com os cachos macios e interrompeu-se. Não deveria tê-la tocado de novo depois da primeira vez que se amaram. Mas, ao se arrastar de volta à cama, após ter fechado a janela, não resistira ao belo corpo adormecido.

Virando-se de costas, descansou a cabeça sobre as mãos cruzadas no travesseiro, mantendo-as distantes da tentação. Os cabelos ruivos e os beijos ardentes povoavam sua

mente enquanto ele tentava ignorar a crescente excitação.

Como um coração frio e calculista podia esconder tanta sensualidade?, ele pensava. Quem poderia imaginar que uma virgem responderia tão ardentemente às suas carícias? Ou que o excitaria tanto?

Ele precisava se levantar... concluiu, irritado. Um café ali nas redondezas servia carne e cerveja aos fregueses, até mesmo de manhã. Seria desagradável a noiva acordar sozinha após a noite de núpcias, refletiu, então endureceu o coração. Quanto antes ela se acostumassem à solidão, melhor.

Ele responderia à decepção que ela lhe causara com indiferença. Pretendia deixá-la aproveitar, sozinha, o dinheiro que tanto desejara, pensou, com raiva. Ela não teria mais nada dele, nem a afeição nem a companhia.

Agora ele tinha meios para se manter. Podia comprar uma casa em Londres grande o bastante para que um não pusesse os olhos no outro. Sem mencionar um guarda-roupa e acessórios finos, além de uma amante bem-relacionada. Compraria um camarote no teatro e se divertiria nas casas noturnas enquanto sua pequena puritana ficava em casa lendo sermões.

Uma voz longínqua lhe dizia que estava sendo cruel, mas Richard a ignorou.

Então, a mesma voz lhe disse que ele devia providenciar um herdeiro. Inúmeras visões mundanas da esposa dominaram sua mente. Desanimado, saiu da cama e vestiu-se em silêncio. Decerto tinha planejado engravidá-la, depois de tê-la subjugado.

No entanto, naquele momento, precisava sair dali antes que fizesse outra tentativa de reproduzir. Tentou se convencer de que ficara tanto tempo observando-a apenas para se certificar de que ela não acordaria.

Bem mais tarde, Bethany abriu os olhos. Espreguiçou-se e sorriu, apesar da ardência entre as coxas.

Conversas entre mulheres casadas haviam lhe ensinado que as obrigações conjugais podiam levar aos tormentos do inferno ou às delícias do paraíso. No caso dela, parecia ter se enquadrado na pior categoria.

Virando-se, ficou surpresa ao descobrir que Richard não estava a seu lado na cama. Apoiando-se no cotovelo, ouviu sons vindos da sala. Os gritos dos mascates na rua saudavam seus ouvidos. Ela esperava que Richard tivesse comprado algo para o desjejum, pois se sentia excepcionalmente faminta naquela manhã.

O ar frio a atingiu quando ela lançou a colcha que a cobria para longe. Nua e batendo os dentes, apanhou a blusa do chão e a vestiu. Sentiu certo embaraço ao avistar o vestido de noiva.

Bethany compreendia o mecanismo do casamento, mas nunca imaginara que a união de dois corpos pudesse produzir tantas sensações maravilhosas. Na primeira vez, ela sentira um pouco de dor, que não era nada em comparação com o que ele lhe proporcionara depois. E na segunda vez, fora somente êxtase...

A ternura com que fora tratada a aliviava, pois ele não havia aceitado bem as manobras financeiras que ela impusera na casa dos Barker.

Isso a lembrou de que a sra. Barker havia pedido a um criado que trouxesse suas roupas ao apartamento de Richard, logo depois que o vestido de casamento fora escolhido. Por fim, avistou um pacote sobre o baú. Ao abri-lo, descobriu seu ainda escasso guarda-roupa, duas belas fronhas e um lençol de linho bordados, presente de casamento dos Barker.

Cantarolando, ela dobrou tudo e colocou sobre a cama. Notou então um segundo pacote que continha vários itens de primeira necessidade que pedira.

Agradecida, vestiu mais uma vez o vestido verde de veludo sobre uma blusa limpa. Penteou os cabelos e prendeu-os sob uma graciosa touca, o calor espalhando-se pelo seu corpo ao se lembrar do desejo estampado nos olhos de Richard ao soltar-lhe as madeixas na noite anterior.

Começou a cantarolar outra música enquanto abria a janela e arrumava o quarto. De fato, havia uma pequena mancha de sangue na colcha.

Estava terminando de reorganizar as roupas de Richard para que sobrasse espaço para as suas quando ouviu a voz zangada de Lane na escada:

— Tenho ordens para não deixar que ninguém entre no apartamento de milorde.

Bethany foi até a porta enquanto vozes abafadas argumentavam contra os protestos do cocheiro.

Ela imaginou que se tratava de um comerciante que não sabia que a condição financeira de Richard melhorara e que tinha vindo cobrar dívidas. Com a fortuna de Bethany disponível, poderiam saldar tudo, mas, levando-se em conta a pilha dos débitos, isso levaria algum tempo.

— Dê-me passagem, companheiro. Tenho uma ordem de prisão contra lorde Harcourt, e se o senhor não cooperar com a lei, será preso também.

Bethany tapou a boca com a mão. Lane parecia indiferente à ameaça.

— Está bem, vá em frente então. Mas essa ordem será inútil.

Ela ajeitou a roupa. Talvez, se se oferecesse para pagar a quantia em questão naquele dia, o comerciante diminuísse os encargos. Bethany não sabia se tal iniciativa agradaria a Richard, que não se encontrava em casa, ou se ele se aborreceria pelo fato de ela ter de negociar com um credor irado.

Meneou a cabeça em negativa. A mãe costumava comentar que os homens nunca estavam por perto quando se precisava deles. Então, decidiu salvar a própria pele.

A inconfundível voz da mãe soou alto do lado de fora da porta da frente.

— Inútil?! Creio que não, criatura miserável. Sargento, prenda-o. Ele parece ser do tipo que ajuda o patrão a raptar uma donzela inocente para roubar o dinheiro da pobrezinha. Esse aí deve ser cúmplice.

No momento em que a maçaneta da porta chacoalhou, Bethany correu para o quarto. Atordoada, pensou em se esconder embaixo da cama, mas o bom-senso prevaleceu, e ela concluiu que aquele seria o primeiro lugar que a mãe a procuraria. Refletindo se caberia dentro da arca, espiou pela porta entreaberta do quarto.

Para seu desespero, a mãe havia trazido reforços. Lorde Rothley apenas observava enquanto a sra. Dallison discursava enfadonhamente com um policial. E, para aumentar a indignação de Bethany, lá estava o sr. Ilkston, todo vestido de preto, como sempre.

Lane, o policial e lorde Rothley exibiam diferentes expressões de inquietação diante da reprimenda da sra. Dallison. O sr. Ilkston apenas concordava com as palavras da mãe de Bethany, sacudindo a cabeça em afirmativa.

O velho lorde, entre o pacífico oficial que gaguejava, confuso, e o fleumático Lane, parou de pedir a ela que reconsiderasse sua opinião a respeito do sobrinho e apanhou algo do chão.

Ele ergueu o vestido de noiva, e Bethany fechou os olhos, apavorada.

— Milady, talvez sua filha não esteja aqui apesar de tudo. — Ele examinou o tecido claro. — Esta peça não se enquadra no tipo de roupa que ela costuma usar.

A sra. Dallison gritou e voou em direção a Lane. O policial, demonstrando uma coragem inesperada, interpôs-se antes que ela pudesse atacar o cocheiro.

— Criatura pecaminosa, diga-me onde você e seu patrão abominável esconderam minha filha! — Ela pegou o vestido e ralhou com o oficial: — lorde Harcourt esconde minha pobre menina enquanto gasta o dinheiro de Bethany com prostitutas, e o senhor ainda fica protegendo o criado desse maldito?

Como a mãe começava a imaginar coisas, Bethany engoliu em seco e respirou fundo. Ela odiava o temperamento intempestivo da mãe, mas não podia deixar o pobre Lane e um desconhecido à mercê da sra. Dallison. Dizendo a si mesma que estava seguramente casada, escancarou a porta do quarto.

— Por favor, devolva-me meu vestido, mamãe. — Lamentavelmente, ela falou de um só fôlego, em vez de pronunciar as palavras no tom calmo que desejava.

Todos na sala se viraram para Bethany. Então, retraíram-se diante do grito de ultraje da mãe:

— Bethany Dallison, o que isso significa?!

Bethany se agarrou à porta em busca de apoio, mas sustentou suas palavras.

— Quero dizer que está segurando meu vestido e que não vou gostar nem um pouco se ele ficar amarrotado.

Diante da evidência da imoralidade da filha, a sra. Dallison cambaleou até o banco e desabou. Bethany aproveitou a distração da mãe e olhou para Lane. Com um pequeno e rápido gesto de cabeça, fez sinal para que ele saísse da sala.

Ele passou a mão pelos cabelos e piscou. Então, movendo-se tão discretamente quanto possível para um homem de seu tamanho, retirou-se, fechando a porta atrás de si.

Bethany voltou a atenção aos indesejados visitantes. A mãe resmungava sobre a teimosia da filha enquanto lorde Rothley lhe assegurava que forçaria o sobrinho a se casar com Bethany. O sr. Ilkston fez um discurso elogiando os sentimentos maternos da sra. Dallison e expressando preocupação com a falta de moral de Bethany. O policial repetia que não podia prender um homem que não se encontrava presente.

Gostassem ou não, aquele assunto pertencia ao passado. Endireitando os ombros, Bethany exclamou:

— Mãe! Escrevi à senhora dizendo que estava segura. Não recebeu meu bilhete?

Ignorando a voz consternada da filha, a sra. Dallison a mediu de cima a baixo, mordaz.

— Segura? Essa é a sua noção de segurança, exibindo-se neste antro de depravação como uma libertina? E na companhia de um devasso como lorde Harcourt?

As palavras da sra. Dallison levaram lorde Rothley a defender a honra de sua família.

— Desculpe-me, milady, mas está sendo muito severa. Meu sobrinho não é pior do que muitos rapazes londrinos. — Ele fitou Bethany. — Sua filha parece ter concordado com a fuga. Ela disse na carta que o acompanhou espontaneamente.

Bethany olhou para a mãe.

— Se a senhora recebeu minha mensagem, por que está aqui? — indagou, confusa.

Lorde Rothley respondeu:

— Para levá-la de volta para casa, claro. — Franziu o cenho, sério. — E a acompanhei para dizer algumas palavras ao meu sobrinho.

A sra. Dallison se manifestou com dignidade:

— Apesar da vergonha a que me expõe com sua fuga do lar, estou disposta a abrigá-la até que possa ser entregue às mãos de um mestre mais capaz do que eu de fortalecer seu comportamento honesto e decente.

Bethany sacudiu a cabeça, mortificada.

— Reconheço que não me comportei de acordo com os bons costumes, mas como planeja me levar de volta para casa? Creio que meu marido tem *algo* a dizer a respeito.

Atrás dela, o sr. Ilkston interveio, com voz firme:

— Quem sabe o que aquele libertino é capaz de fazer para persuadir uma garota ingênua a abandonar seus escrúpulos? Apesar disso, mantenho o acordo com sua mãe de me casar com a senhora, uma vez que essa ligação infeliz com Harcourt tenha sido rompida.

O policial, observando a expressão aturdida de Bethany, explicou que o mandado de prisão tinha sido emitido sob a alegação de que ela fora raptada por causa de sua fortuna.

Ignorando a verdade daquela afirmação, Bethany cruzou os braços e manteve seu discurso:

— Se fui raptada ou não, estou satisfeita com minha situação atual. — Um pensamento lhe ocorreu. — E lorde Harcourt agiu de modo não menos vergonhoso do que o sr. Ilkston... Ele apenas não teve a permissão da senhora pare se casar comigo e não concordou em lhe dar uma parte de minha herança.

Bethany acertou o alvo em cheio. A mãe a repreendeu severamente por tamanha insolência. Lorde Rothley e o policial sentiram uma comichão no ouvido enquanto o sr. Ilkston ficava rubro de raiva.

— Tirem suas próprias conclusões, mas não vou permitir que uma garota desavergonhada me faça passar por tolo. — Ele agarrou o braço de Bethany e a empurrou em direção à porta do apartamento. — Vai voltar para casa agora enquanto resolvemos essa confusão em que nos colocou. — Voltou-se para lorde Rothley. — Milorde poderia fazer a gentileza de pedir a seu cocheiro que a leve de volta para casa?

Porém, lorde Rothley protestou contra os maus-tratos em relação a Bethany. Aborrecido com a resposta, o antigo noivo de Bethany pediu que a sra. Dallison o ajudasse a tirar Bethany dali.

Relutante, a mulher se aproximou, mas agarrou o outro braço da filha. Os dois tentaram obrigar Bethany a deixar o apartamento, apesar das objeções dos outros dois homens.

Perdendo a paciência, o sr. Ilkston empurrou Bethany com brutalidade. Ela gritou e quase caiu, mas antes que alguém pudesse intervir, a porta foi escancarada com violência.

— Tirem as mãos de minha esposa!

Richard preenchia quase completamente a entrada do apartamento, a espada desembainhada, os olhos estreitados. A respiração pesada dava a impressão de que havia corrido durante um bom tempo para chegar até ali. Atrás dele estava Lane, também ofegante.

Bethany quase chorou de alívio ao vê-los.

Ela se soltou da mãe, que subitamente afrouxou a mão, com pouco esforço. O sr. Ilkston, por sua vez, não foi tão facilmente intimidado e agarrou o outro braço de Bethany com tanta força que a fez gemer de dor. A ponta da espada serpenteou, ameaçadora, perto do pescoço do sr. Ilkston, que recuou.

Com dois passos, Richard a alcançou e a livrou do aperto do oponente. Ela quis abraçar o marido, porém ele a deixou junto ao tio enquanto embainhava a arma.

— A que devo a honra da visita de tantos parentes, querida? — O tom de voz suave escondia o maxilar contraído enquanto ele esperava a resposta.

Ao lado de lorde Rothley, Bethany respondeu, com voz levemente trêmula:

— Querem me levar embora e anular o casamento. — Apontou para o policial. — Aquele homem está aqui para prendê-lo por ter me raptado.

Os nós dos dedos de Richard ficaram esbranquiçados sobre o cabo da espada ao mesmo tempo que ele arqueava as sobrancelhas para o sargento. O sujeito rechonchudo rapidamente assegurou-lhe que a jovem dama insistia em afirmar que não tinha sido forçada a nada. Observando a espada com cautela, o sargento acrescentou que a questão ainda estava pendente.

Para alívio do policial, Richard soltou o punho da espada e limpou uma mancha de lama de sua capa.

— Esse é um assunto a ser discutido, meu bom homem. Casei-me com esta dama ontem na casa do sr. Barker, um sacerdote conhecido tanto dela quanto de sua mãe. — Antes que a sra. Dallison pudesse protestar, ele acrescentou: — Inclusive, o vestido de noiva está bem ali. — Indicou o traje sobre o encosto do banco.

— E o que ele estava fazendo no chão da sua sala de visitas?

Bethany desejou que um buraco se abrisse sob seus pés e a engolissem quando Richard respondeu à sra. Dallison, com um mero dar de ombros. Lorde Rothley se sacudiu ao conter o riso. O policial riu abertamente.

A mulher mais velha olhou horrorizada para ambos enquanto se dava conta da verdade.

— Garota desavergonhada! Não pensou em minhas necessidades durante a velhice. — A sra. Dallison tocou os olhos de leve. — Vou ficar sozinha, sem qualquer compensação pelos anos de cuidados dedicados a você. — As lágrimas ameaçavam cair.

A paciência de Bethany se esgotou.

— O que está dizendo não faz sentido. Papai lhe conferiu a propriedade rural para seu usufruto enquanto viver. — Ela se aproximou de Richard. — O sr. Barker nos casou de modo apropriado, e estou muito feliz de ter me tornado lady Harcourt. — Assumindo um tom bajulador, concluiu: — Pense em contar à vizinhança que agora é sogra de um lorde.

Tomada por aquele pensamento animador, a sra. Dallison acabou aceitando o casamento. Então informou lorde Rothley que o esperaria na carruagem e deixou a sala, murmurando o nome de suas conhecidas. Ao alcançar o patamar da escada, já havia

decidido quem seria a primeira a saber que Bethany agora pertencia a uma classe social superior.

O sr. Ilkston ainda não se dera por vencido. Tentou forçar o policial a prender Richard, mas o sargento se recusou. Ele declarou que o mandado de prisão deveria ser cumprido somente diante de uma evidência incontestável e pediu que os dois nobres cavalheiros fossem até a prefeitura, a fim de esclarecer o assunto o quanto antes. Richard assentiu e, para mostrar que não estava aborrecido, atirou uma moeda a Lane e ordenou que levasse o policial até a taverna mais próxima.

O sr. Ilkston assistia a tudo com desgosto. Preparando-se para se retirar, parou diante de Richard e Bethany.

— O senhor me roubou a melhor parte das vinte mil libras, não?

Ela recuou um passo, assustada com tanto veneno. Richard, porém, o agarrou pelo pescoço.

— Tenha muito cuidado ao falar de meu casamento em Londres ou em qualquer outro lugar. Ofenda minha honra ou minha esposa mais uma vez e vou atrás do senhor, onde quer que esteja. — Soltou-o tão depressa que o outro homem deu alguns passos para trás antes de recuperar o equilíbrio.

Tentando recobrar a dignidade, o sr. Ilkston se dirigiu a Bethany:

— Não posso felicitá-la por ter escolhido lorde Harcourt, milady. Todavia, vou rezar para que, depois que ele tiver gastado todo o dinheiro que recebeu com o casamento, a senhora se arrependa da tolice que cometeu ao ir parar na sarjeta. — Inclinou a cabeça, contrariado, e saiu intempestivamente da sala, seguido pelo grito de lorde Rothley:

— Volte ao lugar de onde veio, seu urubu!

Abalada pelo acesso de raiva do antigo noivo, segurou o braço de Richard, enquanto ouviam o sr. Ilkston descer as escadas. O marido pousou a mão sobre a dela e riu.

— Não é de admirar que você tenha me escolhido.

Ela o olhou, estarrecida, por um instante, antes de abraçá-lo pelo pescoço.

— Fiquei tão feliz com a sua chegada! — Ela pousou o rosto no ombro de Richard enquanto ele a envolvia pela cintura, hesitante.

— Tive medo de acabar casada com o sr. Ilkston mesmo depois de tudo que aconteceu.

Lorde Rothley os observava, sorridente, enquanto Richard a soltava.

— Pensei que ia ter de tirar sua cabeça da forca, meu caro sobrinho. Mas agora vejo que está tudo bem. Vocês se casaram diante do velho Barker. — Ele riu. — Foi um golpe de mestre, rapaz. Não imaginávamos que você conseguiria encontrar um pastor que os casasse tão depressa, muito menos um conhecido da família há tantos anos. Nem que fosse para a cama com ela.

Ele beijou a face corada de Bethany e lhe deu as boas-vindas à família.

Mudando de assunto, o velho lorde sugeriu acompanhar o casal até a prefeitura, para resolver a questão da ordem de prisão. Os três e a sra. Dallison poderiam esclarecer o mal-entendido com facilidade, ele especulava. Depois convidou-os para almoçar em sua casa.

Richard e Bethany concordaram, entusiasmados. Apanhando o injuriado vestido de

noiva, ela anunciou que ia se arrumar para a partida.

Richard observou a esposa entrar no quarto. Quando Lane irrompera no café, informando a respeito do mandado de prisão, Richard havia decidido retornar a seu apartamento apenas para limpar o próprio nome. Quanto à calculista Bethany, pretendia abandoná-la à própria sorte.

Mas todos os planos para se manter indiferente desapareceram de sua mente ao ouvir o grito aterrorizado que ela soltou. Ele correu escada acima, empunhando a espada num ato reflexo. Vendo-a lutar contra a mãe e Ilkston, uma fúria intensa o atingira, paralela à satisfação de saber que a esposa não queria abandoná-lo.

Por outro lado, os protestos de Bethany, alegando estar contente com o casamento, lhe soaram questionáveis.

Com o acordo nupcial, ela havia imposto suas condições a Richard, o que significava que estava feliz com os termos "financeiros" daquela união. Sua consciência o atormentava outra vez. Ela não tinha mencionado nada a respeito da herança na noite anterior, e ele encontrara plena satisfação ao lado dela na cama.

Uma leve tossidela interrompeu os pensamentos de Richard. Lorde Rothley ondulava as mãos em direção à lareira, aquecendo-as, enquanto falava em tom sigiloso:

— Já que se casou com uma herdeira, Rickon, eu gostaria de saber se você poderia me devolver as mil libras que prometi a Gloriana, como dote. Com o dinheiro dos Dallison à sua disposição, você pode arranjar essa quantia mais facilmente do que eu.

Pego de surpresa pelo pedido do tio, Richard relanceou o olhar para a porta entreaberta do quarto.

— Espero poder contribuir com sua promessa, tio, quando chegar a hora de minha irmã se casar. Tenho certeza de que o senhor deseja que ela encontre o melhor partido possível.

Ele gostaria de destinar parte da herança de Bethany para proporcionar um dote decente a Gloriana, mas aquele maldito acordo não lhe permitiria fazê-lo.

Além do mais, seria execrado se revelasse esses termos aviltantes ao tio ou a quem quer que fosse. Sem dúvida alguma, ele seria motivo de riso se tais notícias se espalhassem.

A conversa sussurrada terminou quando Bethany reapareceu, anunciando com alegria que estava pronta para partir. Richard analisou a expressão da esposa enquanto a ajudava a vestir a capa, esperando que ela não tivesse escutado às escondidas a conversa que ele tivera com o tio. Ela não deu sinais de ter ouvido nada, exceto pela severidade dos olhos cinzentos.

Após a visita ao prefeito de Londres, lorde Rothley levou os recém-casados e a sra. Dallison para almoçar em sua casa em Saint Clement's Lane. Lá, além da agradável refeição que incluía torta de peru, acompanhada de um delicioso vinho branco, ele brindou à saúde do casal, induzindo a sra. Dallison a fazer o mesmo.

Bethany fez várias perguntas sobre a vizinhança e as propriedades disponíveis para locação, porém o velho lorde convidou o sobrinho e a esposa a se hospedar naquela casa, que ele ocupava somente uma vez ou outra, já que passava a maior parte do tempo no campo.

Richard a fitou com olhos enciumados. Meses antes, ele tentara obter, ardilosamente, aquele convite, sem sucesso. Agora o tio se sentava de modo jovial ao lado de Bethany, esbanjando charme.

— Ficarei feliz em deixar minha propriedade nas mãos de alguém que teve uma excelente preceptora nas artes domésticas. — Ele fez uma breve reverência à sra. Dallison, que sorriu com o cumprimento. Então, tornou a se dirigir a Bethany: — Fiquem aqui até que consigam se estabelecer da melhor forma que lhes convier.

Após o almoço, a sra. Dallison manifestou a vontade de visitar algumas lojas. A filha, relutantemente, entendeu a intenção da mãe, e as duas damas partiram, seguindo as instruções da governanta.

Lorde Rothley informou abruptamente que Richard poderia se divertir por algumas horas e rumou para seu quarto, a fim de tirar um cochilo.

Satisfeito por ficar sozinho, Richard foi a um dos redutos que costumava frequentar, próximo a Lincoln's Inn Fields.

Assim que entrou na taverna enfumaçada, encontrou vários amigos, como já era esperado.

Um familiar jogo de dados ocorria a um canto do recinto. Richard observou os jogadores até que um deles se retirasse e, sem perda de tempo, ocupou o assento vago.

— Rickon! Não o vejo há quase uma semana! — exclamou lorde Thomas Orsey, sorridente. — Andou se escondendo dos credores?

Richard também sorriu da brincadeira do amigo.

— Muito pelo contrário, Tom. Está olhando para um homem que acaba de renascer para o mundo. Casei-me com uma herdeira.

— Conseguiu agarrar a moça atrevida do campo? Muito bem! — Lorde Thomas pediu uma rodada de cerveja, para comemorar a recente fortuna do amigo.

Os demais companheiros bombardearam Richard de perguntas sobre sua aventura. Cuidadoso com os ouvidos atentos e as línguas soltas, ele fez um breve relato de suas últimas proezas. Descreveu a esposa como uma jovem puritana, que gostava de ler e cuidar dos afazeres domésticos, sem mais detalhes.

— Às vinte mil libras!

Richard participou do brinde em silêncio, relutante em revelar o fato de que a esposa o havia superado em esperteza.

— Acho que lorde Harcourt deve estar se divertindo à nossa custa.

Richard ficou tenso ao reconhecer a voz do capitão

Arthur Loring, um antigo rival.

— Eu o vi cinco dias atrás em uma estalagem praticamente em ruínas, no meio do nada, com uma jovem que alegava ser irmã dele. — O recém-chegado arqueou as sobrancelhas de modo sugestivo.

— Conheci a srta. Dallison ainda criança e posso afirmar que não foi com ela que Harcourt se casou — mentiu.

Richard se levantou de repente. Porém, lorde Thomas foi rápido o bastante para agarrá-lo pelo braço, evitando que o amigo empunhasse a espada pela segunda vez naquele dia.

— Controle a língua, Arthur! Richard acaba de nos contar que almoçou na casa de lorde Rothley, com a esposa e a sra. Dallison, no início da tarde. É bem provável que você tenha se enganado redondamente.

O homem alto e de pele bronzeada inclinou-se, sorrindo, zombeteiro.

— Admito que posso ter cometido um equívoco. Na verdade, algo fácil de ocorrer em se tratando da reputação de lorde Harcourt. — Girando a bengala, ele caminhou em direção ao jogo de cartas, que se dava do outro lado da sala.

— Calma, Rick. — Conhecendo o temperamento de Richard, lorde Thomas permaneceu ao lado do amigo enquanto este olhava furiosamente para Loring. — Não vai querer começar uma briga, não depois de ele ter mencionado certos nomes.

— Ele chegou perto demais.

Richard tornou a se sentar devagar e manteve os ouvidos atentos a comentários maldosos, mas, pelo visto, o capitão decidira se comportar de modo circunspecto. Os dois homens não voltaram a discutir. Para alívio de Richard, o rival foi embora primeiro. Ao pisar na rua, ele não viu nem sinal de Loring.

O crepúsculo já se aproximava, então se apressou a voltar a Saint Clement's Lane. Bethany e a mãe haviam chegado mais cedo, e ele resgatou o tio do relato das compras feitas por ambas, solicitando-o para uma conversa na biblioteca, onde saborearam um cálice de conhaque longe da tagarelice feminina.

Após escoltar a sra. Dallison a um hotel de respeito, Richard e Bethany retornaram ao apartamento. Ele a ajudou a tirar o casaco e o chapéu.

— Livre-se de sua capa e do chapéu também. O jantar ficará pronto em um instante. — Ela sorriu, olhando-o sobre o ombro, enquanto se preparava para pôr a mesa.

— Não se preocupe. Vou jantar com meus amigos.

Seus companheiros o tinham convidado para uma festa naquela noite, alegando que Richard não podia se limitar a ficar na barra da saia da esposa, e o orgulho ferido do lorde o tinha levado a aceitar.

Uma pontada de culpa o atingiu ao reparar no ar magoado de Bethany. Aborrecido com esse sentimento inesperado, acrescentou:

— Você desejava um título e posição social. Agora os possui incontestavelmente, já que estamos casados. — Ele baixou o tom de voz: — E consumamos o fato, ao dormirmos juntos. — Ignorou as faces coradas de Bethany e prosseguiu, com os olhos semicerrados: — Desejo que se divirta em sua nova posição, sem mencionar a quantia de dinheiro incomum a seu dispor. Em nosso meio social, os cônjuges não possuem independência financeira. Sendo assim, tenha uma boa noite.

Bethany o viu partir, contendo as lágrimas. Não sabia se eram devido à dor ou à raiva, mas a última não demorou muito a prevalecer. A caneca sobre a mesa voou pela sala e se espatifou contra a porta de entrada. Um soluço rasgou sua garganta, seguido por outro. Antes que se desse conta, o corpo delgado sacudia com a força de seu pranto.

Bem mais tarde, examinava o reflexo dos olhos inchados no espelho do quarto, com um único pensamento em mente. Se Richard Harcourt queria um casamento moderno, ela lhe proporcionaria um. Em seguida, empurrou a arca contra a porta e jogou-se na cama.

Capítulo VII

Os dias seguintes transcorreram em clima de trégua entre Richard e Bethany. Com prazer, ela assumiu os detalhes da administração da casa em Saint Clement's Lane. Manter-se ocupada a impedia de pensar na dor que sentia pela rejeição do marido.

Ele parecia satisfeito com o fato de deixar os preparativos da mudança para a casa do tio aos cuidados de Bethany; nem mesmo demonstrava constrangimento por ela ter pagado o aluguel atrasado do apartamento e várias outras contas. Quando ela perguntou a Lane sobre os salários devidos, ele lhe informou que *lorde Richard* o havia pagado, com o dinheiro da carteira do sr. Armitage.

Bethany fora procurar o banqueiro para reembolsá-lo da quantia emprestada de boa vontade. O comportamento do curador havia mudado bastante desde que ela insistira em ter plenos direitos de uso de parte da própria fortuna antes do casamento. Agora ele a olhava com ar de reprovação, assim como Richard, e sua natureza escrupulosa não permitia que continuasse administrando os bens de Bethany.

Felizmente, o sr. Leafley era um homem simpático e provou ser tão bondoso quanto suas palavras quando ela lhe solicitou ajuda. Seguindo o conselho do escrevente, ela fez planos para o melhor uso de seus fundos. Admitia ter ficado desapontada ao perceber que não poderia viver de modo tão extravagante quanto gostaria, mas se sentia gratificada por poder tomar as próprias decisões pela primeira vez na vida.

Bethany pagou algumas das contas de Richard, relativas à manutenção da casa, mas deixou o resto para ele. E recusou-se a tocar nas dívidas de jogo. Ela percebeu que a pilha de notas promissórias antigas diminuía a cada dia, embora outras novas surgissem com regularidade. Ao menos o valor das mais recentes era consideravelmente inferior ao das já vencidas.

Apesar de Richard passar a maior parte do tempo longe de casa, ele respondia às perguntas de Bethany sobre as preferências dele em relação à organização do novo modo de vida do casal. Ela se recusava a perguntar a ele mais do que o estritamente necessário, mas não podia evitar determinados assuntos, como suas exigências para a contratação de um pajem ou seus pratos preferidos.

Graças a Lane, ela conseguiu contratar uma empregada. A pequena criatura de trinta anos de idade, chamada Faith, ficou encarregada da limpeza e do preparo das refeições, assim como das necessidades básicas de Bethany. Esta logo decidiu ensinar a criada a ler, na esperança de que ela viesse a se tornar uma boa governanta.

Faith também a ajudava com as compras para a casa. Lady Harcourt não tinha a intenção de se esconder dentro da mansão enquanto o marido perambulava pela cidade, e ela foi bastante cuidadosa ao selecionar as roupas novas. Desse modo, Bethany evitava a solidão que sentia na ausência do marido.

Na véspera de se mudarem para a casa de *lorde Rothley*, Bethany se deu conta de que poderia sofrer menos com o distanciamento de Richard morando na ampla propriedade do que naquele pequeno apartamento, onde as lembranças dos bons momentos juntos a cercavam.

No dia seguinte, Richard a acompanhou a Saint Clement's Lane. Falaram pouco durante o trajeto, embora ele a tratasse com a costumeira gentileza. Bethany sentia o

coração se apertar a cada passo. Ele não a procurava desde a noite de núpcias. Nas raras ocasiões em que ele voltara para casa da farra antes do amanhecer, ele simplesmente tinha ficado enrolado em seu manto diante da lareira. Quando ela começava a se movimentar pelo apartamento, ele se dirigia para o quarto e lá ficava, dormindo o dia todo.

Mesmo a vista da nova residência não foi suficiente para animá-la. Do lado de dentro, lareiras aqueciam cada um dos cômodos do andar térreo, criando uma atmosfera bastante confortável. Lane e Faith chegaram mais cedo, em um veículo simples puxado a cavalo, com os poucos pertences dos Harcourt.

O tio lhes deu as boas-vindas, oferecendo a melhor sidra de lady Rothley, enviada a Londres de carruagem. Ele também informou Bethany que o coche tinha trazido vários dos objetos pessoais da jovem dama, vindos de Abberley. Ela se mostrou discretamente animada com mais um indício de que a mãe, que fazia dias havia retornado ao campo, aceitava seu casamento com Richard Harcourt.

— Tenho uma arca cheia de lençóis de linho e algumas tapeçarias feitas por mim, e estou certa de que ela enviou os salmos e meus livros também. Espero que ela tenha se lembrado de mandar meu caderno de receitas. — Bethany parou de falar ao reparar no olhar inexpressivo dos dois homens e riu. — O que acabei de dizer não significa nada para os senhores. Mas é de grande importância para mim. E agradeço a gentileza de ter nos emprestado seu veículo, lorde Rothley.

— Sem dúvida, lady Rothley estaria ávida para ouvir a respeito, minha querida, já que esses assuntos domésticos ficam a cargo dela. — Com uma piscadela, o velho lorde se voltou para Richard. — Caro sobrinho, sua esposa não impressionará ninguém conversando sobre lençóis e fronhas. Leve-a para passear, para que possa ficar a par dos últimos mexericos. Vou voltar para junto de lady Rothley amanhã de manhã, por isso planejei assistir a uma peça de teatro hoje à tarde, na companhia de vocês dois.

— Nesse caso, permita-me convidá-lo, senhor. Já reservei assentos para o resto da temporada. — Richard fitou os olhos de Bethany ao prosseguir, hesitante: — Não sei se a formação de minha esposa permitirá que ela se junte a nós.

Ela sustentou o olhar de Harcourt.

— Vou acompanhá-los e julgarei por mim mesma.

Richard ficou levemente ruborizado.

— É uma mulher de sorte por não ter um marido que lhe dite o que fazer, como é meu direito... *querida*.

Antes que a iminente discussão se intensificasse, lorde Rothley os interrompeu:

— Que bobagem, Rickon! Não precisa se preocupar com Bethany. Ela é uma moça bastante sensata.

— Quanto a isso, não tenho a menor dúvida, tio. — Riu, zombeteiro.

Ela respirou fundo, zangada.

— Tem algum vestido para a ocasião, minha querida?

Ela engoliu a irritação, sorrindo com meiguice.

— Decerto encontrarei um traje apropriado.

Depois de um saboroso almoço, Richard e Bethany seguiram a governanta ao andar de cima, onde fizeram a desagradável descoberta de que ocupariam o mesmo quarto. Ambos esconderam a contrariedade até que a boa alma deixasse o recinto.

— Essa história não está me agradando nem um pouco. — Ele andou pelo cômodo, decorado com elegância.

— Claro que não, já que meus encantos diminuíram desde o nosso casamento. — Ela se calou em seguida, evitando expor ainda mais sua dor pela negligência do marido.

Pelo visto, o comentário de Bethany surtira algum efeito, pois Richard a olhou, furioso, e mudou de assunto:

— Se não se importa, eu gostaria de privacidade para trocar de roupa.

Ela sufocou um riso nervoso.

— Eu já imaginava. Se fizer a gentileza de me avisar quando tiver terminado... Estarei na sala de estar, conversando com a governanta.

Se a srta. Cade estranhou o fato de lady Harcourt preferir discutir os cardápios da semana a se vestir para o teatro, ela nada comentou. Bethany fez várias perguntas e pareceu escutar atentamente enquanto os minutos se passavam. Um interminável momento depois, Richard surgiu à porta. Declarando que o quarto estava livre para ser usado, retirou-se antes que ela pudesse acusá-lo de demorar-se com o único propósito de irritá-la.

Bethany encerrou a conversa com a governanta, pedindo para que sua criada pessoal fosse ao quarto para auxiliá-la a mudar de roupa.

Assim que chegou a seus aposentos, Faith já se encontrava à espera da patroa.

A antiga camareira, encantada por trabalhar na casa de uma família nobre, declarou sua intenção de proporcionar total satisfação no desempenho de suas tarefas. Ela já tinha organizado as roupas de sua senhora em um dos dois armários que havia no quarto. Sobre a cama, encontrava-se uma das primeiras aquisições de Bethany, um vestido de seda cor-de-rosa. Faith fez uma breve reverência quando a dama proferiu exclamações de agradecimento à iniciativa da criada, então a lembrou de que não tinham tempo a perder.

Devido à presteza de Faith, Bethany ficou pronta apenas quinze minutos depois da hora estipulada para a partida. Ela desceu as escadas que davam para o hall de entrada e se aproximou dos cavalheiros que a aguardavam. Empertigou-se ao notar a expressão de desapontamento de ambos, pelo fato de ela ter conseguido se vestir bem, apesar do guarda-roupa ainda limitado.

O vestido leve e de corte moderno exibia detalhes em seda entrelaçada e um corpete bem justo. O laço frouxo da camisa feminina deixava entrever a base do pescoço delicado, e as mangas longas estavam ligeiramente arregaçadas. Em vez de presilhas adornadas com jóias, ela havia enfeitado os cabelos com fitas de cetim.

Richard, resplandecente em seu traje de cetim verde-acinzentado, franziu o cenho de leve ao reparar no pescoço e nas orelhas sem adorno da esposa.

— Você não tem jóias?

— Mamãe não as aprova.

— Isso não faz sentido. — Sem maiores explicações, ele caminhou a passos largos pelo hall e desapareceu escada acima.

Bethany encarou lorde Rothley, que meneou a cabeça, sem saber o que dizer.

Vários minutos depois, Richard voltou, com uma longa corrente de ouro pendendo de sua mão.

As pontas dos dedos dele roçaram a pele alva enquanto ele colocava a jóia em torno do pescoço de Bethany. Pondo-se de frente para ela, ajeitou-lhe os elos sobre o peito. Ela suspirou quando ele deslizou a junta dos dedos sobre os seios macios e subiu em direção à face rosada. Os lábios carnudos a centímetros dos dela abriram-se de leve.

— Vamos, vamos, rapaz! Haverá muito tempo para isso quando voltarmos. — Lorde Rothley balançou o sobretudo sobre os ombros. — Já estamos bem atrasados. — Sem esperar o casal, saiu à rua, resmungando sobre os recém-casados apaixonados.

O casal o seguiu, a vergonha de Bethany aliviada pelo rosto ruborizado do marido. Ela esqueceu o embaraço ao notar a liteira que a aguardava. Assim que Bethany agradeceu a gentileza de lorde Rothley, ele comentou que a esposa não gostava de ser vista caminhando pelas ruas em seu melhor vestido. A seguir, ela permitiu que o velho lorde a ajudasse a subir e fechasse a pequena porta.

Os carregadores apanharam as varas, e o pequeno grupo cruzou as ruas, com destino ao teatro. Quando saiu da liteira, ela olhou ao redor, incerta quanto ao que esperar. O sol de fim de tarde brilhava sobre a construção retangular que abrigava o teatro. Uma multidão rumava para lá, a pé e de liteira. Apesar de lorde Rothley reclamar do atraso, decerto não seriam os últimos a chegar. Homens e mulheres de todas as idades se aglomeravam à entrada, alguns usando trajes de veludos e cetim, outros mais sóbrios, usando lã e sarja.

Segurando-a pelo cotovelo, Richard a guiou por uma porta lateral. Do lado de dentro, subiram a escadaria que os conduziu a seus assentos. Uma vez acomodados, ela olhava de um lado para outro, fascinada. Sabia que estava parecendo tola, mas nenhum dos companheiros a repreendeu por isso.

Deduziu que a plataforma à frente da plateia fosse o palco, onde um quarteto de músicos acabara de tocar. Após os aplausos do público, eles se curvaram para a frente em agradecimento e recolheram seus instrumentos.

No teto, candelabros com inúmeras velas faziam as jóias das damas privilegiadas reluzir. No andar inferior, garotas atraentes vendiam vários itens. A maioria de seus clientes parecia ser homens solteiros, muitos deles tão bem-vestidos quanto os que ocupavam os camarotes. Logo ficou claro para Bethany que aquelas garotas vendiam mais do que os produtos em suas cestas.

Outros homens, ocupando bancos de madeira sem encosto na concha acústica, demonstravam gosto mais refinado ao flertar com as damas do corredor acima. Ante o excesso de reverências, relancear de olhos e beijos soprados entre os ocupantes dos dois andares, Bethany não sabia se ria ou se se retirava.

As insinuações continuaram mesmo após o início da peça. O público foi silenciando aos poucos, embora ao final do prólogo ela se visse sussurrando a Richard que estava tendo dificuldade de seguir a história, por causa das conversas paralelas e da movimentação constante.

— Na verdade, ninguém vem ao teatro para assistir à peça, minha cara. — Ele moveu a cabeça para as pessoas na plateia. — A encenação mais interessante, em geral, é a que se dá fora do palco, e não sobre ele.

— Shh! — Lorde Rothley se inclinou para a frente, o olhar fixo no tablado.

Todos os homens presentes imitaram sua iniciativa, e o silêncio, enfim, dominou o ambiente. Parecia que a massa humana aguardava um acontecimento singular.

E foi o que ocorreu. A multidão prendeu a respiração quando uma mulher de asas surgiu e declamou sua primeira fala. Bethany engoliu em seco. Se a mãe ficasse sabendo

que a filha tinha assistido a uma peça imoral, ela seria execrada.

— Uma atriz... — sussurrou lorde Rothley ao lado de Bethany.

Ela olhou de soslaio para Richard, preocupada com a reação do marido quanto à atuação feminina. Percebeu que ele a observava, divertido, em vez de assistir à cena, como se esperasse que ela desmaiasse ou pedisse para ir embora imediatamente.

Aceitando o desafio, ela voltou a atenção ao desempenho da atriz.

— Você parece não partilhar do espanto geral diante do fato de uma mulher atuar em público.

Ela escutou o farfalhar da roupa de cetim de Harcourt enquanto ele se inclinava para responder:

— Eu costumava ir ao teatro sempre que possível na França. Lá as mulheres atuam há décadas. — Ele fez uma pausa para observar a entrada da segunda personagem feminina. — Meu Deus, nenhuma dessas duas pode ser comparada às colegas francesas. Nem as considero tão atraentes.

Bom, Bethany pensou, assistindo ao desenrolar da trama.

No intervalo, Richard avistou lorde Thomas na plateia, com um grupo de amigos, tentando chamar sua atenção. Deixando Bethany aos cuidados do tio, desculpou-se e dirigiu-se às escadas.

No andar de baixo, caminhou entre a multidão agitada. Os companheiros se encontravam no mesmo lugar, a atenção voltada às galerias superiores. Assim que viu Richard, Thomas se inclinou para a frente e foi logo dizendo:

— Rickon, quem é ela? Quem? Você tem de nos apresentar a ela, meu amigo.

— A quem está se referindo? Minha nossa, Tom, parece louco. — Richard sorriu, imaginando que bela mulher havia despertado tanto o interesse do amigo. E de todos os companheiros, pelo jeito.

— Eu deveria bater em você por se recusar a nos contar, seu cretino. — Lorde Thomas o chacoalhou, brincando. — A quem mais eu poderia estar me referindo, a não ser àquela beldade que se encontrava a seu lado?

— Quê? — Richard olhou à volta e, boquiaberto, acomodou-se no assento que acabara de ser desocupado.

Sentada à frente do camarote, Bethany dividia a atenção entre o palco e lorde Rothley. Em meio às pessoas vestidas com roupas de cores vibrantes e excessivamente adornadas, o vestido de cor suave lembrava a luz do amanhecer. A luz das velas produzia reflexos dourados nos cabelos avermelhados. Um dos admiradores próximos suspirou e a comparou à deusa da manhã.

Irritado com o elogio, Richard virou-se para o jovem pálido.

— Ela não é a maldita Aurora, meu camarada! Por acaso, ela é lady Harcourt. — Avançou para o infeliz. — *E eu sou lorde Harcourt.*

O rapaz pediu desculpas no mesmo instante, afastando-se devagar.

Richard olhou fixamente para os homens que o cercavam.

— Isso significa que vai nos apresentar a ela, então. — O irrefreável lorde Thomas ajeitou o colarinho da camisa. Uma súbita expressão de dor dominou seu belo rosto. — Você nos deve muito. Pensei que tivesse dito que ela era puritana, que se dedicava a rezar e ler salmos.

— E é!

Tão logo ele fez essa afirmação, a esposa o avistou em meio à multidão.

Mesmo à distância, ele notou a faísca de raiva nos olhos de Bethany quando ela acenou com a cabeça para ele e então desviou o olhar, demonstrando desinteresse.

— Que mulher enervante! Ela sabe exatamente o que está fazendo. — As palavras escaparam antes que Harcourt pudesse contê-las.

Tom sorriu.

— De fato, essa descrição é muito melhor. Agora faça as apresentações, por favor.

Apesar de tanta impertinência, Richard se viu obrigado a tornar a subir à galeria, seguido por um bando de homens. Mal contendo o desagrado, apresentou-os à esposa e observou-os cercá-la. Consternado, viu-a dar atenção a cada um dos cavalheiros.

Ela aceitou a aclamação sem favorecer nenhum deles, exceto lorde Thomas, que se disse muito amigo de Harcourt. Ela conversou com ele durante vários minutos, até que ele, cortesmente, dirigiu-se a lorde Rothley. Só então ela falou com outro rapaz.

Quando a peça recomeçou, Richard acompanhou os colegas até a escadaria. Bethany o olhou de relance quando ele retornou para seu lado.

— Seus companheiros foram muito gentis, vindo me cumprimentar.

Ele ia fazer um comentário mordaz quando percebeu que ela estava sendo sincera. Bethany considerou as atenções dos cavalheiros como um gesto de generosidade em relação à esposa do amigo.

Ele pronunciou algumas palavras amenas e arrastou a cadeira de modo a escondê-la dos olhos curiosos dos homens na plateia. Passou o resto da noite na companhia da esposa, em uma declaração muda de posse.

Quando a apresentação chegou ao fim, ele a cobriu com a capa.

— Aquele cavalheiro moreno à nossa frente parece querer sua atenção.

Richard olhou na direção que Bethany indicou com um gesto de cabeça.

Do camarote do lado oposto, Arthur Loring fez uma reverência, sardônico.

— Um conhecido, ninguém importante. — Richard cumprimentou-o com um aceno de cabeça e ofereceu o braço à esposa.

Enquanto se dirigiam à saída, ela franziu o nariz.

— Ele estava na estalagem na manhã de nossa partida.

O reaparecimento dos amigos fez com que Richard se esquecesse completamente do capitão. Eles se amontoavam irritantemente ao redor de Bethany na saída do teatro. Richard levou quase meia hora para escoltá-la até a liteira, que os aguardava na saída.

De volta a Saint Clement's Lane, lorde Rothley a cumprimentou pelas conquistas.

— Terei muito o que contar a lady Rothley e a Gloriana quando voltar à minha casa no campo. — Ele sorriu. — Mas se você não disser nada à minha mulher sobre a atriz, também não comentarei nada a respeito com a sra. Dallison.

Bethany aceitou o acordo sem pestanejar.

Depois de tomar uma taça de vinho na companhia do casal, lorde Rothley apanhou uma das velas acesas e lhes deu boa-noite. Ouvindo os passos do tio que se afastava, Richard debatia consigo mesmo em pensamento.

Ele tinha planejado deixar a esposa em Saint Clement's Lane e juntar-se a lorde Thomas e aos amigos em uma casa de jogo da moda. Depois de vê-la em público pela primeira vez, ele avaliou a natureza feminina. Nunca havia se preocupado com isso antes, contudo jamais pensara em se casar com nenhuma das mulheres que conhecera.

Ofereceu a Bethany outra taça de vinho, que ela aceitou. Assim que se serviu também, foi se sentar em uma cadeira e quis saber o que ela havia achado do teatro. Ela bebericou o vinho, pensativa, antes de responder:

— Pretendo voltar. Levando em conta os sermões que ouvi, condenando as peças de teatro, imaginei que fossem muito piores. Sei que as mulheres têm uma vida libertina fora do palco, mas vê-las e ouvi-las me despertou para seus dilemas. — Fez uma careta. — Talvez me ache tola, mas me vi na mesma situação que elas algumas vezes.

— De modo algum. O bom ator faz com que cada um dos espectadores acredite que os próprios sentimentos estão sendo retratados. — Fitou-a nos olhos, encantado com o brilho prateado que emitiam. — Vou levá-la ao teatro de novo.

Ele não sabia explicar por que o sorriso radiante de Bethany fazia com que seu coração disparasse.

Discutiram vários assuntos enquanto as velas nos castiçais e o vinho na garrafa iam desaparecendo. Quando ela se levantou para se recolher ao quarto, cambaleou de maneira alarmante. Correndo para auxiliá-la, Richard também se descobriu meio embriagado, mas no comando de seus atos. Ela o agarrou pelo braço antes de dizer:

— Acho que estou um pouco zonzinha, milorde. Ele a conduziu à escadaria, com uma mão a guiando pelo cotovelo e a outra segurando um candelabro. Os passos se mostraram mais do que um desafio. Ele mordeu o lábio quando o corpo delgado o tocou no instante em que ela pisou em falso. A sensação das curvas macias contra o corpo masculino contrastava com a aparência inocente de Bethany, sentada junto a ele no camarote horas antes, despertando um calor familiar em Richard.

Ele não pretendia possuí-la outra vez até que pudesse controlar o desejo que sentia sempre que a tocava. Querer uma mulher com tanta constância deixava um homem desesperado. Vivera algo parecido na adolescência e não gostaria de repetir tal experiência. Desejar uma mulher que o usara tão friamente o fazia parecer um tolo.

Tinha-a evitado com sucesso até aquela noite. Agora, talvez por efeito do vinho, uma voz lhe sussurrava ao ouvido que ela era sua esposa e devia ser amada. Ele deveria sentir vergonha porque a esposa que escolhera por interesse se mostrava tão desejável?

Quando chegaram ao quarto, Richard pousou o candelabro sobre uma mesinha de apoio, pois Bethany ainda precisava de sua ajuda. Ele acordou Faith, que dormia em uma das cadeiras próximas a lareira. Quando ele dispensou a criada, ela anuiu, sorrindo. Antes de se retirar, ela acendeu as velas sobre a mesa de cabeceira.

Bethany passou os braços ao redor do pescoço do marido e fez beicinho.

— Preciso de minha camareira, Richard.

Ele respirou fundo e pousou as mãos na cintura delgada da esposa. Ela sentiu o calor das mãos hábeis através do tecido fino do vestido e se arrepiou. Foi ficando ofegante à medida que os dedos masculinos deslizaram por seu corpo, subindo em direção ao rosto. Ele roçou os polegares no queixo delicado enquanto se inclinava para a frente. Quando falou, sua voz soou rouca de desejo:

— Vou substituir sua criada esta noite. — Ele lhe tomou os lábios, e ela os abriu de boa vontade.

Ele sentiu o sabor do vinho tinto que haviam tomado pouco antes, e quando desceu para sugar e morder o lóbulo da orelha de Bethany, ela aspirou o aroma almiscarado misturado com lavanda.

Bethany parecia flutuar, mas não apenas por causa do efeito do vinho. Seus seios estavam pressionados contra o peito vigoroso enquanto ele soltava os laços do vestido. Ela sentia os mamilos intumescidos contra o corpete. A boca experiente continuava a explorar o pescoço alvo, ignorando a corrente de ouro. Ela respirava com dificuldade quando inclinou a cabeça para trás, atendendo a um pedido mudo do marido, que queria ter total acesso àquela parte de seu corpo. Se ela não tivesse se agarrado aos braços musculosos, teria caído no chão, com os joelhos fracos.

Assim que o corpete pendeu para a frente, completamente solto, ele deu um passo para trás, deslizando a pesada armação pelos braços de Bethany. Então, prendeu o fôlego diante dos seios bem-feitos sob a camisa fina, os bicos rígidos. Circulou os mamilos macios com a ponta dos dedos, passando a friccioná-los de leve.

Uma onda de calor se fez sentir entre as coxas roliças. Bethany gemia de prazer ao perceber a intimidade cada vez mais úmida, devido às carícias de Richard.

A combinação do efeito do vinho com o toque sensual do marido fez com que ela perdesse a inibição. Enquanto as mãos másculas faziam magia com seu corpo, ela começou a deslizar o casaco de cetim pelos ombros largos, depois pelos braços fortes até que o agasalho se amontoasse no chão. Então, ela se voltou aos botões da camisa de Harcourt.

Quando a peça voou longe, ele lhe acariciou as curvas sinuosas, puxando-a para mais perto e beijando-a com sofreguidão. Incrivelmente excitada, Bethany começou a roçar-se contra ele. Richard gemeu e terminou de lhe arrancar o vestido. Os olhos verdes escureceram enquanto ele fitava o corpo semivelado.

Ela engoliu em seco, antecipando os acontecimentos, enquanto Richard abria a corrente de ouro e a jogava sobre a pilha de tecido cor-de-rosa.

Ele a beijava nos seios enquanto a livrava da camisa. Quando fechou a boca em torno de um dos mamilos e o sugou com voracidade, ela soltou um grito rouco. Em seguida, ele deslizou o dedo indicativo em meio aos pelos castanho-avermelhados entre as pernas de Bethany, acariciando-a com intimidade.

Erguendo a cabeça, observou-a enquanto o dedo se movia ritmadamente dentro dela.

— Você deseja meus carinhos, Bethany. — Ele ofegava. — Diga que me quer.

Ela mal podia falar, trêmula.

— Sim, Richard... Oh, sim!

Ele retirou o dedo de repente, e Bethany gemeu em protesto. Beijando-a com ímpeto, cambalearam até a cama e terminaram de tirar as roupas que faltavam. Apressado, Richard puxou a colcha para baixo e ajudou-a a se acomodar em meio aos lençóis.

Pouco depois, Richard se juntava a ela, que, depressa, o agarrou para se proteger do tecido gelado. Inclinando a cabeça para trás, a fim de encará-lo, exclamou:

— Estou com frio!

O sorriso de Richard desapareceu no mesmo instante, substituído por uma expressão atenta.

— Não por muito tempo, Bethany... Não em minha cama, pelo menos.

Ela o olhou, confusa, diante da inesperada seriedade do semblante dele.

— Realmente é uma grande bênção quando marido e mulher encontram prazer na cama.

Ele arqueou a sobrancelha, malicioso.

— Fico feliz de ouvi-la dizer tais palavras. Cobriu-a com seu corpo, a língua mergulhando, ardente, na boca de Bethany, que retribuía o beijo, saboreando-o, sentindo-lhe a textura.

Ela gemeu ao sentir o calor masculino pressionando-a contra a cama macia. Arqueou as costas de leve quando sentiu os pelos do peito musculoso contra os seios. As mãos pequenas percorreram as costas de Richard, indo descansar sobre as nádegas firmes. Ele sorriu e a compeliu a embalar o membro rijo contra o baixo-ventre.

Apoiando-se nos cotovelos e joelhos, traçou um caminho de fogo ao beijar o corpo de Bethany, descendo em direção às pernas, mas sem deixar de lhe acariciar os mamilos. No entanto, quando a boca escaldante alcançou a pequena elevação entre as coxas bem-torneadas, ela ficou imóvel.

— Richard, o que está fazendo? — Ergueu a cabeça para vê-lo descansar o queixo sobre os pelos levemente encaracolados.

— Ajudando minha esposa a ter prazer na cama. — O tom virtuoso era desmentido pelo sorriso perverso.

— Já o tenho, como bem sabe. — Orgulhosa, tentou sair de baixo dele, usando as mãos para empurrá-lo.

No mesmo instante, ele a empurrou de volta, prendendo-lhe as mãos ao lado do corpo. Ela se contorceu um pouco enquanto ele a beijava intimamente, sem que ela pudesse escapar.

As mãos vigorosas e os ombros a forçaram a separar as pernas, abrindo-as completamente para seu olhar e sua boca. Qualquer tentativa de protesto a abandonou quando a língua de Richard mergulhou dentro dela. Ela arqueou os quadris, impotente, enquanto ele lhe sugava a saliência sensível e aflagava a cavidade íntima. Com a pulsação acelerada, ela pensou que fosse explodir ao sentir que ele inseria a língua cada vez mais fundo, proporcionando-lhe imenso prazer.

Os primeiros tremores de êxtase a percorreram, e no mesmo instante ele se posicionou e a penetrou com uma única investida, abafando os gritos de Bethany com beijos vorazes. Ele intensificava as estocadas, prolongando o clímax da esposa, enquanto ela se entregava à extraordinária sensação.

Enterrando o rosto no pescoço macio, Richard gemeu quando ela, instintivamente, o abraçou com força, correndo as mãos pelas costas úmidas de suor. No momento em que ela agarrou as nádegas firmes e as pressionou contra si, ele também alcançou o clímax, lançando sua semente dentro dela até que transbordasse.

Relaxando, ele lhe sussurrou o nome repetidas vezes entre beijos na boca e no rosto. Ela o beijava de volta, com os dedos mergulhados nos cabelos ondulados, até que Richard deslizou para o lado, com um pedido de desculpas:

— Perdoe-me, doçura. Eu não deveria tê-la esmagado tanto...

Aconchegada a ele e com os olhos já querendo se fechar, Bethany confessou:

— Gosto de sentir seu peso sobre mim. Faz com que me sinta bem, como se

tivesse feito algo certo.

Ele a abraçou com força.

— Isso é tão incomum?

Ela fitou o dossel de madeira.

— Minha mãe aponta minhas falhas com frequência. Mas, apesar disso, acho que tenho dado prazer a você...

— Sim, minha doce Bethany! — A respiração de Richard provocou cócegas no ouvido dela. — De fato.

Satisfeita, ela logo adormeceu.

Capítulo VIII

O sucesso de lady Bethany Harcourt continuou depois de sua ida ao teatro. Em princípio, ela não saía com frequência. E, se a memória não estivesse falhando, nunca ficara sem companhia feminina. A srta. Cade administrava a casa tão bem que Bethany tinha pouco com que se ocupar. Então passava o tempo lendo, bordando e fazendo compras.

Felizmente para suas finanças, a última atividade logo foi deixada de lado. Tantos vestidos, chapéus, luvas, meias, leques e outros acessórios chegaram que Richard brincou que haviam se mudado para Saint Clement's Lane na hora certa, caso contrário não teriam onde guardar tanta coisa no antigo apartamento.

Ele parecia ter se reconciliado com o casamento. Apesar de ainda se vestir no quarto de lorde Rothley, dormia regularmente na cama de Bethany, mesmo quando não faziam amor. Richard também a levou ao teatro mais uma vez, além de acompanhá-la a outros tipos de diversão apropriados a uma dama. Porém, as atenções do marido, embora bem-vindas, não compensavam a falta de conhecimento de damas adequadas.

Em certas ocasiões, ela permitia que alguns amigos de Richard a escoltassem ao parque ou ao teatro, pois marido e mulher não precisavam aparecer exclusivamente na companhia um do outro. Felizmente, lorde Thomas propôs uma solução ao dilema de Bethany certa noite, no teatro, ao apresentá-la à própria mãe, a condessa de Planchard, e à irmã, a viscondessa Haynes.

A despeito da arrogância aparente, as duas damas a saudaram com simpatia. Davam a impressão de gostar muito de Richard e logo a convidaram para passeios e jantares.

Passado o nervosismo inicial, Bethany começou a se divertir na companhia das duas damas. Apenas alguns anos mais velha que Bethany, a viscondessa partilhava do temperamento afável do irmão, e assim que ficou sabendo que Richard pretendia levar a esposa à corte, imediatamente se ofereceu para ajudá-la a escolher as roupas e para ensinar as regras de etiqueta necessárias. Inclusive insistiu para que Bethany fusesse as orelhas.

Por mais que Richard não precisasse ir à corte com regularidade, era conveniente que apresentasse a esposa ao monarca o quanto antes. Fazia cerca de três meses que o rei tinha reassumido o trono, mas um grande número de nobres ainda se aglomerava no palácio para ganhar a simpatia do soberano.

No dia indicado por Richard, Bethany se entregou aos cuidados de uma cabeleireira, enquanto Faith aprontava o traje de sua senhora. Bethany já tinha vestido a camisa, as anáguas, as meias e os sapatos sob um volumoso roupão cor-de-rosa. Assim que a mulher terminou, Bethany examinou sua aparência em um espelho de mão, virando a cabeça de um lado para outro.

Duas pequenas mechas dos cabelos cacheados foram presas de ambos os lados da cabeça, formando pequenos anéis, enquanto a maior parte foi trançada e enrolada com a corrente de ouro que Richard lhe dera.

Assim que a cabeleireira se retirou do quarto, Faith ajudou Bethany a terminar a tediosa tarefa de se vestir. Richard entrou no exato momento em que a criada dava o último laço na manga da patroa.

— Está pronta? — A voz de Harcourt soou estranhamente nervosa.

Ele não tinha motivos para estar apreensivo. Bethany ficou sem ar ao observá-lo.

O paletó de cetim bronze se encaixava perfeitamente nos ombros largos; aberto na frente, deixava à mostra parte do colete e da camisa, combinando com a calça. Como de costume, ele evitava o excesso de fitas e babados. Os adornos consistiam em um bordado nas cores creme e bronze, preso na parte superior do paletó e em uma trabalhada bainha para sua espada.

Um laço de cor marfim pendia da gola da camisa, completando o vestuário. Ele carregava um chapéu preto com uma pena de avestruz creme e um par de luvas enfeitadas com detalhes de metal. Ela podia sentir a leve fragrância de âmbar emanando do couro preto.

— Está muito bem-vestido — ela elogiou com voz suave, ciente da presença da camareira.

A cor do paletó realçava o tom dos olhos verdes de Richard. Ela não podia deixar de fitá-los enquanto ele a examinava da cabeça aos pés.

— Assim como você.

Ela inclinou a cabeça, agradecendo.

Embora dormisse na cama de Bethany com frequência, havia noites em que ele chegava tarde em casa, depois de se divertir com os amigos. Ela não sabia o que Richard realmente sentia por ela.

Tentando se convencer de que não se importava contanto que ele a tratasse com o respeito devido a uma esposa, forçou um sorriso.

— Nem sei se conseguirei me mover com tantos enfeites.

Ele a segurou pela mão e a fez girar, imponente. As anáguas sob a saia de veludo amarelo farfalhavam suntuosamente, e as fitas azul-claras das mangas da blusa e do corpete ondulavam enquanto ela rodopiava.

— Você causará uma ótima impressão. — Ele arqueou as sobrancelhas ao lhe observar os cabelos. — É a corrente de meu pai?

Involuntariamente, ela pousou a mão sobre os cabelos trançados atrás da cabeça.

— Se lhe desagrade, posso tirá-la.

As feições inexpressivas de Richard a alarmaram.

Depois de alguns segundos de silêncio, como se analisasse o tempo gasto para a execução daquele penteado, ele meneou a cabeça, negando.

— Não, apenas nos atrasaria. Mas peço que não volte a usá-la como ornamento de cabelo. — Ele parecia um pouco aborrecido.

Bethany concordou com a solicitação no mesmo instante.

— Sinto muito, Richard. Eu não sabia que a jóia havia pertencido a seu pai.

Ele deu de ombros.

— Você não tinha como saber. Minha mãe foi obrigada a vender a maioria de suas jóias quando estávamos no exílio. Assim que ela morreu, dei boa parte do que restou à minha irmã.

Bethany assentiu com um aceno de cabeça, evitando interrompê-lo. Ele nunca havia falado sobre sua vida familiar no continente.

No momento seguinte, seu semblante se iluminou.

— Na verdade, também tive minha parcela de culpa por você ter recorrido a tais medidas. — Ele levantou o dedo. — Faith, está com a caixa que lhe dei ainda há pouco?

Sorrindo de orelha a orelha, a criada rechonchuda tirou a caixa revestida de couro de uma gaveta de roupas. Pegando-a das mãos da camareira, Richard a abriu.

Bethany arregalou os olhos. Um par de brincos e um colar de pérolas e águas-marinhas repousavam sobre o forro de cetim.

— São lindos. — Ela os tocou, hesitante, como se temesse que desaparecessem.

Decerto ele estava lhe dando aquele presente porque ela despertaria a curiosidade das pessoas se aparecesse na corte sem exibir nenhuma jóia. Porém, ao menos, ele tinha tido o cuidado de escolher as peças que combinavam com o vestido que ela usava.

Bethany colocou os brincos, substituindo os de ouro que Richard lhe comprara quando ela havia furado a orelha. Arqueou as sobrancelhas ao encará-lo.

— Pode me ajudar a pôr o colar?

Ele aquiesceu de pronto, brincando com os fios de cabelos na nuca da esposa depois de fechar o gancho.

Ela se virou de frente e o abraçou.

— Muito obrigada! Nunca tive nada tão bonito.

— Fico satisfeito que tenha gostado. Você nunca me pediu jóia alguma, então eu não sabia se o presente lhe agradaria. — Ele ofereceu o braço, indicando que deviam partir.

Bethany sorriu enquanto dava o braço a ele.

— Então era por isso que você não costumava me dar jóias?

O rei Charles II mantinha uma corte muito menos solene do que o pai, mas, ainda assim, aqueles que eram levados à presença real se vestiam com pompa e elegância. A fim de evitar que se sujassem, lady Haynes insistiu em escoltar Bethany e Richard a Whitehall, na carruagem do marido.

Bethany comentou sobre a generosidade da viscondessa enquanto aguardava, na biblioteca, a chegada da amiga. A harmonia dos Harcourt vacilou quando Richard lembrou a esposa de que deviam comprar um veículo confortável para transportá-los pela cidade.

— Não me oponho à compra de um coche, Richard. — Ela tentava manter a calma com dificuldade.

— Como já disse várias vezes, questiono a necessidade de uma carruagem quando ainda não temos uma casa permanente em Londres, e sim uma propriedade rural em Yorkshire, que requer um veículo mais reforçado para viajar de um lugar a outro.

— Deve se lembrar de que propus a compra de uma carruagem para a cidade e outra para o campo. — Ele franziu o cenho ao apoiar-se à pesada mesa de leitura, onde ela se sentava com um livro aberto no colo.

Levantando-se da cadeira, ela jogou o livro sobre a mesa.

— Como teremos condições de comprar uma casa para nós aqui na cidade se gastarmos nosso dinheiro com coches e cavalos para puxá-los?

— Nós? Está se referindo a mim, não está? Não me lembro de ouvi-la oferecer um centavo de seu precioso dinheiro para comprar uma casa!

— Propus-me a comprar uma berlinda para viagens longas e, claro, ia ajudar na compra da casa, usando parte de meu dinheiro. — Ela também se apoiou à mesa. — Mas ainda nem mesmo encontramos uma que nos agrade!

Richard inclinou-se para ela.

— Uma boa saída quando um homem tem de recorrer à esposa em busca de ajuda financeira. Por Deus, se a informação de que tenho direito a apenas dez das vinte mil libras que você herdou vazasse, eu seria alvo de riso!

— E uma mulher cujo marido controla a totalidade dos bens que ela trouxe para o casamento não é humilhada? — ela perguntou em voz baixa, fitando-o nos olhos.

— São questões bem diferentes... — Richard interrompeu-se ao ouvir a porta da biblioteca sendo aberta.

A viscondessa Haynes chegou de braço dado com lorde Thomas, usando um vestido de tafetá esvoaçante. Ela observou Bethany e admirou-lhe as jóias.

— Você escolheu muito bem, Richard. Eu não disse que as águas-marinhas combinariam com o vestido? — Antes que ele pudesse abrir a boca para responder, ela acrescentou: — Lady Harcourt, permita-me ver a reverência que deverá fazer na corte pela última vez.

Sob os olhares atentos dos três, Bethany se inclinou para a frente de modo exagerado, enquanto sua saia ondulava à volta. Depois de se manter naquela posição durante vários segundos, ela se endireitou.

— Esse mérito é de todos nós. Somente um mês atrás, a senhora mal podia dobrar os joelhos, e agora vejam só! — A viscondessa se virou para falar com o irmão.

— Sinto-me como um macaco adestrado — sussurrou Bethany, enquanto ele a ajudava com o xale.

— Cuidado com as palavras, menina! — O sorriso de Richard se transformou em um acesso de tosse por trás da mão enluvada.

Bethany observava tudo ao descer da carruagem e caminhar rumo ao palácio. A seu redor, uma mistura de construções compunha Whitehall, que fervilhava de gente. Não

apenas cortesãos e damas passavam, apressados, de um lado para outro, como também os criados reais cuidavam de seus afazeres.

Carpinteiros, cavaleiros, lavadeiras e copeiras orbitavam em volta do rei.

Alguns pedintes tremiam em uma moita, perto da entrada pela qual a carruagem havia acabado de passar. Eles insultavam os guardas designados a removê-los das imediações do palácio.

Lady Haynes os conduzia, hesitante, pelo pátio, em direção à construção maior, onde se juntariam a lady Planchard. Caminhando ao lado do marido, Bethany logo se sentiu perdida em meio a tantos halls, escadarias e antessalas. Enfim, pararam diante da sala da condessa, concedida devido à morte do conde que servia Charles I.

A viúva de cabelos grisalhos convidou-os a entrar e tirar os casacos antes que fossem levados à presença de Sua Majestade. Enquanto a dama conversava com os filhos, Bethany examinou o pequeno gabinete. A tapeçaria de cores claras que pendia de uma das paredes iluminava o ambiente desprovido de janelas, assim como as inúmeras velas. Uma lareira proporcionava luz extra e calor, ambos muito bem-vindos em um dia frio como aquele, embora ficasse imaginando quão abafado aquele aposento devia se tornar no verão.

Em certa ocasião, Bethany ficara sabendo, por intermédio da filha da condessa, que o conde em exercício se recusava a abrigar a mãe, alegando pobreza. Lady Haynes gostaria muito de ter levado a condessa para morar com ela, mas lorde Haynes não o permitira. Lorde Thomas, com menos posses que o irmão, podia fazer pouco para sustentar a mãe.

Enquanto deixavam a sala, Bethany fingiu não notar quando lady Haynes entregou uma pequena carteira à condessa, com um suspiro.

— Apenas uma ajuda de custo, não preciso desse dinheiro e meu marido nunca ficará sabendo a respeito.

Bethany olhou de soslaio para Richard. Levando-se em conta a expressão compreensiva do marido, ela concluiu que ele também havia testemunhado o gesto.

Tomando os devidos cuidados para não embarçar os amigos, Bethany se inclinou para sussurrar no ouvido de Harcourt:

— Por que ficou tão angustiado, milorde? Você me reduziria a essa mesma situação...

Olhando para a frente, ele respondeu à ironia da esposa com um murmúrio:

— Não me portaria de modo tão vergonhoso com minha esposa.

— Imagino que não. Porém, se eu lhe entregasse todo o meu dinheiro, você poderia muito bem mudar de ideia, e eu ficaria tão vulnerável quanto a condessa de Planchard.

Em um acordo mudo, o casal caminhou atrás dos outros três, para que pudessem continuar a conversa sussurrada.

— Eu jamais agiria de modo tão indigno, como deve saber.

O protesto de Richard mal pôde ser ouvido por Bethany. O maxilar masculino estava visivelmente tenso.

— O que sei é que me sequestrou por dinheiro. E tentou me seduzir depois de ter afirmado que não o faria.

Ele se retraiu após tais acusações, mas logo se recuperou.

— Permita-me lembrá-la de como ficou entusiasmada com o título de baronesa, milady, sem mencionar meu abraço. Além do mais, chegou a um excelente acordo em benefício próprio, no final das contas.

Bethany ignorou aquela tentativa de insulto.

— Tem razão, Richard. Por isso, não vivo com medo de meu marido nem preciso criar intrigas para conseguir o que quero.

— E não tenho que me deitar com você para conseguir seu dinheiro. — Ele parou de andar e virou-se para olhá-la de modo penetrante.

— Então por que dorme comigo? — ela o desafiou.

— Porque não consigo manter minhas mãos longe de você! — Afagou-a no rosto e beijou-a.

Ela o segurou pelos pulsos para empurrá-lo, mas ele aprofundou o beijo. Bethany afrouxou os dedos enquanto retribuía à carícia sensual.

— Oh...

Segundos depois, aturdida, percebeu que estavam em um salão suntuosamente decorado, na parte mais importante do palácio.

Os raios do sol entravam pelas janelas, iluminando móveis, pinturas, espelhos e tudo o mais à volta. Também ressaltavam as roupas e jóias dos cortesãos e das damas que acabavam de passar pela porta. A julgar pelos risos afetados e mal-disfarçados, as nobres criaturas tinham chegado a tempo de presenciar o indecente espetáculo. Bethany queria que o chão se abrisse para que ela se escondesse de vergonha. Vislumbrou seu rosto corado em um dos enormes espelhos.

Um homem elegantemente vestido, muito mais alto que os outros, achou a situação bastante divertida, considerando o largo sorriso que tinha nos lábios ao se aproximar. Richard e lorde Thomas o reverenciaram, enquanto lady Planchard e a filha se apressavam a imitar-lhes o cumprimento. No mesmo instante, Bethany se inclinou, horrorizada por se dar conta de que havia sido flagrada beijando o marido em público, por ninguém menos que o próprio rei.

— É lorde Harcourt, não? — Os dentes do monarca reluziam. — O senhor solicitou a restituição de sua propriedade rural em maio passado?

Richard assentiu.

— Fui forçado a lhe negar uma pensão. Uma difícil decisão, já que entendo muito bem a dor de quem perde o pai. Consegui o dinheiro necessário para restaurar a propriedade?

Ouvindo, fascinada, a revelação sobre o passado de Richard, Bethany sobressaltou-se quando ele a apresentou.

— Santo Deus! Quer dizer que estava beijando sua esposa?! — o monarca brincou.

Embora ele não fosse considerado tão bonito quanto o irmão mais novo, o duque de York, o sorriso gentil amenizou o embaraço de Bethany.

Os modos lânguidos do rei quase não escondiam seu olhar de apreciação enquanto avaliava as respostas de Bethany às suas perguntas, e demasiada atenção emprestava a ele muito charme. Mesmo ao saber que a família Dallison apoiara o

Parlamento durante os últimos conflitos, a afabilidade do monarca não diminuiu.

— Esta é a mais bela parlamentar que já vi. — Ele piscou para Richard. — Vai se tornar um rebelde?

Ela interveio sem pensar:

— Muito pelo contrário, Vossa Majestade! Ele agora se tornou um homem abastado.

O rei caiu na risada.

— Muito bem, lady Harcourt, apesar disso, espero que seu marido esteja satisfeito por ter encontrado uma bela solução para os problemas que o afligiam. Ah, se todos nós tivéssemos a mesma sorte...

Richard se curvou à frente.

— Apenas tento promover os interesses de Vossa Majestade da melhor forma que posso.

— Oh, era o que estava fazendo ainda há pouco, quando cheguei? Parece-me que a jovem dama considerou os argumentos apresentados pelo senhor bastante convincentes.

Ainda rindo, o rei deu alguns passos e deslizou o braço ao redor da cintura de uma mulher lindíssima, de cabelos avermelhados.

Pedindo licença a seu séquito, o monarca a escoltou para fora da sala, sob os olhares de todos os presentes.

Lady Planchard, aproximando-se dos Harcourt, repreendeu-os em voz baixa pela demonstração de afeto descarada. Relanceando os olhos para o rei e a companheira que se afastavam, ela fungou:

— Mulher desagradável.

Tal afirmação fez com que lorde Thomas, que acompanhava a mãe, lhe apertasse a mão, advertindo-a:

— Cuidado, mamãe. — Seus lábios quase não se moviam. — Sua Majestade é cavalheiresco demais para punir uma mulher de língua afiada, mas Barbara Villiers não tem tanto escrúpulo.

Bethany observou o rei e a amante desaparecer pela porta. Até mesmo em Stanworth, tinha ouvido falar da cobiça e do descaramento da concubina.

Com a partida do rei, murmúrios indistintos puderam ser ouvidos no salão. Richard e lorde Thomas se afastaram para conversar com um conhecido, enquanto lady Haynes resgatava Bethany antes que esta fosse arrastada ao grupo de velhas amigas da condessa. Ela opinou que Richard estava mais romântico nos últimos tempos. Bethany admitiu a si mesma que gostava muito dos beijos do marido, porém nada comentou a respeito.

— Se ele pretendia se comportar tão mal, deveria ter escolhido um lugar mais reservado.

Infelizmente, a viscondessa interpretou de forma equivocada as palavras de Bethany e a apresentou a seu círculo de amigos como uma pessoa lasciva. Envergonhada com os comentários que o beijo provocou, Bethany deu um jeito de se afastar do grupo e foi até a janela observar o jardim.

— Lady Haynes tem boas intenções, mas sua língua é incontrolável às vezes.

Bethany teve um leve sobressalto ao ouvir as palavras murmuradas. Para aumentar sua angústia, quem se encontrava a seu lado não era ninguém menos que o janota moreno da hospedaria Bell & Moon. Ele fez uma mesura elegante.

— Capitão Arthur Loring a seu dispor, milady... Ela não teve escolha, a não ser dizer seu nome antes de defender a irmã de lorde Thomas.

— Sim, lady Haynes é falante. No entanto, exceto pelo deslize de há pouco, ela tem sido muito gentil comigo. Sou contrária a críticas.

Bethany esperava que ele não a reconhecesse. Richard e ela já haviam dado um bom motivo para fofocas.

— Lady Haynes me apresentou à sociedade a pedido de meu marido. — Não apreciando o modo com que ele a cobiçava com os olhos, Bethany enfatizou as últimas duas palavras.

— Sei muito bem que não é irmã de Harcourt. E devo dizer que estou surpreso com o fato de que tenha se casado com ele.

Bethany respirou com dificuldade devido ao insulto implícito. Como se tivesse se dado conta do que dissera, mais do que depressa o cavalheiro tentou reparar a ofensa:

— Perdoe-me, milady. Eu apenas quis dizer que Richard Harcourt não é um bom partido para uma mulher de tão nobre caráter.

Ela suspeitava de que o capitão estivesse mentindo, porém não pretendia alimentar mais comentários impróprios naquele dia.

— Descobrimos que temos interesses mútuos. E estou muito satisfeita com a condição de esposa de lorde Harcourt.

— Tal afirmação ficou bem clara quando entramos... — Ele tossiu de leve. — Lorde Harcourt nunca conseguiu se controlar diante de mulheres bonitas, mesmo em se tratando de damas das mais altas esferas sociais.

Bethany não sabia o que a irritava mais, aquele elogio grosseiro ou a insinuação de que Richard era um conquistador inveterado. Ela não controlava os passos do marido, e os galanteios daquele homem barbado pouco a interessavam.

— Estou certa de que meu marido me apresentou a todos os melhores amigos dele. E não me recordo de que o senhor estivesse entre eles, mas posso estar enganada.

— A senhora se lembra muito bem de já ter me encontrado — ele sussurrou, levando-a a olhá-lo com desconfiança. Então, ele acrescentou bem devagar: — Lady Harcourt, meu coração padece com o fato de a senhora não se lembrar de ter me visto no teatro. Passei o último ato tentando chamar sua atenção. — Ele passou os olhos pelo salão. — Tive de me apresentar à senhora, já que seu estimado marido parece meio ocupado no momento. — Ele tossiu de leve enquanto olhava sobre o ombro de Bethany.

Ela se virou para verificar o que se passava. Richard estava de fato ocupado, mas não com os cavalheiros que lorde Thomas e ele tinham cumprimentado anteriormente. Naquele momento, ele estava inclinado à frente, conversando com uma mulher linda e elegante, de reluzentes cabelos negros. Ela pousou a mão sobre o braço de Richard com intimidade ao contar algo divertido, pois ele sorria e apontava o dedo para ela. Apesar de já não ser muito jovem, nenhuma ruga marcava a pele acetinada do rosto nem do pescoço da beleza.

— Trata-se da sra. Shadbourn. Ela e lorde Harcourt passaram muito tempo juntos no passado, embora ele ao menos tenha tido a decência de terminar o relacionamento com ela antes de fazer sua mais recente visita a Stanworth.

Bethany ficou imóvel, o estômago se retorcendo enquanto aquele homem a atormentava. Quando aceitara se casar com Richard, já esperava que ele não fosse ser fiel a ela; os homens em geral não eram leais às esposas. Mas não imaginara que iria se afeiçoar a ele e sentir tanto prazer a seu lado.

Tinha pensado que as frequentes visitas de Richard à sua cama significassem que ele sentia a mesma atração por ela. Pelo visto, havia se enganado, concluiu ao vê-lo murmurar algo ao ouvido da mulher, que fazia beicinho.

Chocada, deduziu que a dor que sentia no estômago era provocada pelo ciúme. Para piorar ainda mais seu estado de espírito, uma descoberta ainda mais deprimente se seguiu: estava apaixonada pelo marido.

Seu orgulho obstinado afirmou-se. Ela podia não estar se sentindo bem fisicamente por causa do ciúme e da humilhação, mas seria prejudicada se deixasse seus sentimentos transparecer a toda aquela gente. Erguendo o queixo, olhou à volta com desdém.

Quando lorde Thomas se aproximou, apressado, instantes depois, ela o cumprimentou, com aparente calma. Obviamente, ele tinha vindo resgatá-la, anunciando que a mãe solicitava a presença de Bethany. Em seguida, encarou o capitão Loring com frieza enquanto segurava a esposa do amigo pelo braço.

— Não dê importância às palavras de Arthur, minha cara. Ele é um típico militar, sempre à procura de um motivo para combater.

O capitão inclinou a cabeça de leve.

— Velhos hábitos dificilmente se extinguem. O senhor poderia lembrar Harcourt de minha predileção por alvos óbvios.

Não se dignando a responder, lorde Thomas levou Bethany para longe dali. Tentando aparentar indiferença, ela perguntou ao lorde o que ele sabia sobre a sra. Shadbourne. Pelo jeito, ele a repudiava.

— Ela tem fixação pela alta sociedade desde que o rei reassumiu o trono. Embora seja viúva de um parlamentar, está ávida por uma posição mais elevada. Casou-se com um comerciante rico e influente, não faz muito tempo.

— Ela alguma vez pretendeu se casar com um membro da nobreza? — Bethany ignorou o brilho no olhar de lorde Thomas.

Ela precisava saber até que ponto aquela mulher havia estado envolvida com Richard.

— Sim, infelizmente, minha cara. A maioria de nós não tem dinheiro suficiente para tentar a sra. Shadbourne. — Ele bateu de leve na mão de Bethany. — Sim, Richard e ela já tiveram um relacionamento amoroso, mas tenho boas razões para acreditar que meu amigo está contente com sua esposa. Não dê atenção a Loring, ele provoca Rickon sempre que pode.

Antes que Bethany fizesse outra pergunta, ele se pôs a tecer elogios à última peça apresentada pelos Homens do Duque, uma companhia teatral patrocinada por rivais de Richard. Nesse momento lady Haynes se juntou a eles, também reconhecendo a superioridade da trupe.

Impulsivamente, Bethany prometeu fazer parte do grupo que a viscondessa estava formando, para assistir ao espetáculo na semana seguinte.

Em contraste com a atmosfera animada que os envolveu durante a ida ao palácio, o silêncio dominou a carruagem no caminho de volta para casa. Corajosamente, lady

Haynes tentou aliviar a tensão, discutindo seus planos para a excursão ao teatro, porém apenas o irmão respondeu aos seus esforços. Richard sentava-se ao lado de Bethany, com o olhar fixo à frente.

Depois de conduzi-la para dentro de casa, ele a tomou pelo braço e praticamente a arrastou até a biblioteca.

— O que pretendia passando tanto tempo na companhia de Arthur Loring? — Os olhos verde-esmeralda brilhavam de raiva. — Aquele homem é pura malícia e maldade.

Ultrajada com o inesperado ataque, ela se descontrolou:

— Foi o que *lorde Thomas* me disse! Talvez, se não tivesse dedicado tanto tempo à sua amante você mesmo teria me informado!

— Minha relação com Frances Shadbourne terminou bem antes do meu casamento com você. Ela se cansou de mim, na verdade.

O fato de ele não ter negado sentir atração pela outra deixou Bethany arrasada. Incapaz de encará-lo, caminhou até a estante de livros e fingiu procurar um volume.

— Por Deus, você estava tão perto de Loring que fico surpreso que tenha percebido o que se passava à sua volta...

Richard a acusava de ter se comportado de modo inapropriado depois de tudo que *ele* fizera naquela tarde?

— Ao menos não toquei no capitão de forma sensual diante de todos no salão, como sua concubina fez com você. — Antes que Richard protestasse, ela sarcasticamente se corrigiu: — Perdoe-me, devo dizer sua *antiga* concubina! Suponho que eu deva estar agradecida por você, ao menos, ter se dado ao trabalho de me beijar.

Sem disfarçar as lágrimas, Bethany passou por ele em direção à porta.

— Por favor, diga à cozinheira que vou jantar no quarto.

Ela girou a maçaneta e saiu. Já estava chegando ao pé da escadaria quando o ouviu gritar atrás dela:

— Diga você mesma! Estarei fora o resto da noite.

Ela se virou a tempo de vê-lo colocar o chapéu na cabeça.

Com a capa esvoaçando, ele deixou a casa depressa, o furioso "Ótimo!" de Bethany ecoando em seus ouvidos.

Sem mais alvoroço, ela correu escada acima, rumo ao quarto. Fechando a porta com força, atirou-se na cama e entregou-se às lágrimas.

Horas mais tarde, Richard fitava, com olhos turvos, sua caneca de cerveja. Ao redor, frequentadores da taverna de um questionável bairro londrino se embebedavam. Lorde Thomas, sentado diante do amigo, ouvia-o, com simpatia.

— O que ela quer, Tom? — Ele se curvou sobre a mesa. — Eu disse a ela que meu relacionamento com Frances terminou bem antes do casamento. Ainda comentei que foi Frances quem me deixou. Bethany deveria ter ficado satisfeita com o fato de a outra não estar mais interessada em mim! E o que ela fez? Saiu da biblioteca, fria como a neve.

O amigo meneou a cabeça, assentindo.

— Criaturas estranhas, as mulheres — segredou. — Em boa parte do tempo, não

entendo por que minha mãe e minha irmã agem como agem. — Ele tomou um gole de cerveja. — Sua esposa passa bastante tempo com minha irmã. Falo coisas boas a seu respeito sempre que posso.

A embriaguez de Richard não o impediu de caminhar para casa em segurança. O ar frio da noite clareou um pouco seus pensamentos, e ele chegou a imaginar que poderia se entregar aos prazeres noturnos com Bethany. A lembrança da resposta ardente da esposa às suas carícias o animou consideravelmente. Ela o desejara mesmo antes de terem se casado, quando ele não tinha dinheiro algum.

Assim que entrou em casa, subiu as escadas, cantando uma alegre canção. Ao chegar ao topo, ouviu um clique longínquo, vindo do quarto de Bethany. Ele parou, desconfiado. Caminhando a passos largos até a porta, girou a maçaneta. A porta estava trancada.

— Bethany, abra a porta!

— Você está bêbado! Volte para os braços da sra. Shadbourne.

A sólida barreira de madeira abafava o som da voz feminina, porém ele conseguiu entendê-la claramente. Sua única resposta foi socar a porta, mais por frustração do que por qualquer outro motivo. Ainda assim, tentou convencê-la a deixá-lo entrar:

— Não quero me deitar com Frances, quero fazer amor com você.

Nem mesmo aquela declaração de fidelidade a persuadiu. Então, ele decidiu apelar à autoridade de marido e, categórico, ordenou que ela abrisse a porta.

— Pela última vez, não o quero em minha cama! Se é assim que vai me tratar, vou procurar uma casa para mim.

Enfurecido, Richard recuou alguns passos e, com alguns pontapés bem-posicionados, estourou a fechadura, e a porta se abriu. Bethany, quase tão branca quanto sua camisola, estava de pé no meio do quarto, armada com um vaso de porcelana. Ele ficou parado na soleira, respirando com dificuldade.

— Quero que fique bem claro entre nós que somos marido e mulher, apesar de todo o dinheiro que você tem em suas mãos avarentas. Descanse certa de que não desejo, nem preciso, impor-me a uma mulher que não me quer. — Olhou-a com desprezo. — Mas não se tranque no quarto por minha causa, como fez com sua maldita fortuna!

Antes que ela pudesse se manifestar, ele fechou a porta com estrondo e seguiu para o quarto do tio. Jogando-se na cama, sorriu alegremente ao se lembrar do grito de raiva de Bethany.

Capítulo IX

Os dias que se seguiram foram os mais terríveis da vida de Bethany. Richard se recusava a explicar onde passava as noites. Ela, por sua vez, negava-se a deixar o orgulho de lado para questioná-lo. Decerto deveria agradecer por ele não ter esperado

que ela cumprisse os deveres de esposa mesmo quando ele se divertia com outras mulheres. Mas só de pensar em Richard nos braços das amantes, sentia-se inexplicavelmente infeliz.

O modo como ele se comportava em casa a perturbava muito. O humor caçoísta fora substituído por uma fria polidez. Ele não pedia nada a ela, nem fazia qualquer comentário a respeito dos afazeres da esposa. Em certa ocasião, ela se juntou a lady Haynes em um agradável passeio de barco até Greenwich. Ele não fez nenhuma objeção. Ela foi a um musical com um dos cavalheiros que Richard apresentara a ela no teatro. De novo, ele nada disse.

Nem mesmo o ruidoso conserto da porta do quarto de Bethany, durante um dos poucos períodos em que ele se encontrava em casa, o inspirou a nada mais do que uma fria reclamação quanto ao barulho.

Tão logo os trabalhadores deixaram tudo em ordem e se foram, ela se fechou lá dentro e se sentou à penteadeira, os punhos cerrados no colo, lutando contra as lágrimas pela indiferença do marido. Depois de um longo tempo, ela pousou o olhar sobre a caixa do colar e dos brincos que ele havia lhe dado. Amarga, imaginou se ele teria lhe dado aquele presente se não tivessem ido a Whitehall naquele dia. Suspirou, deprimida.

De repente, ouviu o inconfundível som dos passos de Richard na escada. Ela olhou, esperançosa, já que eles pararam do lado de fora de sua porta. Sentiu o coração apertado quando escutou o som dos passos novamente, seguido pelo ruído suave da porta do quarto de lorde Rothley se fechando.

Bethany pensou se, algum dia, o marido voltaria a se deitar com ela.

Seu desânimo persistiu até o dia da ida ao teatro, promovida por lady Haynes. Previsivelmente, Richard não se mostrou interessado em acompanhá-la. A viscondessa, cujo círculo de amizades incluía jovens solteiros dispostos a passar algum tempo juntos, muito gentilmente designou lorde Thomas para buscar Bethany para o jantar que antecederia a peça. Até mesmo a perspectiva de tão agradável companhia não foi capaz de animá-la.

Ela se sentia tão melancólica que alegou uma dor de cabeça para escapar do compromisso. Apenas um bilhete da anfitriã, pedindo sua presença, levou-a a mudar de ideia. Parecia que o grupo corria sério risco de ter um número desigual de damas e cavalheiros.

* * *

Richard, irritado com o contínuo desejo que sentia por Bethany, fora caminhar no Green Park. Ao retornar para casa, encontrou lorde Thomas, que havia chegado antes do esperado. Satisfeito com a oportunidade de falar com o amigo, convidou-o a tomar uma taça de vinho na sala de visitas. Tom esticou as pernas e recostou-se em uma confortável cadeira, saboreando o vinho antes de cumprimentar o amigo pela deliciosa bebida.

— Os méritos são de meu tio. — Richard bebericou o néctar, apreciando a fluidez da uva escura. — Ele pode ser ignorante em muitos assuntos, mas seu paladar é impecável.

— De fato! — Lorde Thomas ergueu o copo para brindar o ausente lorde Rothley. — Pena que você não vá nos acompanhar. A peça se chama *O Amante Alucinado*. — Sorriu enquanto o amigo gemia.

— Quando eu quiser assistir a uma *performance* de árvores dançantes, eu o avisarei. — Richard estremeceu. — Convide-me para uma peça que exercite a mente,

não para um arremedo de espetáculo.

— O baile de máscaras, na cena final, dificilmente poderia ser considerado uma procissão. Nem mesmo você pode negar que um musical tem seus encantos. Além do mais, as damas acham lindo o último ato.

— Imagino que Bethany não será diferente. — Richard fitou a taça de vinho. — Obrigado por cuidar dela na minha ausência, Tom.

— Não há de quê. Sua esposa é uma criatura adorável.

Apesar do elogio, Richard notou que o amigo falava com alegria forçada.

— Há algo errado? — Uma nota de ansiedade marcou sua voz. — Você viu alguma coisa imprópria?

— Nada que a presença do marido dela não evitasse. — Lorde Thomas revirou os olhos. — Rickon, se você visse a tristeza no rosto de Bethany quando perguntam de você, acabaria de uma vez por todas com esse jogo estúpido entre ambos.

— Não se trata de um jogo, Thomas, e você sabe muito bem disso! — Ele baixou o copo, contendo uma imprecisão. — Ela pode se passar pela esposa abandonada quando está em público, mas em casa não deixou escapar uma palavra de arrependimento por ter me expulsado de sua cama. Se é isso o que ela deseja, é o que terá.

— Por que está tão determinado a se sobrepor a uma recusa dela? Deus sabe que nunca ouvi nenhum dos dois admitindo estar errado, a menos que tivessem algo a ganhar com isso.

Richard bufou, assentindo, e o amigo prosseguiu:

— Enquanto ela faz o papel da esposa abandonada, ela se rebaixa.

Felizmente, a conversa havia tomado outros rumos quando Bethany surgiu, usando um vestido de tafetá rendado. Richard apertou a base da taça em sua mão. Os cachos brilhantes estavam arranjados na parte de trás da cabeça, convidando-o a afagá-los. O traje cinza ressaltava o tom avermelhado dos cabelos e a pele clara, assim como o brilho prateado dos olhos.

As únicas peças coloridas que ela usava eram o colar e os brincos de águas-marinhas, com os quais Richard a tinha presenteado no dia em que visitaram Whitehall. Ele engoliu em seco. Com o volume dos seios destacados pelo decote baixo, ele não queria nada mais do que carregá-la escada acima.

Em vez disso, tomou-a pela mão e fez uma medida, conforme ditavam as regras sociais. Uma leve e inebriante fragrância de sândalo exalava da pele feminina.

— Está deslumbrante! — elogiou-a antes que percebesse o que estava dizendo.

Bethany se mostrou tão surpresa quanto o próprio Richard.

— Obri... obrigada, milorde. — Ela lhe examinou o rosto como se procurasse algo perdido.

Lorde Thomas interrompeu o momento embaraçoso:

— Rickon, foi um prazer revê-lo, como sempre. Milady, sua capa. O cozinheiro francês de minha irmã se ofende quando os convidados se atrasam para as refeições.

Antes que ele a ajudasse a vestir o manto de veludo negro, Richard se aproximou e tomou a iniciativa, aspirando mais uma vez o perfume da esposa.

Com um gesto de cabeça, lorde Thomas aprovou a atitude do amigo, que se encontrava às costas de Bethany, e ofereceu o braço a ela, escoltando-a para fora da

sala. Richard os viu partir. O agradável jantar que ele havia planejado desfrutar na companhia de vários amigos já não parecia tão atraente.

Bethany também não se sentia nem um pouco animada ao se sentar no camarote da elegante lady Haynes, no Teatro Salisbury. Seus acompanhantes estavam mais alegres, vários a haviam encontrado antes na companhia da viscondessa.

Todavia, mesmo o clima de vivacidade que perdurara durante todo o jantar, mais cedo, não a tinha contagiado. Quanto à peça, a música e os figurinos a divertiam mais do que o enredo.

— Creio que foi melhor Richard não ter vindo conosco. Com certeza, esse espetáculo não lhe agradaria — lorde Thomas sussurrou próximo ao ouvido de Bethany.

— De fato, esse não é o tipo de peça que desperta o interesse de meu marido. Pode imaginar os comentários que ele faria? — Ela mantinha os olhos no palco enquanto falava.

Lorde Thomas sacudiu-se todo, contendo o riso.

— Já tive esse prazer, milady.

Os atores deixaram o palco, indicando o início do intervalo.

— Importa-se de caminharmos por alguns minutos? Há um assunto que eu gostaria de conversar consigo.

Bethany concordou e levantou-se para segurá-lo pelo braço. Assim que deixaram o confinamento do camarote, ele vagou pelo corredor em silêncio, como se se preparasse para um grande discurso. Esperou que Thomas se manifestasse, apreciando o passeio entre pessoas tão bem-vestidas.

Minutos depois, ela decidiu ajudá-lo a criar coragem:

— Milorde, diga qual é o assunto que deseja tratar comigo. — Ela acenou a cabeça para um baronete, seu conhecido. — Vai acabar perdendo a oportunidade, ao menos até o próximo intervalo. Lorde Thomas respirou fundo.

— Tenho pensado em casamento.

Bethany ficou surpresa com a objetividade daquela afirmação.

— Ah... E o que Richard acha da dama que o senhor tem em mente? — Ela o observou de soslaio. — O senhor tem alguém em mente, não?

— Sim! Sim, claro. — Ele tossiu, discreto. — Na verdade, não contei nada a Richard ainda.

— Não? — ela perguntou, desconfiada.

Se lorde Thomas não havia comentado com Richard sobre a noiva escolhida, devia ser porque o amigo teria alguma razão para desaprová-la.

— O que há de errado com ela?

— Nada! Ela é rica, bonita e afável. — Lorde Thomas cumprimentou duas senhoras que passavam por eles. — Amigas de minha mãe — explicou a Bethany em um murmúrio.

— Mas não tem berço. — Bethany notou a ausência desse item na lista de atributos que seu acompanhante tecera sobre a amada.

— Ela é filha de um comerciante levantino. — Ele, claramente, sentia-se culpado, para irritação de Bethany. — Meu irmão descobriu a respeito de meus sentimentos por ela

e recomendou que eu a apresentasse à sociedade.

— E por que o senhor decidiu contar a mim e não a Richard sobre essa pobre moça? Sem dúvida, o senhor não acredita que meu marido o criticaria por querer um casamento de conveniência. — Bethany retribuiu o cumprimento de uma matrona, que usava um sombrio vestido cor de berinjela.

— Sim. Sou o filho mais novo, e meu irmão quer uma mulher de posses na família. Mas, tendo-a encontrado em várias ocasiões, achei-a tão encantadora que seria uma grande perda para a minha vida se não me casasse com ela.

A veemência do lorde surpreendeu Bethany.

Ela o fitou por um longo momento, com os olhos estreitados. Se ele estivesse fingindo, sua atuação superava a dos atores no palco. Todavia, o charme inato e a loquacidade de lorde Thomas podiam ludibriá-la.

— Quer dizer que está apaixonado por essa moça?

— Do fundo da minha alma. — Ele se recostou contra a parede e suspirou, sonhador. Endireitando-se instantes depois, perguntou:

— Não vai contar nada a ninguém, vai?

Ela meneou a cabeça, prometendo manter silêncio.

— Fiquei tocada com sua confiança, mas por que fez essa revelação a mim? Ela também demonstra estar interessada em você?

Ele sorriu com a perspicácia de Bethany.

— De fato, ela parece corresponder aos meus sentimentos.

— Parabéns.

O comentário seco perdeu-se em meio à perturbação do nobre.

— O senhor a ama, ela o ama, seu irmão aprova o casamento de ambos, então está tudo bem.

— O problema é esse. — Ele baixou o tom de voz. — Não está tudo bem. Meu irmão aprova minha escolha, mas minha mãe e minha irmã são muito arrogantes para aceitar o ingresso da filha de um comerciante em nossa família.

— Elas são? Não é o que me parece... Ambas me tratam com muita gentileza.

De repente, Bethany ficou imaginando se as duas fingiam afeição por ela. Como se lesse seu pensamento, lorde Thomas bateu de leve na mão delicada, apoiada em seu braço.

— Por um lado, Richard e a irmã são muito bem-quistos por minha mãe, e, por outro, a senhora é bem-educada e sua família tem terras. — Os olhos azuis de Thomas cintilavam. — Além do mais, para uma puritana, a senhora se adaptou de forma notável ao convívio social. — Ficou sério. — Temo que Richard venha a suscitar a mesma queixa sobre os conhecimentos de minha Rosalind, embora eu acredite que ele possa mudar de opinião assim que a conhecer.

Levando em conta o quanto o marido estimava o amigo, Bethany o tranquilizou a esse respeito.

— Mas não tenho ideia sobre o que pode ser feito quanto à condessa e lady Haynes. — Bethany franziu o cenho, com simpatia.

— Se todo o problema fosse esse... O pai de Rosalind se opõe ao casamento. —

Ele respirou fundo, indignado. — Parece que ele não aprova minha reputação. Creio que ele poderia mudar de opinião se uma dama da sociedade se tornasse amiga de Rosalind e dissesse algumas palavras favoráveis sobre a minha pessoa ao comerciante.

O lorde arqueou a sobancelha de modo significativo.

— Eu ficaria contente em ajudar, mas apenas se a moça assim o quiser. — Bethany o alfinetou com um olhar duro. — Não quero tomar parte em um casamento forçado.

— Garanto-lhe que não é esse o caso. — Lorde Thomas a beijou na mão, agradecido. — Ela está assistindo à peça desta noite. Se me permitir, vou lhe apresentá-la no próximo intervalo.

O corredor lotado havia esvaziado, restando apenas alguns espectadores mais vagarosos. Enquanto Bethany abanava lorde Thomas com o leque de modo brincalhão, o capitão Loring se aproximava furtivamente. Ele reparou que o casal estava de mãos dadas, mas não disse nada, apenas ergueu a sobancelha, sardônico, e os cumprimentou com um aceno de cabeça. Bethany levantou o queixo e o fitou, imperturbável, enquanto a outra mão apertava o leque de pena de avestruz.

— Loring. — Após uma breve mesura endereçada ao capitão, lorde Thomas a conduziu de volta ao camarote que ocupavam.

— Não sei por quê, mas aquele homem faz minha pele formigar — ela sussurrou, olhando em volta para se certificar de que não havia ninguém sentado perto o suficiente para ouvi-la.

— Ele é apenas um infeliz. Richard, Loring e eu servimos o Exército francês durante o exílio do rei, mas Harcourt não pôde evitar um cargo oficial, e frequentemente se destacava de Loring, que não gostava nem um pouco. O capitão cria problemas para Richard sempre que pode. — Thomas aproximou a cabeça da de Bethany enquanto a ajudava a se sentar. Respirou fundo. — Ali está ela, do nosso lado oposto.

Ele moveu a cadeira de Bethany discretamente para que ela pudesse observar Rosalind sem ser vista e acomodou-se a seu lado.

Em um camarote quase em frente ao de lady Haynes, uma bela jovem sentava-se entre, um homem de meia-idade, que usava uma enorme peruca, e uma dama cujos cabelos estavam presos no alto da cabeça, seguindo a última moda, e enfeitados com pérolas, deixando apenas algumas mechas castanhas soltas ao redor do rosto angular. Bethany não conseguia identificar a cor dos olhos dela àquela distância, porém eram grandes e se arregalaram assim que encontraram os de lorde Thomas. Quase no mesmo instante, ela sorriu, radiante.

— Rosalind Hunter — ele informou em um sussurro, demonstrando todo o seu encanto por ela. — Não é a criatura mais amável que já viu?

Bethany achou melhor nada dizer; preferia conhecê-la bem antes de dar sua opinião a respeito.

Ela passou o segundo ato prestando mais atenção ao embaixado lorde Thomas, que, com beijos soprados, piscadelas e discretos acenos de cabeça, tentava se comunicar com sua deusa. Muito apropriadamente, Rosalind mantinha os olhos no palco, a não ser por alguns olhares furtivos voltados para Thomas quando o pai parecia concentrado na peça.

Assim que lorde Thomas apresentou Bethany aos Hunter, ela, sinceramente, desejou ser amiga de Rosalind. De acordo com lorde Thomas, o sr. Hunter era proprietário de um banco próspero e já tinha casado a filha mais velha com seu futuro

sucessor. Agora ele pensava em casar a filha mais nova com um membro da aristocracia, mas queria o próprio nobre, e não o irmão de um fidalgo.

Lorde Thomas já conquistara a aprovação da tia de Rosalind, uma mulher de meia-idade que se sentava junto aos Hunter, Bethany observou. A mulher mais velha, vivendo durante décadas oprimida pelas regras do irmão, deixara-se cativar com facilidade por lorde Thomas. Na verdade, era ela que transmitia os recados entre o dois jovens apaixonados.

— O sr. Hunter precisa ser convencido de que a aliança com os Orsey lhe trará mais prestígio do que com um mero barão ou visconde. — Ele sorriu para Bethany. — Não conte nada a Richard.

— Não, vou deixar essa tarefa por sua conta.

Ela se recusava a ajudá-lo até ter certeza de que ele não estava manipulando Rosalind visando a interesses próprios. Estreitou os lábios ao lembrar-se da perspectiva de passar o resto de seus dias junto ao sr. Ilkston. Bethany se sensibilizava mais com a difícil situação da herdeira do que com as palavras de lorde Thomas.

Sua preocupação com o bem-estar da garota desapareceu quando observou os dois juntos. Os olhos de Rosalind, que eram exatamente do mesmo tom azul-celeste que o traje de seda que usava, não se afastavam, nem por um segundo, do rosto de Thomas, nem mesmo quando ele a apresentou a Bethany. Em contrapartida, ele se dirigia a Rosalind com ternura, bem diferente do costumeiro modo despreocupado. Bethany reparou que nenhum dos dois notara que o público à volta tinha desaparecido. Satisfeita, decidiu desviar a atenção do sr. Hunter perguntando-lhe a opinião sobre a peça daquela tarde.

— Confesso que, até recentemente, eu nunca havia ido ao teatro! Fui criado no campo e não tive muitas oportunidades na vida.

Ele percorreu sobre o respectivo poder da companhia de atores do duque e da do rei enquanto despertava a piedade dos homens da cidade por alguém com o azar de ter crescido em qualquer outro lugar que não Londres.

Bethany ganhou a aprovação do comerciante ao pedir ao relutante lorde Thomas que os deixasse durante alguns minutos, insistindo em que as damas ansiavam por doces. Quando ele retornou, apressado, após ter executado sua incumbência, o intervalo estava quase terminando. Claramente satisfeito com o resultado, o sr. Hunter concordou que ela se juntasse à sua irmã e à filha para um passeio no Gray's Inn Field dentro de três ou quatro dias.

Bethany escutou os sussurros de protesto de lorde Thomas enquanto retornavam a seu grupo por tê-lo tratado de modo tão mesquinho.

— Shh! Posso lembrá-lo de quantas pessoas elegantes vão passear no Gray's Inn Field? *Nunca* se sabe quem poderá se oferecer para acompanhar a srta. Hunter e a tia.

Ela o encarou de modo significativo até que o rosto do amigo se iluminou.

— Oh! Sem dúvida, minha irmã e minha mãe vão adorar respirar um pouco de ar puro. Mas, e se Rosalind já estiver comprometida?

— Meu caro senhor, posso lhe garantir que, se ela já tiver algum compromisso, três dias serão suficientes para que ela se livre dele, e é bem provável que saia para comprar um vestido novo para lhe agradar.

Bethany não conseguiu conter o riso diante da expressão surpresa de Thomas.

Em seguida, ela se concentrou na peça, não permitindo mais nenhum tipo de interferência. Nos intervalos seguintes, recusou-se a ir ao encontro dos Hunter outra vez, nem consentiu que lorde Thomas o fizesse.

Embora a peça não fosse exatamente do seu gosto, ela apreciou a música e a dança final, e agradeceu a lady Haynes por tê-la convidado para aquele evento. Notou o olhar atento do capitão Loring sobre sua pessoa diversas vezes durante a encenação, porém apenas virava o rosto, ignorando-o.

Como já estava escuro quando a apresentação chegou ao fim, lorde Thomas e ela primeiro acompanharam lady Haynes até em casa na carruagem dela. Assim que a irmã foi deixada na segurança do lar, ele solicitou uma liteira e os serviços de um rapaz que carregava uma tocha e escoltou Bethany até Saint Clement's Lane. De ótimo humor diante da perspectiva de encontrar a srta. Hunter em breve, lorde Thomas pediu a Bethany que não revelasse as intenções dele a Richard enquanto entravam no hall.

— Claro, não contarei nada a meu marido! Essa incumbência será sua. — Ela sorriu e entregou a capa ao criado, que se encontrava à espera. — Gostaria de tomar uma taça de vinho ou um copo de cerveja?

Para surpresa de Bethany, a porta da biblioteca estava entreaberta, permitindo que um fecho de luz iluminasse o piso de madeira do corredor. Ela espiou pelo vão, seguida por Thomas. Harcourt estava sentado junto a um candelabro e naquele instante fechava o livro que tinha nas mãos.

— Pensei que fosse jantar com seus amigos...

Um jogo de sombra e luz brincava no rosto de Richard enquanto a luz das velas tremeluzia sobre seus cabelos, destacando os olhos verdes semicerrados. Contra sua vontade, Bethany sentiu o coração disparar quando ele a encarou.

— Decidi me juntar a eles mais tarde. Vou sair dentro de alguns minutos. — Ele franziu o cenho ao analisá-la. — Vocês dois parecem ter se divertido bastante.

Bethany recuou um passo devido ao tom de voz desconfiado do marido. A seu lado, lorde Thomas soltou uma gargalhada.

— Você teria ficado orgulhoso de lady Harcourt, Rickon. A primeira coisa que ela fez quando os atores mascarados apareceram no palco foi se inclinar para mim e sussurrar:

— Árvores dançantes? — Ele foi até a lareira para aquecer as mãos.

— Aquela cena não fazia sentido para mim. No decorrer da peça, entendi... — ela explicou, hesitante, enquanto ele mantinha os olhos semicerrados sobre ela. — Era diferente daquelas que você me levou para assistir.

Bethany aguardou um comentário de Richard, no entanto ele ficou em silêncio. Depois de alguns segundos, ela deu de ombros e fez uma vênica.

— Tenha uma ótima noite, milorde. — A voz fria de repente se tornou afetuosa: — Lorde Thomas, obrigada pela companhia tão agradável.

Richard observou Bethany retirar-se da biblioteca.

O som da risada que ela emitiu, vindo do corredor, surpreendeu-o, mas não pôde ser ouvido por muito tempo. Ele tentou refrear a onda de ciúme que o assolava. A frieza e o orgulho que ela demonstrava o enfureciam, mas Bethany não havia se rebaixado tanto a ponto de envergonhá-lo em público. E, com certeza, ele podia confiar em Tom.

Ainda assim, ficou imaginando se ela teria entrado em casa tão entusiasmada caso

ele os tivesse acompanhado. Repreendeu-se por tanto sentimentalismo. Ela queria ser a dona da situação e mostrava-se indiferente a tudo que se referia ao marido.

O fato de ele parar diante da porta de Bethany, tentado a bater e pedir permissão para entrar toda noite, ao subir as escadas a caminho de seu quarto, não indicava nada mais que frustração física.

Irritado com o rumo de seus pensamentos, fitou o amigo com ar de censura.

— Que segredo você pediu que minha esposa não revelasse a mim? — Ele tentou assumir um ar zombeteiro, mas não teve êxito.

O rosto de Tom adquiriu uma expressão insolente mediante aquela pergunta mordaz.

— Algo que você ficará sabendo no devido tempo — respondeu, impassível, embora a postura tensa indicasse a Richard que ele não aprovava aquele tipo de questionamento.

Richard recostou-se em sua cadeira. A resposta evasiva de Thomas aguçou ainda mais sua curiosidade. Ele não pretendia discutir com seu melhor amigo por causa de Bethany. Sem dúvida, descobriria toda a verdade depois de alguns drinques.

— Por que não se junta a nós esta noite? Vou me encontrar com Hardwick no Wooden Leg. Poderemos chamar mais alguém para jogar cartas conosco.

— Excelente! — Thomas exclamou, mais relaxado.

Ele se comportou com naturalidade durante toda a noite, embora se esquivasse das perguntas de Richard sobre seu grande segredo. Harcourt tentou mais uma vez enquanto Tom e ele jogavam cartas, e o jovem Hardwick procurava um quarto jogador para se juntar ao trio.

— Deixe estar, Rickon! Vai saber de tudo, espero que muito em breve. — Lorde Thomas fez uma careta enquanto punham as cartas na mesa. — Não é possível, você ganhou de nevo!

— Estou apenas revidando sua vitória sobre mim na semana passada.

Ambos brindaram, erguendo as canecas de cerveja e sorrindo.

Lorde Thomas colocou seu longo cachimbo na boca e o tragou, fechando os olhos enquanto exalava uma espessa fumaça de tabaco. Ao redor, um grupo de aproximadamente doze outros clientes fumava, acrescentando notas acres ao forte aroma de lúpulo e malte da taverna. O cheiro de carne assada veio da bandeja que a criada passou carregando em direção à outra mesa.

Richard franziu o nariz; a moça também deixou o odor de suor ao passar por eles. De repente, ele se lembrou do perfume de sândalo que a obstinada esposa usava.

Os amigos de Richard ocupavam uma mesa próxima à lanterna que pendia de um gancho de ferro pendurado à parede. As velas acesas emitiam sua parcela de fumaça também, que provocava o escurecimento de parte da parede e do teto, além de iluminar parcialmente os clientes e as criadas que serviam às mesas. As chamas refletiam um número considerável de jóias, já que o Wooden Leg se situava a oeste de Covent Garden, uma área habitada por nobres que precisavam morar perto do Parlamento e da corte.

Richard havia prendido um volumoso rabo de castor na aba de seu chapéu, com um reluzente broche de ouro. Em frente a ele, uma bela ametista cintilava na mão do amigo. Ele acenou para a pedra envolta por uma pesada moldura de ouro.

— Vejo que está fazendo bom proveito de seus ganhos e resgatou o anel de seu

pai.

— Graças a você e a meu irmão, tenho um bom dinheiro para me manter. — Lorde Thomas observou suas cartas com desgosto ao colocá-las sobre a mesa de madeira com várias rachaduras. — Ou, ao menos, eu tinha...

— Não se preocupe, pague-me assim que puder. — Richard ficou sério quando o outro sorriu e sacudiu o dedo que exibia o anel. — Não o penhore outra vez! Qualquer dia desses, não conseguirá mais recuperá-lo. Acredite em mim, você irá se arrepender. — Retorceu os lábios, amargo.

— Seus pais teriam preferido que você vendesse suas jóias a viver em uma gloriosa miséria, Rickon. Se fossem vivos, teriam feito o mesmo que eu.

Ele deixou o melancólico assunto de lado e arregalou os olhos. Apertando o braço de Richard, avisou-o:

— Não se vire agora, Hardwick está conversando com Loring.

Richard ficou tenso. Seu campo de visão incluía apenas a parede dos fundos do bar e algumas mesas? de ambos os lados.

— Maldição! Se Hardwick convidar aquele crápula para se juntar a nós, ele com certeza vai aceitar. — Seus dedos se fecharam em torno do cabo da espada. — Talvez tenhamos oportunidade de verificar se as habilidades dele melhoraram desde que lutamos na Holanda.

Lorde Thomas tirou o cachimbo da boca de modo casual e tomou um longo gole de cerveja. Seu olhar ainda estava voltado para a cena que se desenrolava atrás de Richard.

— A fortuna de Loring parece ter aumentado. Ele está usando mais seda e jóias do que minha mãe e minha irmã juntas. — Bufou. — E quem disse a ele que fitas cor de damasco combinam com veludo cor de vinho? Esse homem é um insulto à nossa visão.

— Provavelmente esse modo de se vestir é fruto da própria imaginação de Arthur — Richard murmurou. — Os Loring nunca tiveram bom gosto para nada, apenas nunca foram ricos o suficiente para ostentar sua vulgaridade. — Espiou o oponente com discrição, endireitando-se em seguida. — Minha nossa, o que é aquilo?!

— Como Hardwick pôde convidá-lo para se juntar a nós? Francamente... quase todo mundo na Inglaterra sabe da história de Loring com a família de milorde.

— Loring não tem tanto dinheiro assim. O rei garantiu a ele rendimento anual graças aos serviços prestados pelo pai dele, mas não se trata de uma quantia exorbitante.

— Não faço a menor ideia de quanto. — Tom deu de ombros.

— Ele joga tão mal quanto se veste. — Richard tamborilou os dedos sobre a mesa. — E o pai era o único na família que apoiava o rei, o que é um completo mistério.

— Talvez você possa questioná-lo a respeito, já que está vindo para cá com Hardwick.

Os dois amigos se puseram em alerta, embora a expressão do rosto de ambos estivesse impassível. Sir Harry Hardwick, um jovem imponente de cabelos castanhos ondulados, tinha crescido na Inglaterra e nem desconfiava da rivalidade entre Richard e o capitão. O rosto rosado demonstrava toda a sua satisfação ao apresentar o quarto integrante do jogo de cartas.

Ignorando o cumprimento indiferente de Richard e Thomas, Loring deu um grande show ao sentar-se e ajeitar as fitas e os laços que cobriam seus ombros, pulsos e joelhos. Confortavelmente acomodado, fingiu surpresa ao encarar lorde Thomas.

— Milorde, é muito bom vê-lo outra vez e em tão curto espaço de tempo. Quanta gentileza de sua parte divertir tanto lady como lorde Harcourt! — Os olhos escuros de Arthur brilharam, maldosos. — A propósito, o que o senhor e lady Harcourt tanto cochichavam no corredor do teatro esta tarde?

Richard já esperava um ataque daquele tipo do rival e o ignorou. Mas enquanto sir Harris embaralhava e dava as cartas, ele olhou de soslaio para Tom. O rubor havia tomado conta do rosto de seu velho amigo após as palavras de Loring.

Desconfiado, Harcourt apanhou suas cartas, organizando-as mecanicamente. Em um acordo mudo, Tom e ele jogaram contra sir Harry e o capitão. Como ninguém havia mordido a isca de Loring, este lançou outra:

— Ainda não acertamos os pontos, não é, Harcourt? — Sorriu, irônico.— Com a fortuna que você adquiriu com o casamento, não precisamos mais ficar presos a apostas infantis. Que tal estabelecermos meia coroa para cada ponto?

Embora muito aquém dos milhares de libras ganhadas ou perdidas na maioria das rodas extravagantes, um valor mal estipulado podia levar um homem à ruína. Tom mantinha-se inexpressivo quanto ao valor fixado, porém o rosto de sir Harry estava levemente pálido.

— Talvez um pouco menos, Arthur. Creio que dois xelins por ponto são suficientes. — Richard sorriu para o oponente. — Como o senhor mesmo salientou, sou um homem casado, e esposas são criaturas bem extravagantes.

— Principalmente quando se trata do dinheiro delas. — O capitão parecia o retrato da inocência enquanto fitava a própria mão.

Richard o observou com os olhos semicerrados enquanto o rival selecionava o primeiro descarte.

— Há também minha propriedade rural a ser considerada — Harcourt se defendeu. — A propriedade de Orsey pertence ao irmão de Tom, e o pai de sir Harry goza de excelente saúde, não?

Hardwick assentiu, nervoso com as hostilidades que os dois homens trocavam.

— Claro que seu pai não tem direitos sobre a propriedade da família dele, então o senhor está livre de tais ônus. Eu, infelizmente, devo considerar minhas responsabilidades — Richard concluiu.

Os lábios de Tom estremeceram, porém ele não disse nada. Os dentes de Loring por pouco não foram moídos pelo soco de Richard, já que o oponente conseguiu se desviar a tempo.

— Espero remediar essa situação o mais rápido possível — Arthur se manifestou. — A família de minha mãe tem terras em Bedfordshire e posso passar alguns dias lá.

A essa altura, os nervos de sir Harry já estavam em frangalhos, e ele pediu que o jogo começasse logo.

Capítulo X

As consequências daquela noite não foram imediatas, mas Richard pegou-se observando tanto a esposa quanto o melhor amigo mais de perto. Nem passava por sua cabeça suspeitar de Tom, porém não podia deixar de notar que ele passava bastante tempo na companhia de Bethany.

Um passeio no Gray's Inn, outra peça de teatro, uma pequena viagem até Greenwich com direito a uma refeição em um restaurante de lá. Toda vez que Richard punha os pés no hall, Tom chegava para acompanhá-la a outro passeio ou Bethany entrava, apoiada no braço do amigo.

Os dois também incluíam outras pessoas em seus esquemas e com frequência convidavam Richard para se juntar a eles, confortados pelo fato de que ele não os acompanharia. Tom conhecia tão bem quanto Richard a arte de seduzir uma mulher sob o nariz do mais zeloso dos guardiões. Entretanto, admitia que a própria negligência encorajava Bethany a se afastar dele e se aproximar de seu melhor amigo.

Ele se recusava a confrontar os dois, sob pena de levar a esposa a pensar que ele estava com ciúme.

Tentava se convencer de que o aperto no peito que o incomodava era devido ao fato de que o comportamento da orgulhosa Bethany podia denegrir o bom nome de sua família.

Ele continuava se comportando como antes. Visitava seus cafés favoritos para se manter informado sobre as fofocas da corte e jantar com os amigos. Passava as madrugadas jogando nas casas da moda, frequentando o teatro e bebendo em tavernas, onde um aristocrata podia desfrutar de uma caneca de cerveja sem se preocupar em manter as aparências.

Os companheiros o criticavam porque ele não era mais o mesmo. E ele alegava que, apesar de estar na moda, não podia se envolver com as meretrizes sujas e doentes que exerciam seu ofício nas tavernas.

— Ora, ora, Harcourt! Não o vejo fazer nada além de flertar com uma mulher atraente desde que se casou. — O sujeito tomou um gole de sua bebida, sorrindo. — Não que o estejamos censurando. — Vimos lady Harcourt em Saint James's Park ontem com um de seus amigos...

O ruído alto de metal contra metal o interrompeu. Richard se ergueu, com a espada em punho.

— Sugiro que não termine essa frase! — O conselho dado aos berros veio de algum canto do salão e foi seguido por uma explosão de risos e gargalhadas.

O olhar do sujeito foi da lâmina cortante para o rosto de Richard. Este não moveu um músculo sequer até que o sujeito se deixou cair, afundando na cadeira e murmurando um pedido de desculpas.

Após um longo silêncio, ele tornou a embainhar a espada e voltou à própria bebida. Os outros fregueses da taverna reconheceram que Richard agira bem ao evitar que o nome da esposa fosse insultado em um lugar público.

Apesar das declarações sussurradas dos amigos de Richard que não insinuavam

nada a respeito do comportamento inadequado da esposa do lorde, as dúvidas persistiam. E não ajudava em nada ficar imaginando por que ela passava tanto tempo na companhia de Tom e da família dele quando uma torrente de convites era enviada diariamente para ela. Que Orsey passava muito menos tempo na companhia de Richard também não passava despercebido ao lorde.

Bethany foi bem-sucedida ao aproximar Rosalind da mãe e da irmã de lorde Thomas. Ela descobriu o gosto pela organização de festas e provou ser uma anfitriã popular. Com os próprios convites procurados pela sociedade, foi inserindo a srta. Hunter e a tia nos eventos que promovia.

A modéstia da jovem Rosalind evitava acusações de tentar ascender socialmente, enquanto a língua afiada da tia divertia os convidados mais espertos e espirituosos. Bethany até mesmo apresentou o pai de Rosalind, um grande amante do teatro, a algumas damas e cavalheiros com entusiasmo similar. Entre eles, estava lorde Thomas, que impressionou o velho banqueiro com seu conhecimento sobre a dramaturgia.

Nenhuma das Hunter, nem Bethany, tentou esconder seus conhecimentos moderados, o que as tornou inaceitáveis aos olhos dos fidalgos de posição social mais elevada, porém estes eram minoria. A maioria da nobreza seguia a regra da corte do novo rei, que determinava que qualquer pessoa vestida de modo adequado podia entrar em Whitehall e conhecer o monarca.

Bethany tirou vantagem dessa norma e levou a srta. Hunter à corte, chamando a atenção de lady Planchard. Embora a mãe de lorde Thomas não aprovasse totalmente as origens mercantis da moça, ela deu crédito a Rosalind por seu comportamento impecável.

— Na verdade, a srta. Hunter poderia dar aulas de boas maneiras a muitas damas da corte — a condessa opinou ao se sentar na sala de visitas de Saint Clement's Lane para degustar uma xícara de chá.

Bethany tinha comprado um requintado jogo de chá de porcelana e quis ostentá-lo. A srta. Hunter e a tia haviam acabado de se retirar.

Lady Haynes, que trouxera a mãe de Whitehall, fez uma desordem para experimentar a bebida. Lady Planchard torceu o nariz diante dos modos da filha.

— Ainda ontem ouvi uma jovem dama de uma das melhores famílias da Inglaterra dizer... — baixou o tom de voz, fazendo com que Bethany e a viscondessa se inclinassem para a frente a fim de escutá-la — ...uma palavra obscena. — Ela estremeceu e tomou um revigorante gole de chá.

As duas jovens, familiarizadas com esses termos graças ao eventual uso por parte de seus respectivos maridos, esforçaram-se para se manter impassíveis.

— O vestido da srta. Hunter era tão agradavelmente comedido e o de melhor qualidade, entre todos que ela já usou. — Os olhos da condessa brilharam, especulativos. — Fico imaginando se Thomas anotou...

Bethany sussurrou tal comentário de lady Planchard ao ouvido do entusiasmado lorde Thomas durante um enfadonho concerto de Orlando Gibbons, na casa do sr. Davenant. Ela temia que em um ambiente mais restrito ele a beijasse no rosto com um ruído tão estalado quanto havia beijado suas mãos. Porém, sendo estreante na sociedade, de uma forma ou de outra, as más línguas não lhe dariam trégua.

Quando entrou com ímpeto na sala de jantar na tarde seguinte, interrompendo a refeição de Bethany, Tom não se contentou em apenas beijá-la no rosto. Ela mal o havia cumprimentado antes que ele a puxasse do assento e lhe desse um abraço apertado.

— Bethany, você não vai acreditar no que aconteceu!

— Está tentando me dizer que o sr. Hunter aceitou seu pedido?

Ela teria sorrido da expressão de desânimo que de repente dominou o rosto de Thomas se ele não estivesse com dificuldade de respirar.

— Sim, mas como ficou sabendo? — Antes que ela pudesse tomar fôlego para responder, ele acrescentou: — Não importa, isso não levará a nada. Pedi a mão de Rosalind esta manhã e terminamos de fechar o acordo no jantar desta noite.

— Dinheiro outra vez! — ela exclamou. — Sempre se faz a mesma pergunta quando se trata do casamento de uma herdeira: de quanto é o dote dela?

Lorde Thomas ergueu o queixo.

— Você sabe muito bem que não vejo Rosalind dessa maneira. — Ele a fitou nos olhos e prosseguiu com franqueza: — Eu me casaria com ela mesmo que o sr. Hunter perdesse toda a sua fortuna amanhã.

— Perdoe-me, Tom. Não tenho direito de julgar seus sentimentos. — Bethany se esforçou para conter as lágrimas que ameaçavam rolar por seu rosto. — Desejo que sejam muito felizes.

— Você poderia tentar se desculpar... — o rapaz propôs com suavidade, porém ela se ofendeu mesmo assim.

— Por permitir que Richard procure sua amante? Fale a sério, Tom. — Ela caminhou até a lareira e parou diante das chamas baixas.

— Por rejeitá-lo. — Seguiu-a. — Ele perdeu o pai aos dezoito anos, na Batalha de Worcester. Depois disso, levou a mãe e a irmã para morar fora da Inglaterra, mas a mãe morreu em Paris alguns anos depois. A sra. Shadbourne o aceitaria de volta agora que ele tem dinheiro suficiente para financiar seus gostos dispendiosos, mas ele não esqueceu que ela o trocou por um velhote riquíssimo.

— Mesmo que levasse em consideração o que acabo de ouvir, como eu poderia me desculpar com alguém que mal vejo? — Bethany franziu o cenho.

— Oh Tom, ele sai de casa no final da tarde e só volta de madrugada na maioria das vezes. Mal olha para mim e muito menos me dirige a palavra. — Ela se virou e afundou o rosto no ombro do amigo. — Como Richard e eu pudemos chegar a esse ponto?

— Vou pensar em uma saída para essa situação, minha querida. — Ele a afagou nas costas. — Não é certo que você seja tão infeliz. Talvez devesse deixar a cidade por alguns dias.

— Sim, para manter as aparências, parece uma excelente ideia.

Ambos ficaram imóveis ao ouvir a voz baixa de Richard. Bethany se virou a tempo de ver o marido colocar as luvas sobre a mesa. Na ânsia de contar a ela sobre o casamento com Rosalind, lorde Thomas deixara a porta da sala aberta. Apavorada, ela se deu conta de que Richard devia ter escutado o final da conversa. Recordando-se de que estava nos braços de lorde Thomas, ela deixou escapar um gemido e deu um passo atrás.

— Oh, continuem... E perdoem-me por interromper uma cena tão tocante. — Apesar de aparentar calma, os olhos de Richard faiscavam perigosamente e seu rosto estava pálido.

Bethany o encarava, nervosa, temendo que ele puxasse a espada a qualquer momento.

— Uma cena que está interpretando mal, Rick. — Lorde Thomas se interpôs entre o casal.

— Será, Tom? — A risada fria de Richard ecoou pela sala. — Nunca machuquei uma mulher na vida... Já você... — Ele apanhou uma luva e ia atirá-la no rosto do amigo se Bethany não tivesse saído de trás de Thomas e agarrado o braço de Harcourt.

— Richard, não! Você está completamente enganado!

Ele se livrou de Bethany, mas não desafiou o amigo. Tom tentou protegê-la, empurrando-a com cuidado para o lado. Richard se lançou sobre ele assim que percebeu que Bethany estava fora de perigo. Porém, ela deu um passo à frente, com os braços estendidos, tentando separá-los.

— Parem com isso! Os dois são culpados! — Ela os observava, furiosa. — Tom, se você não tivesse mantido seus planos em segredo, Richard não estaria confundindo as coisas agora.

— Já chega. — A expressão de fúria havia abandonado o semblante de Richard. — Ele inclinou a cabeça para a frente e agarrou uma cadeira como se quisesse se sustentar de pé. — Sei muito bem que parte da culpa pelo que está acontecendo é minha ou, Deus bem sabe, já a teria espetado com minha espada aí mesmo onde está.

— Richard, por favor, deixe-me explicar! — A exasperação de Bethany aumentou após ouvir as palavras do marido.

— Milady, não posso conceber que o que quer que tenha para me dizer possa justificar suas palavras e suas ações de ainda há pouco. — Ele ignorou os protestos da esposa para se dirigir ao amigo: — Saia daqui. Apenas porque assumo parte da culpa por essa maldita situação não significa que o perdoo por ter tirado vantagem da fraqueza de minha esposa.

— O quê?!

Os dois homens ignoraram a reação indignada de Bethany.

— Não vou sair daqui até que ter certeza de que ela estará segura com você. — Lorde Thomas cruzou braços e fixou o olhar em Richard.

— Juro pelo túmulo de meu pai, Tom. — Richard sorriu, amargo.

Thomas acreditou no amigo e, após fazer, uma breve reverência a Bethany e um aceno de cabeça a Richard, ajeitou o chapéu na cabeça e partiu.

Ela tentou se explicar, mas Richard a interrompeu e, a passos largos, caminhou até o cordão da campainha. Tocou-a tão imperiosamente que o porteiro, a governanta e até mesmo a cozinheira correram até a sala.

— Façam as malas de lady Harcourt.

Bethany afundou em uma cadeira, chocada com a ordem do marido. Ele a fitou nos olhos antes de prosseguir:

— Ela vai para Yorkshire amanhã assim que raiar o dia.

Logo que os criados se foram, ela tentou, mais uma vez, contar a verdade a Richard.

— Eu a vi abraçada a meu melhor amigo e planejando fugir com ele!

Richard não foi violento nem demonstrou nada além de uma fria polidez, porém não permitiu que Bethany se defendesse.

— Será melhor afastá-la da tentação. Quando nos casamos, você disse que

gostaria de morar em minha propriedade rural. Muito bem... Poderá colocar em prática suas habilidades de administradora de trabalhos domésticos, a fim de garantir o bom andamento de Graymoor. — Ele pegou suas luvas e as calçou. — Vou pedir a Lane que a conduza a Stanworth. Poderá passar uma noite lá e apanhar Gloriana. Está na hora de ela voltar para casa também. E diga à cozinheira que nós dois faremos a ceia em casa esta noite.

Ele nunca a havia olhado de modo tão frio como naquele instante.

— Nesse meio tempo, vou precisar tomar algumas providências — acrescentou ele. — Creio que me entende e que vai parar de me importunar.

Em seguida, Richard deu meia-volta e a deixou no meio da sala, atônita.

Ambos mal se falaram pelo resto da tarde e da noite.

Quando Richard a ajudou a subir no novo coche de viagem que ela havia autorizado o sr. Leafley a pagar, no dia seguinte, a fúria de Bethany devido à recusa do marido em ouvi-la quase a convenceu de que também era seu desejo ir para Yorkshire.

Ela se acomodou no assento macio e observou Faith, que se sentou à sua frente. Os olhos da criada estavam cheios de lágrimas diante da perspectiva de se separar de Lane, o que irritava Bethany consideravelmente.

— Pare de se debulhar em lágrimas! — Entregou um lenço bordado à empregada. — Ao menos você ainda terá alguns dias com seu homem.

Esfregando os olhos, Faith encarou a dama.

— Milady, a senhora o ama?

Bethany não fingiu não entender a pergunta, mas falar sobre o marido apenas lhe causava uma profunda melancolia.

— Por que não se reconcilia com ele?

— Assoe o nariz — foi a resposta seca de Bethany.

A raiva deu forças a Bethany para suportar a longa jornada até Yorkshire. A medida que o coche se arrastava para o norte, seguindo pelas estradas mal-conservadas, ela tentava controlar a náusea que a afligia. Na verdade, não sabia o que era pior, se a indisposição física ou a tagarelice da cunhada. Enfim, perdendo a paciência, ameaçou fazer a garota descer da carruagem e percorrer o restante do trajeto a pé.

Felizmente, a intimidação surtiu efeito até o quinto dia de viagem. Depois de um jantar caracterizado pelo silêncio de ambas, a noite de sono restaurou-as a ponto de voltarem a agir com civilidade.

Esperavam chegar a Graymoor antes do pôr-do-sol daquele dia, e até mesmo o humor de Bethany melhorou com a perspectiva do fim da jornada. Incerta quanto ao que encontraria pela frente, perguntou a Gloriana sobre a propriedade. A delicada loira meneou a cabeça de um lado para o outro.

— Não ponho os olhos em Graymoor desde que eu era criança. Nem mesmo sei descrevê-la. — A voz da garota assumiu um tom saudosos. — Lembro-me apenas de detalhes, algumas cenas, como quando eu brincava com minha arca de Noé sobre o chão de madeira ou seguia minha mãe em suas atividades diárias. — Ela apoiou o rosto no encosto macio do banco e fechou os olhos. — Eu me agarrava ao vestido de mamãe enquanto ela visitava a despensa. Ela nunca permitia que eu tocasse coisa alguma por lá e costumava dizer que um remédio tomado sem necessidade...

— ...Era tão perigoso quanto a doença. — Bethany terminou a frase e sorriu pela

primeira vez desde que deixara Richard. — Deve ser uma frase comum entre as mães. A minha também sempre dizia isso.

Gloriana também sorriu, mas sua alegria logo se desvaneceu ao observar a paisagem ao redor.

— É estranho voltar para casa e não reconhecer o caminho.

— Ainda pensa em Graymoor como sendo seu lar depois de tantos anos ausente?

— Bethany endireitou a cabeça, curiosa.

— Sim — a cunhada respondeu, enfática. — Foi o único lugar onde minha família viveu unida. E feliz.

Nenhuma das duas disse mais nada por um bom tempo depois. Eventualmente, Gloriana dormitava, encolhendo os pés sob as saias. Bethany olhava pela janela, fascinada com as colinas que se estendiam a perder de vista dos dois lados da carruagem. Ela tinha a impressão de estarem viajando sobre uma vastidão verdejante, que se elevava cada vez mais, em direção ao brilhante céu azul.

Vários quilômetros depois, o veículo parou no topo de uma cordilheira. A carruagem sacudiu quando Lane desceu da boleia. Batendo à porta, ele as convidou para apreciar a vista.

Ao descer, Bethany enfrentou o vento forte que havia soprado durante a maior parte do dia, seguida por Gloriana, que esfregava os olhos sonolentos. Lane as guiou por uma trilha durante alguns minutos. O caminho estreito cruzava um rio, então eles tomaram um caminho mais longo pela lateral do pequeno vale.

De repente Bethany avistou uma casinha erguida junto a um muro. Mesmo àquela distância, parecia estar abandonada. Lane apontou, mas Gloriana falou primeiro:

— Graymoor.

Quanto mais se aproximavam, pior parecia o estado da casa. Voltada para o leste, exibia o pátio coberto e aparentava estar completamente vazia.

— Richard disse que inimigos do rei tentaram demoli-la. — Gloriana observou a janela; sua animação jovial tinha desaparecido. — Não faço a menor ideia de quão perto eles chegaram de seu objetivo.

Fitando-a, Bethany apenas anuíu, meneando a cabeça. Uma pilha de entulho indicava que não havia sobrado muita coisa de uma ala. O restante da fachada acinzentada apresentava buracos de bolas de canhão e a pintura chamuscada em volta.

Para alívio das duas, assim que o cocheiro as conduziu por um portão enferrujado e deixou para trás a pilha de entulho, um pequeno comitê de boas-vindas as aguardava. Richard devia ter comunicado aos criados a iminente chegada das damas. Lane as apresentou a um ansioso casal de idade.

— Este é o sr. Platt, que era o chefe dos carpinteiros, e a sra. Platt, a cozinheira. Lorde Harcourt não contratou governanta nem administrador para esta propriedade, portanto este casal cuida de tudo desde que o patrão voltou.

Os dois criados reverenciaram as recém-chegadas.

— Estamos felizes de conhecer nossa patroa, e espero que entendam se a casa não estiver da forma como gostariam de encontrá-la — a sra. Platt falava enquanto o marido concordava solenemente, acenando a cabeça. — Faz apenas dois dias que ficamos sabendo que chegariam, e não temos outro tipo de carne para as refeições além da de galinha, a não ser o coelho que Platt matou ontem no jardim.

Bethany ergueu a mão para interromper aquela torrente de palavras nervosas.

— Quer dizer que a senhora preparou uma refeição quente para nós? — Ela sorriu para a mulher que torcia o avental. — Como ainda não jantamos, qualquer coisa será deliciosa.

Atrás de Bethany, Gloriana interveio:

— Imagino que a senhora não tenha feito aqueles biscoitos de gengibre dos quais me lembro tão bem?

A cozinheira suspirou.

— Desculpe-me, srta. Gloriana, mas não foi possível. O sr. Rickon... ou melhor, lorde Harcourt... envia dinheiro todo mês, mas, com tantas necessidades, não sobra nada para as especiarias.

O marido anteriormente sombrio da sra. Platt sorriu.

— A menos que eu esteja enganado, vi um prato de bolo de aveia na cozinha. Felizmente, não nos esquecemos de como a senhorita devorava qualquer doce que via pela frente.

Dividida entre a sensação de se sentir uma completa estranha no ninho e divertida com o rubor da cunhada, Bethany riu.

— Sem dúvida, vamos comê-lo. Mas lamento que tenha de partilhar o bolo de aveia com todos nós, minha cara Gloriana.

Após uma saborosa refeição, Bethany pediu à cozinheira que lhes mostrasse o resto da casa. Enquanto ficava angustiada por ver a ruína de uma casa tão bonita, o rosto de Gloriana ficava mais pálido a cada cômodo que entravam. A garota explodiu em lágrimas ao contemplar o quarto dos pais, com as cortinas ainda penduradas e seus painéis de madeira trabalhada.

— Fico satisfeita por minha mãe ter morrido na França. Ela amava Graymoor quase tanto quanto à própria família. — Gloriana se apoiou no ombro de Bethany e soluçou.

A cozinheira se apressou a levá-las de volta à cozinha e lhes ofereceu um copo de sidra.

Após verificar o estado em que a cozinha se encontrava, a opinião de Bethany em relação à cozinheira se elevou. A sra. Platt a mantinha notavelmente limpa, porém aquele espaço também havia sofrido com os anos de abandono. A mulher pareceu rejuvenescer anos após ouvir os elogios da patroa e prometeu apresentar, no dia seguinte, uma lista completa dos itens que faltavam para os reparos e a manutenção da casa.

No primeiro domingo em Graymoor, Bethany tirou a cunhada da cama no início da manhã, para que fossem à igreja. Gloriana resmungou um pouco, mas foi se arrumar. Ela optou por um vestido de seda azul-celeste, enquanto Bethany usava um de sarja bege, enfeitado com broches dourados e fitas verdes cintilantes.

Bethany gostou do culto mais do que esperava.

Em Londres, ela frequentava as cerimônias religiosas ministradas pelo sr. Barker, assim como as das igrejas da moda, frequentadas pela aristocracia monarquista. Ninguém quase lhe dava atenção. Mesmo o mais simples de seus vestidos novos destacava-se nas congregações dissidentes, onde ela não era bem-recebida. Os cultos das igrejas estabelecidas, com seus altares protegidos por grades e os pastores vestidos a caráter, também a tratavam como uma alienígena às vezes.

Naquela manhã, ela assistiu à mesma cerimônia, ministrada nos confins de uma pequena igreja normanda, muito mais confortável. O sermão animado do pastor a agradou bastante.

Ao ser apresentada a ele mais tarde, descobriu que o reverendo, o sr. Coker, e a esposa também não pertenciam àquela região.

— Ambos somos de Lancashire, embora nossos dois filhos mais novos tenham nascido aqui em Kilpenny. — Ele indicou um rapaz forte, que solenemente agarrava a mão da irmã mais nova.

Eles se encontravam atrás do resto da congregação, que se aglomerava à porta, preparando-se para se proteger da chuva ao deixar o local.

Ele reconheceu o nome delas, claro, e se ofereceu para lhes mostrar a pequena igreja enquanto as pessoas se dispersavam.

— Obrigada, eu adoraria, mas nosso coche está à nossa espera. Se o senhor tiver tempo num outro dia, eu gostaria muito de conhecer melhor esta igreja. Espero que não se importe, Gloriana? — Quando se virou para a cunhada, Bethany descobriu que a rota estava a vários passos de distância, conversando com um rapaz vestido de modo elegante.

Eles se encontravam parados a uma boa distância um do outro, porém Bethany não gostou da expressão envergonhada do rosto da cunhada. Felizmente, o bom reverendo percebeu o que a afligia e murmurou:

— Trata-se de sir Fothery Lambert, de vinte e cinco anos, que herdou do pai o título de baronete há dois anos. Os Lambert têm sido a principal família a contribuir com os interesses da igreja desde que os Harcourt abandonaram a região. Uma família íntegra. Simpatizantes da monarquia, mas optaram por fazer alguns acordos depois de ver o que aconteceu a Graymoor.

Com o semblante sério, Bethany agradeceu as informações e foi se juntar ao jovem casal. Gloriana a cumprimentou com alegria.

— Bethany, você nem imagina! Encontrei um velho amigo. Quero lhe apresentar Fothery... perdoe-me, sir Fothery Lambert. A propriedade dele fica próxima ao vale. Sir Fothery, esta é minha cunhada, lady Harcourt.

O rapaz fez uma mesura a Bethany, que não lhe disse nada além do que recomendavam as boas maneiras. Ela teve de admitir que o rapaz possuía um belo par de olhos castanhos e parecia muito gentil e educado. Gloriana exclamou:

— Ele se lembra de mim! Veja, ele estava me mostrando uma placa de mármore dedicada à memória de meu avô!

— É realmente encantador, minha querida, mas temos uma carruagem à nossa espera. Vamos. — Ela fez uma breve reverência ao baronete.

Ele desviou a atenção de Gloriana, dizendo que gostaria de apresentar a mãe a Bethany assim que possível.

— Lamento que ela não tenha passado bem esta manhã para vir ao culto, milady, mas creio que estará se sentindo melhor amanhã. Gostaria de fazer uma visita a ela? — ele perguntou, com tanto charme que até mesmo Bethany teve dificuldade de recusar o convite.

— Não vou prometer nada, sr. Fothery. Estou certa de que encontraremos lady Lambert no culto da próxima semana, se não antes.

Gloriana e ele pareciam duas crianças desoladas. Sufocando o riso, Bethany voltou atrás em sua decisão:

— Estamos muito ocupadas com a reforma de nossa casa, como deve saber. Mas vou enviar um mensageiro para que pergunte à sua mãe quando poderemos visitá-la. — Encarando Gloriana com severidade, acrescentou: — Faça uma mesura ao baronete, querida. Temos de ir embora.

Como já era esperado, a garota passou o trajeto de volta para casa se revezando em ressaltar a falta de sensibilidade de Bethany e em descrever os brilhantes olhos de sir Fothery, assim como seu belo perfil. Para satisfação da cunhada, a garota parou de fazer beicinho ao descobrir que a sra. Platt tinha preparado seu prato favorito: *fricassé* de frango com aspargos.

Mais tarde, Bethany se recolheu ao silêncio abençoado de seu quarto para escrever o bilhete a sra. Lambert e pensar na grandiosa tarefa de restaurar Graymoor.

À medida que os dias e depois as semanas se passavam, Bethany tentava administrar a casa tão calmamente quanto possível naquele estado de destruição. Em geral, ela ficava horas examinando os livros contábeis da propriedade. Acordava ainda de madrugada, fazia suas orações e depois se dedicava às tarefas listadas para aquele dia.

Logo após o café da manhã, as reuniões começavam. Os campos e os pastos de Abberly supriam as próprias necessidades; já a arruinada Graymoor causava complicações sem fim. A sra. Platt com frequência tinha de esperar as entregas diárias de suprimentos para depois discutir com a patroa as refeições do dia. Os lençóis de linho eram tão escassos que Gloriana e a cunhada passaram a dormir na mesma cama para poder trocá-los com certa frequência.

Além da pouca comida e dos limitados tecidos de linho, a propriedade contava com uma quantidade bastante reduzida de animais. Cavalos, ovelhas e gado podiam ser comprados, mas os criadores cobravam muito caro por eles. E tais custos representavam pouco se comparados aos preços do material de construção e da mão-de-obra.

Graças a sir Fothery e à mãe dele, Bethany conheceu um construtor talentoso de Nova York, que concordou em reformar Graymoor. O sr. Quintan havia estudado na França e na Itália e apresentou um projeto atraente para a casa, que incluía uma bela fachada para o pátio, um terraço amplo e uma arcada aberta do lado oeste da casa.

Em uma carta enviada a Richard, ela detalhou os planos do construtor e os custos estimados, pedindo ao marido que aprovasse ou não a proposta. No entanto, ela não recebeu resposta alguma.

Após um mês de espera, decidiu por si mesma contratar os serviços do sr. Quintan. Sentindo-se na obrigação de manter o marido informado quanto ao andamento das obras, ela escrevia a ele todas as semanas, preocupando-se em manter as cartas tão impessoais quanto possível. Ele nunca escreveu de volta.

Entretanto, comida, tecidos, tapeçarias, animais e material para construção tinham de ser comprados e transportados, gerando despesas tremendas. O sr. Leafley se mostrou útil mais uma vez ao enviar um funcionário a cavalo até ela, carregando uma bolsa de ouro e uma carta de crédito de um banco de Nova York. Graças a ele, Graymoor agora contava com uma considerável provisão de dinheiro à mão, que havia levado apenas uma semana para chegar.

Verificando as contas, Bethany entendeu o desgosto de Richard diante de sua insistência em ficar com metade da fortuna que o pai deixara a ela. Vendo as terras arrendadas em situação deplorável, ela percebeu que os pequenos rendimentos oriundos

dos aluguéis iam cessar em um futuro próximo. Então, perguntou a Richard, por meio de uma carta, se ele permitiria que ela perdoasse os aluguéis dos seis meses seguintes. Não recebendo resposta alguma da parte dele, ela mais uma vez tomou a decisão por conta própria, e pensava em estender o período de isenção para os próximos doze meses.

Capítulo XI

Richard amassou e formou uma bola de papel com as cartas mais recentes de Bethany. Estava a um passo de atirá-la ao fogo crepitante da lareira quando se deteve e pôs-se a caminhar pela sala de leitura da pequena casa que tinha alugado pouco tempo antes. As correspondências ainda chegavam ao endereço de Saint Clement's Lane, mas ele achava insuportável ficar hospedado na casa do tio sem Bethany.

Atirando o chumaço de papel ao lado da mesa, apanhou uma garrafa de vinho e se serviu de uma taça. Depois de murmurar uma maldição sobre esposas em geral e sua obstinada mulher em particular, voltou a perambular pela sala.

O desejo ardente chegava a ponto de lhe tensionar os quadris. Um homem sensato se aliviaria com uma prostituta ou com uma das muitas mulheres casadas e infelizes de Londres. Amargo, amaldiçoou-se também. Um homem de bom-senso não teria se casado com uma mulher como Bethany: ardorosa na cama, mas fria ao tomar decisões.

As cartas que jogara fora comprovavam seu ponto de vista pois não continham uma única palavra que revelasse que ela sentia saudade do marido. Apenas detalhavam os reparos em Graymoor, que ela havia autorizado, pedindo a opinião dele. Aparentemente, ela se dedicava com afinco ao retorno da vida no campo.

Richard não via como responder a questões que considerava apenas retóricas. As cartas evidenciavam uma mulher inteligente e capaz de administrar com eficiência os próprios negócios, mesmo se mostrando indiferente a ele. A infeliz se considerava autossuficiente!

Ele olhou para a garrafa de vinho em sua mão, surpreso por vê-la vazia outra vez. Sentando-se em uma cadeira, tentou ler um livro pelo qual já havia perdido o interesse duas vezes. Em geral, juntava-se aos amigos para se divertir noite afora quando esse tipo de inquietação o dominava, mas ainda assim não conseguia se livrar do mau humor infame. A luz dançava sobre o livro em seu colo enquanto ele fitava o fogo.

Lorde Thomas não dava sinais de um homem privado de sua amante, o que tanto aliviava quanto irritava Richard. Se tivesse certeza de que havia tirado as conclusões erradas sobre a esposa e Tom, ele pediria desculpas de imediato. Ferira o próprio orgulho ao mandar Bethany para o campo. Vislumbrando-a, de olhos fechados enquanto Tom a beijava no topo da cabeça, atirou o livro longe. Recostou-se à cadeira e lutou para controlar a ira e o desespero que o consumiam.

Será que ela sentia falta de Tom em Graymoor ao passo que este se divertia em Londres? O único motivo que impedia Harcourt de desafiar lorde Thomas para um duelo era saber que tal atitude destruiria a reputação de Bethany.

A pior coisa era quando o marido sentia mais falta da esposa do que o amante dela.

Alguém bateu com força à porta, no andar de baixo. Richard sorriu, melancólico. Ele havia dispensado os criados mais cedo aquela noite, e não desejava companhia alguma no momento.

— Pelo amor de Deus, vá embora! — Seu grito não podia ser ouvido lá de baixo, e as batidas vigorosas continuaram a aborrecê-lo.

Exclamou, satisfeito, quando elas por fim cessaram.

Instantes depois, um inconfundível golpe de machado sobre madeira reverberou pela casa.

— Que diabos está acontecendo?

Richard se levantou da cadeira e desceu ao andar térreo, dando de cara com a balaustrada do modesto hall de entrada. Os pedaços da porta da frente da casa estavam espalhados para todos os lados. De repente, vários soldados irromperam pelo vão aberto. Ao ver Richard, detiveram-se, sustentando lanças e alabardas, enquanto o capitão se aproximava de Richard.

A voz furiosa do lorde interrompeu a breve calmaria:

— O que significa essa invasão?

Os olhos de Arthur Loring cintilaram, zombando de Richard, ao tirar o chapéu da cabeça e cumprimentá-lo.

— Que agradável recepção, Harcourt. — Ele apontou o pé da escadaria com a espada empunhada e ordenou: — Prendam-no.

Desarmado, Richard não tinha chance de se defender de quatro homens que dispararam a passos largos em sua direção, porém, sem se atemorizar, ele golpeou habilmente o primeiro no queixo e deu um pontapé em outro, lançando-o além da balaustrada. De repente, foi surpreendido por um brutamontes que o golpeou na lateral do rosto. Atirado de costas contra dois soldados, Richard sentiu seus braços presos junto ao corpo. Ainda tentou, sem sucesso, deter o punho cerrado que sabia que o atingiria no estômago. Quase vomitando por causa do soco, foi atirado ao chão do hall.

— Que jogo é esse, Loring?

— Apenas uma brincadeira boba perante Deus. — Olhou torto para o rival. — Não pretendo fazer nada além de prender um traidor.

Richard tentou se arremeter contra Arthur, porém os soldados empurraram o lorde para trás.

— Por qual motivo fraudado?

— Parece que sua ausência no combate à revolta de Venner em janeiro levantou as suspeitas da corte. — Loring riu de modo desagradável.

— Sabe muito bem que minha ausência não está relacionada... — Richard interrompeu-se.

Loring tinha pleno conhecimento de que Harcourt não havia cometido nenhum ato desleal.

— Sim, sei que estava na companhia de certa jovem... — Encarou o oponente com olhos maldosos. — Declare-se culpado e aceite sua execução, talvez assim ninguém ouça nada a respeito de sua... cúmplice.

O coração de Richard quase parou. Loring sugeria algo muito pior do que a ruína social de Bethany. Ele estava fazendo uma ameaça contra a vida dela. Sentiu o estômago revirar ante a possibilidade de o corpo esquartejado da esposa ser lançado às chamas de uma fogueira.

Loring deu um passo à frente, a voz baixando até se transformar em um sussurro:

— Peço que envie uma carta a Yorkshire. Se sua pequena jade aparecer em Londres, acredite, vou prendê-la também.

Richard engoliu o ódio. Se ele revelasse que Bethany havia estado em sua companhia, não tinha dúvida de que Loring a mandaria para a cadeia também. E a natureza rebelde da esposa a tornaria um alvo fácil demais para as acusações do capitão.

A menos que um milagre ocorresse, Richard seria executado dentro de um mês. Ao se casar com Bethany, ele jurara protegê-la de corpo e alma. E assim o faria.

Alguns dias depois de ser preso, Richard vagava por sua cela na torre. A condição de nobre lhe conferia o direito de esperar por sua morte quase certa em uma sala simples, porém agradável. Mobiliada com uma cama estreita, mesa e armários de madeira escura, superava o apartamento para onde levava Bethany ao chegarem a Londres.

Ele pensava nela com muita dor. Talvez tivesse sido uma bênção disfarçada o fato de os dois terem se separado com raiva um do outro. Ao menos, desse modo, ela não viria socorrê-lo, e sua vida estaria salva. Ele ficou imaginando o que escreveria para ela antes que fosse executado. O ruído da chave girando na fechadura interrompeu suas reflexões. Os costumes permitiam que lhe levassem comida, vinho, roupas, livros, desde que ele provesse o pagamento pelas entregas. Naquele dia esperava uma arca com seus pertences. Um guarda abriu a porta e entrou.

Incapaz de suportar o inevitável olhar do carreteiro, Richard foi até a janela da Torre Verde.

— Ponha o baú aos pés da cama — pediu.

— Se é o que deseja... mas seria mais sensato usar a mesa.

Richard virou a cabeça e encarou o locutor. O guarda fez uma mesura e lembrou a Harcourt que estaria do lado de fora da sala, deixando-o sozinho com o visitante em seguida.

Lorde Thomas abriu uma garrafa de cerveja e serviu duas canecas.

— Pensei que você estivesse sentindo falta de sua esposa neste momento, mas, encontrando-se preso, parece excessivo. — Estendeu uma caneca a Richard.

— O que está fazendo aqui? — Ele ignorou a bebida oferecida.

— Eu tinha esperança de pedir a você que me apoiasse. — Thomas engoliu em seco. — Mas creio que não poderá comparecer a meu casamento.

Richard afundou em uma cadeira, esfregando a testa.

— Vai se casar?

— Oh... Santo Deus! — Ergueu a cabeça com um sorriso amargo. — Ao contrário de minha esposa, ao menos sou capaz de pedir seu perdão pessoalmente.

Thomas ondulou a mão para o lado, como se não desse importância ao fato.

— Salvamos a vida um do outro tantas vezes que não devemos guardar rancor por esse motivo isolado. Em seu lugar, eu poderia muito bem ter pensado a mesma coisa.

Um leve sorriso escapou dos lábios de Richard.

— Eu estaria mentindo se dissesse que não gostaria que você pudesse me ajudar a sair dessa confusão. Porém, isso não vem ao caso. Fale-me sobre sua dama.

Foi o que Thomas fez, e seu óbvio encanto em relação à noiva acabou divertindo Harcourt. Ao final, o amigo se inclinou para a frente.

— Richard, por que não manda buscar Bethany? Ela poderia tirá-lo daqui.

— Não! — exclamou, exasperado.

Ele falou sobre a ameaça de Loring. Tom argumentou que, se ela viesse a Londres em segredo, seria bem provável que o capitão não insistisse em prendê-la durante o julgamento. Richard se recusou, terminantemente, a colocar a vida da esposa em risco.

Se tivesse de gastar mais um minuto sequer com aqueles livros contábeis, Bethany não tinha dúvida de que enlouqueceria. Massageou o pescoço e fechou os olhos, tentando relaxar. A bandeja com seu jantar permanecia intocada sobre uma mesinha junto à janela.

Se não comesse alguma coisa, a sra. Platt ficaria aborrecida. Como de costume, a cozinheira havia preparado frango assado e pão para o almoço.

Bethany deu algumas mordidas no pão e na carne que já se encontrava fria, e depois se dedicou à sobremesa: doce de talo de ruibarbo, colhido no jardim. Com a boca cheia d'água, ela mastigou a iguaria de aroma marcante.

Esperava que o jovem ajudante de cozinha pescasse um peixe bem saboroso para o jantar daquela noite. A criação de animais de Graymoor era insuficiente para suprir as necessidades dos que moravam na fazenda; eles comiam carne de vaca, novilho, carneiro ou cordeiro somente na época da matança seletiva dos rebanhos. Apenas os mais saudáveis eram mantidos nos pastos para garantir a reprodução de boa qualidade.

Olhando a paisagem pela janela, Bethany suspirou. Aquele lado da casa dava para o pátio e o portão da frente. A ala destruída do sul encontrava-se parcialmente oculta pela magnitude da casa à direita, enquanto, à esquerda, podia-se avistar o estábulo recém-reformado, com as portas abertas para receber o sol da tarde. Circundando o pátio e o estábulo, o vale se esparramava em direção a Kilpenny, transformando-se em longos declives, entrecruzados por cercas baixas. Os pastos verdes e as montanhas se encontravam com o céu, formando uma linha escura de fundo azul. Em apenas algumas semanas, ela havia se apaixonado por aquelas terras e pelas pessoas que ali viviam.

Uma de suas tarefas favoritas na propriedade era percorrer o circuito dos inquilinos, pastores e vaqueiros. Gloriana e ela agora tinham cavalos próprios. O sr. Fothery fizera a gentileza de comprá-los de um haras junto ao rio Rye, com a autorização de Bethany.

Cavalar pela fazenda dava a ela a oportunidade de escapar do barulho constante e da poeira provocados pela restauração da casa. Também permitia que ela não presenciasse a discussão dos trabalhadores temporários com os do quadro de funcionários da fazenda, embora, inevitavelmente, tivesse de repreendê-los quando retornasse do passeio.

Naquele dia, contudo, ela passara muitas horas entre os livros para amenizar a vontade de passear por jardins floridos.

Após levar a bandeja à cozinha, ela sorriu para a sra. Platt antes de sair da casa. Aquela ala não havia sido atacada, apenas se encontrava negligenciada. Depois que os homens tinham feito melhorias na cozinha, eles passaram a se dedicar ao resto da

propriedade.

Ela virou a esquina e subiu os degraus que levavam ao novo terraço. Ele se estendia até o final da casa, onde o sr. Quintan havia dito que os danos eram irreparáveis. Os homens tiveram de derrubar as paredes enfraquecidas antes de reconstruí-las. Um bando de trabalhadores já tinha removido o entulho, pedras de todos os tipos e vigas, para reutilização.

Replantar os jardins provou-se estar longe de ser mais encorajador. Mesmo depois de capinar as ervas daninhas dos canteiros ornamentais com passeios gramados, as plantas se encontravam excessivamente altas para discernir as espécies. Então, Bethany encontrou um fino diário de capa de couro, escondido no fundo da gaveta de uma escrivaninha.

Pertencera à mãe de Richard, uma talentosa herborista amadora, e apresentava vários esboços.

Baseada nessas informações, ela ordenou que os canteiros fossem projetados e podados de acordo com a vontade da antecessora. Como Gloriana tinha mencionado, a mãe amara Graymoor, e Bethany se sentia na obrigação de executar tais desejos.

As últimas páginas do diário da antiga lady Harcourt exibiam ilustrações da família. O pai de Richard podia ser visto em uma delas, mais moreno que o filho, porém de físico similar. Próxima a ele, sentava-se a espirituosa Gloriana, cujo temperamento extrovertido era perceptível desde a infância.

Bethany demorou-se bastante na página que dizia: "Richard, 12 anos". Ele já exibia o mesmo charme e a mesma aura fantástica da irmã, mas o orgulho perceptível na forma como erguia o queixo e nos olhos brilhantes também havia se desenvolvido.

Ela caminhou além das cercas vivas podadas, rumo ao pequeno salão de festas, no final da primeira ala. Com frequência, ela levava um livro ou um bordado para passar uma hora ali, sossegada. Naquele dia, apenas se sentaria e apreciaria a vista de Graymoor durante um bom tempo. Ao se aproximar da pequena estrutura branca, ouviu sussurros que vinham da porta entreaberta.

Seus lábios se estreitaram. Reconheceu facilmente a voz da cunhada e de sir Fothery. O jovem baronete se apegava a qualquer pretexto para visitar Gloriana. As saias se moveram rapidamente sobre os pés de Bethany, enquanto ela se apressava, pretendendo dar a ambos uma punição por se encontrarem às escondidas. Antes de entrar, espiou pelo vão da porta e quase desmaiou, horrorizada.

Deitado no chão, em estado de completa nudez, embora estivesse, misericordiosamente, coberto por seu manto, Fothery apoiava-se sobre o cotovelo, com o rosto sério enquanto acariciava uma mecha dourada sobre a face de Gloriana. Ela estava estendida ao lado dele, o vestido e a anágua amontoados ao lado.

— Santo Deus, o que vocês fizeram?

Gloriana gritou e puxou o manto para se cobrir também, enquanto Fothery passava os braços ao redor da amada de forma protetora.

Bethany cambaleou ao tentar se aproximar.

Um frenético ruído de tecido veio de dentro do cômodo, seguido de algumas imprecações, antes que o casal surgisse. Até lá, Bethany já havia se acalmado.

— Expliquem-se! — A voz estrondosa assustou a ela mesma.

A inerente suavidade de Fothery o abandonou, mas o descaramento de Gloriana permanecia intacto.

— Fothery e eu fizemos amor e queremos nos casar. — Ela encarou Bethany com ousadia.

— Casar! Será um milagre se Richard não o espetar com a espada no instante em que ficar sabendo disso! — Ela voltou sua ira contra o rapaz: — E quanto ao senhor, que tipo de homem denigre a reputação de uma mulher que alega amar? Deveria se envergonhar!

— Não sou uma mulher desonrada! — A voz de Gloriana também aumentava. — Nem estou grávida!

Bethany teve de cerrar os punhos para tentar controlar a vontade de dar umas boas palmadas, naquela garota atrevida.

— E como sabe?

— Essa é a questão, minha querida Gloriana — Fothery decidiu falar por fim. — Lady Harcourt está certa, não temos como saber... E estou cansado de esperar a chegada de seu irmão. Vou a Londres e a pedirei em casamento lá mesmo.

Bethany o fitou, com frieza.

— Então, sugiro que o faça imediatamente, senhor. E não torne a procurar Gloriana sem a permissão de lorde Harcourt, — Outro pensamento assustador veio à mente de Bethany. — E se estiver grávida, Gloria? Richard irá me matar por ter sido tão descuidada com você.

O episódio terminou com Fothery correndo em direção a seu cavalo, amarrado na parte dos fundos do jardim. Enquanto isso, Bethany quase arrastou Gloriana de volta para casa.

— Pare com esse grito estridente! — Ela puxou a garota, que resistia a andar, e rezou para que Richard concordasse com o casamento, tanto pela reputação de Gloriana quanto pela própria paz de espírito. — Você é capaz de fazer até mesmo um santo perder a paciência.

Na manhã seguinte, chegou uma mensagem de Fothery, anunciando sua partida para Londres. Gloriana acenou a mão, animada, sob o nariz de Bethany. Quando esta mencionou a possibilidade de Richard não concordar com o casamento, a garota replicou, depressa:

— Ele vai aceitar! Conhecemos os Lambert há anos, e Fothery não precisa de um dote substancial para vivermos no campo.

Atônita, Bethany observou a garota que tinha morado com os Rothley e que ansiava por ir a Londres.

— Céus, você o ama...

— Sim — Gloriana disse apenas.

Elas não esperavam notícias de Fothery antes de quinze dias. Quando uma criada o anunciou durante o jantar, mal passada uma semana, as duas Harcourt se entreolharam, surpresas. Gloriana imediatamente se apressou ao hall de entrada para recebê-lo, enquanto Bethany adotara um passo mais dignificante.

Ela parou a uma curta distância do recém-chegado. Embora claramente entusiasmado com a presença de Gloriana, a lama seca lhe maculava o traje, e os olhos avermelhados indicavam que ele tinha dormido muito pouco.

— Ele concordou com o casamento, meu amor. — A expressão preocupada do rapaz não se alterou apesar de ter beijado a amada ruidosamente.

Ela ergueu a cabeça em uma pergunta muda. Passando o braço em torno de Gloria, ele se aproximou de Bethany, demonstrando toda a sua preocupação.

— Encontrei lorde Harcourt na Torre de Londres.

Gloriana apertou o braço do futuro marido enquanto Bethany agarrava o pilar, tentando manter o equilíbrio.

— Um tal de capitão Loring o acusou de ajudar a Quinta Monarquia depois da revolta de janeiro, parece que logo em seguida lorde Harcourt foi, preso na torre e ninguém que o conheça pode provar seu paradeiro, nem o que ele fazia na ocasião. Ele será investigado antes que o rei dê a sentença final.

Bethany se esforçava para compreender as palavras de Fothery.

— Mas quem acreditaria que Richard não foi leal ao rei?

Ele meneou a cabeça em negativa.

— Com certeza, nenhum de seus amigos. Porém, eles não podem evitar o julgamento.

Ignorando a presença, dos criados, Fothery virou-se para confortar a noiva. Seus sussurros se misturaram aos soluços de Gloriana.

Bethany, por sua vez, continuava imóvel, incapaz de dizer ou pensar algo coerente. De repente, pôs-se a chorar e a murmurar sons ininteligíveis enquanto ideias confusas lhe invadiam a mente. Durante seu exílio em Graymoor, a esperança de que o marido viesse à fazenda dava forças a ela para que seguisse em frente. No fundo, havia se convencido de que conseguiria reconquistar a afeição de Richard.

Naquele instante, não podia nem pensar na possibilidade de nunca mais vê-lo. Só de imaginar Harcourt sendo enforcado, ela estremeceu. Não importava quão injustas fossem as acusações de infidelidade, ele não merecia a morte destinada aos traidores.

— Vou a Londres. Posso dar o álibi que meu marido tanto necessita...

Gloriana se afastou do ombro do noivo, com olhos lacrimejantes.

— Mesmo que consiga chegar antes do julgamento, a viagem a deixará debilitada demais para ajudá-lo.

Bethany abriu a boca para contra-argumentar, mas a seu lado, Faith falou primeiro:

— A menina está certa, milady. Não estou dizendo que a senhora não deva tentar, mas dificilmente chegaria a tempo, e menos ainda em condições de fazer alguma coisa. — O rosto arredondado se franziu pensativamente. — A menos que... — Ela mordeu o lábio.

Bethany aguardou, mas a criada ainda hesitava.

— O quê? Diga de uma vez!

— A menos que a senhora vá a cavalo, e não de carruagem. — Faith retorcia as mãos sobre o avental.

— A cavalo? — Bethany deu alguns passos pela sala, considerando a possibilidade. — Seria um convite para que todos os bandidos da Inglaterra me abordassem.

Uma incomum nota de exasperação se insinuou na voz da mulher mais velha:

— Não estaria sozinha, madame. Levaria alguns empregados armados.

— Ouvi muitas histórias sobre ataques de bárbaros a mulheres viajantes, mesmo

quando escoltadas. — Então, uma súbita solução lhe veio à mente: — A menos que eu cavalgue até Londres usando roupas masculinas.

Mais uma vez, Gloriana encarou a cunhada, em choque. Bethany não deu atenção à expressão de Gloriana.

— Cavalos para três, selados o mais rápido possível, precisarei de roupas masculinas para a cavalgada mas não as usarei em Londres. Faith, por favor, prepare minha bagagem e providencie um traje feminino completo.

A criada assentiu. Ao redor, as palavras de Bethany pareciam ter mobilizado todos. Um garoto correu ao estábulo depois de Gloriana ter se voluntariado a emprestar seu cavalo a Faith. Duas camareiras correram escada acima para arrumar as bagagens, enquanto a sra. Platt corria para preparar duas cestas de alimentos, que poderiam ser transportadas no dorso dos cavalos.

As costas de Bethany doíam, assim como as coxas e as nádegas, após dois dias de cavalgada. Ainda criança, aprendera a andar a cavalo com uma perna de cada lado, porém isso havia sido muitos anos atrás. E ela nunca tinha passado tantas horas sobre uma sela. O grupo parara para que os animais descansassem por alguns minutos. Massageando o pescoço, observou a região campestre ao redor.

Naquele momento, atravessavam uma área de montanhas onduladas e estradas delimitadas por fileiras sem fim de cercas vivas. O sol brilhava, intenso, embora a chuva da noite anterior tivesse deixado o caminho de terra encharcado em alguns trechos. A lama cobria as botas e parte da calça de montaria de Bethany.

— O rapaz que cuidava do último estábulo pelo qual passamos informou que estamos em Stordshire. — O primeiro cavaleiro moreno, que havia crescido com o pai de Richard, esfregou o suor do rosto no lenço do pescoço.

— Então, temos mais dois dias de viagem pela frente — ela concluiu, ouvindo um profundo suspiro as suas costas.

Bethany ergueu o canto da boca brevemente. Faith insistira em acompanhar a patroa, mas os longos dias na estrada desanimavam até mesmo seu enorme coração. Bethany olhou de relance sobre o ombro. O segundo cavaleiro, um sujeito escolhido por sua habilidade com a pistola, revirava os olhos enquanto a criada resmungava consigo mesma.

Sir Fothery havia se oferecido para acompanhá-los. Temendo não chegar a tempo de testemunhar a favor de Richard, ela pedira a ele que ficasse em Yorkshire, para a segurança de Gloriana.

Logo adiante, as águas de um riacho fluíam sobre o leito, situado na parte mais baixa do percurso. O primeiro cavaleiro patinhou rio adentro. Os músculos das costas de Bethany agonizavam, contudo ela cerrou os dentes e seguiu firme sobre o cavalo.

Quilômetros mais tarde, lembranças invadiam sua mente: o tom grave da voz de Richard suavizado quando faziam amor; a maciez das mãos e dos lábios experientes sobre a pele de Bethany; a sensação do corpo másculo sob as mãos delicadas; a expressão dos olhos verdes na primeira vez que ele lhe tinha visto os cabelos cor de fogo.

Santo Deus, ela sentia falta até das discussões que costumavam ter. Em uma dessas terríveis ocasiões, ele chegara a admitir que ela tinha direito de ter opinião própria.

Ansiosa para salvar o marido, incitou o cavalo a galopar mais rápido.

Bethany andava de um lado para outro na sala de visitas da casa dos Rothley enquanto aguardava lorde Thomas. Ela e seu grupo haviam chegado a Londres na noite

anterior. Dormira um pouco enquanto Faith tinha se encarregado de deixar o vestido verde de sarja e a anágua da patroa em condições apropriadas de uso. Naquele momento, a criada roncava alto em uma pequena cama dobrável no quarto de Bethany, sob ordens estritas para que não fosse acordada.

Intensificando o nervosismo de Bethany, o laçao havia levado tempo demais para retornar com a mensagem de lorde Thomas. Após colocar o recado do lorde na mão de lady Harcourt, o criado aceitou a generosa gorjeta com uma simpática reverência e se afastou, satisfeíssimo com a fortuna que tinha na mão.

O bilhete do nobre não contara muitas novidades, exceto ao dizer que a escoltaria à corte do rei antes da hora do jantar. A acusação feita contra Richard se baseava principalmente nas afirmações de Arthur Loring, ele acrescentara, e temia que o julgamento não tivesse sido favorável a Richard no dia anterior. Parecia que o capitão se preparara bem para o caso.

Assim que escutou as batidas na porta da frente, ela se dirigiu, apressada, ao hall de entrada. Mal o mordomo havia recebido lorde Thomas, ela lhe pediu que fosse levada à corte de imediato. Terminando de amarrar a capa ao pescoço, foi conduzida porta afora. Estava inclinada a recusar a liteira que ele tinha contratado, porém o lorde insistiu para que ela a aceitasse.

— Se pretende testemunhar a favor de Richard no tribunal, não poderá se apresentar diante do rei suja e amarrada por causa do trajeto. — Ele a examinou da cabeça aos pés, satisfeito, enquanto a ajudava a se acomodar na cadeira. — Que bom que está vestida de maneira adequada!

Os cabelos ruivos foram presos de forma conveniente sob a touca, e um par de brincos e corrente de ouro a enfeitavam sem extravagância. Estava vestida de forma modesta, mas ninguém a confundiria com uma rebelde.

O cheiro fétido do rio invadiu as narinas de Bethany no instante em que lorde Thomas voltou a abrir a porta da liteira. Eles se encontravam no topo de uma escadaria que conduzia à plataforma de embarque e desembarque. Abaixo, barcos e barças aguardavam os vários passageiros, além de muitos esquifes e pequenos botes que transportavam apenas um ou dois passageiros por vez.

Ele a conduziu escada abaixo, rumo a uma das pequenas embarcações, e cumprimentou o barqueiro, parando a seu lado.

— Bom dia, Jack. Obrigado por esperar que eu retornasse.

Indiferente à saudação afável, o homem miúdo afrouxou a corda do ancoradouro.

— Custa um xelim por passageiro. Vamos partir.

Acostumado à lendária falta de educação dos barqueiros de Londres, lorde Thomas ignorou o comentário rude e se preparou para subir a bordo, atrás de Bethany.

Ao avistar um barco ultrapassá-los com seus dois remadores, ela ficou imaginando se não deveriam ter tomado um daqueles. Observando-a do assento, na popa, lorde Thomas a tranquilizou.

— Jack Taylor é o barqueiro mais rápido deste rio. Ele nos levará a Westminster mais depressa e mais secos do que qualquer outro. Ainda mais por dois xelins.

O lacônico Jack apanhou as proferidas moedas brilhantes da mão do lorde.

— E nunca sofri um acidente na vida.

Uma vez que os passageiros estavam acomodados, ele soltou as cordas

completamente, e então se lançaram à correnteza.

Embora o barqueiro estivesse inspirado pelo dinheiro extra que havia cobrado para fazer a travessia e remasse com entusiasmo, a breve viagem demorou demais para a ansiosa Bethany. Ninguém pronunciou uma palavra enquanto Jack guiava o pequeno barco habilmente e ultrapassava as embarcações mais lentas de todos os tamanhos. Enfim, o Palácio de Westminster surgiu adiante, cercado por diversos telhados. Remando o esquife em direção ao cais de madeira encravado na costa, o proprietário o manobrou de modo a facilitar o desembarque dos passageiros.

Lorde Thomas a ajudou a sair do pequeno barco. Agarrando-o pelo braço com uma das mãos, ela caminhou pela embarcação com dificuldade, já que o esquife sacudia em todas as direções. Com a outra, ela erguia as saias para não molhá-las nem sujá-las de lama. Assim que ela se viu sobre a plataforma, Jack partiu em busca de outros passageiros.

Subindo os degraus de pedra cobertos de musgo, eles se apressaram entre a multidão que transitava pelo pátio do Westminster Hall. Ela se mantinha agarrada ao braço de lorde Thomas, temendo se perder em meio aos transeuntes, enquanto passavam pela porta da entrada arqueada.

Para perplexidade de Bethany, além dos oficiais e funcionários do governo que circulavam pelo hall, havia ali barracas de mercadorias e sua freguesia. Alguns, como aqueles que vendiam penas para escrita e livros, tinham relação com o tribunal de justiça. Porém, a maioria comercializava mercadorias luxuosas. Pares de luvas elegantemente bordadas encontravam-se dispostos sobre um balcão, enquanto, ao lado, uma senhora zelava por uma significativa provisão de meias de seda. As pessoas iam de uma banca a outra, comparando mercadorias e preços.

Bethany estremeceu. Só pensar naquele comércio a apenas alguns passos de onde uma corte decidia se homens viveriam ou seriam mortos a aterrorizava.

Em meio à multidão, ela não se importou com o fato de lorde Thomas a guiar pelo cotovelo. Esforçou-se para escutar o que ele lhe dizia ao ouvido à medida que se aproximavam do final do extenso hall:

— O presidente do Supremo Tribunal é sir Robert Foster. Ele é monarquista desde que o primeiro rei Charles assumiu o poder e favorece as testemunhas da Coroa a ponto de beirar a cegueira.

Eles entraram no prédio.

— Deverá ter cuidado com ele — lorde Thomas prosseguiu. — A maior esperança de Rickon é um testemunho que desacredite a acusação de Loring.

Desanimada, Bethany moveu a cabeça em afirmativa enquanto seguia ao lado de seu acompanhante.

— Mas, sem saber exatamente o que o capitão disse sobre Richard, como poderei contestá-lo?

Lorde Thomas parou junto a um pilar de pedra e fitou a vastidão do teto acima.

Ela o encarava, ansiosa.

— Você estava com Richard naquele dia e pode atestar o que ele fazia na ocasião. — Ele pousou as mãos sobre os ombros de Bethany. — Lamento lhe dizer, mas há rumores sobre sua partida da cidade. O mundo a vê como a esposa enganada, e seu retorno para testemunhar a favor de Harcourt irá conferir mais peso às suas palavras. — Os olhos azuis se tornaram turvos. — Na verdade, a metade deles vai pensar que você

irá se manifestar a favor do enforcamento de Richard.

Ela empalideceu diante de tal ideia, e não compreendeu as palavras seguintes de Thomas a princípio.

— Milady, amo Rickon como a um irmão e conheço muito bem os defeitos dele. Ele é capaz de admitir facilmente quando está errado, mas convencê-lo a pedir desculpas é mais difícil do que arrancar um dente. — Fitou-a nos olhos. — Principalmente quando ele deve se desculpar com alguém com quem... se importa muito. Por favor, dê-lhe tempo, é o que peço.

Bethany se agarrava às dobras do vestido, tentando pensar no presente dilema.

— Será que vão permitir que eu dê meu testemunho?

— Felizmente, sim... Espero... Sua Majestade tem interesse no caso, como você deve saber. — Ele sorriu, cínico, e respondeu à pergunta de Bethany antes que fosse formulada:

— Você foi muito feliz na escolha desse belo vestido hoje.

— Se ele se interessa tanto pelo assunto, por que não intervém?

— Ele não pode desprezar a opinião dos partidários da Coroa. — Lorde Thomas abaixou o tom de voz ao confidenciar: — O pai de Richard tentou interferir nos procedimentos judiciais e sofreu as consequências.

De fato, quando foi escoltada ao tribunal, o rei a analisou da cabeça aos pés. Ele se sentava, confortavelmente, em uma cadeira estofada, situada sobre um estrado de madeira, rodeado por vários cortesãos. Não se tratava exatamente de um trono, e ficava no fundo da sala. Ela o reverenciou conforme ditava as regras, recebendo um pequeno aceno de cabeça de volta, como forma de reconhecimento.

Bethany engoliu em seco. Um mar de rostos masculinos a cercava. Alguns expressavam surpresa, outros pareciam aborrecidos. Nenhum deles parecia aprovar sua presença.

Assim que lorde Thomas a apresentou, ela se esforçou para aparentar calma. Ao olhar de relance para Richard, notou que ele a observava, em estado choque. Os homens que se sentavam de ambos os lados de Harcourt formavam um júri, lorde Thomas explicou em um sussurro quando deu um passo para trás.

Ela assentiu. Uma inesperada sensação de opressão a acometeu.

Como já era de imaginar, o capitão Loring foi contra a presença de lady Harcourt.

— Milorde, não pode esperar que a esposa diga a verdade sobre qualquer assunto pertinente à vida ou à morte do marido. — Ele a dispensou com um gesto de mão.

Lorde Thomas apelou ao presidente do Supremo Tribunal. Sir Robert, ao lado de outros juízes do tribunal do rei, sentava-se em um corredor estreito.

— Perdoe-me, milorde, mas lady Harcourt veio do norte de Yorkshire para testemunhar a favor do marido. Seria cruel ignorar tamanha devoção, dispensando-a sem ao menos ouvir o que ela tem a dizer.

— Com o devido respeito, também prefiro que lady Harcourt não seja submetida às severas questões de um julgamento, milorde. — Richard não a olhou enquanto fazia o pedido.

— Depois de tudo que enfrentei para chegar até aqui? Seu arrogante... Bem que merecia que eu me retirasse desta sala agora mesmo. — Ela arqueou as sobrancelhas ao

encará-lo, indignada.

Sir Robert a repreendeu por falar tão abertamente. Bethany se desculpou, tão graciosa quanto pôde, esperando conquistar-lhe a simpatia. Entretanto, seus esforços foram em vão. O presidente do Supremo Tribunal a olhou, maldoso, antes de abrir a boca para se manifestar.

Então, outra interrupção se deu, vinda de uma direção inesperada.

— Uma esposa demonstrando tamanha devoção ao marido? Isso é encantador! — Todos se voltaram para o rei, que ordenou a um de seus homens: — Traga uma cadeira para a dama.

Sir Robert demonstrou irritação diante da decisão do rei, porém não ousou se opor verbalmente à atitude do monarca. Relutante, indicou que Bethany se aproximasse. Um guarda a reverenciou e colocou uma cadeira para ela sobre o tablado, no corredor entre as duas galerias. Em seguida, ela se acomodou, ajeitando as saias.

— Obrigada, Vossa Majestade. — A voz feminina soou, mais tranquila.

Deliberadamente, ela evitou olhar para Richard. Quando interrogada, respondeu com frieza:

— Não gosto que minhas palavras sejam questionadas. Se não posso ver lorde Harcourt, ele e eu dificilmente poderemos ser acusados de conluio.

Apesar, da expressão taciturna e das faces coradas de vergonha, o capitão Loring se manteve calado.

Sendo réu em um caso de traição, Richard não tinha direito a advogado de defesa. Desse modo, um oficial de justiça foi designado para fazer as perguntas a Bethany. Os juízes, comandados por sir Robert, ouviam de seus assentos. Mais abaixo, vários escreventes redigiam observações em uma mesa estreita. O ruído seco das penas arranhando os pergaminhos se contrapunha às palavras pronunciadas na corte.

Empenhando-se para se manter calma, ela dava as respostas com cuidado, para garantir que todos os presentes a compreendessem com clareza. A certa altura, sir Robert Foster pediu:

— Por favor, diga à corte que informação a senhora teria que pudesse influenciar a sentença deste caso.

O sarcasmo do magistrado a assustou, mas ela ergueu o queixo, tentando não se deixar intimidar.

— Posso dar meu testemunho quanto ao paradeiro de lorde Harcourt nos dias em que está sendo acusado de ajudar os membros da revolta ocorrida no mês de janeiro. — Ela entrelaçou os dedos das mãos diante do corpo evitando retorcê-los. — Passei vários dias de janeiro na companhia de meu marido.

Loring proporcionava um espetáculo à parte ao rabiscar suas observações, enquanto ela dava seu depoimento. Bethany se empenhava ao máximo para manter a voz serena. O oficial de justiça, um homem de meia-idade usando toga que fazia as vezes de advogado, pediu a ela detalhes sobre as datas e as atividades do casal.

— No dia sete de janeiro, lorde Harcourt e eu viajamos de carruagem de minha casa, perto de Stanworth, em Bedfordshire, até uma estalagem chamada Bell & Moon. Na manhã do dia oito, prosseguimos a viagem a Londres, ainda de carruagem. Fomos direto ao apartamento alugado de lorde Harcourt assim que chegamos à cidade, ao anoitecer.

Confiante de que ninguém na câmara soubesse da breve saída do lorde para

comprar comida, ela preferiu não mencionar nada a respeito.

— Lorde Harcourt falou apenas da viagem a Bedfordshire, na companhia do cocheiro, milady. Se a senhora estivesse com seu marido, sem dúvida poderia contar à corte exatamente qual é a localização da estalagem onde ficaram hospedados.

Bethany se deu conta de que Richard havia omitido sua presença para protegê-la das fofocas.

— Com certeza, meu marido não mencionou minha presença com o intuito de defender minha reputação, o que, na verdade, foi uma grande tolice.

Ouviram-se risos, vindos dos nobres reunidos.

— Estávamos em fuga — ela explicou aos juízes e jurados. — Quanto à localização da estalagem, não faço a menor ideia. Eu estava com muita dor de cabeça e minha maior preocupação era com a limpeza do quarto. Se a corte deseja averiguar o endereço exato e minha presença lá, apenas perguntem ao capitão Loring. — Ela se virou para ele com falsa polidez. — Conversei com ele no refeitório na manhã do dia oito durante alguns minutos.

Ele a fitou com tanto ódio que a fez se recostar à cadeira involuntariamente. Pela expressão chocada do oficial de justiça, não era de conhecimento de todos a presença de Loring na estalagem. Os jurados e juízes fizeram comentários entre si. De seu lugar, abaixo do assento do rei, lorde Thomas sorria, satisfeito.

Até mesmo o rei parecia intrigado, ao deixar de lado os modos lânguidos para examinar o capitão, olhos perspicazes e duros. Ele sussurrou ao assessor algo que não pôde ser ouvido pelos demais. Em seguida, ouviu o resto do depoimento de Bethany, descansando o queixo sobre a ponta dos dedos.

— O paradeiro da testemunha da Coroa não está sendo julgado, milady. — O presidente do Supremo Tribunal não perdeu tempo e tentou retomar o controle da situação.

Entretanto, Bethany replicou depressa:

— Se deseja um relatório detalhado, é o que vai ter. Qualquer dona de casa pode afirmar que um criado ciumento é capaz de mentir para prejudicar o rival. — Ela torceu o nariz com desdém.

O som de riso sufocado dominou o ambiente.

— A senhora pode jurar que esteve na presença do acusado o tempo todo? — Sir Robert a encarava de modo severo enquanto seu tom de voz insinuava que ela acabara de inventar aquela história.

Bethany ouviu um assobio agudo, vindo da direção de Richard, mas não se virou para fitá-lo. Em vez disso, olhou fixamente para o juiz enquanto pensava na melhor resposta.

— Claro que não! Há algumas tarefas que preferimos executar sem a presença de outras pessoas.

Algumas gargalhadas vieram da multidão, no entanto ele as ignorou.

— Sendo assim, a senhora admite que o acusado pode ter escapado para dar dinheiro ou outro tipo de ajuda a seus companheiros rebeldes!

— Partindo do princípio que lorde Harcourt não tem "companheiros rebeldes", milorde, não posso admitir uma afirmação desse tipo.

Bethany e sir Robert trocaram olhares ameaçadores. Aquele tirano não reconheceria a inocência de Richard, não importava o que ela dissesse.

— Decerto o senhor não está sugerindo que ele ofereceu ajuda e conforto a alguém enquanto satisfazia suas necessidades fisiológicas, milorde? Oh, isso é revoltante! Qualquer pessoa de bom-senso repudiaria tal ideia.

— Camponesa mal-educada!

A exclamação de Loring atravessou a sala. Houve alguns murmúrios de aprovação, mas as gargalhadas que se seguiram os abafaram. O rei sacudiu os ombros, desconfiado.

— Como lorde Harcourt poderia ter dado dinheiro a alguém se nenhum de nós dois teve acesso à minha herança até que chegássemos a Londres?

Nesse momento, o capitão arrancou uma folha de seu bloco de notas. Agitando-a, aproximou-se dos escreventes e a entregou ao mais próximo, que por sua vez ofereceu-a aos juízes. Ao voltar ao seu lugar, Loring a reverenciou com ar de zombaria.

Assim que os juízes leram a mensagem, deu-se uma conferência sussurrada. Depois do que pareceu um agitado debate, eles retomaram seus assentos. Sir Robert mais uma vez se dirigiu a Bethany.

— A corte está bastante interessada em saber por que a herdeira de uma vultosa fortuna e o marido se hospedaram em uma estalagem tão reles? Talvez possa nos esclarecer essa questão, lady Harcourt.

Ela se sentia como se estivesse prestes a ser tragada por um buraco que se abria no chão. Seu estômago se revirava enquanto pensava em uma maneira desmascarar o capitão. De repente, antes que ela voltasse a responder, Richard interveio:

— Estou confuso, milorde. Estou sendo julgado traição ou pelo pagamento de minhas dívidas?

Apesar de sua intenção inicial, Bethany olhou de relance para Richard, assim como os demais presentes na sala.

Negligentemente inclinado contra o balcão de madeira, ele observava os juízes enfileirados, fingindo tédio. Apenas o brilho dos olhos semicerrados traía a tensão que tentava disfarçar. Ele endereçou a ela um olhar de advertência quando o furioso presidente do Supremo Tribunal respondeu:

— O senhor está sendo acusado de favorecer a fuga de vários participantes da revolta comandada por Thomas Venner. Seu casamento com uma jovem de posses parece mais do que conveniente para financiar tal plano. Ou o senhor pretende insistir em dizer que não tinha fundos para bancá-lo?

Bethany esperava que Richard dissesse a verdade. Ele a fitou com um leve sorriso nos lábios e deu de ombros.

— Ah... — Ele reverenciou sir Robert. — Obrigado por esclarecer minha dúvida.

Como ele não dissesse mais nada, ficou claro para Bethany que ele não daria à corte a explicação que poderia salvar sua vida. Certamente, ele preferia sacrificar a vida pela honra.

Ela o encarou, horrorizada com tal ideia. Apenas uma solução se apresentava a Bethany. Respirou fundo, temerosa, pois sabia que um passo em falso acarretaria a execução de Richard.

— Creio que Vossa Senhoria deveria ter pedido a *mim* que esclarecesse essa questão... — Bethany esperou que todos voltassem a atenção para ela. — Imagino que a

explicação deveria saltar aos olhos dos cavalheiros presentes. — Manteve-se em silêncio como se aguardasse alguma resposta. — Como eu já havia dito, lorde Harcourt e eu fugimos juntos. Nos casamos em Londres. Somente então, tivemos acesso à minha herança.

Sussurros entusiasmados se espalharam pela sala, devido à revelação escandalosa, mas Bethany não esperou que eles se acalmassem.

— Mesmo que no íntimo ele alimentasse alguma simpatia pelos traidores, lorde Harcourt não tinha a menor condição financeira de ampará-los. — Ela terminou sua declaração, observando o efeito causado nos juízes.

De súbito, outra questão lhe ocorreu.

— Devo parabenizar a corte por contar com uma testemunha tão bem-informada quanto o capitão Loring. Para alguém que afirma ter tido conhecimento do suposto conluio por acaso, ele demonstra uma compreensão abrangente dos eventos relacionados.

Bethany não tentou esconder seu desprezo, e os murmúrios de aprovação se espalharam pela câmara. O rei, parecendo menos divertido do que de costume, também assentiu enquanto sua boca se curvava numa expressão de cinismo.

Sir Robert retomou a palavra, mas não para falar do capitão Loring, e sim para dar continuidade ao interrogatório a que Bethany estava sendo submetida. Esperando ter marcado um ponto a seu favor, ela ouviu a pergunta seguinte:

— Realmente pensa que esta corte acredita que, decorrer de três dias, lorde Harcourt e a senhora não se separaram nem por alguns instantes?

— Milorde, eu já disse que estávamos fugindo. — ela arqueou as sobrancelhas. — Não pretendo aqui detalhar nossas *atividades*, mas posso assegurar que passamos a maior parte do tempo no mesmo quarto. Pode-se dizer que foi uma viagem de lua de mel.

Todos caíram na risada, e alguns chegaram até mesmo a aplaudi-la. Sir Robert, evidentemente considerando inútil continuar a questioná-la, anunciou que ela podia deixar a plataforma das testemunhas.

Assim que foi dispensada, Bethany se levantou da cadeira. Sem saber para onde ir, ficou grata quando um guarda a escoltou até um assento diante do júri.

Quando passou por Richard, tentou avaliar o estado de espírito em que ele se encontrava. O semblante impassível não dava pistas do que lhe passava pela mente. Analisando-o, ela reparou que ele parecia cansado. Sentiu um aperto no coração ao pensar na humilhação e na dor que ele devia estar sentindo por ter o nome de sua família insultado. Esperava que ele não considerasse seu depoimento outra tentativa de desonrá-lo. Ela simplesmente não conseguira encontrar outra maneira de salvar a vida do marido.

Certa de que ele desprezaria sua compaixão, Bethany se aventurou a sorrir para ele, com lábios trêmulos. Richard não reagiu abertamente, já que ela agora se sentava mais perto dele.

Bethany devia ter sido a última testemunha a falar, pois o presidente do Supremo Tribunal se dirigiu ao júri para que a decisão quanto ao destino de Richard fosse tomada.

Os jurados deixaram seus assentos e se agruparam a um canto, longe o suficiente dos demais para que a discussão não fosse ouvida.

— Milorde, não permita que lady Harcourt fique tão próxima do traidor. — Um sorriso de escárnio surgiu no rosto de Arthur Loring.

Ouviu-se um coro de vaias que partiu dos aliados de Richard.

Bethany deu um passo à frente, pronta para enfrentar o capitão, quando a voz do marido a interrompeu:

— Eu gostaria de pedir que lady Harcourt fosse escoltada para fora da corte antes que o veredicto seja dado.

Ela virou a cabeça depressa para fitar Richard.

— O que disse? — Bethany e sir Robert indagaram ao mesmo tempo.

Ele parecia surpreso, ao passo que o tom de voz feminino soara apaixonado.

— Dado o esforço que minha esposa demonstrou em sua tentativa de salvar minha vida, temo que ela venha a passar mal ao ser declarada minha condenação.

A calma com que o pedido foi feito chamou a atenção do público.

Bethany, já abalada pela árdua cavalgada e o temor pela vida de Richard, bradou, zangada:

— Não é possível que ouse me expulsar desta sala depois de eu ter cavalgado do norte de Yorkshire até aqui prestes a desmaiar de exaustão, e de ter me sujeitado a um terrível interrogatório!

— Milady, deve estar exausta, e apenas desejo poupá-la de mais sofrimento. — O tom de voz comedido falhou na tentativa de acalmá-la.

— Não, milorde, não estou "exausta", e sim furiosa. O que fará a seguir, vai ordenar que me levem de volta para casa?

— Na verdade, sim. Acho que é o melhor a ser feito diante das circunstâncias.

— Claro, mandar-me para Yorkshire se mostrou bastante útil para você da última vez!

De repente ela se deu conta de que discutiam em voz alta, e que todos tinham se sentado para ouvi-los.

Vários homens balançaram a cabeça, censurando-a. Alguns riam à vontade. O rei cobria a boca com um lenço, numa tentativa de esconder o sorriso.

— Acredito que o presidente do Supremo Tribunal pode desconsiderar a acusação que lady Harcourt fez ao marido, com imparcialidade. — O rei se dirigiu aos cortesãos, mas sua observação espirituosa repercutiu em toda a corte.

Ela os ignorou, com exceção de Richard e o presidente do Supremo Tribunal.

— Não vou sair daqui, a menos que os guardas me carreguem para fora.

— Sua desavergonhada!

Bethany não conseguiu identificar a voz vagamente familiar que gritara. Quando virou a cabeça para o lado de onde tinha vindo o som, não reconheceu ninguém.

— Se o júri puder me entregar o veredicto... — Sir Robert a fitou, maldoso.

Ela ficou ruborizada ao saber que os jurados já tinham tomado uma decisão. Aproximou-se de Richard o máximo que lhe foi permitido pelos guardas. Ele não olhou na direção de Bethany, mas contraiu os dedos entrelaçados sobre a mesa no momento em que o presidente do Supremo Tribunal leu a sentença.

— Concluimos que Richard Marcus Harcourt, barão de Harcourt, é considerado culpado pelo crime de alta traição. Não nos resta dúvida de que ele socorreu, protegeu e ajudou homens sanguinários a planejar e executar a revolta que se deu em janeiro passado, sob o comando do abominável assassino Thomas Venner. Afirmamos que lorde

Harcourt foi julgado de forma justa diante do Supremo Tribunal, em Westminster, onde foi provado, por meio de evidências, que ele favoreceu aqueles que pretendiam matar Sua Benevolente Majestade...

No instante em que se deu conta do significado daquelas palavras, Bethany sentiu como se dedos invisíveis a asfixiassem. Tentou protestar, dizendo que havia provado a inocência do marido, mas não conseguiu emitir som algum, devido à pressão sufocante em sua garganta. Acima do chiado em seus ouvidos, ela mal podia escutar a sentença determinada pela Corte de Justiça.

— Ele será enforcado e permanecerá pendurado pelo pescoço enquanto ainda restar alguma manifestação de vida, depois seu peito será serrado, o coração arrancado, o corpo esquartejado e exibido como advertência e exemplo de punição por comportamento inapropriado.

Capítulo XII

— Não...! Os joelhos de Bethany cederam, pondo à prova sua capacidade de se manter de pé.

Como se soubesse o que se passava com ela, Richard a agarrou com braços firmes. Ele tinha se livrado dos guardas para se juntar a ela. As lágrimas turvaram a visão de Richard antes que ela se aconchegasse a seu peito.

— Sinto muito, Richard. Causei a sua destruição, foi tudo ou nada.

Ele a abraçou com força por um momento, os lábios roçando a pele sensível do rosto de Bethany e as mãos lhe acariciando os cabelos, acalmando-a.

— Não, minha doce menina, nada foi em vão. Você veio até mim depois de tudo que aconteceu entre nós, não veio?

Ela não fazia a menor ideia do que ele estava tentando lhe dizer. Foi tomada pela angústia quando os guardas o puxaram. Ignorando-os, ela o agarrou pela mão o quanto pôde, até que foi forçada a deixar o tribunal. Porém, antes de sair, falou entre lágrimas:

— Por favor, perdoe-me... Pensei que, contando a verdade a todos, eu o salvaria.

— Então, você o salvou. — O rei Charles se ergueu de seu assento, obtendo a atenção de toda a câmara. — Lorde Harcourt, aproxime-se.

Com um guarda de cada lado, Richard caminhou até o monarca. O som produzido por seus sapatos era o único da sala, até que ele parou diante do rei. O monarca observou a assembleia, austero, e disse:

— Neste dia, é concedido a Richard Marcus, barão de Harcourt, o benefício do perdão pelo crime de traição contra a Coroa, referente à revolta ocorrida no mês de janeiro, em virtude de que estamos suficientemente satisfeitos com o testemunho apresentado por sua esposa de que ele nunca, em sã consciência, se associou a nenhum rebelde e passou os dias em questão na companhia dela. Assim ordena Charles II, rei da Inglaterra e Escócia, no terceiro ano de seu reinado. — Assim que concluiu, apontou para

um dos escreventes. — Redija-o e apresente-o para que o assinemos e selemos.

A multidão bradou sua aprovação enquanto o oficial do Supremo Tribunal se inclinava sobre seu pergaminho e escrevia com ímpeto.

Ainda em estado de choque, Bethany percebeu que alguns dos que antes defendiam a morte de Richard agora comemoravam sua liberdade, pelo fato de Sua Majestade ter declarado acreditar na inocência do réu. Meneou a cabeça, desaprovando o comportamento vergonhoso de tais indivíduos, mas, na verdade, isso não lhe interessava mais. O importante era que Richard estava livre.

Da porta, ela observou o capitão Loring. Previsivelmente, ele não parecia nada satisfeito com o perdão concedido pelo rei. Com o semblante dominado pela raiva, ele abria caminho entre a multidão, vindo na direção dela. Imaginando que ele desejasse abandonar o local de sua derrota, ela saiu da frente, pois a simples ideia de falar com ele a revoltava.

O leve movimento chamou a atenção de Arthur, pois ele mudou o trajeto para confrontá-la. Embora se sentisse amedrontada porque o capitão havia posto a vida de Richard em perigo, Bethany ergueu o queixo. Dificilmente ele a atacaria em meio às pessoas que lotavam o tribunal e sob os olhos do rei.

— Você interferiu em meus planos, sua vadia. — Ele usou um tom de voz tão baixo que nem mesmo o guarda que se encontrava próximo a ela pôde escutar. — Por que não ficou em Yorkshire, que é o seu lugar?

— Porque suas mentiras sobre meu marido puseram em risco a vida dele. — Ela o fitou nos olhos ao falar.

De soslaio, Bethany percebeu alguém gesticulando depressa, o que lhe chamou a atenção. Virando a cabeça para ver de quem se tratava, reconheceu, chocada, o sr. Ilkston, que se afastava dos membros da realeza. Olhando na mesma direção que ela, o capitão sorriu de leve.

— Muito bem. — Ele apanhou algo sob o casaco. — Talvez isto atinja aquele conquistador barato com quem se casou. — Agarrando-a pelo pulso com uma das mãos, ele lhe mostrou a outra, revelando uma faca afiada.

Bethany gritou e lutou para se livrar de Loring, mas ele a golpeou tão depressa que ela não conseguiu mais reagir. Ele a atingiu com a faca na parte inferior do tórax, fazendo com que ela imediatamente se curvasse para a frente de dor. A lâmina resvalou o esterno depois de perfurar o espartilho. Foi quando os guardas e vários espectadores agiram, desarmando o capitão e detendo-o onde estava.

Mãos gentis sustentaram Bethany enquanto ela segurava o corpete do vestido e o espartilho, rasgados ao mesmo tempo. Vendo o rosto pálido de Richard, que tentava abrir caminho entre as pessoas, uma sensação pungente foi tomando conta de seu ventre, a ponto de a dor não poder mais ser ignorada. Ao olhar para baixo, ela notou o sangue que escorria, manchando-lhe o vestido.

O líquido vermelho e quente não se espalhou rápido o suficiente para indicar um corte profundo. Com um suspiro, ela tentou se acalmar e diminuir o ritmo dos batimentos cardíacos.

— Bethany! — Richard caminhava com dificuldade entre as pessoas que se aglomeravam à volta.

Ela procurou o olhar do marido, para tentar lhe dizer que o ferimento era superficial, porém, ao fitá-lo, gritou:

— Richard, atrás de você! O rei!

O sr. Ilkston tinha um punhal na mão e se movia lentamente para longe do grupo de cortesãos distraídos, seguindo em direção ao rei Charles. Sua Majestade não se encontrava armado, porém ele empurrou o punhal para longe com um movimento brusco e assumiu uma postura defensiva. Para horror da assembléia, o homem do campo gritou o lema da Quinta Monarquia:

— Rei Jesus e cabeças sobre as muralhas!

Richard não perdeu tempo. Arrancando um florete da mão de um guarda, colocou-se entre Ilkston e o rei Charles.

O embate terminou depressa. Ilkston não era nem esgrimista nem assassino. Em questão de minutos, Richard arrancou o punhal da mão do oponente, e o mataria, não fosse pela intervenção de Charles Stuart.

— Já basta, milorde! — o rei exclamou.

Richard relaxou, mas descansou a ponta da lâmina contra a jugular do inimigo. Dois assustados cortesãos se lembraram de agarrar os braços de Ilkston.

— Sinceramente desejamos que este homem e o capitão Loring sejam levados a julgamento. — A voz do rei demonstrava toda a fúria que o acometia.

A gritaria que se sucedeu irritou Bethany sobremaneira. Sentindo que ia desmaiar, ela caminhou entre as pessoas, cambaleante, até que familiares braços fortes a enlaçaram outra vez. Richard lhe sussurrou o nome com doçura diversas vezes, depois murmurou algo mais que ela não conseguiu entender. Descansando a cabeça no aconchegante peito masculino, o falatório à volta e tudo o mais foi tragado por uma nuvem escura. Inclusive ela, que não pôde mais ver nem ouvir nada.

Bethany foi recobrando a consciência devagar. Já completamente recuperada, viu-se diante de senhor gentil, que aguardava, paciente, que ela despertasse. Ela lhe examinou o rosto por alguns segundos, imaginando onde estava e por que não o reconhecia.

Lembrando-se de repente, ela tentou se levantar com dificuldade, segurando as mãos que a impediam de se erguer.

— Milady deve se manter em repouso, está ferida passou por uma situação apavorante, sem falar da exaustiva cavalgada para chegar a Londres — o homem de cabelos grisalhos disse com voz suave, porém dava a entender que a maioria das pessoas obedeciam às suas ordens.

Um sorriso amigável enrugou o canto de seus olhos, suavizando o comando.

— Sim, posso sentir... — Ela estremeceu ao se apoiar no cotovelo para olhar em torno.

Alguém a havia colocado sobre uma comprida mesa de madeira, em um quarto pequeno, iluminado por duas janelas. Madeira talhada recobria o teto. Ao se sentar, percebeu que a cerâmica do piso era preta e branca, formando pequenos losangos. Ela agarrou o homem pelo braço antes de interrogar:

— Onde está lorde Harcourt? Diga-me, por favor. — Seu coração latejava, aflito, temendo que o marido também tivesse sido ferido.

Ele lhe deu alguns tapinhas na mão, acalmando-a.

— O perdão foi escrito e assinado por Sua Majestade, milady, graças à sua determinação. E o covarde que a atacou foi preso, assim como o outro que tentou agredir

o rei. — Ele pegou um pedaço de pergaminho dobrado. — Se a senhora pretende continuar sentada, devo enfaixá-la.

Bethany acenou com a cabeça em anuência, e ele a pressionou o curativo contra o ferimento. Olhando para baixo, ela percebeu que ainda sangrava um pouco, mas não doía muito. O espartilho grosso, além das outras camadas de tecido, havia evitado que o corte fosse mais profundo.

Alarmada, reparou que o espartilho estava visível, já que o corpete aberto do vestido encontrava-se amontoado ao redor de sua cintura.

— Seu marido insistiu em que os procedimentos legais fossem interrompidos até que a senhora pudesse receber atendimento médico.

Bethany gemeu quando ele começou a envolver o curativo firmemente sobre a ferida, com uma faixa de musselina comprida, que lhe amarrou às costas.

— Felizmente, sou médico e estava em atendimento quando a trouxeram até aqui. Há alguém em casa que possa lhe aplicar cataplasmas?

Ela meneou a cabeça afirmativamente.

— Muito bom. A senhora também vai precisar de alguma coisa para drenar os líquidos orgânicos. Conhece alguma receita para isso?

Bethany explicou que possuía um livro de receitas médicas reunidas pela mãe. O velho doutor ouviu com cuidado a descrição de uma delas, recomendada para feridas abertas, e meneou a cabeça, assentindo.

— Logo vai melhorar, mas recomendo que substitua as ataduras com frequência até que o ferimento cicatrize por completo. — Ele piscou, zombeteiro. — Agora, creio que gostaria de se vestir.

Inclinando-se, ele pediu licença. Bethany não perdeu tempo e começou a se arrumar, embora os laços do vestido às suas costas se mostrassem um grande desafio. Enfim, ela conseguiu apertá-los o suficiente para que aparentasse respeitabilidade.

Deixando o quarto, ela encontrou o marido esperando-a educadamente. Ela conteve a impaciência para encontrar Richard e reverenciou o médico.

— A quem devo meus agradecimentos, senhor?

Ele se inclinou sobre a mão de Bethany.

— Dr. George Bates, a seu dispor, milady.

Ela lhe agradeceu os cuidados e se ofereceu para pagá-lo. Ele meneou a cabeça em negativa, dizendo:

— Foi uma honra poder prestar meus serviços a uma mulher tão corajosa.

— Certamente um grande elogio, em se tratando de uma mulher. — A voz familiar veio de trás de Bethany.

Ela se virou e instantaneamente se inclinou quase até o chão.

O rei Charles moveu a cabeça em reconhecimento.

— Por favor, levante-se, lady Harcourt. — Ele sorriu, charmoso, mostrando os dentes muito brancos. — Deixemos de lado o protocolo que apenas lhe causa mais dor, principalmente quando devo minha vida à senhora. — Tendo abandonado seus assistentes, ele a convidou para uma caminhada. — Aceite meus sinceros agradecimentos por provar a inocência de um homem, além de desmascarar dois traidores da Coroa.

Ele estendeu a mão. Endereçando-lhe um olhar indagador, ela retribuiu o gesto. Para alívio de Bethany, ele apenas roçou os lábios nas costas da mão delicada, com uma educada saudação, antes de soltá-la. O rei voltou a falar de modo prático:

— Por suas atitudes nobres, poderá escolher uma forma de ser recompensada. — Ele piscou, bem-humorado, e aguardou que ela fizesse algum pedido.

Confusa, Bethany pensou em algo para dizer.

— Vossa Majestade já me deu o que eu mais desejava quando perdoou meu marido. — Ergueu os olhos para o monarca.

— Realmente?! Não me pedirá ouro, nem terras, nem título? — Ele arqueou as sobrancelhas negras. — Isso é demagogia — praticamente sussurrou.

— Aprendi que há muitas coisas importantes que garantem minha felicidade, e o dinheiro não está entre elas, Vossa Majestade — Bethany afirmou para o óbvio divertimento do rei. — Mas não posso falar por meu marido. Talvez haja algo que ele deseje.

O monarca a fitou com uma seriedade incomum.

— Se seu marido for tolo o bastante para querer mais do que uma dama leal e de raciocínio rápido, ele não merece meu perdão.

As feições femininas deviam ter deixado transparecer todo o seu temor, pois o rei se apressou a acrescentar:

— Não tenha medo, lady Harcourt, não vou revogar meu perdão. — Ele recuou um passo, pretendendo se retirar, e ela mais uma vez o reverenciou. — Expresse minha amizade em relação a ele e minhas felicitações pela escolha da esposa.

Ela o observou se afastar com ar de afetação do alto de seus sapatos de salto, antes de sair à procura de Richard.

Bethany iniciou sua busca pelo hall de entrada do prédio, mas Richard não a esperava lá. O porteiro assegurou a ela que lorde Harcourt não havia aparecido por ali. Procurando pelos vários corredores próximos, não encontrou nem sinal do marido. Alguns oficiais passavam a passos rápidos por ela todos assumindo ares de importância, mas o final dramático do julgamento acarretou o êxodo geral.

Frustrada, percebeu que estava andando em círculos. A porta ao lado conduzia à câmara do conselho. Estava entreaberta, apresentando fileiras de cadeiras vazias. Embora acreditando que procurar Richard lá dentro provavelmente se mostrasse um esforço infrutífero, acabou optando por ser meticulosa. Abriu a porta o suficiente para poder entrar, maravilhando-se por não ter feito ruído algum, as dobradiças deviam estar bem lubrificadas.

Bethany parou no limiar, horrorizada. No fundo da sala, Richard abraçava Frances Shadbourne.

Sob o olhar atordoado de Bethany, a sra. Shadbourne entregou a ele um pequeno pacote. Ele voltou a abraçá-la e lhe disse alguma coisa; a voz grave soou triste, porém Bethany não conseguiu escutar o que ele tinha dito. Era bem provável que o zumbido em seus ouvidos a tivesse impedido de ouvir com clareza.

Ser apunhalada pouco antes não a machucara mais do que presenciar aquela cena. Bethany queria sofrer um colapso, perder a consciência e nunca mais voltar a si. Nem mesmo o fato de ter assegurado a liberdade do marido podia mudar os sentimentos que ele nutria pela amante.

Segurando as laterais do vestido para evitar que farfalhassem, ela saiu de marcha à ré. Sentia a garganta tão apertada que mal conseguia respirar. Com os olhos cheios de lágrimas, rumou para o hall principal, onde deparou com o capitão Loring e o sr. Ilkston sendo escoltados por guardas ao presídio de Newgate. Loring a ridicularizou.

— Não tenho nada a dizer ao senhor.

Ela precisava sair dali antes que fosse ofendida ainda mais. Deixando-os para trás, seguiu em direção à rua. Assim que avistou uma liteira, pediu para ser levada a Saint Clement's Lane.

Depois de entrar em casa, respirou fundo várias vezes e enterrou o rosto nas mãos. Precisava fugir dali, esconder-se até que o buraco que Richard abrira em seu coração se fechasse. Já que havia trazido apenas o que podia carregar no cavalo, levaria apenas alguns minutos para arrumar suas coisas.

Sem perda de tempo, pôs-se a distribuir ordens. Logo o lacaio desatava a correr até o estábulo mais próximo para alugar uma carruagem grande enquanto a empregada subia escada acima, apressada, para apanhar algumas roupas da patroa. Bethany requisitou uma pequena arca do sótão para transportar seus trajes e instruiu a cozinheira que levasse uma bandeja de alimentos a seu quarto.

— Pão e queijo será suficiente, caso não haja nada mais à mão.

Foi Faith quem ocasionou o maior obstáculo para a partida de Bethany. Primeiro, ninguém a encontrava a até que a criada da copa lembrou-se de tê-la visto sair furtivamente com Lane. Além disso, um interrogatório revelou que Richard havia alugado uma casa pequena não muito distante dali, na rua Brydges.

— Então, peça ao lacaio que traga Faith de volta imediatamente! — Bethany exclamou e se retirou para o quarto que havia ocupado na noite anterior, a fim de esperar a refeição e a chegada de sua criada particular.

O lacaio pegou Faith "em flagrante delito" e a arrastou de volta para casa antes que pudesse ajeitar as roupas totalmente. Terminando de se recompor, a criada pediu à patroa que adiasse a partida.

— Por favor, milady, não tive nem mesmo a oportunidade de passar um dia com Augustus. — Lágrimas rolavam por seu rosto. — Por que devemos ir embora desta casa tão de repente?

— Oh, pare de chorar! — A evidência do breve encontro de Faith com o cocheiro irritava Bethany sobremaneira. — Quanto ao seu Augustus, ou melhor, Lane, ele provavelmente se divertiu muito com os favores prestados por todas as belas prostitutas das tavernas que seu dinheiro pôde pagar enquanto você esteve ausente.

Ela lamentou as próprias palavras assim que acabou de pronunciá-las. Jogar o peso da infidelidade de Richard sobre Lane fora uma atitude injusta da parte de Bethany, além de cruel com a pobre Faith, que naquele momento estava em prantos só em pensar na possibilidade de seu amor não ser verdadeiramente correspondido.

Numa tentativa de consertar seu erro, Bethany abraçou a criada, murmurando:

— Perdoe-me, Faith. Não agi bem com você. Todos sabemos que Lane a ama. Fui injusta e cruel ao acusá-lo de traição.

Vários minutos se passaram até que a empregada ergueu a cabeça e soluçou:

— Foram palavras horríveis de serem ouvidas, especialmente vindas da senhora. — Ela secou as lágrimas do rosto e assoou o nariz. — Por que devemos partir? A senhora estava tão apavorada pela vida de lorde Harcourt durante a viagem até aqui, e

Lane me contou como salvou seu marido da força. Milady deveria estar feliz agora.

Bethany cerrou os maxilares. Ela ainda não estava preparada para falar sobre a cena que testemunhara, sem que explodisse em lágrimas também.

— Lorde Harcourt e eu ficamos muitos satisfeitos com o desfecho do julgamento, Faith. Mas devo retornar à casa de Yorkshire o mais rápido possível, e seu patrão, sem dúvida, deseja permanecer aqui, na companhia dos amigos. — Pronunciou as últimas palavras com voz trêmula, mas tentou manter a calma sob o olhar subitamente aguçado de Faith.

— Como pretendem gerar um herdeiro dormindo tão longe um do outro? — a criada murmurou.

Bethany a ignorou.

— Vá à cozinha e coma alguma coisa antes de nossa partida.

Os olhos da camareira se encheram de lágrimas outra vez enquanto se apressava em direção à porta do quarto e a fechava atrás de si.

Bethany sentiu-se inquieta, até que o barulho da louça trepidando sobre a bandeja anunciou a chegada de sua refeição.

Removendo o guardanapo, ela descobriu não só uma cesta de pães e um belo pedaço de queijo cheddar, mas também peito de frango fatiado, morangos frescos com creme de leite e uma taça do vinho branco favorito de lorde Rothley.

Ela ficou imaginando se a comida não iria acabar sufocando-a de uma vez por todas.

A cozinheira, a criada mais bem paga da casa, tinha muito orgulho de suas habilidades na cozinha, mas, no estado de espírito em que se encontrava, qualquer coisa que Bethany comesse teria o sabor de serragem embebida em vinagre.

Um lacaios chegou para levar a pequena arca de roupas à carruagem enquanto ela comia. Havia terminado quando passos familiares soaram subindo a escada. Richard abriu a porta bruscamente e a fitou nos olhos.

— Aonde você pensa que vai?

— Suponho que Lane já tenha contado meus planos a você. Eu deveria ter imaginado. — Ele suspirou, esfregando as mãos, repuxando o canto da boca e pondo-se de pé. Estranhamente, a ira do marido inspirou-lhe uma calma inesperada. — Entre, milorde, e feche a porta.

Richard obedeceu. A preocupação aparente no rosto dele enquanto se aproximava quase a desarmou. Porém ela não se deixou influenciar pela emoção.

Então, como por encanto, a raiva desapareceu dos olhos de Richard.

— Bethany, por que está agindo assim? Por que ia embora sem me dar a oportunidade de lhe agradecer? — Ele tomou as mãos delicadas nas suas.

Tentando ignorar o tremor que o toque de Richard lhe provocava, ela se afastou. Ele a alcançou mais uma vez, porém ela se virou de costas.

— Por favor, milorde. — Olhou-o de soslaio, vacilante. — Não precisa se dar ao trabalho de me convidar para ficar.

— Você salvou minha vida, quase pagando com a sua, e agora pretende partir? — Ele passou os dedos pelos cabelos cor de mel. — Ao menos, diga-me o motivo.

Bethany engoliu em seco ao se lembrar de como era bom afagar aqueles fios

sedosos.

— Isso realmente importa, milorde?

— E pare de me chamar de milorde a todo instante!

Ela se sobressaltou e o encarou quando ele deu um soco na penteadeira.

— Você me mandou embora. E nunca disse se me queria de volta. — Ela respirou fundo, sentindo um súbito cansaço.

Richard analisou a acusação implícita.

— Eu não tinha percebido o quanto sentia sua falta até ser preso — ele explicou num fio de voz, tão baixo que ela mal podia ouvi-lo. — Enquanto estive preso, a única coisa que me passava pela cabeça era que eu nunca mais a veria de novo.

Ela queria acreditar naquelas palavras mais que em tudo na vida, mas não conseguia. Exausta pela viagem de Yorkshire a Londres e encarando a perspectiva de retornar dentro de um dia, não encontrava forças para discutir com ele sobre a amante.

— Se realmente desejava me ver, por que não enviou nem ao menos um bilhete a Graymoor quando foi preso? — Bethany analisou o rosto de Richard, tentando identificar sua expressão.

Uma sombra a perpassou, e ele suspirou.

— Eu supunha que você não se importaria se eu fosse enforcado. — Ele não conseguia fitá-la nos olhos.

Bethany pensou que o havia compreendido mal por um momento.

— Meu Deus, acha que sou um monstro? — ela sussurrou entre os lábios dormentes. — Primeiro me acusa de infidelidade, e agora isso?

Com uma opinião tão deturpada sobre ela, não era de estranhar que ele tivesse voltado para os braços da antiga amante.

Bethany se apressou em direção à porta. Ele gentilmente a segurou pelo pulso. Ela tentou se desvencilhar, porém Harcourt não permitiu.

— Diante das atuais circunstâncias, é melhor que eu volte para Yorkshire, Richard. — Ela virou o rosto para o outro lado, a fim de esconder as lágrimas.

— Beth, ouça-me. Fui um grande tolo ao acreditar que você me trairia, e para piorar a situação, com meu melhor amigo. — A respiração trêmula de Richard agitou o brinco pendente de Bethany. — Depois de fazer tal acusação, eu não podia simplesmente pedir a você que voltasse e salvasse minha vida. Além do mais... se eu fosse executado, você estaria livre para desfrutar toda a sua fortuna.

— Isso é pior do que me acusar de adultério. — Ela soluçou, sem poder se conter.

Chocada, viu Richard lhe envolver o rosto com as mãos e secar as lágrimas que escorriam pelas faces rosadas, usando os polegares.

— Ouça tudo o que tenho para dizer, doçura. A Coroa ia confiscar Graymoor e meu dinheiro se eu tivesse sido condenado por traição, mas não a sua fortuna. Contei a Fothery sobre uma petição que concederia à família de Gloriana o direito de propriedade de Graymoor após minha morte.

Bethany agora estava em prantos, e ele a puxou para si, aconchegando-a contra seu peito.

— Solicitei a Leafley que transferisse meus fundos para você. Eu ia lhe pedir que

usasse uma parte do meu dinheiro para ajudar Gloriana com os preparativos do casamento, mas todo o resto seria... é... seu — ele concluiu, seco. — Espero que aprecie essa ironia do destino, minha querida.

Ela engoliu em seco e apanhou um lenço no bolso do vestido para enxugar os olhos. Quando recuou, Richard a encarou com uma expressão confusa.

— Vou pedir a Leafley que devolva sua parte do dinheiro imediatamente. — Ela passou pela porta. — Então, vou embora. Nunca mais precisará me ver se não quiser.

Ele a seguiu e tocou a mão macia de Bethany que repousava sobre a maçaneta. Os dedos firmes percorreram os ossos frágeis sob a pele clara. Ela prendeu a respiração. Até mesmo essa simples carícia era suficiente para excitá-la.

— Diga-me alguma coisa antes de sua partida, Bethany.

Ela se manteve imóvel.

— Se está tão disposta a me devolver minha parte da sua fortuna, conte-me por que não pode se entregar aos meus cuidados.

— O dinheiro nunca me importou, Richard. — Ela saiu da porta e voltou ao interior do quarto. — Passei minha vida toda à sombra de uma fortuna que nunca me pertenceria. Eu tinha apenas sete anos quando soube da existência de minha herança. Uma das famílias vizinhas foi nos visitar com seu filho, um garoto da minha idade. Brincávamos no jardim quando machuquei minha mão. Ele a envolveu em um lenço. Quando agradeci, ele me disse que o pai havia ordenado que ele fosse gentil comigo, porque poderíamos nos casar e eu proporcionaria uma fortuna a ele.

— Que criança repulsiva! Ao menos, esperei que você se tornasse adulta.

Ela ignorou o comentário indignado de Richard.

— Não é essa a questão. Fiquei empolgada com a descoberta. Naquela noite, durante o jantar, comecei a contar à minha mãe todas as coisas que eu faria com meu dinheiro quando crescesse. — Ela deu de ombros. — Coisas de criança, você sabe. Eu queria construir uma casa para cães abandonados, dar comida aos pobres e comprar livros de histórias para os filhos deles.

Richard permanecia à porta, de braços cruzados, mas a ouvia atentamente.

— Mamãe logo pôs fim aos meus sonhos. Ela me contou que meu marido decidiria o que fazer com meu dinheiro, porque minha herança passaria a pertencer a ele assim que nos casássemos. Confesso que não acreditei nela... Como algo tão injusto podia ser permitido? — Sorriu com amargura. — Mais tarde, aprendi que minha opinião beirava o sacrilégio.

Ela se pôs a caminhar pelo quarto.

— Quando mamãe anunciou que eu ia me casar com o sr. Ilkston, fiquei aterrorizada. Ele tem um temperamento difícil e demonstra total inabilidade em ser gentil e compreender os outros. — Virou-se para o marido. — Então, você apareceu. Um homem bonito, charmoso... e com algo mais. Eu não queria o dinheiro mais do que ansiava por segurança, e a condição de tomar minhas próprias decisões. Nunca desejei sua morte.

Capítulo XIII

Richard não disse nada por um longo período depois que Bethany havia terminado seu discurso. Enfim, ele assentiu com um gesto de cabeça.

— É estranho ouvir uma mulher dizer essas coisas, quando cresci escutando que deveria protegê-las e tratá-las com carinho. É o mínimo que se deve esperar de um homem.

Ele refletiu por alguns segundos. Então, seus olhos a examinaram e seus lábios se abriram em um sorriso lento.

— Porém, certamente, você é mais do que uma mulher.

Richard se aproximou e a segurou pelas mãos. Levando-as aos lábios, ele as beijou, uma de cada vez. A pressão dos lábios ardentes contra a pele fina fez com que os batimentos cardíacos de Bethany disparassem. Fazia tanto tempo que ele a tocara com tanta intimidade... E ela nunca tinha visto aquela expressão de desejo intenso no rosto do marido. Podemos começar de novo?

Não, sua mente gritou, avisando-a das consequências desastrosas de entregar seu coração a um conquistador.

Tarde demais, o coração murmurou enquanto ela caminhava para os braços abertos e o beijava com ardor.

Ele correspondeu com sofreguidão, sugando-lhe a língua como se quisesse se apossar de sua alma. Ela passou os braços ao redor do pescoço de Richard, puxando-o para mais perto e sussurrando-lhe o nome entre um beijo e outro.

Ambos se sobressaltaram quando a voz do lacaio soou atrás da porta entreaberta:

— Milady, a carruagem está pronta. Devo ordenar que a aguarde?

Richard deu alguns passos para trás, deixando claro que a decisão era dela. Bethany o olhou, lembrando-se da cena na câmara do conselho mesmo quando seu corpo clamava pelo toque de Richard. Uma mulher sensata ignoraria o fogo que corria por suas veias e partiria antes que se incendiasse e se reduzisse a um monte de cinzas.

— Milady? — o lacaio chamou de novo.

Os olhos de Bethany continuavam pousados sobre Richard. Ela tentou discernir se a paixão que ele sentia por ela naquele momento ia durar ou não. No final, fez o que tinha vontade.

— Dispense-a.

No mesmo instante, Richard a tomou nos braços, as mãos e a boca movendo-se desesperadamente pelo corpo esbelto e o rosto macio. Ela rezou para que tivesse tomado a melhor decisão, mesmo enquanto o cariciava na nuca.

Um despiu o outro, revezando-se na remoção das até que as roupas de ambos formaram pilhas a sua volta. Ele tomou bastante cuidado com o curativo, perguntando a ela se deveriam seguir adiante.

— Oh, sim, Rickon...

Ele a beijou na boca, então se ajoelhou para roçar os lábios sobre o tecido fino que

cobria a intimidade de Bethany. Um sorriso malicioso surgiu na boca carnuda quando ele a olhou. Ela riu, mesmo corando sob a ávida inspeção do marido.

— O que há? — Pondo-se de pé outra vez, ele se posicionou às costas dela e removeu o primeiro grampo que lhe prendia os cabelos.

Outros foram retirados em seguida e jogados no piso de madeira, emitindo sons agudos e repetidos. Richard se encontrava tão próximo que ela podia sentir o membro túrgido roçá-la, quase a levando à loucura.

— Nossas roupas não costumam ficar jogadas pelo chão. — Ela sorriu, ofegante, enquanto ele mergulhava o rosto nos longos cabelos soltos. — O que acha deles?

— Parecem seda vermelha, quentes e macios ao mesmo tempo. — Ele exalou o ar junto ao ouvido de Bethany. — Adoro saber que sou o único homem a vê-los espalhados sobre seus ombros e as costas. — Alcançou-lhe os seios, torcendo de leve os bicos sensíveis antes de segurá-la pelos quadris e puxá-la contra ele.

— A maioria das pessoas agia como se eu tivesse chifres quando viam a cor do meu cabelo. Minha mãe a e me proibiu de expô-los. — Ela gemeu ao senti-lo mordiscá-la no lóbulo da orelha. — Meu Deus, como isso é bom...

Com um grunhido, Richard a virou de modo que ficassem frente a frente e encheu-a de beijos na testa, nos olhos, no rosto. De olhos fechados, ela o acariciou nos ombros e foi descendo pelas costas, fascinada ao sentir os músculos enquanto se movimentavam sob a pele lisa.

Audaciosa, agarrou-o pelas nádegas firmes e o puxou para mais perto, deleitando-se ao sentir a ereção quente contra sua nudez. Richard gemeu de prazer com o contato íntimo. Porém, instantes depois, murmurou:

— Espere, querida. Vou amá-la com muito carinho desta vez, exatamente como você merece. — Ele a tocou no rosto e abriu os olhos, agora de um verde tão intenso que a deixou sem ar.

— Como fará amor comigo, Rickon? Se sempre buscou o próprio prazer...

Ele continuava encarando-a, e seu semblante indicava que ninguém nunca lhe havia feito tal pergunta. A culpa inundou o rosto de Richard. Intrigada, ela pressionou os quadris e roçou a pélvis contra ele.

— Diga-me — ela insistiu.

— Você está ferida, doçura. — Ele respirou fundo, sentindo-a excitada contra si, e encostou a testa à dela, tão ofegante quanto se houvesse acabado de participar de uma corrida.

A hesitação de Harcourt em revelar a ela a intensidade de seu desejo a alarmou um pouco. Porém, ele estava nos braços dela, e não nos de Frances Shadbourne. E Bethany temia que lhe fosse dada as aquela oportunidade de reconquistá-lo. Ela tomou o rosto dele entre as mãos.

— Se eu fosse sua amante, não sua esposa, o que gostaria que eu fizesse agora? Se eu não quisesse lhe dar prazer, não estaria fazendo essa pergunta.

Richard engoliu em seco e umedeceu os lábios a seguir.

— Quero senti-la sobre mim, movendo-se rápido e intensamente até que grite meu nome ao atingir o clímax.

A voz doce com que tais palavras foram pronunciadas entrou pelo ouvido de Bethany e pareceu descer até suas coxas, encharcando-a. Sentia a pele formigar onde

ele a tocava com as palmas e os nós dos dedos. Passou os braços em torno do pescoço do marido e o fitou nos olhos, insegura.

— Isso é mesmo possível?

— Sim, meu amor.

Ele a levou até a cama e se sentou junto a ela. Então, começou a acariciá-la no pescoço, para depois deslizar as mãos pelo corpo esguio.

Estendendo-a sobre o colchão, deixou as mãos passear pelas coxas roliças e acomodou-se sobre ela, tomando cuidado com o ferimento enquanto lhe abria as pernas para os lados. Os mamilos delicados se intumesceram quando Richard passou a roçá-los com avidez. Depois os contornou com a ponta dos dedos, até que, não resistindo mais, inclinou-se sobre ela e sugou-os, um de cada vez. No início, lentamente, aumentando a intensidade dos movimentos a boca à medida que ela ia se mostrando agradada. Arfante, ela o agarrou pelos cabelos macios e lhe ergueu a cabeça para fitar os olhos esverdeados.

— Estou machucando você, querida?

Ela conseguiu apenas balançar a cabeça em negativa, tamanha era sua falta de ar. Então, Richard voltou a atenção para o outro seio, enquanto uma das mãos procurava os pelos encaracolados que cobriam a intimidade de Bethany, até lhe alcançar as dobras umedecidas e depois a pequena protuberância que intensificava a volúpia feminina. Não suportando mais aquela doce tortura, ela ansiava por sentir o membro rijo e quente dentro dela. Sem se conter, suplicou:

— Possua-me, Rickon...

As mãos fortes a agarraram pelas nádegas enquanto ele girava o corpo de modo a posicioná-la sobre ele. Bethany soltou um suspiro profundo ante a incrível sensação de tê-lo, tão pungente e vigoroso, a preencher-lhe. Inebriada, começou a se mover para a frente e para trás, enlouquecendo-o de prazer enquanto ele lhe admirava a beleza e a acariciava com as mãos e a boca.

Moviam-se juntos, cada vez mais rápido, à medida que sentiam a aproximação do clímax. Gritando, ela se entregou à explosão de prazer que a dominou, arqueando as costas, completamente tomada pelo êxtase. Sem perder tempo, Richard agarrou-se a ela e mudou de posição outra vez, de modo que agora ele voltasse a ficar sobre ela, os dentes cerrados ao tornar a intensificar as investidas. Fechando os olhos, ele se deixou levar pelo furor do orgasmo que o atingiu. Impressionado, constatou que nunca sentira nada tão arrebatador antes.

Banhada de suor e deliciosamente exausta, Bethany relaxou sob o corpo de Richard, incapaz mover um dedo durante vários minutos, apenas ouvindo o coração dele ribombando no mesmo ritmo que o seu.

— Você está bem, querida? Não a machuquei?

Ela se moveu apenas quando escutou as perguntas soar em seu ouvido.

— Não, amor. Você não me machucou. — Ela ergueu a cabeça devagar e gemeu.

Richard abriu os olhos, assustado.

— Temo que você seja o único a sentir dor... — ela acrescentou.

Os dois ombros de Richard exibiam marcas avermelhadas, exatamente nos pontos onde ela havia lhe cravado as unhas. Horrorizada, pediu desculpas e se viu abraçada com força, antes de ser beijada na boca com paixão.

— Não peça perdão, doçura, alguns arranhões não significam nada para mim — ele disse segundos depois, com um sorriso nos lábios. — Além do mais, fico satisfeito de saber que sou capaz de incitá-la a se comportar de modo tão voluptuoso.

— Está falando a sério? — Ela explorava os pelos macios do peito masculino, com a ponta dos dedos, provocante. — Aprendi que a esposa deve demonstrar recato e decoro em qualquer circunstância.

— Assim como você. Exceto quando perde a calma. Ele sorriu, divertido, e a segurou pela mão antes que ela pudesse lhe aplicar alguns tapinhas, com ar de brincadeira. Em seguida, beijou-a na palma. — O homem gosta de se sentir desejado na cama tanto quanto a mulher. E foi o que fez comigo, Beth. — Abraçou-a apertado.

Enlaçada a ele, considerou aquelas palavras durante um longo tempo.

Bethany foi sacudida quando a carruagem passou por um buraco. Sonhos da noite passada nos braços de Richard perturbavam sua paz de espírito tanto quando estava acordada como quando dormia.

Eles haviam cochilado, acordando apenas para jantar, já que Bethany tinha solicitado que a refeição fosse servida no quarto. Mais tarde voltaram a fazer amor, calmamente explorando um ao outro. Pouco antes de adormecerem, ela se sentia muito feliz.

Acordou cedo na manhã seguinte e o observou a seu lado. Ele ainda dormia, com os cabelos caídos sobre o rosto e um leve sorriso nos lábios. Parecia mais jovem e mais vulnerável por algum motivo.

Ela deslizou para fora da cama e manteve as cortinas fechadas para evitar que a luz do amanhecer o acordasse. Sentiu a pele arrepiada de frio enquanto recolhia suas roupas espalhadas pelo chão no dia anterior. Como seus pertences já estavam guardados no pequeno baú, ela decidiu pegar uma camisa emprestada da gaveta de lady Rothley. Esticou o vestido de sarja verde sobre uma cadeira e juntou as roupas de Richard. Quando lhe ergueu o casaco, sentiu que havia algo ligeiramente pesado no bolso. Mordendo o lábio inferior de leve, lembrou-se de que a amante de Richard tinha dado a ele alguma coisa no dia anterior.

Decidida, pendurou o casaco no encosto da cadeira e ali o deixou.

Caído ao chão, exatamente onde o casaco estava empilhado, havia um pedaço de papel dobrado, pensando em deixá-lo sobre a penteadeira, pegou-o como se fosse uma cobra venenosa, por uma das pontas segurando-o entre o polegar e o dedo indicador. Foi então que o bilhete se abriu, expondo seu conteúdo. Flutuou para o chão alguns segundos depois, enquanto Bethany se inclinava para a frente, tapando a boca com as duas mãos.

Sem deixar a menor dúvida quanto à caligrafia do marido, a mensagem declarava toda a devoção de Richard pela sra. Shadbourne.

Bethany observava a paisagem distante pela janela da carruagem, que se movia devagar. Os campos e as fileiras de cercas vivas não haviam mudado em nada. Ficou imaginando se algum dia faria aquele trajeto até Yorkshire sentindo-se feliz.

A noite, pediria que levassem uma garrafa de qualquer bebida alcoólica a seu quarto para que tentasse esquecer tudo que vivera nas últimas vinte e quatro horas.

A traição de Richard não a teria ferido tanto se ele não a tivesse possuído com tanta paixão na noite anterior.

Ela lutou contra o choro sem sucesso. Era óbvio que ele tinha ido procurá-la apenas porque o testemunho de Bethany convencera o rei a perdoá-lo. Na verdade, Harcourt não nutria nada além de gratidão por ela, muito embora sentissem prazer nos braços um do outro. Só de pensar em como ele se mostrava intensamente excitado ao tocá-la quase a deixava doente.

Seu único consolo era não ter comentado nada sobre a carta de desculpas que ela havia escrito e depois queimado. Ao menos não passara pela humilhação de pedir o perdão de um homem que a tinha em tão baixa estima.

Havia sido a raiva que a sustentara da primeira vez que tinha deixado Londres, agora ela experimentava uma tristeza asfixiante. Decerto havia perdido Richard para sempre.

Seu pranto se transformou em um sorriso amargo no interior da carruagem vazia. Para perder Richard, ela teria de tê-lo possuído antes. E como o bilhete que ele escrevera à sra. Shadbourne demonstrava com dolorosa clareza, Bethany nunca havia tido o menor espaço no coração dele.

Gloriana se revezava entre o entusiasmo e o desânimo durante o mês que antecedia seu casamento. Bethany mantinha o próprio pesar trancado em seu peito enquanto competia com as alterações de humor da cunhada. Controlar as próprias emoções se provava difícil diante da variação de sentimentos da garota.

Ela sentia inveja toda vez que via Fothery e Gloriana juntos. Não pelos planos do primoroso casamento esperado pelo bem-aventurado casal e por lady Rothley. A tia de Richard respondeu às notícias das iminentes núpcias com uma longa carta, detalhando as numerosas tradições e receitas esperadas nos casamentos dos Harcourt.

Bethany, acostumada às cerimônias sóbrias da congregação à qual a mãe pertencia, achava a maioria das sugestões extravagantes, e até mesmo Gloriana se opôs a várias delas. Ambas escreveram respostas delicadas, alegando a reforma inacabada de Graymoor como o principal motivo de recusa das instruções propostas pela dama.

Apesar disso, o ciúme ameaçava o equilíbrio de Bethany quando ela presenciava a alegria dos noivos ao se ocupar de atividades simples, como passeios no jardim ou a discussão dos nomes dos futuros filhos. Nesses momentos, ela se lembrava da raridade de um casamento feliz e tentava partilhar da alegria do casal.

Nos poucos dias em que Fothery não visitava Gloriana, ela lamentava a ausência do irmão. Bethany a confortava da melhor maneira que podia mas como os dias se passavam sem nenhuma notícia de Richard, a irmã imaginava se ele havia desistido dela de uma vez por todas. Bethany assegurava à cunhada que ele podia desaprovar o comportamento inadequado de Gloriana, porém nunca a abandonaria.

Duas semanas antes do casamento, um cavaleiro de Londres chegou ao pátio, trazendo uma breve missiva endereçada a Gloriana. A governanta a levou à noiva, que se encontrava no salão de festas, discutindo o número de convidados que a sala comportava.

— Sua Majestade está solicitando a presença de Richard na corte para a festa de coroação. Trata-se de uma grande honra, e tamanha exposição pública irá restabelecer o bom nome da família aos olhos do mundo. Mas será no dia vinte e três de abril, e vou me casar no dia vinte e sete. — A mão de Gloriana tremia enquanto procurava o olhar de Bethany. — Como ele poderá vir de Londres para cá a tempo de assistir à cerimônia? — Ela tentava conter as lágrimas.

Lutando contra as esperanças frustradas, Bethany olhou para a carta, cheia de saudade. Por direito, ela deveria ter recebido a carta de Richard. Em vez disso, ele a enviara a Gloriana, uma maneira que tinha encontrado para manifestar sua repugnância à esposa.

Ela conduziu a chorosa cunhada a um banco, encostado contra a parede. Como Gloriana chorava apoiada e, seu ombro, ela observou a paisagem que se descortinava do lado de fora da janela. Nem mesmo o brilho do sol que iluminava o jardim florido era capaz de animá-la. Engoliu em seco.

Haviam se separado de forma tão brusca em Londres... Apesar da raiva que sentira do exibicionismo de Richard em relação à amante no dia do julgamento, Bethany havia acreditado que o casamento de Gloriana o traria a Graymoor. Então, a própria mente escarnecia dela.

Se ele quisesse um herdeiro legítimo, ela sabia que ele teria de voltar para sua cama, mas a ideia de que Richard a tocara apenas pelo dever dinástico a magoava sobremaneira. Além do mais, ela queria lhe mostrar as melhorias que havia feito na propriedade sobre as quais lhe falara por meio de cartas, evidenciando quão bem podia cuidar dele e de tudo que se relacionava a ele.

Ansiava por recomeçar, pedir-lhe desculpas e dizer que o amava. Porém, temia que, agindo assim, apenas ganhasse o desprezo de Richard. Ou ainda pior, apaixonara-se por um farrista, e a ideia de lhe conquistar o coração poderia se revelar nada além de um sonho.

Bethany não podia confiar em Gloriana. E para não ficar se martirizando por causa de Richard, ela mergulhou nos preparativos do casamento e na administração da propriedade, supervisionando tudo de uma sala em péssimas condições perto da escadaria que levava à cozinha. Gloriana, talvez por razões semelhantes, mostrou-se mais do que disposta a ajudar a cunhada.

Somente na solidão da enorme cama do quarto principal, Bethany se entregava ao desespero, chorando amargamente e dormindo de modo intermitente enquanto a noite se arrastava para passar.

No entanto, os dias voavam da mesma forma que a vida inundava as colinas verdes além da propriedade. Primeiro durante a semana que antecedia ao enlace. Depois no dia anterior.

Os Rothley, os únicos parentes vivos de Richard e Gloriana, programaram uma longa visita. Gloriana temia que a tia a repreendesse pelas circunstâncias do casamento, mas Bethany deu um bom motivo para que a garota afastasse suas preocupações. Além disso, na ausência de Richard, o tio poderia conduzi-la ao altar. Eles chegaram ao meio-dia, atrasados devido às estradas lamacentas.

Tendo deixado o quarto principal para eles, Bethany recomendou que o casal mais velho descansasse até a hora do jantar. Lady Rothley aceitou de imediato, reclamando de uma dor de cabeça provocada pela viagem difícil e o calor fora de época. Embora nuvens pesadas cobrissem o sol, o calor estava opressivo demais para a primavera. Bethany transpirava apesar de estar usando um vestido solto de musselina.

Após ter dado uma solução para o mal-estar da nova tia, ela foi ao encontro de Gloriana e lhe levou uma poção calmante. Mais tarde, a cunhada desceu ao hall e descobriu que a tia havia ido se deitar.

O tio, sentindo-se mais vigoroso, precisou apenas de uma refeição para se restabelecer por completo e se mostrou bastante interessado na reforma da casa. Ele

parecia inclinado a perguntar todos os detalhes pertinentes às obras em andamento a ponto de quase distrair a sobrinha, que tentava supervisionar a decoração do salão de festas.

O sr. Quintan, que fora obrigado a dar alguns dias de folga a parte de seus homens, pois havia sido proibido de executar qualquer serviço que não estivesse diretamente relacionado ao casamento, foi quem a resgatou. Oferecendo-se para fornecer qualquer informação que lorde Rothley requisitasse, ele manteve o curioso à distância.

Lorde Rothley teve de se contentar em examinar o exterior da casa, por quase duas horas após o almoço, até que um raio e um trovão pressagiaram a chegada de uma chuvarada contínua que levava a crer que só pararia no dia seguinte.

Felizmente, a governanta havia reparado nas nuvens pesadas e cobrira com antecedência tudo o que seria utilizado no dia seguinte. Do lado de dentro da casa, os preparativos continuavam.

Bethany tinha reservado as melhores tapeçarias para o salão de festas no andar superior, e pediu a Gloriana que as distribuisse pelas paredes. Dessa forma, Bethany se viu livre para acompanhar os arranjos do salão, no piso térreo, durante a tarde chuvosa, ao mesmo tempo que mantinha a futura noiva ocupada.

Carpinteiros trabalhavam no projeto do sr. Quintan, montando uma estrutura de madeira que seria enfeitada com trepadeiras e flores, enquanto os pedreiros e lacaios montavam as mesas sobre cavaletes ao longo de uma parede e içavam barris de cerveja sobre elas. O enorme espaço remanescente seria preenchido com travessas de comida, destinadas aos inquilinos de Graymoor e aos vários operários que trabalhavam na reforma da fazenda. Os poucos amigos e parentes desfrutariam de comidas e bebidas mais refinadas no decorado salão de festas do andar de cima.

Dessa forma, seria estabelecida uma relativa paz entre os convidados e os trabalhadores, graças à ajuda conferida nos últimos dias. A sra. Platt contribuiu para a atmosfera agradável, enviando aos empregados pratos de saborosas iguarias que não foram aprovados pela criteriosa cozinheira.

O aroma de ervas e carne assada se misturava ao cheiro de madeira, enquanto os criados, pedreiros e serventes, carpinteiros, lacaios, entre outros, dividiam entre si os alimentos rejeitados na cozinha.

Ela também mandou um bom pedaço de carne de veado assada ao sr. Quintan, como forma de agradecimento pelas belas prateleiras e o grande fogão a lenha com chaminé que ele havia lhe providenciado. Antes do jantar, Bethany se encontrava no centro do saguão e olhou para si mesma. Havia terminado todas as tarefas do dia. Depois de elogiar fervorosamente o trabalho de todos, ela acrescentou um ar festivo ao ordenar que um barril de cerveja fosse aberto, informando que tinham de brindar à saúde da sra. Harcourt com uma bebida apropriada.

Em seguida, tendo decretado o saguão e o salão de festas zonas proibidas a qualquer um que, de fato, não estivesse trabalhando nesses locais, ela afundou numa cadeira macia da sala de visitas. Gloriana se sentou diante da cunhada. Entre elas, havia uma mesa, onde fora servida a ceia, que se resumia a fatias de pão, queijo e cerveja do barril que havia sido aberto pouco antes.

Verdade fosse dita, a pequena sala era bastante aconchegante. Bethany ordenara que a lareira fosse acesa para afastar o frio e a umidade, trazidos pelas nuvens negras que escureciam ainda mais o céu. Havia também várias velas acesas para clarear o ambiente. Faziam uma agradável refeição quando uma voz masculina soou à porta: — Tem comida para mais um?

Gloriana gritou de alegria, ameaçando estilhaçar vidraças da janela, enquanto corria para cumprimentar o recém-chegado. Bethany, por sua vez, pôs-se de pé, mas permaneceu junto à cadeira, agarrada ao encosto, em uma tentativa de manter o equilíbrio. Richard estava molhado da cabeça aos pés, e suas botas, totalmente enlameadas.

O coração de Bethany batia acelerado. Ele tinha vindo, afinal. Apenas para o casamento de Gloriana, ela supôs, porém ele veria a cuidadosa reforma que estava sendo feita na casa e, talvez, fosse suscetível ao cuidado que ela dedicava à propriedade e desejava tão desesperadamente dividir com ele.

Ele sorria para a irmã, que demonstrava toda a sua satisfação em revê-lo. Os pés de Bethany por fim se descolaram do chão e se moveram em direção ao marido, com um cumprimento nos lábios. Mas a saudação se evaporou de sua boca, já que ele olhava fixamente apenas para a irmã.

Bethany sentiu seu rosto assumir uma expressão, de neutralidade. Voltando os olhos para a entusiasmada garota, ela se manifestou:

— Deixe-me tirar seu casaco molhado.

Entendendo que Bethany não pretendia discutir na frente de Gloriana, Richard permitiu que a esposa lhe removesse o casaco e o pendurasse no encosto de uma cadeira próxima à lareira.

Ele se sentou, puxou com força uma das botas e depois arrancou a outra. Enquanto ele realizava essa tarefa, Bethany tinha tido tempo de chamar uma criada para limpar a lama que manchava todo o piso.

Notando que o valete de Richard se encontrava do lado de fora da sala de visitas, ela ordenou que o criado limpasse e secasse a capa e as botas e depois tomasse uma refeição quente na cozinha. Quando a criada retornou com uma caneca de cerveja e um prato contendo peixe assado, mais pão e queijo, além de algumas verduras, Bethany, mais do que depressa, atreveu-se a silenciar qualquer comentário maldoso de Richard, esclarecendo:

— Com tantos preparativos para amanhã, eu disse à cozinheira que não se preocupasse com a ceia de hoje, que comeríamos qualquer coisa fácil de ser preparada.

Richard, inalando o aroma do peixe assado de olhos fechados, pareceu bastante à vontade ao assegurar à esposa que o prato servido satisfazia muito bem suas necessidades.

— Em todo caso, posso concluir que você conseguiu colocar a cozinha em ordem.

Após o comentário em tom queixoso, o casal terminou a refeição ao som da tagarelice de Gloriana, mal falando um com o outro.

Assim que os pratos e os talheres foram recolhidos, Bethany o observou pelo canto do olho enquanto recapitulava com Gloriana a programação do dia seguinte. Com o semblante impassível, ele permaneceu sentado, apenas esticando as pernas para aquecer os pés diante da lareira. A noiva citou vários detalhes que ela temia que fossem negligenciados, e Bethany garantiu à cunhada, com toda a paciência do mundo, que todas as providências haviam sido tomadas para que aquele casamento se constituísse um grande evento. Havia até contratado vários criados extras do povoado, Bethany informou. A sra. Platt tinha o banquete bem encaminhado, e o vinho para os convidados de honra, assim como a cerveja dos inquilinos, haviam chegado a tempo. Os empregados do estábulo tinham limpado e polido as carruagens antes da chuva. Enfim, Gloriana parou de se preocupar e, para profundo alívio de Bethany, anunciou que pretendia se

recolher ao quarto mais cedo naquela noite.

— Desejo estar com uma ótima aparência amanhã de manhã, mesmo depois de tudo que fizemos hoje! — Ela beijou o rosto de Bethany, afetuosa. — Perdoe-me por tê-la importunado tanto, minha querida. Na verdade, tenho certeza de que tudo será perfeito. Mil vezes obrigada por ter cuidado de tudo! Você tem sido tanto uma irmã quanto uma mãe para mim neste último mês.

Bethany se ajeitou na cadeira, encabulada com o elogio de Gloriana. O semblante de Richard pareceu se tornar melancólico diante das palavras da irmã, mas ele permaneceu em silêncio.

As palavras da cunhada agradaram a Bethany, que procurou amenizar o mau humor de Richard ao responder:

— Tudo sairá perfeito se parar de chover. Mas não tema, meu amor. Se a chuva não cessar, resolveremos tudo de uma forma ou de outra.

Gloriana sorriu.

— No fundo, o mais importante de tudo é que vou me casar com meu Fothery!

Infelizmente, Bethany não conseguiu retribuir o sorriso da cunhada. Certa de que Gloriana não deixaria que seu entusiasmo fosse abatido com facilidade, ofereceu-se para mandar um copo de sidra com especiarias ao quarto dela. Aceitando com satisfação, a garota rodopiou e desejou ao irmão uma boa noite.

Bethany meneou a cabeça, divertida, ao puxar o cordão da campainha. Ela duvidava que uma garrafa inteira de qualquer bebida forte fosse capaz de tirar o sono da cunhada naquela noite.

Richard acompanhou a irmã até o quarto, enquanto Bethany esperava que uma criada respondesse a seu chamado. Pela porta entreaberta, ela ouviu Gloriana agradecendo a Richard, efusivamente, por ele ter chegado a tempo de conduzi-la ao altar.

— Creia-me, Gloriana. Você é a única pessoa de nossa família que me restou! Nem mesmo o rei poderia me impedir de vir ao seu casamento.

Bethany sentiu uma intensa dor no coração ao se lembrar das ocasiões em que o marido falara com ela de modo tão carinhoso.

A réplica de Gloriana se perdeu na imensidão do saguão enquanto se afastavam da sala de visitas.

De modo condenável, Bethany espiou pelo vão da porta, a tempo de vê-lo beijar a irmã no rosto e lhe entregar uma vela. Antes que ela pudesse recuar de volta para dentro, o auxiliar de cozinha apareceu, vindo das escadas do andar de baixo. Educada, ordenou que o rapaz levasse a sidra ao quarto da cunhada.

Richard esperou que o ajudante de cozinha desaparecesse para se aproximar de Bethany. Então, com autoridade, apontou para o interior da sala.

— Quero falar com você.

Ela umedeceu os lábios.

A suavidade havia abandonado a voz de Richard e sido substituída por pura determinação.

Ela o seguiu ao interior do aposento, sufocando um suspiro. Mal a porta tinha sido fechada atrás dela, ele se virou para encará-la.

— Que *melhorias*, exatamente, tem feito nesta propriedade, milady? — Ele

caminhava ao redor dela enquanto perguntava. — Dei uma volta pela casa antes de me dirigir a esta sala. A maioria das paredes não foi reerguida desde minha última visita, os corredores do andar de cima praticamente não foram tocados por martelos nem pintados, e quanto ao meu estábulo? Em nome de Deus, o que fez com meu estábulo? — Ele apontou para fora da janela. — Parece ter saído de Covent Garden!

Reunindo forças para falar, Bethany se postou diante dele.

— Por que será que a reforma não está a seu gosto, milorde? Enviou-me de Londres para cá e pediu, ou melhor, ordenou, que eu me encarregasse dos reparos em sua casa de campo, contudo se recusou a responder às minhas cartas, pedindo sua opinião ou suas instruções. Os serviços que contratei estão custando três mil libras da minha metade do nosso dinheiro! Se você não gosta da maneira como a reforma está sendo conduzida, sugiro que participe de alguma maneira na reconstrução da fazenda em vez de passar os dias se divertindo com sua amante!

— O quê? — A voz de Richard soou terrivelmente furiosa.

Igualmente horrorizada, Bethany queria que um buraco se abrisse no chão e a engolissem depois de ter revelado sua fraqueza. Ainda assim, tentou distraí-lo.

— Atrasei as obras o máximo que pude — começou, aérea, procurando não dar um tom de confidência às suas palavras. — Se esperássemos suas instruções, teríamos perdido toda a primavera e, sem dúvida, o verão também! E enquanto fazia sua avaliação dos trabalhos, poderia, ao menos, ter tido a decência de tirar as botas enlameadas antes de espalhar sujeira para todos os lados.

— Meus pés estavam frios e não dou a menor importância ao chão! — Richard se justificou, referindo-se à última acusação de Bethany. — Para sua informação, a cena que você presenciou após a remissão de minha pena foi arranjada por Arthur Loring.

Ambos se encontravam muito próximos, cara a cara, embora Richard continuasse a gritar:

— Fazia meses que eu não estava mais envolvido com Frances quando me casei com você, nem voltei a me relacionar com ela, nem com qualquer outra mulher desde então. — Ele deu as costas a Bethany e caminhou até a janela.

O silêncio dominou a sala enquanto ele permaneceu ali, parado, aparentemente observando a chuva açoitando as vidraças.

Bethany resistia em admitir que ele contava a verdade. A ideia fixa quanto à infidelidade do marido a corroerá por dentro durante semanas. Ela daria sua parte da fortuna para acreditar que Richard amava de verdade e que o interesse por Frances Shadbourne era apenas fruto de sua imaginação.

Então, o bom-senso prevaleceu. Embora tivesse se empenhado em agradá-lo na cama, e até mesmo lhe administrado o lar, ela continuava não significando nada para ele, além da mulher com quem havia se casado por dinheiro. A carta que ele escrevera à sra. Shadbourne e que Bethany havia lido involuntariamente fazia com que chegasse a essa conclusão.

Respirou fundo, trêmula. Agora era a senhora de Graymoor; não desataria a chorar de forma descontrolada onde qualquer um dos criados pudesse vê-la e fazer fofocas a respeito da paixão não correspondida de lady Harcourt pelo marido.

— Você deseja apenas aplacar minha mágoa de modo que eu não o incomode com cenas de ciúme.

Richard virou-se para ela, já abrindo a boca para refutar tais palavras, porém ela

não permitiu que ele replicasse.

— Creio que devesse ter escrito uma carta para mim, relatando sua versão dos fatos, semanas atrás. Só que apenas agora a desculpa lhe ocorreu, não foi?

Richard parecia perplexo, mas recobrou-se depressa.

— Não me acuse de adultério. Li suas cartas o suficiente para compreender suas reais intenções. — Ele sorriu, com desdém. — Infelizmente, querida esposa, a primeira coisa que fiz ao chegar a Graymoor no ano passado foi obter estimativas de quanto eu gastaria na reforma desta casa, as quais ainda tenho guardadas comigo. Estavam muito além de minhas posses naquela época, mas posso lhe afirmar que ficavam bem abaixo das três mil libras que você me comunicou. — Fitou-a com severidade.

Após um breve silêncio, ele prosseguiu:

— Você não tem feito nada além de esconder a verdade de mim desde que nos conhecemos, Bethany. — Não gritava mais, e sim soava mais triste do que qualquer outra coisa.

Ela começou a se defender, porém ele ergueu a mão.

— Sei que tirei conclusões precipitadas quanto ao possível caso amoroso entre você e Tom, mas minha justificativa pareceu inaceitável para você. — Suspirou. — O que nos leva de volta à minha questão. Você está gastando três mil libras? Em quê? Não em material nem em mão de obra, que sei muito bem. — Ele sorriu de modo agudo e irritante. — Você mantém um amante nesta casa? Está se vingando de mim?

Capítulo XIV

A acusação ríspida afetou Bethany como se ela tivesse levado uma bofetada. Então, foi dominada por uma onda de raiva jamais experimentada. Um momento antes, preparava-se para justificar cada centavo gasto nas obras, a fim de tentar se reconciliar com Richard. Contudo, naquele instante não pretendia lhe dar explicação alguma.

Perdida em meio a seus pensamentos, de repente se deu conta de que ele voltava a insistir no assunto:

— E então, o que tem a dizer em sua defesa?

— É evidente que está cansado da longa e úmida cavalcada até aqui, milorde. — Bethany mantinha a compostura, apesar do abalo que sofrera. — Sugiro que se sente junto à lareira e tome uma boa dose de conhaque para se aquecer. — Encarou-o com frieza — Pedirei a um dos criados que o avise quando seu quarto estiver pronto. Tenha uma boa noite.

Sem dizer mais nada, ela se retirou, batendo a porta com estrondo.

Bethany não voltou a aparecer na sala de visitas naquela noite. Richard já havia tomado meia garrafa de conhaque quando a criada veio informá-lo de que o quarto estava pronto. Achando melhor ir para a cama, subiu ao andar de cima. Como suspeitava,

Bethany havia ordenado que lhe preparassem o segundo melhor quarto da casa.

Ao entrar, Richard viu seu valete cochilando confortavelmente em uma cadeira próxima à lareira. Ao som da porta se fechando, o rapaz se levantou e esfregou os olhos embaçados de sono. Percebendo que havia sido Richard quem entrara, ele se endireitou e mostrou-se pronto a ajudar o patrão a trocar de roupa.

Minutos depois, enquanto o rapaz recolhia as roupas úmidas e as botas sujas de lama para que fossem lavadas, Richard vagava pelo quarto.

Parte dos painéis de madeira trabalhada tinha sido arrancada das paredes. A pedra acinzentada continuava a opor-se ao revestimento de madeira escura, como leves cicatrizes na pele de um homem. Ele apanhou uma vela acesa para inspecionar a mancha de água no teto. Para seu alívio, não havia goteiras no quarto naquela noite. Esperava que, ao menos, a esposa tivesse tomado as devidas providências para que o telhado tivesse sido consertado. Pensou que deveria estar grato por Bethany ter limpado o aposento e substituído a mobília avariada. Sem mencionar que o quarto não mais cheirava a bolor.

O valete fez uma mesura e se retirou, expressando sua aprovação em relação aos alojamentos limpos e secos dos criados.

Richard ergueu as cortinas da cama para examiná-las sob a luz da vela. Pareciam limpas e estavam perfumadas, mas vários rasgos as desfiguravam.

Os lençóis pareciam novos quando ele se arrastou sobre a cama, e abençoadamente quentes naquela noite fria. No dia seguinte, daria uma gorjeta ao criado que se lembrara de usar uma panela quente para aquecê-los.

Lembranças do corpo ardente de Bethany junto ao seu o excitaram. Repreendeu-se severamente em pensamento por ainda desejá-la. Mesmo que ela, não tivesse sido infiel, ainda assim o havia enganado.

Ele se revirava na cama, desassossegado, amaldiçoando a pele macia e os cabelos cor de fogo que tornavam todas as outras mulheres sem-graça se comparadas a Bethany.

Outra rajada de vento e a chuva forte assobiaram do lado de fora, seguidas por raios e trovoadas. Richard fechou as cortinas esfarrapadas e esmurrou o travesseiro, frustrado. Por um longo tempo, ficou olhando fixamente para o dossel de madeira esculpida acima enquanto o temporal fustigava o vale.

Um silêncio incomum espantou Richard na manhã seguinte, libertando-o da noite insone. Em vez dos gritos dos mascates e das buzinas dos sapateiros, apenas vozes sussurradas e o som de passos dos criados chegavam aos seus ouvidos. Ele abriu os olhos quando o ruído da porta interrompeu seu alvoroço mudo.

Em seguida, ouviu o som vibrante de metal contra madeira, e o aroma de café fresco se infiltrou pelas cortinas da cama. Evidentemente, sua esposa não havia se negado os pequenos luxos da vida, ele pensava. Não, aquilo não estava certo. A preferência de Bethany por chocolate ou chás da moda lhe assaltou a mente, porém ele não acreditava que ela mantivesse um estoque de café à mão para a satisfação do marido.

Uma agitação além da cama, seguida de um ruído e de uma corrente de ar frio, indicava que alguém, contrariando o bom-senso, havia aberto a janela. Esticando a cabeça para fora das cortinas, ele se pôs a censurar a jovem criada. A moça assustada contou a ele, de forma defensiva, que a patroa tinha ordenado que as janelas fossem abertas todas as manhãs.

— Eu não sabia que estava em casa, senhor. — Apesar de retorcer as mãos ossudas sobre o avental, a garota o observava com curiosidade. — Então, é o nosso patrão?

Ele afirmou com um aceno de cabeça, e ela sorriu para Richard.

— Seja bem-vindo, senhor. Sou Annie Beckins, e minha mãe era a Velha Bet que trabalhava aqui na lavanderia. A patroa me contratou por...

Temendo que a garota comesse a recapitular sua ligação com a família Harcourt, ele lhe garantiu que se lembrava da mãe e também do pai de Annie, que tinha trabalhado no estábulo. Muito contente com o reconhecimento, ela ruborizou e lhe fez uma mesura desajeitada.

— Então, fique alerta, milorde. Milady está agindo bem ao atrasar a reforma... — A garota já caminhava em direção à porta, mas Richard a deteve.

— Annie, quem é o responsável pelas obras?

Ela franziu o cenho, pensativa, antes de responder:

— Bem, a sra. Harcourt diz que não gosta de contratar desconhecidos, por isso ela confere as contas. Sozinha! — O espanto nos olhos da criada mostrava que ela admirava tanta inteligência. — Mas o sr. Quintan supervisiona as obras para ela.

Pedindo à garota que entregasse uma mensagem ao supervisor, Richard se vestiu e tomou o café da manhã antes de encontrar o sr. Quintan no saguão. Os modos alegres do empreiteiro murcharam quando Richard começou com seu interrogatório desagradável.

Diante da incredulidade de Harcourt, o homem mais velho finalmente se ofereceu para lhe mostrar os reparos feitos em Graymoor.

Enquanto seguia o irritado supervisor, Richard olhava ao redor, desconcertado. Ele caminhou pelos quartos que se encontravam parcialmente queimados e destruídos pelo fogo da última vez que os vira. Agora o novo painel de madeira e as paredes recém-rebocadas os ladeavam. Ele ouvia com crescente vergonha à medida que Quintan descrevia a necessidade da lentidão na reconstrução da arruinada ala sudeste da casa.

— Quando a srta. Gloriana começou os preparativos de seu casamento, lady Harcourt pediu que concentrássemos nossos trabalhos na reforma do salão de festas e do terraço, o que atrasou todo o resto.

Inclinando o chapéu para Richard, o sr. Quintan o deixou sozinho com seus pensamentos.

Richard arqueou as sobrancelhas. Bethany havia tocado muito mais obras do que ele tinha visto na noite anterior. Porém, ele sabia bem quanto o material de construção e os salários dos empregados podiam custar para a reforma daquela casa. Durante a discussão que haviam tido na noite anterior, ela alegara que tinha gastado muito mais do que ele estimara anteriormente.

Ao entrar na cozinha, Richard mergulhou na loucura dos preparativos para o casamento, embora tudo parecesse bastante organizado. Os criados interromperam suas atividades para reverenciá-lo assim que perceberam sua presença. Gloriana, por sua vez, convidou-o a escolher um alimento e ir comê-lo em outro lugar. Interpretando aquela pouco entusiástica oferta como um desejo de que ele se retirasse, Richard recusou a oferta e partiu para seu quarto.

Seus passos ecoavam nos degraus de pedra. Aquela parte da casa havia sofrido depredações também, e o longo corredor do andar de cima se estendeu à sua frente,

negligenciado. Através das janelas à sua direita, ele podia ver as colinas ao norte. Do lado oposto, havia uma série de portas, todas fechadas naquele momento, mas existia uma que conduzia aos aposentos que ele e Gloriana costumavam usar quando criança.

Richard tinha caminhado por eles no ano anterior, com o coração apertado por ver seu péssimo estado de conservação. Curioso, tornou a visitar seu antigo quarto.

Para sua surpresa, ele dava sinais de estar sendo habitado. Uma colcha vermelha gasta porém limpa, estava esticada sobre a velha cama, contrastando as iniciais entalhadas na cabeceira de madeira.

Uma escrivaninha com cadeira se localizava perto da lareira.

Ele atravessou o espaço até a mesa, com passos ruidosos sobre o piso de tábuas. Uma pilha de livros contábeis se encontrava organizada a um canto. Folheando o primeiro, avistou uma coluna de números à esquerda, com a descrição correspondente ao lado de cada despesa. Ele examinou as páginas, fazendo os cálculos mentalmente.

A lista de itens domésticos era imensa: lençóis de linho, cortinas, potes, panelas, bules, espetos para assar carne, entre muitas outras coisas. Estava tudo registrado. Cada livro era destinado a tipos de produtos diferentes, mas todos referentes à reforma da casa ou ao trabalho na fazenda. Pasmado, ele reconheceu o enorme esforço de Bethany.

Por que ela não havia esclarecido a ele todo o trabalho que vinha tendo?, Richard ficou imaginando. A resposta veio à sua mente rápido demais. Ele a tinha julgado mal mais uma vez.

Lembrou-se do próprio acesso de raiva na noite anterior, acusando-a de ociosidade e ganância. O orgulho ferido a impedira de prestar contas do trabalho que estava tendo nas últimas semanas.

Respirando fundo, ele concluiu que não podia culpá-la.

— O que está fazendo aqui?

Richard se virou e avistou Bethany parada à porta, usando um vestido de cetim amarelo. Assim que ela entrou no quarto, a brilhante luz da manhã lhe iluminou a pele perfeita contra o belo tecido. De súbito, veio à mente de Richard a imagem da primeira vez que a vira de cabelos soltos na estalagem Bell & Moon. Ele clareou a garganta antes de responder:

— Este é meu antigo quarto. — Ele fitava os reluzentes cabelos ruivos, recordando-se de todas as vezes que havia mergulhado o rosto naquelas madeixas sedosas quando faziam amor.

Bethany o encarava, os olhos cinzentos tão frios quanto sua voz:

— Ah, eu não sabia disso. — Apontou para a cama — Dormi aqui esta noite, já que, como sabe, a maioria dos quartos está inabitável.

— Bethany, eu estava muito cansado ontem, quando cheguei... — Richard deu um passo na direção da esposa, porém ela o repelia com sua postura severa.

— Está dizendo a mais pura verdade.

Ele odiou o tom imparcial com que aquelas palavras foram pronunciadas, assim como não apreciou tal sagacidade.

— Perdoe-me, mas devemos nos vestir para o casamento. Queira me desculpar, milorde, mas Faith já está vindo me ajudar a me arrumar.

Ele tentou conversar com ela outra vez, entretanto Bethany foi apanhar seu traje e

o estendeu sobre a cama, sem olhá-lo.

— Muito bem. Até mais tarde.

Ele fez uma mesura e se retirou em seguida.

Gloriana e sir Fothery se casaram na igreja em que a garota havia sido batizada.

A noiva usava um belo vestido de cetim azul-celeste e carregava um buquê de lilases dos jardins de Graymoor. Ela havia aceitado de bom grado a oferta de Bethany, que lhe emprestaria o conjunto de águas-marinhas e pérolas, mas então uma criada veio ao quarto com um conjunto de colar, brincos e bracelete de pérolas. Um cartão romântico de Fothery acompanhava o presente destinado à noiva.

Gloriana não mostrou o cartão a ninguém, porém aquelas palavras a tocaram tanto que o conjunto de pérolas ficou de lado, quase negligenciado, por quase quinze minutos. Finalmente, enfeitando-se com ele, a garota insistiu para que Bethany usasse as próprias jóias.

— Richard vai ficar imensamente feliz, minha querida. E vão combinar à perfeição com sua roupas.

Bethany assentiu, apesar de saber quão pouco o marido se importava com ela. Mais tarde, vendo-o conduzir a irmã ao altar pela nave de pedra, ela considerou o brilho de felicidade nos olhos da noiva mais encantador do que qualquer jóia.

— Está deslumbrante, cara esposa. — O elogio murmurado mal alcançou os ouvidos de Bethany quando ele se juntou a ela no banco da frente.

Mantendo a compostura, ela agradeceu com um movimento de cabeça. Quando notou que Richard reparava nas jóias que ela estava usando, lamentou que Gloriana não as estivesse tomado emprestadas. Provavelmente, ele interpretaria a atitude de Bethany como outra tentativa de abrandar a raiva que sentia em relação a ela e lhe conferiria o mesmo desprezo com que tinha considerado os esforços da esposa para reformar Graymoor.

Afastando de Bethany ainda mais a tão almejada paz de espírito, ele ficava incrivelmente belo com o paletó de cetim bronze e a calça preta que já havia usado quando foram a Whitehall.

Para alívio dela, Richard a segurou pelo braço durante todo o trajeto até a carruagem, depois da cerimônia. Ao menos ele não a envergonhara na frente dos amigos. Enquanto Gloriana e Fothery atiravam um punhado de moedas dos degraus de seu coche, Richard fez sinal a Lane para que partissem.

O silêncio reinava no interior do veículo, interrompido apenas por eventuais rangidos de madeira, até que a estrada os conduziu ao pequeno vale. À medida que a carruagem descia devagar, Bethany observava Richard, que fitava a bonita paisagem pela janela. Não conseguia ver o rosto dele, mas estremeceu quando ele respirou fundo. Acreditava ter arruinado a casa do marido, e ele nunca a perdoaria por isso. Perdida em meio a seus pensamentos, assustou-se quando ele pousou a mão sobre a sua e virou-se para ela antes de dizer:

— Estou bastante surpreso. — Ele puxou a mão e a fitou, sério. — Eu não fazia ideia do quanto você tem trabalhado nem do cuidado que tem tomado...

— Deveria ter lido minhas cartas. — Bethany olhava fixamente para a frente, orgulhosa por ainda não ter se deixado levar pelo pranto.

A carruagem se lançou sobre um trecho acidentado e ela imaginou se o barulho dos solavancos poderia encobrir o estrondo de seu coração que se partia.

— Parei de lê-las depois de algum tempo.

Ela teve de se esforçar para escutar a voz quase inaudível de Richard.

— Você só tratava de assuntos relacionados à casa ou a Gloriana. Elas soavam tão pessoais quanto os relatórios de meu antigo administrador de propriedade. Nem ao menos pareciam escritas por você.

— Por que eu deveria imaginar que quisesse ouvir algo diferente de mim, milorde? — Ela se recriminava por dentro, incapaz de conter a amargura por mais tempo. — Pediu-me que o deixasse e fizesse algo útil em sua fazenda. Tentei dar o melhor de mim levando em conta minhas habilidades.

— E você se saiu bem. Eu estava errado. Andei pela casa esta manhã depois de Quintan ter me esclarecido sobre as melhorias que têm sido feitas na fazenda. — A voz de Richard expressava toda a angústia que o atormentava. — Esperei que você me escrevesse, dando alguma explicação sobre sua partida repentina ou por me rejeitar... Até cheguei a desejar que você me atirasse algo na cabeça, insultada com minha ofensa, mas não que você simplesmente partisse, deixando-me para trás.

— Parece que fomos vítimas de vários mal-entendidos entre nós.

Naquele momento, as lágrimas ameaçavam jorrar dos olhos de Bethany. Para escondê-las, ela virou o rosto na direção da janela. Graymoor parecia indistintamente extensa enquanto se dirigiam ao pátio.

— Perdoe-me por não ter adivinhado quais eram suas expectativas.

Enfim, o coche parou com um solavanco. Procurando se manter calma, Bethany empurrou a porta e desceu do veículo com a ajuda de um laçao, que parecia bastante surpreso. Ela pensou ter ouvido Richard chamar seu nome enquanto subia os degraus, apressada, em direção ao saguão de entrada, porém não o esperou para ter certeza.

Logo assumiu o papel de anfitriã, recebendo os convidados que chegavam para comemorar o casamento de Gloriana e sir Fothery. Com um sorriso brilhante nos lábios, incentivou os convidados a comer, beber e dançar. Depois do brinde aos noivos, todos se sentiram mais à vontade, e ela pôde escapar das risadas e da música.

Richard sentiu a falta de Bethany entre as pessoas que se aglomeravam pela casa. Perguntou sobre o paradeiro dela várias vezes, até que por fim encontrou um criado que sabia onde a patroa se encontrava.

O ruído das festividades foi ficando para trás à medida que ele seguia pela galeria e cruzava o terraço. O sol brilhava quente sobre ele enquanto procurava a esposa pelos arredores. Um nó se formou em sua garganta quando ele avistou os muros reerguidos e os jardins replantados.

Nem a imensa fortuna que Richard e Bethany haviam herdado podia mascarar toda a destruição da casa por tantos anos de negligência. Na verdade havia tratado das feridas da melhor maneira que ela pudera, mas a casa teria de carregar marcas visíveis enquanto estivesse de pé.

Um sorriso triste curvou os lábios de Richard ao examinar a ala nova. Ele imaginou poder ouvir os comentários dos pais a respeito. A mãe aprovaria o estilo moderno e convenceria o pai a pensar da mesma forma.

Um muro alto de tijolos elizabetanos se elevou diante dele assim que se aproximou do final de um terraço, que também dava sinais de ter sido reparado. Richard correu os dedos pela aspereza dos tijolos, velhos e novos, lembrando a grossa hera que o recobria na época de sua infância. Um sorriso discreto surgiu em seu rosto quando ele

olhou para baixo. Ali, a seus pés, mudas de hera brotavam da terra escura e fofa, suas gavinhas já se agarrando muro acima.

Ele caminhou pelos dois lados do terraço até chegar à porta. As dobradiças das sólidas placas de carvalho rangeram quando ele a empurrou e, subitamente, parou onde estava.

— Meu Deus... — Ele mal podia respirar tão grande era sua estupefação.

Da última vez que estivera ali, a desolação o havia oprimido tanto que tivera de deixar o local depressa.

Agora as paredes circundavam três retângulos concêntricos, todos margeados por flores e com um belo gramado bem verde no centro. Ele seguia por um caminho estreito de degraus de pedra que ia se alargando à medida que descia para formar um círculo ao redor de um pequeno lago, no centro do jardim. De lá, avistou outra trepadeira que se erguia na parede do lado oposto da porta.

Ficou emocionado. Seus pais tinham passado muitas tardes de forma tranquila e agradável naquele exato lugar.

Agora o inebriante perfume das flores permeava o ar parado. Inúmeras delas haviam sido plantadas contra os muros. Outras fragrâncias também pairavam no ar. Lavanda e ervilha de cheiro se misturavam ao aroma dos pinheiros, dos pés de alecrim e sálvia.

Bethany estava sentada em um banco de pedra, à margem do pequeno lago, olhando para Richard, apreensiva, enquanto ele caminhava em sua direção. O vestido que ela usava cintilava, contrastando com os cabelos ruivos de reflexos dourados. Ela se ergueu quando ele se aproximou, retorcendo um talo de lavanda entre os dedos.

Ele parou a alguns centímetros de distância de Bethany, impedido de chegar mais perto devido à última discussão que haviam tido. Clareou a garganta, nervoso.

— Está lindo. Tudo ficou perfeito. — Ele queria dizer mais, desesperado para romper a barreira entre ambos. — Como soube dessa concepção dos jardins?

Maravilhado, ouviu-a descrever sua descoberta a respeito do diário e dos esboços feitos pela mãe dele.

— Ela passava horas aqui, especialmente no verão, mas de minhas lembranças mais antigas são dos passeios pelo gramado ao lado dela. — Richard deu alguns passos à frente, tomando as mãos delicadas nas suas e beijando-as com carinho. — Você fez tanto por mim, doçura...

Ela já se preparava para se livrar dele, porém foi impedida. A seguir, Richard lhe sussurrou ao ouvido:

— Você está reconstruindo meu lar e salvou minha vida e minha honra.

Ela deu de ombros, recordando-se da rispidez com que ele a tratara ao chegar a Graymoor, no dia anterior.

— Graymoor também é meu lar agora. — Ela mantinha o olhar distante.

Incapaz de suportar que ela não o encarasse, ele lhe ergueu o queixo. Então, sem se conter, acariciou a pele sedosa.

O pequeno gesto fez com que ela se sentisse como se fosse desmanchar. Um soluço sufocado escapou dos lábios femininos enquanto ele a envolvia gentilmente nos braços. Como Bethany tentava, sem sucesso, parar de chorar, ele a apertou contra seu ombro, deixando que as próprias lágrimas aflorassem.

— Bethany... Minha Bethany. — Roçou os lábios no rosto e nos olhos da esposa antes de beijá-la na boca. Eu estava tão preso ao meu maldito orgulho que me recusava a admitir o quanto você significa para mim — ele murmurou as palavras entre beijos.

Levantando a cabeça para fitar o rosto banhado de lágrimas da amada, respirou fundo, enquanto ela secava sua face com a ponta dos polegares.

— Minha doce menina, será que algum dia conseguirá me perdoar?

— Tenho a impressão de que não posso ajudar a mim mesma. — Ela deu um sorriso que se transformou em um soluço. — Por quanto tempo o terei antes que deixe esta casa?

Richard estremeceu por dentro mediante a suposição de Bethany de que ele ficaria com ela apenas temporariamente.

— Se você ainda me quiser, ficarei a seu lado para sempre.

Bethany não podia acreditar no que acabara de ouvir. Tentou conter outro soluço.

— Richard, você não tem obrigação de ficar a meu lado. E prefiro que não finja me amar. — Ela se desvencilhou e desviou o olhar.

— Olhe para mim.

Ela se esforçou para obedecer ao comando, rezando para conseguir esconder toda a sua mágoa. Assim que se virou para ele, Richard assumiu uma postura de súplica.

— Não estou tentando persuadi-la com adulações, muito menos pretendo brincar com seus sentimentos. Francês apenas me usou em benefício próprio.

— Você já me acusou de fazer o mesmo. — Ela baixou o olhar.

Um vento brando e fresco soprou no jardim, brincando com as fitas do vestido de Bethany quando ela prosseguiu:

— Talvez a sra Shadbourn não agrade mais a você mas não tenho dúvida de que há inúmeras trás querendo ocupar o lugar dela em sua cama.

— Eu já tenho uma mulher em minha cama. Uma que está reconstruindo meu lar e que conquistou meu coração.

Ela o encarou ao escutar aquelas palavras. Tentou desvendar-lhe a expressão, com o coração palpitando, cheia de esperanças.

— Eu te amo, Bethany. — Ele a envolveu com ambas as mãos pela cintura. Os olhos brilhantes pareciam melancólicos ao acrescentar: — Eu gostaria de poder acreditar que você tem dedicado tanto carinho e atenção à reforma de Graymoor porque me ama também.

Desarmada ao escutar as palavras pelas quais tanto ansiara, Bethany enterrou o rosto no ombro largo, recoberto pelo tecido de cetim.

Mais do que depressa, Richard tornou a abraçá-la, murmurando em seguida:

— Diga-me. Preciso ouvir de seus lábios...

Ela não queria mais esconder suas emoções. As lágrimas ameaçaram rolar por suas faces de novo quando passou os braços ao redor do pescoço dele.

— Oh, Richard, acho que me apaixonei por você logo que chegamos a Londres. — Sorriu com amargura. — Fiz questão de ter direito sobre parte de minha fortuna, para nunca ter de depender de um homem. Então, descobri que aquilo que eu mais queria não podia ser comprado.

— Diga, querida. Quero ouvi-la pronunciar as palavras... — Ele a sacudiu de leve.

— Eu te amo...

No mesmo instante, ele a abraçou pela cintura, e os dois se puseram a rodopiar às margens do lago. Bethany quase não conseguia respirar devido ao abraço apertado. Seus pés mal tocavam a trilha de pedra quando ele parou de girar e a beijou na boca com voracidade. Ela entreabriu a boca ávida, passando os dedos pelos cachos sedosos. A certa altura, Richard afastou os lábios dos dela, com um sorriso largo a iluminar seu rosto.

— Falta apenas uma coisa a ser feita para que todos os desejos de meu pai tenham sido realizados.

— Oh, a que está se referindo? — Ela desconfiou do olhar zombeteiro do marido.
— Estou reconstruindo sua casa...

— Nossa casa — ele a corrigiu. — E está me dando seu amor. Ou melhor, estamos amando um ao outro. — Beijou-a mais uma vez.

Para abreviar a conversa, Bethany o observou, divertida, antes de acrescentar:

— E ajudei sua irmã com os preparativos desse casamento bem mais elaborado do que uma campanha militar. Sendo assim, o que ainda está faltando, milorde?

Ele cruzou os braços e a fitou de modo provocante.

— Para formar minha família, preciso de um herdeiro.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Não posso assumir essa responsabilidade sozinha!

Richard se empertigou.

— Com relação a essa cuidadosa observação, creio que esteja certa, milady. Mas insisto em que creio que resolvamos a questão na primeira oportunidade.

Bethany o abraçou com força.

— Hoje à noite, meu amor?

O tom verde dos olhos de Richard se intensificou quando ele brincou com o delicado laço do vestido de Bethany, na altura do pescoço.

— O quanto antes, eu diria...

Um arrepio a percorreu da cabeça aos pés ao ouvir o sussurro rouco do marido. Entretanto, ela recuou, repreendendo-o:

— Richard Harcourt, você não vai me arrastar escada acima diante de todos os convidados! — Ela sentiu o coração disparado no instante em que ele semicerrou as pálpebras.

— Como queira, doçura... — Apesar do olhar ardente, ele a tomou pela mão e a conduziu em direção ao muro.

A intenção de Richard se tornou mais clara quando ele a conduziu para um canto mais afastado. Com os olhos arregalados, Bethany o viu tirar-lhe a touca e atirá-la ao chão.

— Richard, o que está fazendo?

Ele confirmou as suspeitas de Bethany quando se livrou da gravata e a jogou junto à touca. Ela estava petrificada.

— Ficou maluco? Alguém pode nos ver!

Mantendo os olhos fixos nela, ele arrancou o casaco e o deixou cair.

— Está me ouvindo, Richard?

— Não. — O monossílabo foi sussurrado contra o pescoço de Bethany.

Ele a beijou e a mordiscou até que os joelhos delicados vacilassem, contudo ela protestou mais uma vez:

— Nossas roupas vão ficar sujas e amarrotadas.

— Não se as tirarmos antes.

Ele calou as queixas da esposa definitivamente com a própria boca.

— Meu amor, devemos dar um pouco de atenção aos convidados. — Bethany suspirou, com pesar, de cima do corpo nu de Richard. — Além do mais, o sol provoca sardas terríveis em minha pele.

Ele riu e lhe acariciou as costas nuas.

— A maioria delas não vai ficar visível. — Ele a rolou e a deitou sobre a grama. — Espero que tenha gostado da experiência, porque pretendo repeti-la. — Seus olhos brilharam, sedutores. — Quero vê-la bela e ousada sobre mim, muitas vezes.

Quando Richard e Bethany voltaram à casa, vários dos convidados questionaram sua ausência. Alguns arquearam as sobrancelhas e fizeram comentários sussurrados, outros lhes sorriram, condescendentes. Enquanto circulava entre as pessoas, de braço dado com Richard, disfarçadamente, ela examinava a aparência de ambos no imenso espelho pendurado à parede.

Certa de que nenhum dos dois aparentava ter vindo de uma brincadeira lasciva nos jardins, passou pelos convidados esbanjando serenidade. O casal interrompeu suas obrigações por um breve período bem a tempo de ouvir por acaso a conversa de duas mulheres de idade avançada. Uma ressaltava a contagiante felicidade de lorde Harcourt enquanto a esposa deixava de lado tais conceitos românticos ao opinar:

— Se eu tivesse me casado com um herdeiro de uma fortuna de vinte mil libras em dinheiro, também estaria radiante.

— A julgar pela maneira como ele a observa, arisco-me a dizer que ele gosta mais da esposa do que do dinheiro que ela lhe conferiu. — A primeira senhora cutucou a parceira. — Ouvi comentários de que ela é descendente de uma família de puritanos, e, se você quiser saber, isso é maravilhoso. Uma mulher sóbria e recatada irá fazer com que aquela família de desajuizados se comporte de acordo com os bons costumes.

Richard não conseguia parar de rir, nem mesmo depois de Bethany lhe aplicar uma leve cotovelada na altura das costelas.